

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CLÁUDIA APARECIDA DA COSTA VICENTE**

**MODOS DE SER MULHER: A EDUCAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO  
FEMININAS NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAVOURA E COMMERCIO*  
(UBERABA, 1899-1930)**

**UBERLÂNDIA**  
**2022**

**CLÁUDIA APARECIDA DA COSTA VICENTE**

**MODOS DE SER MULHER: A EDUCAÇÃO E A REPRESENTAÇÃO  
FEMININAS NAS PÁGINAS DO JORNAL *LAVOURA E COMMERCIO*  
(UBERABA, 1899-1930)**

Texto da tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: História e Historiografia da Educação

Orientador: Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto

**UBERLÂNDIA**

**2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

V632m Vicente, Cláudia Aparecida da Costa, 1976-  
2022 Modos de ser mulher [recurso eletrônico] : a educação e a representação femininas nas páginas do jornal *lavoura e commercio* (Uberaba, 1899-1930) / Cláudia Aparecida da Costa Vicente. - 2022.

Orientador: Wenceslau Gonçalves Neto.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5342>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Gonçalves Neto, Wenceslau, 1955-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

---

CDU: 37

Glória Aparecida  
Bibliotecária - CRB-6/2047



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação  
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 28/2022/332, PPGED				
Data:	Vinte e cinco de agosto de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	13:15
Matrícula do Discente:	11813EDU011				
Nome do Discente:	CLÁUDIA APARECIDA DA COSTA VICENTE				
Título do Trabalho:	"Modos de ser mulher: a educação e a representação femininas nas páginas do jornal <i>Lavoura e Commercio</i> (Uberaba, 1899-1930)"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Ação municipal e educação no Brasil: Minas Gerais na Primeira República"				

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Luciano Marcos Curi - IFTM; Nilce Vieira Campos Ferreira - UFTM; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU; Raquel Discini de Campos - UFU e Wenceslau Gonçalves Neto - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Wenceslau Gonçalves Neto, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Wenceslau Gonçalves Neto, Usuário Externo**, em 25/08/2022, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Luciano Marcos Curi, Usuário Externo**, em 25/08/2022, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Nilce Vieira Campos Ferreira, Usuário Externo**, em 25/08/2022, às 16:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/08/2022, às 17:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/08/2022, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3869609** e o código CRC **C621C25F**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço!

Meus pais (*in memoriam*) Marta Aparecida da Costa Vicente e Baltazar Manoel Vicente, que oram por mim, ao lado de Jesus e Maria;

Minha irmã, Carla Aparecida da Costa Vicente, pelo apoio e “puxões de orelha”;

Meu marido, namorado, amigo Antonio Costa Junior, que com carinho, atenção e amor, me ajudou a superar momentos de crise, tristezas e choros;

Minhas amigas de caminhada acadêmica, das caronas, dos risos, das reclamações Edilene Alexandra Leal Soares, Jacqueline Oliveira Lima Zago, Monique Adrielle Silva, e Roberta Rodrigues Ponciano;

Meus amigos queridos que acreditaram na minha capacidade, me apoiaram, suportaram as minhas reclamações e dúvidas, Adriano Elias, Diego Bernardes da Silva, Karoline Maso dos Reis, Lidiany Caixeta de Lima, Luciana Abalém Thomaz de Souza, Patrícia Ferreira Bianchini Borges, Raquel Peracini Ribeiro, Rejane Alves de Almeida, Tatiana Carneiro de Souza e Vanessa Cristine Silva.

Meu orientador prof. dr. Wenceslau Gonçalves Neto que, pela paciência, pela atenção na escrita dessa tese;

Professores e assistentes do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade da Universidade Federal de Uberlândia;

Servidores, nas pessoas dos gestores e colegas de trabalho, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro *Campus* Uberaba.

Obrigada!

*Às mulheres,  
putas e santas;  
negras e brancas;  
pobres e ricas;  
amantes e mães;  
velhas e jovens;  
más e boas.*

*Ser mulher...*

*Ser mulher, vir á luz trazendo a alma talhada  
para os gosos da vida: a liberdade e o amor;  
tentar da gloria etherea e altivola escalada  
na eterna aspiração de um sonho superior...*

*Ser mulher, desejar outra alma pura e alada  
para poder, com ella, o infinito transpor;  
sentir a vida, triste, insipida, isolada  
buscar um companheiro e encontrar um senhor...*

*Ser mulher, calcular todo infinito curto  
para a larga expansão do desejado surto,  
no ascenso espiritual aos perfeitos ideaes...*

*Ser mulher, e, oh! atroz, tantalica tristeza!  
ficar na vida qual uma aguia inerte, preza  
nos pezados grilhões dos preceitos sociaes!*

*Gilka Machado  
Crystaes partidos, 1915*

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar questões relativas aos processos de educação e representação das mulheres a partir das publicações que eram veiculadas no jornal *Lavoura e Comércio*, entre os anos de 1899 e 1930, na cidade de Uberaba/MG. Nas décadas iniciais do século XX, Uberaba foi a principal cidade do Triângulo Mineiro. Nessa época, conheceu os desenvolvimentos econômico, social e cultural, impulsionados pela Estrada de Ferro Mojiana. Com o passar do tempo, a cidade perdeu seu destaque e, voltou sua economia para as atividades agrárias, com a importação da Índia, do gado zebu. As décadas iniciais do século XX correspondem ao período da Primeira República no Brasil, instaurada em 15 de novembro de 1889. Com a República, ideias de progresso, modernidade, civilidade e educação foram definidos como os ideais republicanos, que encontravam ecos na imprensa. Entendemos que a imprensa é um importante referencial para o conhecimento dos costumes da sociedade. Além do mais, podemos observar que por meio dela, padrões eram definidos aos diversos atores sociais, dentre eles, as mulheres. A história das mulheres é marcada pelo silenciamento, cujos papéis foram definidos por homens, destinando-as aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Mulheres deveriam ser boas esposas e mães, pois delas dependia o futuro da nação a partir da geração e criação de homens fortes para a Pátria. Discurso que encontrava ressonância nos jornais. Acreditamos que a educação acontece por meios não formais. Desse modo, os diversos tipos de publicação presentes como as matérias sobre cuidados com os filhos e feminismo e, anúncios dos últimos lançamentos da moda e de produtos de beleza contribuem para os processos de representação e educação femininas.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; imprensa; mulheres; representação; república.

## ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze issues related to the processes of women's education and representation that were published in the newspaper *Lavoura e Comércio*, between 1899 and 1930, in the city of Uberaba/MG. In the early decades of the 20th century, Uberaba was the main city in the *Triângulo Mineiro*. At that time, the city found the economic, social, and cultural developments, driven by the *Mojiana Railroad*. Over time, the city loses its prominence, and its economy turns to agrarian activities, with the importation of zebu cattle from India. The early decades of the 20th century correspond to the period of the First Republic in Brazil, established on November 15, 1889. With the Republic, ideas of progress, modernity, civility, and education were defined as republican ideals, which found echoes in the press. We understand that the press is an important reference for the knowledge of society's customs. Furthermore, we can observe that through it, standards are defined for the various social actors, including women. The women's history is marked by silencing, whose roles were defined by men, allocating them to the care of the house, husband, and children. Women should be good wives and mothers, because the future of the nation depended on them from the generation and creation of strong men for the Fatherland, speech that found resonance in the newspapers. We believe that education happens through non-formal means. In this way, the various publications, such as articles on childcare and feminism, and advertisements for the latest fashion and beauty products, contribute to the processes of female representation and education.

**KEYWORDS:** education; press; representation; republic; women.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Limites da freguesia de Uberaba, de acordo como o Alvará de 2 de março de 1820 _____	38
Figura 2 - Limites da Vila de Uberaba em 1836, conforme Lei Mineira nº 28 _____	39
Figura 3 - Uberaba depois da elevação para status de cidade _____	40
Figura 4 - Locomotiva Mogiana na rua Menelick de Carvalho _____	43
Figura 5 - <i>Fazenda Cassu</i> onde foi realizada a primeira exposição de Zebu, em 1906 _____	45
Figura 6 - Inauguração da iluminação pública em Uberaba, 1905 _____	49
Figura 7 - Capa da 1ª edição do jornal <i>Lavoura e Commercio</i> _____	57
Figura 8 - <i>Corpo tecnico das officinas do Lavoura</i> _____	61
Figura 9 - Maria Quitéria de Medeiros _____	68
Figura 10 - Dandara dos Palmares _____	69
Figura 11 - Mary Wollstonecraft _____	73
Figura 12 - Cotidiano das mulheres do século XIX _____	75
Figura 13 - Abecedário de Nossa Senhora _____	79
Figura 14 - Aula de caligrafia (1895) _____	84
Figura 15 - Mulheres negras lavadeiras (1900) _____	88
Figura 16 - Capa da Primeira edição do jornal <i>O Sexo Feminino</i> _____	96
Figura 17 - Bertha Lutz _____	107
Figura 18 - Reunião da <i>Federação Brasileira pelo Progreso Feminino</i> , nos anos 20, entidade que deu suporte às reivindicações femininas _____	109
Figura 19 - Nota de falecimento da <i>senhorita Maria Gontijo Carvalho</i> _____	114
Figura 20 - Charge <i>O Genro e a Sogra</i> _____	117
Figura 21 - Charge <i>A esposa e o marido</i> _____	117
Figura 22 - Anúncio do medicamento <i>A Saude da Mulher</i> _____	120
Figura 23 - Anúncio <i>Pasta Russa do Doutor Rienbai</i> _____	121
Figura 24 - <i>Saude da A Mulher</i> – medicamento para senhoras _____	122
Figura 25 - <i>Saude da Mulher</i> para meninas e moças _____	123
Figura 26 - Depoimento de cura, após o uso do remédio <i>Elixir de Inhame</i> _____	125
Figura 27 - Diálogo entre duas mulheres sobre a eficácia de medicamento _____	127
Figura 28 - Festa do Divino Espírito Santo _____	130
Figura 29 - Anúncio de parteira formada por universidade na <i>Hespanha</i> _____	142
Figura 30 - Anúncio de parteira formada em universidade na <i>Austria</i> _____	143
Figura 31 - Anúncio <i>Licor de Cacau Xavier</i> _____	144
Figura 32 - Anúncio <i>Quaker Oats</i> _____	144
Figura 33 - Anúncio <i>Massas Alimentícias Aymoré</i> _____	145
Figura 34 - Foto da <i>senhorita Rolinha Meirelles</i> _____	154
Figura 35 - Foto da <i>senhorita Nair Medeiros</i> _____	155
Figura 36 - Foto da <i>senhorita Dinorah Carvalho</i> _____	156
Figura 37 - Anúncio <i>Pilules Orientales</i> para os seios _____	161
Figura 38 - Anúncio <i>Pó de arroz Mendel</i> _____	162
Figura 39 - Concurso <i>Bellesa Lavoura</i> /Anúncio de Produto _____	163
Figura 40 - <i>Annita Machado Borges</i> , Rainha do Uberaba Sport (1928) _____	165
Figura 41 - Anúncio <i>Loja Au Louvre</i> _____	167
Figura 42 - Anúncio do <i>Atelier Bazar Modelo</i> _____	167

Figura 43 - Charge <i>As modas de hoje</i> _____	171
Figura 44 - Charge <i>A mulher e o esporte ontem... e hoje</i> _____	172
Figura 45 - Normalistas 1913 do <i>Collegio de N. S. das Dores</i> _____	181
Figura 46 - <i>Senhorita Célia Vaz de Mello</i> , normalista diplomada em Muzambinho _	182
Figura 47- <i>Senhorita Maria Alice</i> , concluinte do Curso de <i>Sciencias e letras</i> _____	183
Figura 48 - Anúncio solicitando professores/as para atuarem em fazenda _____	185
Figura 49 - Anúncio da criação de <i>Universidade Feminina Brasileira</i> _____	186
Figura 50 - Anúncio de <i>Curso Prático de Corte e Costura</i> _____	186

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 “TU SURGISTE UBERABA FORMOSA, NA CAMPINA, SOB UM CÉU DE ANIL”</b> .....	37
1.2 A CIDADE E O APOGEU COMERCIAL .....	41
1.3 A CIDADE E A LUZ ELÉTRICA.....	48
1.4 A CIDADE E O ENSINO .....	51
1.5 A CIDADE E A IMPRENSA.....	53
<b>2 RETRATOS DE MULHERES NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....</b>	<b>64</b>
2.1 SILENCIADAS .....	66
2.2 O LUGAR DELAS.....	77
2.3 NA EDUCAÇÃO .....	82
2.4 O CORPO DELAS OU NÃO? .....	90
2.5 A FALA DELAS .....	94
2.6 OS DIREITOS DELAS .....	101
<b>3 MODOS DE MULHER: SER E ESTAR NO <i>LAVOURA E COMMERCIO</i>.....</b>	<b>111</b>
3.1 UM CORPO SAUDÁVEL .....	119
3.2 AS BOAS MOÇAS, AS ESPOSAS, AS MÃES E AS MARGINALIZADAS .....	129
<b>3.2.1 As boas moças, as esposas, as mães.....</b>	<b>129</b>
<b>3.2.2 As marginalizadas .....</b>	<b>147</b>
3.3 CONVERSAS DE MULHER: SOBRE ARTE, BELEZA, ESCRITAS, FEMINISMO E EDUCAÇÃO .....	153
<b>3.3.1 Fragmentos de escritas.....</b>	<b>157</b>
<b>3.3.2 Espelho, espelho meu! Existe alguém mais bela e na moda do que eu? .....</b>	<b>159</b>
<b>3.3.3 Feminismo no <i>Lavoura</i> .....</b>	<b>171</b>
<b>3.3.4 Representação de educação e trabalho femininos .....</b>	<b>179</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>188</b>

<b>FONTES CONSULTADAS .....</b>	<b>194</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>195</b>
<b>APÊNDICE A – CRONOLOGIA DO IMPÉRIO À REPÚBLICA.....</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE B – CRONOLOGIA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA REPÚBLICA.....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE C – CRONOLOGIA DO PENSAMENTO POLÍTICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....</b>	<b>219</b>
<b>APÊNDICE D - CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL POR MEIO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS .....</b>	<b>222</b>
<b>APÊNDICE E – MODELO DE TABELA DA CATALOGAÇÃO DAS EDIÇÕES DO JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO.....</b>	<b>225</b>
<b>APÊNDICE F – MODELO DE TABELA DOS TEXTOS SELECIONADOS NO JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO .....</b>	<b>226</b>
<b>APÊNDICE G – LINHA DO TEMPO DAS MULHERES NO BRASIL.....</b>	<b>227</b>
<b>APÊNDICE H – TRAJETÓRIA DE UBERABA.....</b>	<b>227</b>
<b>APÊNDICE I – TRAJETÓRIA DO JORNAL LAVOURA E COMMERCIO ....</b>	<b>232</b>

## INTRODUÇÃO

A presente tese, a princípio tinha como pretensão investigar os processos de educação e representação femininas na imprensa do Triângulo Mineiro, nas cidades de Araguari, Uberaba e Uberabinha (Uberlândia), no final do século XIX e, início do XX, conforme proposta apresentada à banca de qualificação, em fevereiro de 2020.

Porém, a realização da proposta inicial não foi possível, em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou pandemia do novo coronavírus (*Sars-cov-2*), causador da Covid-19, em todo o mundo. Fato que alterou de maneira irreversível, a forma como nos comportamos em sociedade. Não podemos dizer que a pandemia, nesses últimos dois anos, não comprometeu diversos estudos acadêmicos.

Muitos pesquisadores, professores e alunos ficaram pelo caminho, foram perdas inimagináveis. Nos trabalhos em História e Historiografia da Educação, as pesquisas em bibliotecas e arquivos públicos fazem parte do processo de estudo, todavia, ambos estavam fechados como medida sanitária de combate à propagação do coronavírus, ficando o acesso, apenas *online*.

Por esse motivo, esse estudo ficou delimitado à análise do jornal *Lavoura e Comércio*, tendo em vista que grande parte do seu acervo se encontra disponível para consulta e *download* no *site* da Companhia de Desenvolvimento de Informática de Uberaba (CODIUB).

Durante as pesquisas, encontrei apenas três trabalhos que trazem o referido jornal enquanto fonte e objeto de estudo, isso, em Programas de Pós-graduação em História, mas, essas pesquisas abordaram questões políticas. No nosso caso, tratamos mais das concepções sociais e culturais e, não propriamente a política, desse modo, essa pesquisa teve a pretensão de contribuir e alargar as discussões históricas e educacionais sobre o periódico.

A tese de Ranielle Duarte Oliveira, intitulada “*Pennadas furtivas*”: *política, humor e crítica na imprensa de Uberaba (1899-1903)*, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, objetivou em analisar a coluna do *Pennadas Furtivas* escrita por Manoel Felipe de Sousa.

Eustáquio Donizeti de Paula, do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, trabalhou em sua tese intitulada *O regime militar na perspectiva do jornal Lavoura e Comércio de Uberaba (1964-1968)*, o papel do periódico como difusor e legitimador do Estado arbitrário, além de buscar compreender as relações de poder entre a imprensa, e o regime militar.

*A política externa do governo Jânio Quadros sob a ótica do jornal Lavoura e Comércio (1960-1961)*, de autoria de Guilherme Gonzaga Bento, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, buscou estudar as questões da política externa de Jânio Quadros, em um ambiente de bipolaridade mundial, devido ao conflito da Guerra Fria e, da tensão interna sobre a ascensão do comunismo no Brasil.

Nessa perspectiva, o questionamento que orienta a presente tese é: “Em que medida o jornal, por meio de suas publicações e espaços informativos e formativos, representa e educa as mulheres em Uberaba, durante o final do século XIX e décadas iniciais do século XX?”. Levando em consideração essa premissa, buscou-se a caracterização do período relativo à Primeira República no Brasil e seus reflexos na criação de novas formas de sociabilidade.

Aliando-se à essa contextualização, apresentamos considerações sobre a História das Mulheres no Brasil, bem como a definição de seus papéis no intervalo supracitado, de modo a compreender e identificar, tanto as publicações direcionadas ao público feminino, quanto à presença de textos escritos por mulheres.

Portanto, para essa investigação, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documental, para aquisição de base teórico-metodológica consistente para a realização dessa pesquisa qualitativa, cuja principal característica é a interpretação, ou seja, parte-se do pressuposto de que as pessoas agem e são motivadas em função de suas percepções, valores e crenças, cujos significados não são conhecidos ou compreendidos *a priori* (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002; GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Para discussão optou-se, como recorte histórico, todo o período correspondente à Primeira República (1889 a 1930), essa foi uma época de grandes transformações no país. A virada do século XIX para o século XX, trouxe uma nova sociabilidade, a partir de uma nova configuração nos campos político, social, econômico e cultural brasileiros, os quais alteraram os modos de ser, agir e pensar no país.

Além disso, foi durante esse período em que a imprensa se especializou, novas técnicas de impressão surgiram, o que facilitou o processo divulgação das notícias. Outro motivo, que nos levou a escolher o período foi a questão feminina, que ganhou maior destaque após a insaturação da República, no processo de criação de filhos para o novo Brasil.

O passado, não há como alterá-lo, porém, podemos conhecê-lo pelos vestígios por ele deixados, por suas pistas, seus registros históricos preservados, deixados por pessoas que viveram determinada época (CERTEAU, 1988).

O que fabrica o historiador quando "faz história"? Em que trabalha? Que produz? Interrompendo seu passeio erudito nas salas dos Arquivos, separa-se por um momento de seu estudo monumental, que o possibilitará ser classificado entre seus pares, e, saindo para a rua, se pergunta: o que é este trabalho? Eu me interrogo a respeito da enigmática relação que estabeleço com a sociedade presente e com a morte, pela mediação de atividades técnicas (CERTEAU, 1988, p. 17).

A humanidade sempre se preocupou em como transmitir uma mensagem, deixar memórias para gerações futuras; um testemunho; uma entrevista, uma carta; um anúncio e uma matéria publicados em jornais e revistas; livros; obras de arte; fotografias; filmes etc., fragmentos considerados como fontes para pesquisa historiográfica (PINSKY, LUCA, 2009).

Historiadores e pesquisadores trabalham com fontes. Com elas, o rastro deixado pelos antepassados pode ser conhecido, permitindo relacionar os fatos encontrados na perspectiva de traçar um percurso histórico capaz de nos conduzir ao entendimento de diferentes períodos. Nas palavras de Le Goff (2013):

a memória coletiva e sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Esses materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador (LE GOFF, 2013, p. 485).

O pensamento de Ginzburg (1988) completa essa propositura:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco [...] aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas [...]. Na falta de uma documentação verbal para se pôr ao lado das pinturas rupestres e dos artefatos, podemos recorrer às narrativas de fábulas, que do saber daqueles remotos caçadores transmitem-nos às vezes um eco, mesmo que tardio e deformado (GINZBURG, 1989, p. 151).

A história, até o século XIX, destinava-se a descobrir leis capazes de fornecer sentido ao passado e prever o futuro, nesse período acreditava-se que deveria ser escrita a “história verdadeira”, ou seja, uma sucessão de fatos encadeados fiéis àqueles que aconteceram, para tanto deveria retratar fielmente o acontecido por meio de documentos e fontes confiáveis, os quais eram definidos por eruditos, “portanto, não se tem história sem erudição” (LE GOFF, 2013, p. 11).

A história está sempre no centro das controvérsias. De quantos assuntos deve tratar? Os acontecimentos apenas, ou também os desígnios da providência, os progressos da humanidade, os fenômenos repetitivos, as estruturas? Deve pôr a tônica na continuidade ou, pelo contrário, nas revoluções, nas rupturas, nas catástrofes? Deve ocupar-se prioritariamente dos indivíduos promovidos ao papel de heróis ou de massa? De quem tem poder e autoridade no Estado ou na Igreja ou, ao contrário, dos camponeses, do proletariado, dos burgueses, da população no seu conjunto e de todas as classes que a compõe. Estas questões que incidem sobre os objetos da história, remetem-nos a outras, que incidem sobre o seu estatuto e os seus métodos. Trata-se de uma projeção, talvez inconsciente de projeções ideológicas contemporâneas no passado ou de um conhecimento, através de documentos e monumentos, de economias, de sociedades, de civilizações afastados de nós no tempo? Dever-se-ia perguntar se a história constitui uma forma literária, uma narração dos fatos, ou de uma ciência que os estabelece, os descreve e os explica. Quais são, finalmente, as relações com outras disciplinas que se interessam pelo homem, em particular com a filologia e a crítica e, também com a filosofia? Devem limitar-se à cultura, nela integrando a cultura material, ou devem também incluir o ambiente, o clima e, finalmente, a evolução dos seres vivos e do universo? As teorias genéticas que hoje se desenvolvem não irão, talvez, desembocar numa história da natureza. O debate sobre a história que promove todas estas interrogações e ainda outras procede da Antiguidade e tem todas as possibilidades de se prolongar no futuro (LE GOFF, 2013, p. 21).

Completando a ideia, Prost (2008) diz o seguinte, a respeito da história.

Não se pode definir a história como conhecimento do passado – de acordo com o que se diz, às vezes, de forma precipitada – porque o caráter passado é insuficiente para designar um fato ou um objeto de conhecimento. Todos os fatos do passado foram, antes de mais nada, fatos presentes: entre uns e outras, nenhuma diferença de natureza. Passado é um adjetivo, não um substantivo, e é abusivamente que se utiliza o termo para designar o conjunto, ilimitadamente aberto, dos objetos que podem apresentar esse caráter e receber essa determinação (PROST, 2008, p. 64).

A História, fruto da ação do homem sobre a natureza, ao narrar os acontecimentos, fatos e pessoas, é contada a partir do ponto de vista das classes que dominavam a política, economia e a cultura de tal período, excluindo-se a voz das minorias, apresentando apenas uma visão dos fatos, deturpando-os, mostrando falsas realidades, atribuindo-lhes

equivocadas causas e efeitos, criando heróis e mitos destinados a enganar o povo, assim como se tem feito com a História da República do Brasil (BAUSBAM, 1976).

E se toda História do Brasil tem sido consciente e sistematicamente deturpada, nenhuma fase o tem sido mais do que a História da República certamente por ser a mais atual, aquela que estamos vivendo, e que sintetiza em si todos os erros de um passado nem sempre glorioso. É tempo de que uma nova classe, aquela que justamente constitui o grosso de sua população, que mais tem contribuído com seus músculos e o seu sangue para fazer essa mesma História, escreva por sua vez, e a interprete do seu ponto de vista, pondo à luz as deturpações, as falsificações, as sonegações e os privilégios (BAUSBAM, 1976, p. 15).

Para Carvalho (2014), o mito da origem, por vezes disfarçado de historiografia ou nela enredado procura estabelecer uma visão real ou imaginada dos fatos, dando sentido e legitimidade, e no caso de um novo regime, estabelece a verdade do vencido, em oposição às forças do passado, todavia, quando não distorcidos em sua versão mitificada, os fatos adquirem novas dimensões alinhados à nova situação. Qualquer regime político busca criar suas próprias figuras para servirem de imagem e modelo para o povo (CARVALHO, 2014).

Ao estudar uma revolução, golpe de estado, e até mesmo uma nova forma de governo, se deve ir além da superfície, percorrendo longos caminhos na busca das razões de ordem estrutural, que motivaram determinados acontecimentos, que muitas vezes são negligenciados, escapando por entre os dedos daqueles que viveram determinado período, afinal, os contemporâneos devido às suas paixões, frequentemente apresentam uma visão superficial dos fatos (COSTA, 2010).

Logo, para captar e avaliar a extensão de um movimento, Costa (2010) alega que são necessárias indagações. Questionar-se sobre os grupos sociais que estavam no poder – [...] “monopolizada e escrita pelos porta-vozes de uma classe, a classe dos senhores de terra [...]” (BAUSBAM, 1976, p. 15) –, “quais se uniram a favor ou contra o levante?”; “qual a motivação do movimento?”; “contra quem é por qual motivo?”; “houve resistência?”; “a revolução ou o golpe subverteu o antigo regime?”; “houve mudança na estrutura social?”, estas são algumas questões que devem ser levantadas ao tentar entender a amplitude e profundidade dos fatos.

O Brasil passou por períodos de crises e incertezas, mas também por ascensão e desenvolvimento (Apêndice A). A vinda da corte portuguesa, com a presença do herdeiro da Casa de Bragança para o Brasil (CARVALHO, 2012; COSTA, 2010), oportunizou às elites brasileiras formadas por grandes fazendeiros interessados na manutenção da grande

propriedade e do trabalho escravo, o alcance da Independência sem a necessidade de recorrer às massas – como aconteceria anos mais tarde na Proclamação da República –, garantindo-lhes a continuidade da tradição colonial “subordinaram a Igreja ao Estado e mantiveram o catolicismo como religião oficial, adotaram o sistema de eleições indiretas baseado no voto qualificado (censitário), excluindo a maior parte da população” (COSTA, 2010, p. 9).

Porém, por mais que a presença da casa bragantina fosse favorável aos anseios dos donos das terras, esses não estavam satisfeitos, e passaram a competir com o Imperador no controle do estado brasileiro e, o conseguiram, em 1831, quando da renúncia de Dom Pedro I (BAUSBAM, 1976; COSTA, 2010)

Carvalho (2012) argumenta que após a abdicação de D. Pedro I e, o início do Período Regencial (1831 a 1840), o Brasil passou por um dos períodos mais conturbados de sua história (FAUSTO, 2002), com grandes agitações e rebeliões, as quais só foram cessadas com a antecipação da maioria de D. Pedro II, em 1840.

O Brasil, durante o reinado de D. Pedro II, desenvolveu a literatura, a música, o teatro, as artes plásticas e a fotografia, pois o Imperador era um grande apreciador da cultura, dizia-se que havia nascido para as artes (CARVALHO, 2012). Dentre suas realizações, foram fundadas no país duas grandes instituições, o Colégio Pedro II, em 1837, e o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, em 1838. Ambos construídos na capital do Império, ainda no período regencial. No reinado de D. Pedro II, o Brasil conheceu não apenas o desenvolvimento artístico e cultural, mas também o progresso material, “a formação e o crescimento das cidades, estradas de ferro, telégrafos, iluminação a gás, limpeza pública, indústria, transporte urbanos, - começa a desenvolver-se também uma camada intelectual, ávida de conhecimentos e de ideias novas” (BAUSBAM, 1976, p. 195).

Esse progresso econômico, a partir da segunda metade do século XIX, começou a colocar em xeque aqueles pensamentos e hábitos defendidos pela elite agrária quando da Independência do Brasil, em 1822. Com isso, houve um desequilíbrio entre os poderes econômico, político e social. A antiga tradição, não mais representava as novas elites urbanas, as quais, não se sentiam devidamente representadas (COSTA, 2010).

O final da primeira metade do século XIX, terminou com a classe senhorial no poder e detentora do aparelho do Estado, ampliando sua atuação política em toda área do Império. Mesmo que a situação possuísse um ar de tranquilidade com a acomodação de

elementos da classe dominante, havia divergências dentro dessas classes. Liberais e conservadores revezaram no poder e na condução do país. Mesmo com pontos de vistas antagônicos e conflitantes, mantinham concordância nos assuntos relacionados à manutenção da estrutura agrária e regime escravocrata (SODRÉ, 1962; COSTA, 2010).

A partir de 1870, surgiram novas condições sociais e econômicas no país, aparecendo nesse período, o Partido Republicano. Seu surgimento e criação foram possíveis devido à “deterioração do poder central, a tradição do federalismo, a questão da abolição [...], a propaganda republicana e outros fatores” (CARONE, 1973, p. 270).

Entre 1870 e 1889, o Partido Republicano ampliou sua influência a partir da criação de clubes e jornais republicanos em todo o país, favorecendo a difusão de ideias. Os homens desse período, eram bastante críticos do Brasil de sua época. Para eles, a construção do “novo Brasil” era meta fundamental, pois julgavam que o país deveria seguir a experiência do Ocidente. Criticavam, ainda, a centralização do governo monárquico, as fraudes eleitorais com compras de votos, a vitaliciedade do Senado, o cerceamento das liberdades, e consideraram, então, a República como o sistema ideal (TEIXEIRA, 1890; OLIVEIRA, 1990).

*Sempre as idéas republicanas predominaram no Brazil, e desde o seculo passado que teem tido não poucos martyres. Uma das primeiras tentativas teve logar em 1790, na provincia de Minas Geraes, cujo martyr principal, Joaquim José da Silva Xavier, conhecido na historia pelo Tiradentes, foi quem primeiro regou com o seu nobre sangue o solo brasileiro pela causa da Republica [...] O sangue de tantos martyres derramado desde o século passado ate 30 de dezembro do anuo passado nas ruas do Rio de Janeiro, teve finalmente a sua gloriosa consagração e o mais completo e brilhante triumpho, que servira para cimentar a paz e a união de todos o Brasileiro, fazendo ao mesmo tempo com que a politica americana seja verdadeiramente fraternal para a ventura e engrandecimento do nosso afortunado continente (TEIXEIRA, 1890, pp. 20-23).*

Nesse mesmo ano, o Manifesto Republicano, publicado na primeira edição do Jornal *A Republica*, deixava evidente os sintomas da mudança, afinal o regime imperial deixara de atender certa parcela da classe dominante, parcela essa com poder suficiente para demonstrar seu descontentamento (SODRÉ, 1962). Não era radical, pedia que a mudança de governo fosse feita por assembleia constituinte convocada para essa finalidade (CARVALHO, 2012).

***Aos Nossos Concidadãos***

*É a voz de um partido a que se alça hoje para fallar ao paiz. E esse partido não carece demonstrar a sua legitimidade. Desde que a reforma, alteração, ou revogação da carta outorgada em 1824, está por ella mesma prevista e auctorisada, é legitima a aspiração que hoje se manifesta para buscar em melhor origem o fundamento dos inauferiveis direitos da nação. [...] A esse desequilibrio de forças, a essa pressão atrophiadora, deve o nosso paiz a sua decadência moral, a sua desorganização administrativa e as perturbações economicas, que ameaçam devorar o futuro depois de haverem arruinado o presente. A sociedade brasileira, apoz meio século de existência como collectividade nacional independente, encontra-se hoje, apesar disso, em face do problema da sua organização politica, como se agora surgisse do chaos colonial. As tradições do velho regime, alliadas aos funestos preconceitos de uma escola politica meticulosa e suspicaz, que só vê nas conquistas moraes do progresso e da liberdade invasões perigosas, para quem cada victoria dos principios democraticos se affigura uma usurpação criminosa, hão por tal forma trabalhado o espirito nacional, confundido todas as noções do direito moderno, anarchisado todos os principios tutelares da ordem social, transtornado todas as consciências, corrompido todos os instrumentos de governo, sophysmado todas as garantias da liberdade civil e politica, que no momento actual tem de ser forçosamente – ou a autora da regeneração nacional ou o accaso fatal das liberdades publicas (MANIFESTO REPUBLICANO, 1870. pp. 1-4).<sup>1</sup>*

A Monarquia era percebida como um “princípio corruptor e hostil à liberdade, bem como à lei e à opinião pública” (SALDANHA, 2001, p. 232). O Manifesto deixara claro a forma como se deu a instalação do regime imperial à revelia do povo e do voto por meio de uma carta constitucional outorgada despoticamente e imposta à nação.

Os últimos quatorze anos do Império foram muito agitados com o surgimento dos militares como atores políticos, a abolição da escravidão e o crescimento do movimento republicano, esses fatores, em conjunto com uma reforma eleitoral, reduziram a representatividade parlamentar, e contribuíram para que a Monarquia perdesse sua legitimidade junto aos setores influentes da sociedade (CARVALHO, 2012).

Mesmo coma tensão reinante, pouco fizera o Imperador para defender a Monarquia, afinal, governava o país há quarenta e nove anos, sem que houvesse alguma tentativa de tirá-lo do poder, seu prestígio ajudava a manter a unidade do país. Já na última fase do Império, a Abolição e as Questões Religiosa e Militar tornaram-se mais agudas (COSTA, 2010; CARVALHO, 2012).

Apesar das tentativas de inclusão e movimentação popular, a República aconteceu como na Independência, sem a participação popular, prevalecendo nos círculos

---

<sup>1</sup> O Manifesto Republicano foi assinado por cinquenta e sete pessoas, sendo a maioria jovens profissionais liberais sem experiência política, desse grupo, apenas oito tinham sido deputados ou presidentes de província.

republicanos, estratégias conspiratórias, em vez de estratégias revolucionárias. Além disso, esse período da história brasileira foi marcado por profundas mudanças, principalmente relacionadas aos aspectos populacionais, cenário urbano, cultura, educação e conflitos sociais (SALDANHA, 2001; CARVALHO, 2014).

O Brasil começou a deixar de lado as características essencialmente rurais, para então, experimentar o desenvolvimento dos grandes centros urbanos. Com o final da escravidão, os negros partiram em busca de oportunidades melhores de trabalho, sendo que muitos deles residiam em cortiços, isso, principalmente no Rio de Janeiro; o país também recebeu imigrantes europeus e asiáticos que procuravam vagas de trabalho no campo, e nos centros industriais que começavam a tomar forma (CARVALHO, 2014).

Esse fluxo migratório, segundo Carvalho (2014), modificou a composição da sociedade, como a miscigenação, por exemplo. Aos olhos da elite, que alimentava preconceito contra os negros, o fato poderia favorecer o “embranquecimento” da população. Com a modernidade, o Brasil presenciou conflitos e contradições, surgiram os movimentos operários e grevistas na busca por melhores condições de trabalho e salário. O campo também sentiu o peso dos novos tempos, embora, o controle social ainda estivesse nas mãos dos coronéis. O debate sobre o Brasil, na Primeira República, apontava para novas possibilidades e horizontes (CARVALHO, 2014).

A passagem do Império para a República não foi assinalada por mudanças profundas nas estruturas de poder (SODRÉ, 1962), nem por um choque de opiniões ou reação ativa pela mudança. A aceitação pacífica tornou a execução dos acontecimentos rápida, e facilmente assimilada. Todavia, a República foi um avanço naquilo que diz respeito à substituição da velha estrutura do Império, inadequado, às alterações que ocorriam na sociedade brasileira (SODRÉ, 1962).

A razão principal da queda da Monarquia foi a inadequação das instituições imperiais ao progresso do Brasil. O Império tornou-se incapaz de resolver problemas sociais, como a emancipação dos escravos. Conservadorismo das instituições como o Senado Vitalício e o Conselho de Estado impediam o avanço do país. “A luta contra essas instituições conduziria à República” (COSTA, 2010, p. 426).

O sistema republicano brasileiro (Apêndice B) iniciou-se, em 15 de novembro de 1889, por meio de um golpe de Estado, adotou-se o federalismo, dividindo o poder, antes centralizado nas mãos do Imperador, entre o presidente da República e os governadores dos Estados apoiados pelas elites agrárias compostas em sua maioria por fazendeiros

ligados à economia latifundiária, interessados na manutenção das tradicionais estruturas, como o trabalho escravo e a grande propriedade rural (COSTA, 2010; BAUSBAM, 1976).

José Cândido Teixeira (1890) reconhecia a difícil tarefa do historiador, quando no calor do momento, em meio a paixões, se propunha a narrar, imparcialmente os fatos, e traçar as bases do que foi o movimento revolucionário de 15 de novembro que derrubou a Monarquia.

*Não temos a pretensão de escrever a historia da Republica dos estados Unidos do Brazil, cujas paginas gloriosas enchem-se de fulgor desde o século passado, porém tão somente contribuir com um pequeno subsidio para o historiador do futuro, quando tiver de estudar a ultima phase da propaganda republicana, e ao mesmo tempo fazer reviver os batalhadores que mais se sacrificaram em todas as epocas pelo triumpho da sagrada causa* (TEIXEIRA, 1890, p. 15).

Para Teixeira (1890), somente a história, mais tarde, poderia julgar os atos dos mártires que deram sua vida e sangue pela causa republicana. Isso será possível, apenas, quando as injustiças fossem reparadas, os ânimos acalmados, a nação brasileira estivesse verdadeiramente livre, a Pátria respeitada por todos e, a máscara corrupta da Monarquia tivesse caído (TEIXEIRA, 1890).

O autor considera o dia 15 de novembro, como a data mais gloriosa e notável da Pátria, que só foi possível pela ação do Exército e da Armada, que mostraram seu dever cívico ao se juntarem à causa republicana. Entretanto, após, o Brasil sair de dois regimes de escravidão, e possuindo um território tão grande, o qual compreendia interesses heterogêneos, não poderia ser facilmente organizado, sendo necessários calma, abnegação e patriotismo. Não há vencidos ou vencedores, afinal “*todos devemos ser brasileiros e pugnar pela união e a grandeza da Patria e o bellissimo nome da Republica*” (TEIXEIRA, 1890, p. 14).

Imbuídos com o sentimento patriótico, resultante de uma noção de “salvação da Pátria” da mão terrível da Monarquia, uma conspiração premeditada em meados de 1889 – cuja execução, teve início entre os dias 17 e 26 de outubro –, levou o Império a seu fim. Com data programada, para 17 de novembro, dias antes, alguns oficiais de baixa patente espalharam rumores sobre as prisões de Marechal Deodoro da Fonseca e de Benjamin Constant, antecipando o golpe, com a entrada de Deodoro no quartel-general, localizado no paço do Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro (CARVALHO, 2014).

Enquanto isso, dom Pedro II veraneava em Petrópolis e, recebeu a notícia, às 15 horas do dia seguinte. Deodoro concedeu o prazo de 24 horas, para que o Imperador e a Família Real deixassem o país, com todas as garantias asseguradas por lei <sup>2</sup>.

O Jornal *Gazeta de Notícias*, em sua edição nº 320, do dia 16 de novembro de 1889, trouxe as seguintes matérias como destaques, em sua primeira página:

#### ***A Republica***

*O movimento de hontem seria simplesmente uma desordem, se terminasse por uma composição que nunca mais pôde garantir a este grande paiz a paz e a tranquillidade de que tanto precisa para fazer valer todos os seus recursos. A hora em que traçamos estas linhas, correm ainda boatos descontraídos sobre a solução que terá a questão; mas, quer possamos ainda hoje dar aos nossos leitores notícias decisivas, quer fique ainda alguma cousa para se decidir, nós é que não julgamos com o direito de calar o nosso modo de ver as cousas. Toda a força militar achou-se hontem unida em um pensamento único: o ministério foi deposto por intimação do Sr. Marechal Deodoro da Fonseca, e os gritos de viva à republica echoaram durante o dia na cidade inteira. Está quebrada toda e qualquer ligação entre o exército e a monarchia, pelo facto da unanimidade com que aquelle se manifestou, e porque em questões d'esta ordem não se volta, depois de ter chegado a certo ponto [...].*

#### ***Proclamação***

*O governo provisório publica a seguinte proclamação: Concidadãos – o povo, o exército e a armada nacional em perfeita comunhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas províncias, acabam de decretar a deposição da dynastia imperial, e consequentemente a extinção do systema monarchico – representativo. Como resultado immediato d'esta revolução nacional, de caráter essencialmente patriótico, acaba de ser instituído o governo provisório, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos [...]*

#### ***15 de novembro***

*A data de hontem vai ficar assignalada na história. Extraordinário movimento agitou a população fluminense, desde o romper do dia. O espanto e a surpresa e a ansiedade – eis o que se notava em todos os olhares, em todas physionomias. O povo invadiu as ruas e praças em buscas de notícias, sabendo então que o exército tinha-se declarado abertamente a opposição ao ministério [...] (Jornal Gazeta de Notícias. Ano XV. Edição 320. Rio de 16 de novembro de 1889).*

---

<sup>2</sup> Responde-lhe Dom Pedro, ao receber a mensagem: “À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir, com toda a minha família, para a Europa, amanhã, deixando esta pátria, de nós tão estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranha do amor e dedicação, durante qua se meio século, em que desempenhei o cargo de chefe de Estado. Ausentando-me, pois, com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo os mais ardentes votos por sua grandeza e prosperidade - Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. Dom Pedro de Alcântara" (CALMON, Pedro). **História da Civilização Brasileira**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001, p. 288). No exílio, D. Pedro II, falece em Paris, no dia 5 de dezembro de 1891, no mesmo ano em que foi promulgada a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

O jornal *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, de Francisca Senhorinha, expressou em suas páginas, as expectativas por novos tempos, conforme edição nº 12, de 15 de dezembro de 1889:

*Viva os Estados Unidos do Brazil!  
Viva a Republica Brasileira!  
Viva o Governo Provisorio  
Eis o brado unissono de todos os Brasileiros, ao qual adhire jubiloso O Sexo Feminino. Não ha exemplo na historia de todas as nações do mundo, que tiveram necessidade de transformar sua fôrma de Governo, de haver se realizado uma mas bella e pacifica evolução! A imprensa de quasi todos os logares do velho e novo continente saúda a Republica Brasileira com o mais vivo e jubiloso enthusiasmo... De todos os Estados da nova Federação, seus minicipes aderem ao novo regimen, Graças á Divina Providencia, Protectora do Brazilio Sólto: nada, nem mais a pequenina nuvem turva o céu de nossa liberdade indicando reação ao movimento progressista. Conservada se acha e inalterada a ordem publica [...]. O Sexo Feminino, com immenso contentamento acabamos de vêr realisada nossa profecia exarada no primeiro numero deste periódico "o tempo crysol em que se depuraram todas as opiniões, mostrará que: Ce que la femme vent, Dieux le vent!". Hoje dizemos: a mulher quer a igualdade, esta será alcançada.*

Mesmo assim, com tanto entusiasmo, Aristides Lobo diria que povo assistiu a tudo bestializado<sup>3</sup>. Como resultado imediato da Proclamação da República, institui-se o Governo Provisório – com a missão de garantir a paz, a ordem pública, a liberdade e, os direitos dos cidadãos –, formado por pelo Marechal Deodoro da Fonseca, como Chefe de Governo; Aristides da Silveira Lobo, Ministro do Interior; Tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Ministro da Guerra; Chefe da Esquadra Eduardo Wandenkolk, Ministro da Marinha e Quintino Bocaiúva, Ministro das Relações Exteriores e interinamente da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; Ministro da

---

<sup>3</sup> Eu quisera dar a esta data a denominação seguinte: 15 de novembro do primeiro ano da República; mas não posso, infelizmente, fazê-lo. O que se fez é um degrau, talvez nem tanto, para o advento da grande era. Em todo o caso, o que está feito pode ser muito, se os homens que vão tomar a responsabilidade do poder tiverem junto, o patriotismo e sincero amor à Liberdade. Como o trabalho de saneamento, a obra é edificante. Por ora, a cor do governo é puramente militar e deverá ser assim, o fato foi deles, deles só, porque a elaboração do elemento civil foi quase nula. O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditavam sinceramente estar vendo uma parada. Era um fenômeno digno de ver-se. O entusiasmo veio depois, veio mesmo lentamente, quebrando o enleio dos espíritos. Pode ver a sangue frio tudo aquilo. Mas voltemos ao fato da ação ou do papel governamental: estamos em presença de um esboço, rude, incompleto e completamente amorfo. Não é tudo, mas é muito. Bem, não posso ir além, estou fatigadíssimo, e só lhe posso dizer estas quatro palavras que já são históricas. Acaba de me dizer o Glicério que esta carta foi escrita na palestra com ele e com outro correligionário, o Benjamim do Valongo. E no meio desse verdadeiro turbilhão que me arrebatou, há uma dor que punge e que exige seu lugar - a necessidade de deixar temporariamente, eu o espero, o "Diário Popular". Mas o que fazer? O "Diário" que me perdoe, não fui eu, foram os acontecimentos violentos que nos separaram de momento. Adeus. Aristides Lobo (CARONE, 1973, pp. 288-289).

Justiça, Dr. Campos Salles, interinamente Dr. Ruy Barbosa; e Ministro da Fazenda, Dr. Ruy Barbosa (CARONE, 1973; *Jornal Gazeta de Notícias*, 1889).

Como primeiro ato, o Governo Provisório decretou:

*Art. 1º Fica proclamada provisoriamente e decretada como a fôrma de governo da Nação brasileira - a Republica Federativa. Art. 2º As provincias do Brazil, reunidas pelo laço da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brazil. Art. 3º Cada um desses Estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretará opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo os seus corpos deliberantes e os seus governos locaes. Art. 4º Enquanto pelos meios regulares não se proceder à eleição do Congresso Constituinte do Brazil, e bem assim à eleição das legislaturas do cada um dos Estados, será regida a Nação brasileira pelo Governo Provisorio da Republica; e os novos Estados, pelos governos que hajam proclamado ou, na falta destes, por governadores, delegados do Governo Provisorio. Art. 5º Os governos dos Estados federados adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defesa e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes quer estrangeiros. Art. 6º Em qualquer dos Estados, onde a ordem publica for perturbada, e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria, para, com o apoio da força publica, assegurar o livre exercicio dos direitos dos cidadãos e a livre acção das autoridades constituídas. Art. 7º Sendo a Republica Federativa Brasileira a fôrma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhece nem reconhecerá nenhum governo local contrario á fôrma republicana, aguardando, como lhe cumpre, o pronunciamento definitivo do voto da Nação, livremente expressado pelo suffragio popular. Art. 8º A força publica regular, representada pelas tres armas do Exercito e pela, Armada Nacional, de que existam guarnições ou contingentes nas diversas provincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locaes, pelos meios ao seu alcance, decretar a organização de uma guarda civica destinada ao policiamento do territorio de cada um dos novos Estados. Art. 9º Ficam igualmente subordinados ao Governo Provisorio da Republica, todas as repartições civis e militares, até aqui subordinadas ao governo central da Nação brasileira. Art. 10º O territorio do Municipio Neutro fica provisoriamente sob a administração immediata do Governo Provisorio da Republica, e a cidade do Rio de Janeiro constituída, tambem provisoriamente, séde do poder federal. Art. 11º Ficam encarregados da execução deste decreto, na parte que a cada um pertença, os secretarios de estado das diversas repartições ou ministerios do actual Governo Provisorio. Sala das sessões do Governo Provisorio, 15 de novembro de 1889, 1º da Republica. Ass.: Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio. S. Lobo. Ruy Barboza. Q. Bocayuva. Benjamin Constant. Wandenkolk (BRASIL, 1889).*

A primeira Constituição, promulgada em fevereiro de 1891, baseou-se no modelo norte-americano, inaugurando o modelo presidencialista. O poder Executivo passou a ser exercido por presidente eleito para o período de quatro anos. O voto passou a ser universal, “foram considerados eleitores todos os cidadãos brasileiros com mais de 21 anos, excluídas certas categorias como os analfabetos, os mendigos e os praças militares (FAUSTO, 2002, P. 141). No texto constitucional, os direitos de brasileiros e estrangeiros

foram assegurados, além da segurança individual e, do direito à propriedade. O catolicismo deixou de ser a religião oficial no Brasil. (FAUSTO, 2012; CARVALHO, 2004).

A liberdade de manifestação de pensamento, de reunião, de profissão, a garantia da propriedade, tudo isso era parte da Constituição de 1824. No que se refere aos direitos civis, pouco foi acrescentado pela Constituição de 1891. O mesmo se pode dizer dos direitos políticos. As inovações republicanas referentes à franquia eleitoral resumiram-se em eliminar a exigência de renda, mantendo a alfabetização (CARVALHO, 2004, p. 44).

Na Constituição de 1891, não havia menção às mulheres, porém, considerou-se implicitamente que elas estavam impedidas de votar, pois era o marido quem tinha o direito de representar a mulher, em “atos judiciais e extrajudiciais; administrar as propriedades que pertenciam a ela, podendo dispor de dinheiro, ações e bônus do tesouro e até mesmo de imóveis, observadas as restrições da lei (COSTA, 2010, p. 495).

A República liberal e oligárquica<sup>4</sup> foi consolidada com a ascensão de Campos Sales (1898-1902), no lugar de Prudente de Moraes. Campos Sales realizou um arranjo conhecido como “Política dos Governadores” a partir de uma alteração no regimento interno da Câmara dos Deputados, que assegurou a representação parlamentar ao grupo regional que detivesse o poder na área de atuação (HOLLANDA, 2008).

O pensamento político da Primeira República foi constituído por uma série de especificidades sociais, políticas, culturais e econômicas, contextualizadas (Apêndice C). A construção desse período foi marcada por diferentes forças, como a eleição indireta para escolha do Presidente da República (Marechal Deodoro da Fonseca) em 1891; a posse de Prudente de Moraes – primeiro presidente civil – em 1894; a “Primeira Grande Guerra Mundial” (1914-1918), a “Semana de Arte Moderna”, em 1922 e “A depressão de 1929” foram alguns dos elementos basilares para essa constituição de um novo Brasil.

A virada do século XIX para o século XX, marcou profundamente o Brasil, ciência, progresso e modernidade foram as palavras mais repetidas nesse período. Houve desenvolvimento tecnológico, de transportes, das eletrificações, das indústrias químicas, dentre outras inovações que transformavam a sociedade (SCHWARCZ, 2012).

---

<sup>4</sup> O sistema oligárquico é um conjunto de regras e práticas políticas que asseguram o predomínio de um pequeno número de pessoas no controle do Estado. Durante a Primeira República no Brasil, esse controle era exercido por chefes políticos estaduais e municipais que acumulavam poder econômico e social em graus variados e com estilos diversos. CPDOC. **Sistema Oligárquico**. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/sistema\\_oligarquico](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/sistema_oligarquico)>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Tinha-se a ideia de que a República brasileira participaria do cenário internacional. O Rio de Janeiro, na época, era o cartão de visita do Brasil: centro cultural, a cidade com o maior porto, atraindo brasileiros e estrangeiros. “A capital graças à telegrafia sem fio, telefone, meios de transporte, aviação, imprensa, indústria fonográfica, rádio e cinema, teria o papel de caixa de ressonância das transformações em marcha no mundo” (DEL PRIORE, 2017, p. 219).

A europeização, antes restrita ao ambiente doméstico, transforma-se agora em objetivo – melhor seria dizer “obsessão” – de políticas públicas. Tal qual na maior parte do mundo ocidental, cidades, prisões, escolas e hospitais brasileiros passam por um processo de mudança radical, em nome do controle e da aplicação de métodos científicos; crença que também se relacionava com a certeza de que a humanidade teria entrado em uma nova etapa de desenvolvimento material marcada pelo progresso ilimitado (DEL PRIORE, VENÂNCIO, 2016, p. 219).

Contudo, o Brasil estava bem distante do que se tinha sonhado, “o regime continuou republicano na forma, mas oligárquico no conteúdo, e a sociedade tornou-se liberal no vestuário, mas profundamente conservadora na realidade” (SALIBA, 2012, p. 241).

É claro que expressando as novas tonalidades do quadro republicano, no qual dominavam fazendeiros de cafés e bacharéis da província (estados), ocorreu o incremento de subculturas regionais, as quais continuaram tributárias do Rio de Janeiro. Capital do país, a cidade dá o tom da atmosfera cultural do período, transformando-se num autêntico epicentro catalisador de toda cultura da *Belle Époque* brasileira (SALIBA, 2012, p. 242).

Os aspectos culturais trazidos pela *Belle Époque* foram relacionados a um imaginário de rupturas entre o velho e o novo, o passado e presente, e à ação “das vanguardas defensoras de uma nova estética [...]. Na realidade, a *Belle Époque* é uma categoria retrospectiva, tendo sido criada às vésperas da Primeira Guerra Mundial como reação nostálgica ao século XX” (VELLOSO, 2016, p. 35), e apresentava uma visão otimista do presente e futuro, seguindo a moda europeia no final do século XIX, e início do século XX (DEL PRIORE, VENÂNCIO, 2016).

A República havia surgido com promessas de cidadania, civilidade e igualdade. Imaginou-se um novo mundo não vinculado a questões de origem de nascimento, e sem a presença das amarras hierárquicas sociais.

A ilusão de que tudo se resolveria após a instaurada a República, possibilitou ao regime sua consolidação em uma atmosfera de “euforia e ostentação, sustentada pelo clima geral de otimismo e confiança ilimitados, da Europa e Estados Unidos no crescimento da economia” (NEGREIROS; OLIVEIRA; GENS, 2016, p.10).

Era como se a mudança para o novo regime fosse capaz de apagar a herança do passado no país (SCHWARCZ, 2012).

Por um lado, estavam os novos cenários urbanos, com seus senhores e senhoras vestidos à última moda de Paris, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que parecem ter pressa. Por outro, encontrava-se o sertão longínquo, espécie de parte esquecida do país (SCHWARCZ, 2012, p. 39).

A urbanização, além das novas formas de trabalho, habitação e lazer, revelou problemas relativos ao transporte, à educação e à moradia. A ideia geral era que tudo mudava com muita rapidez, fazendo com que as cidades fossem remodeladas para atender a suas novas funções de modernidade, além de lidar com as novas sociabilidades urbanas (SCHWARCZ, 2012).

Acompanhando a euforia da República, estava o analfabetismo, elemento limitador da modernidade do país. Como poderia haver modernização, se grande parte da população estava excluída dos processos de difusão cultural, foi o pensamento de intelectuais e artistas que pretendiam reformas no sistema educacional.

Os relatórios administrativos, documentos estatísticos, correspondências oficiais, artigos de periódicos, revelavam preocupação em relação à resistência de ideias progressistas por partes dos reformadores, bem como, refletiam “o discurso de construção de uma identidade nacional com base nos ideais civis, (des)qualificando práticas sociais diferentes” (ROSSI, 2011, p. 163).

A aposta era a regeneração da população brasileira, tornando-a disciplinada, saudável e produtiva, símbolo nacionalidade. Por isso, esperava-se que a educação fosse um tipo de redenção. O analfabetismo era o freio ao avanço nacional (CARVALHO, 2003).

Como bem observou Jorge Nagle (2009), na Primeira República, surgiram dois grandes movimentos: “entusiasmo pela educação” e, o “otimismo pedagógico”; que reivindicavam, respectivamente, a abertura de novas instituições de ensino, e melhorias

dos métodos, modos e conteúdo de ensino. Portanto, a escola era a “arma” para a regeneração do indivíduo e, o instrumento por meio do qual o Progresso seria efetivado.

Segundo Marta Maria Chagas de Carvalho (2003), na década de 20, firmou-se entre os intelectuais, a ideia de que estava na educação (Apêndice D), a solução de todos os problemas, o que significava, dar forma a um país amorfo, e transformar os habitantes em povo, constituindo, assim, uma Nação.

No contexto da educação, havia distinção entre a formação de homens e mulheres. Aos homens eram reservadas as participações nos espaços públicos e políticos. Às mulheres era aplicado o modelo pedagógico educacional, voltado para as atividades do lar, transformando alunas em mulheres capazes de conduzir com excelência, as tarefas domésticas, cabendo a elas as funções de esposa, dona de casa, e mãe (CAMPOS, 2012).

As mulheres tiveram sua formação voltada para a moral e os bons costumes da sociedade, cujas principais orientações tinham como base o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Sua imagem correspondia ao que era designado por homens, legitimado pelo Estado, Igreja e, difundido pela imprensa, que teve papel fundamental, ao expressar as ideias dos segmentos masculinos da sociedade, que ditavam as regras e ações que deveriam ser realizadas por homens e mulheres.

A inclusão das mulheres no campo historiográfico no cenário nacional tem demonstrado a presença feminina nos acontecimentos históricos e, uma ampliação do próprio discurso historiográfico, antes pensado tanto nas ações do sujeito universal, quanto nas práticas coletivas com aspectos marcadamente masculinos (RAGO, 1995).

Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração europeia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção (RAGO, 1995, p. 81).

Abordar a temática feminina, em termos de construção de um projeto identitário, envolve questões relacionadas não apenas à valorização social, econômica, política e cultural, mas também, ao seu resgate histórico de exclusão nas diferentes sociedades no curso da humanidade.

[...] não se tratou apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa elaborada pelos “vencedores”, pois esta inclusão significou enveredar por outros campos temáticos e buscar novas referências metodológicas. [...] Temas como a história do corpo e da sexualidade; o poder médico e a loucura; a família, o amor e o pecado; a sedução e o poder, as representações da mulher nos discursos médicos e jurídicos; os códigos da moralidade feminina são incorporados como objetos históricos. O estudo da história das mulheres adquire estatuto próprio, afirmando-se como área de interesse na academia, e passa a participar mais intensamente da construção da noção de uma “cultura das mulheres” [RAGO, 1995, p. 84].

Ao falarmos sobre representação feminina, estamos levando em consideração a definição proposta por Chartier (1988):

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações rem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio [...] O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas — «mesmo as representações coletivas mais elevadas so tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam atos — que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades — tanto a dos outros como a suas (CHARTIER, 1988, pp. 17-18).

Com o crescimento dos estudos históricos beneficiados pela institucionalização, consolidação e expansão dos Programas de Pós-graduação em Educação. Temas como organização escolar, feminismo, gênero, imprensa, instituições de ensino, políticas educacionais, educação e sociedade ganharam força, despertando o interesse dos pesquisadores, como apontado por Luca (2006, p. 113):

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História.

Contudo, até esse período, eram poucos os trabalhos que utilizavam a imprensa<sup>5</sup> como fonte para estudo da História no Brasil. Relutava-se em seu uso para a escrita da História, pois se vinha da tradição positivista do século XIX e, décadas iniciais do século XX, em que a verdade dos fatos deveria ser conhecida por meio de documentos relevantes (LUCA, 2006).

Para trazer luz ao acontecido, o historiador livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo [...] deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficiente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões [...] forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2006, p. 112).

Nesse aspecto, o jornal, por sua materialidade efêmera, possuía registros fragmentados do presente, cujas imagens obtidas eram parciais, subjetivas e distorcidas, mesmo assim, a imprensa, tem contribuído para a produção de pesquisas historiográficas, e sua utilização como fonte e objeto de pesquisa, amplia horizontes. Por meio dela, podem ser verificadas e analisadas a influência das atividades política, cultural e social em uma sociedade, determinando conexões entre os fatos e os processos históricos (LUCA, 2006).

Campo de expressão de ideias, debates, discussões, polêmicas etc., os jornais refletem a complexidade e os conflitos existentes na esfera social e, não são destituídos de ideologias, pelo contrário, possuem múltiplos registros, verbais, iconográfico, discursividades diversas, dentre outros aspectos que estão presentes nas colunas, crônicas, entrevistas, notícias etc. (CAMPOS, 2012).

[...] pesquisas que se utilizam de jornais não especificamente pedagógicos para falar sobre a história da educação, trabalham, na verdade, com um conceito de educação mais abrangente do que o da educação escolar. Trata-se de uma concepção que remonta e se mistura à própria ideia de cultura, ou melhor dizendo, juntamente com Manacorda (1989, p. 6), trata-se de uma concepção de educação na qual se vislumbra “o processo educativo pelo qual a humanidade elabora a si mesma, em todos os aspectos”, tendo o jornal como veículo mediador por excelência (CAMPOS, 2012, p. 61).

---

<sup>5</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). Brasil **História da Imprensa** no. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999

Maria Helena Rolim Capelato (1998), completa o pensamento ao propor que:

os jornais oferecem um vasto material para o estudo da vida cotidiana. Os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia a dia estão registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer às colunas sociais, aos "fait divers", às ilustrações, às caricaturas e às diferentes seções de entretenimento (CAPELATO, 1998, p. 33).

Nas páginas dos jornais, são projetadas expressões culturais, morais, anseios, estereótipos, concepções de mundo, portanto não existe neutralidade, pois ao informar, os jornais orientam e influenciam o público leitor. Além do mais, há que se levar em consideração o caráter particular do enunciador, que possui vivências, retórica e discursividade próprias, indicando que os jornais são “naturalmente polissêmicos, como a própria sociedade de onde eles provêm, como a própria cultura humana” (CAMPOS, 2012, p. 62).

Ainda, levando em consideração, as perspectivas apontadas por Campos (2012), nos impressos, as questões educacionais e, os sentidos conferidos pelo homem ao mundo a partir das notícias, imagens, entrevistas e propagandas, são buscados.

A reiteração diária de padrões culturais gera um contrato de confiança – envolvimento de crenças, memórias e aspirações – entre editores e leitores, em um processo pelo qual a humanidade inventa e reinventa a si mesma por meio da articulação entre discurso, ideologia e cotidiano, reproduzindo e reunindo diversas vozes de indivíduos e sujeitos coletivos, agregando em torno das ideias, os padrões, os valores, as crenças e representações (LUCA, 2006, GONÇALVES NETO, 2002).

É principalmente através da imprensa que se divulgam e consolidam as principais representações sociais. E por uma razão muito simples: diferentemente da tradição oral, a palavra escrita pode ser resgatada no futuro e utilizada como documento na construção de interpretações históricas [...]. Apesar dos avanços estimulados principalmente pelos Annales na utilização de novos objetos, alargando o conceito de documento, muito se prende ainda a história ao documento escrito [...] o texto é fruto da concepção de uma determinada elite, letrada, ele não corresponde integralmente à realidade, mas compõem uma interpretação ou representação do real, formulada em determinado momento, sob a influência de concepções específicas, ainda que preponderantes em um determinado tempo ou espaço. A imprensa é o espaço da comunicação, e o jornal uma parcela dessa imprensa (GONÇALVES NETO, 2002, p. 204).

Nesse aspecto, os jornais são essenciais para a História e a História da Educação, pois são agentes de cultura, mobilizam opiniões, propagam ideias, e incluem novos

hábitos, transformando a vida da sociedade. Sob esse aspecto, podemos considerá-los como fonte de ilustração e educação, que assumem um processo educativo que se realiza fora das instituições escolares (MIZUTA, 2022).

O *Lavoura e Comércio* foi capaz de demonstrar em suas linhas as significações da vida em sociedade, do meio rural, da política, da economia e da religião sobre a cidade de Uberaba.

[...]Lavoura e Comércio tem sido o mais vigoroso propulsor do progresso e do engrandecimento de Uberaba. O jornal é a maior força civilizadora de que dispõem as coletividades, nos tempos modernos. Guia, orienta, coordena, ensina, estimula e chega a elaborar o próprio pensamento do seu povo [...] (MENDONÇA, 1974, p. 184).

A partir da articulação do discurso, ideologia e cotidiano, pode-se pensar o texto enquanto um elo entre as instituições e a língua histórica socialmente construída, por meio de discursos (ORLANDI, 2000).

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim, como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, no texto fazem parte dele. (ORLANDI, 2000, p. 30).

Nesse aspecto, o *Lavoura e Comércio* era considerado elemento de progresso, desenvolvimento, aperfeiçoamento, prosperidade e contribuía para modificação intelectual, material e moral da população uberabense.

Essa pesquisa tem como foco a educação e representação das mulheres, a partir de um “espaço” educativo, não vinculado às instituições de ensino, durante a Primeira República no Brasil (1889-1930), por meio da análise do *Lavoura e Comércio*.

Os procedimentos necessários para análise, foram sistematizados após o *download* das edições do *Lavoura e Comércio*, referentes à edição nº 1, de 6 de julho de 1899 à edição nº 5556, de 30 de dezembro de 1930, conforme exemplos nos Apêndices E e F. Foram feitas as catalogações dos tipos de publicação encontrados no *Lavoura e Comércio*, de modo a contemplar a temática abordada. Feito o levantamento inicial, definimos as categorias de análise e, selecionadas as publicações de acordo, com as temáticas definidas:

- i. Arte;
- ii. Beleza;
- iii. Educação;
- iv. Escritas;
- v. Espaços Doméstico e Público;
- vi. Feminismo;
- vii. Maternidade;
- viii. Moda;
- ix. Violência.

Essa tese foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, “*Tu surgiste Uberaba formosa, na campina, sob um seu de anil*” trouxe a caracterização dessa cidade de Uberaba, em seus aspectos, sociais e culturais. O segundo capítulo, *Retratos de Mulheres na Primeira República* teve como ponto principal a apresentação da História das Mulheres, e reflexões sobre o papel feminino, entre 1899 e 1930. No último capítulo *Modos de mulher: ser e estar no Lavoura e Comércio* foram serão apresentadas categorias de análise e as discussões sobre a temática.

# 1 “TU SURGISTE UBERABA FORMOSA, NA CAMPINA, SOB UM CÉU DE ANIL”<sup>6</sup>

Uberaba<sup>7</sup>, fundada pelo Major Antônio Eustáquio da Silva Oliveira, e outros migrantes do Desemboque, inicialmente integrava o Sertão da Farinha Podre<sup>8</sup>, originou-se no início do século XIX, como Arraial de Santo Antônio e São Sebastião, por volta de 1812; no dia 2 de março de 1820, foi elevada, por Dom João VI, à condição de Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião (Figura 1).

*Crêa uma freguezia no districto de Uberaba, em Minas Geraes, com invocação de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, e manda fundar uma Capella na mesma freguezia. Sendo-me presente o grande desgosto que sofrem os colonos estabelecidos no Sertão da Farinha Podre, por se verem privados do socorro e pasto espiritual, sem que o possa obter com facilidade da Freguezia Julgado do Desemboque, que d'alli dita mais de 60 leguas: Hei por bem que se estabeleça uma freguezia no districto de Uberaba até a confluencia do Rio Paranaíba e rio Pardo, com a invocação de Santo Antonio e S. Sebastião de Uberaba, dividindo-se com a capella de N. S. do Monte Carmo, e com*

---

<sup>6</sup> Trecho do Hino Oficial da Cidade de Uberaba. Da jornada de fé, corajosa, de bandeiras por todo o Brasil, Tu surgiste, Uberaba formosa, na campina, sob um céu de anil. És Uberaba, o formoso e mais rico florão, desde nosso sertão valoroso. Oh! Grande terra gentil, um torrão sem igual, no Planalto Central do Brasil. Não transiges com teu inimigo, Mas acolhes, gentil, em teu colo, os que vêm ao trabalho, contigo, Procurando elevar o teu solo. És Uberaba, o formoso e mais rico florão, desde nosso sertão valoroso. Oh! Grande terra gentil, um torrão sem igual, no Planalto Central Do Brasil tuas matas, teus campos, teus montes, de riquezas sem par, peregrinas, construíram, entre teus horizontes, a mais bela das joias mais finas! És, Uberaba, o formoso e mais rico florão, Desde nosso sertão valoroso. Oh! Grande terra gentil, um torrão sem igual, No Planalto Central do Brasil (Letra de Ari de Oliveira e música de Gabriel Toti).

<sup>7</sup>A primeira hipótese refere-se à pesquisa feita pelo memorialista de Uberaba, Edelwals Teixeira. Analisando as cartas de sesmarias de 1816 a 1818, identificou a grafia: *Jaoverava*. Segundo Teixeira, na língua Caiapó, o termo *oba* significa folha e *jao* fruta. Portanto, designando uma fruta que era muito comum na região; a segunda é de Aires Casal, que distinguiu *Uberaba Falso* de *Uberaba Legítimo* depois de ler dois documentos do começo do século XIX. Na carta de sesmaria do capitão José Joaquim Carneiro, de 1820, lê-se claramente: “nas margens do rio *Jaoberaba-Legítimo*”. Na carta geográfica que acompanha o trabalho do General Cunha Matos, encontramos o termo *Uberaba Falso* grafado da seguinte maneira: *UBERA-VA* Aires Casal denomina *Uberaba Legítima* de rio Uberabinha, cuja nascente é o rio Paranaíba, e o rio Uberaba Falso, de rio Uberaba. Por isso, a palavra *falso* corresponde a diferente, ou seja, originários de bacias diferentes. De autor desconhecido, o termo *uber* referia-se à fertilidade do solo, enquanto *aba* é o nome de um monte da Abissínia (Etiópia). Portanto, a denominação seria dada pelos escravos e não por índios (CASANOVA, 2020). Uberaba é corruetela de *Y-berab -a* “água brilhante” de *y* “água”, *berab* “brilhante”, do verbo intransitivo brilhar, refulgir, cintilar, luzir etc.; seguido de *a* para terminar a consoante. A palavra Uberaba é Guarani. Em vários documentos oficiais a palavra Uberaba se vê com as seguintes grafias *Iverava*, *Iberaba* (1740), *Ibaraba*, *Berava*, *Beraba*, *Perava*, *Verava* (1818), *Uberava* (1820), *Oberaba*, *Uberaba*, *Ueraba* e Uberaba (PONTES, 1970).

<sup>8</sup> BILHARINHO, Guido. Uberaba: dois séculos de história. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2007. LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. **O Triângulo Mineiro, do Império à República**: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX). Uberlândia: EDUFU, 2010; MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro (2008).

*freguezia do Desemboque, por onde mais conveniente fôr. E sou outrosim servido, que nesta freguezia haja tambem uma capella curada, no logar que mais convier, para commodidade dos habitantes que novamente se acham por alli estabelecidos. A Mesa da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido, e faça executar com despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro 2 de Março de 1820. Com rubrica de sua magestade.*

Figura 1 – Limites da freguesia de Uberaba, de acordo com o Alvará de 2 de março de 1820



Fonte: Arquivo Público Uberaba (2018)

O Decreto Real, segundo conta a historiadora Marta Zednik de Casanova (2000), constituiu um avanço para a comunidade de Uberaba, significando a emancipação e gerência dos assuntos civil, militar e religioso, além de uma espécie de reconhecimento oficial, tanto pela Igreja, quanto pelo Governo Real.

Pouco tempo depois, um grupo seletivo de agricultores, pecuaristas, comerciantes e outros profissionais, chegou até a região, fato que levou o Governo Provincial de Minas Gerais a criar a Vila de Santo Antônio de Uberaba (Figura 2), por meio da Lei Provincial Mineira nº 28, de 22 de fevereiro de 1836 (ARQUIVO PÚBLICO UBERABA, 2018; CASANOVA, 2020).

Figura 2 - Limites da Vila de Uberaba em 1836, conforme Lei Mineira nº 28



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2018)

A importância regional da Vila de Santo Antônio de Uberaba, devido à sua prosperidade, recebeu o título de *cidade* (Figura 3), em 1856, pela Lei Provincial Mineira nº 759, tornando-se, de acordo com Casanova (2020), um importante centro comercial acentuado pela chegada da Estrada de Ferro, recebendo apenas o nome de Uberaba, cuja trajetória encontra-se demonstrada no Apêndice G.

Figura 3 - Uberaba depois da elevação para status de cidade



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2018)

## 1.2 A CIDADE E O APOGEU COMERCIAL

A pecuária e a agricultura de subsistência, no início da ocupação de Uberaba, foram as atividades econômicas que definiram as características e a cultura que estavam em processo de formação na cidade. Grandes fazendas eram vendidas a preços irrisórios, ou até mesmo doadas, a lei das terras era inexistente, por isso, o gado era mais valorizado em relação às terras e aos demais produtos agrícolas (CASANOVA, 2020; PONTES, 1970).

O transporte de gado e mercadorias contribuíram para desenvolvimento de Uberaba e outros de arraiais, fazendo com que adquirissem contornos mais urbanos. Para Dantas (2017), com a chegada da Estrada de Ferro, em 1889, Uberaba ampliou a liderança na região, contudo, a ferrovia não deu início ao processo de urbanização da cidade.

Anteriormente existiam, na cidade, símbolos desse processo: várias casas comissárias; fábricas de vinho, cerveja e tecidos de algodão; agência bancária; publicação e circulação de jornais e periódicos; teatro com apresentações de espetáculos; folguedos de carnaval. Tais símbolos conferiam notoriedade ao lugar como centro polarizador de comércio e de civilização, e a seus habitantes, um sentimento ufanista de distinção diante de arraiais e vilas circunvizinhos. No núcleo urbano de Uberaba, uma série de novas construções e serviços passou a integrar a paisagem: arquitetura de estilo europeu, abertura de novas ruas, arborização de praças, hotéis, lojas de armarinhos, livraria, colégios, criação de um instituto politécnico, confeitaria e restaurantes com “menus à francesa”, casas de jogos, associações artísticas e musicais, a realização de saraus e concertos. O ufanismo atingiu dimensões consideráveis, a ponto de forjar a expressão “Paris – Rio de Janeiro – Uberaba”, como exemplaridade da condição que alcançara, na concepção dos grupos sociais dirigentes, como centro de negócios e centro sociocultural. Entre os anos 1870-1910, a cidade alcançou seu apogeu e, para uma parcela de seus habitantes. (DANTAS, 2017, p. 218).

Continuando, Oliveira (2017, pp. 10-11) traz outros detalhes sobre o processo de civilização de Uberaba:

O processo de construção da civilização em Uberaba é perpassado por alguns fatores elementares: serviços de infraestrutura; práticas sanitárias; intervenções de higiene; modernização, urbanização e embelezamento dos espaços públicos; desenvolvimento científico; instauração de novas tecnologias. Todos esses fatores em conjunto colaboravam na implantação de um universo material que, motivo de orgulho, servia para definir ideais de civilização numa Uberaba cujas representações<sup>7</sup> em grande parte eram de engrandecimento. No século XIX, a modernização se expressava nos investimentos em infraestrutura: calçamento das ruas, serviço de abastecimento de água, entre outros. A limpeza dos espaços supostamente melhoraria a qualidade de vida na urbe. No século XX a ideia de modernização prevalece como sentido de civilizar. A construção de jardins e a arborização, a

realização de obras de saneamento e a instauração de novos instrumentos urbanos eram aspectos que simbolizavam a modernidade. O conforto proporcionado por equipamentos urbanos coletivos era associado a um estilo de vida civilizado. Além disso, comodidades como água quente, iluminação, tratamento de dejetos, produtos para higiene, telégrafo, telefone e notícia fornecida pelos jornais provocavam alterações nos modos de se portar nos espaços. Serviam ao refinamento dos gostos. Por conseguinte, possuir esses pequenos luxos era também uma forma de distinção. Compunham o repertório de um modo de vida que se julgava civilizado.

Ampliando essa ideia, Casanova (2020) assevera que:

A inauguração de vias de comunicação, ligando Uberaba a Goiás e Uberaba ao litoral, incentivaram o desenvolvimento do comércio. Os produtos inicialmente eram embarcados no Rio de Janeiro e descarregados em Porto Estrela, e depois seguiam ‘pelo caminho do mar entravam em Minas Gerais até São João Del Rey e Formiga. Os goianos, mato-grossenses e os próprios uberabenses buscavam aí as mercadorias (sal, ferro, querosene, tecidos, água de cheiro, sombrinhas, armarinhos, perfumaria e outros) e levavam seus produtos: café, tocinho, queijo, marmelada, couro, que assim eram comercializados (CASANOVA, 2020, pp. 205-206).

Com a expansão da Estrada de Ferro de Ribeirão para Uberaba, conforme demonstram Casanova (2020) e Dantas (2017), sofisticados produtos europeus passaram a ser comercializados em diversas lojas. A sociedade uberabense refinava-se e alcançava níveis intelectual, cultural<sup>9</sup>, social e comercial, diferentes da maior parte dos centros urbanos do interior.

No núcleo urbano de Uberaba, uma série de novas construções e serviços passou a integrar a paisagem: arquitetura de estilo europeu, abertura de novas ruas, arborização de praças, hotéis, lojas de armarinhos, livraria, colégios, criação de um instituto politécnico, confeitaria e restaurantes com “menus à francesa”, casas de jogos, associações artísticas e musicais, a realização de saraus e concertos. O ufanismo atingiu dimensões consideráveis, a ponto de forjar a expressão “Paris – Rio de Janeiro – Uberaba”, como exemplaridade da condição que alcançara, na concepção dos grupos sociais dirigentes, como centro de negócios e centro sociocultural. Entre os anos 1870-1910, a cidade alcançou seu apogeu e, para uma parcela de seus habitantes. (DANTAS, 2017, p. 218).

Mas, o grande marco comercial de Uberaba aconteceu com a chegada dos trilhos da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro (MENDONÇA, 2008), inaugurada, em 23 de abril de 1889, que consolidou o desenvolvimento comercial e a urbanização da cidade.

A Mogiana inaugurou-se, em Uberaba, no dia 23 de abril de 1889. O prolongamento dos seus trilhos até esta cidade, deve-se, principalmente, aos

---

<sup>9</sup> BILHARINHO, Guido. **Atividades culturais em Uberaba: 1815 a 2015**. Uberaba: Dimensão Edições, 2019.

esforços do Major Joaquim José de Oliveira Pena (Senador Pena) que, na Assembleia Estadual, coadjuvado por seu colega Comendador Joaquim Antônio Gomes da Silva (um dos ilustres filhos de Frutal), conseguiu a realização do grande melhoramento. Era Presidente da Província o Dr. Antônio Gonçalves Chaves, e Engenheiro-Chefe da Mogiana o Dr. Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, signatários do contrato. A inauguração da Mogiana, nesta cidade, constituiu uma das festas mais brilhantes que a nossa História registra. Vieram numerosas pessoas das localidades vizinhas. A Câmara Municipal mandou limpar e ornamentar as ruas centrais. Constituíram-se comissões de festas e recepções. O povo veio para as ruas, vibrante de alegria e de satisfação. A Rua do Comércio (atual Artur Machado) denominou-se, por algum tempo, “Rua Barão de Ataliba”, em homenagem ao Barão de Ataliba Nogueira, um dos diretores da Mogiana. Era o início de uma fase magnífica de prosperidade. As pontas dos trilhos da Mogiana aqui ficaram cerca de 7 (sete) anos, pois, o trecho compreendido entre Uberaba e São Pedro de Uberabinha (Uberlândia) só foi inaugurado em 21 de dezembro de 1895. Poucos meses antes da chegada da Mogiana, esteve em Uberaba o muito Ilustre Sr. Conde d’Eu, esposo da Princesa Isabel, a quem se fez brilhante Recepção. Mas, ao mesmo tempo, numa demonstração de repulsa ao regime imperial. A Mogiana integrou-se, definitivamente, na nossa civilização. Os serviços e benefícios que nos tem prestado são dos que mais contribuíram e contribuem para o nosso engrandecimento (MENDONÇA, 2008, pp. 131-132)

A estação (Figura 4) ficava no final da rua do Comércio, atualmente conhecida como rua Arthur Machado.

Figura 4 - Locomotiva Mogiana na rua Menelick de Carvalho



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2018)

Além de José Mendonça (2008), o texto de Casanova (2020) narra a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro em Uberaba:

A Estrada de Ferro Mogiana surgiu para atender os interesses dos cafeicultores paulistas, que lançaram uma linha férrea até atingir o porto de Jaguará, localizado na divisa dos estados de Minas Gerais e de São Paulo. No entanto, antes de contemplar Uberaba, um embate entre políticos dos dois estados retardou a chegada dos trilhos. Desde o ano de 1881, o nome de Uberaba figurava em um decreto imperial que autorizava a benfeitoria [...] Enquanto isso, em Uberaba a população se organizava para viabilizar a chegada da ferrovia. Dentre as medidas adotadas, surgiu inclusive a publicação de um jornal denominado o *Wagoon*, ou seja, vagão, em inglês. A Mogiana se via pressionada por vários lados e necessitava concluir as negociações [...] O jornal o *Wagoon* lutou através da publicação de diversos artigos de jornalistas para que a estrada de ferro passasse por Uberaba [...] O percurso foi tortuoso, mas o trem de ferro chegou a Uberaba, vencendo todas as dificuldades. Os cinco anos que se passaram entre a assinatura do contrato e a inauguração da estação foram o tempo necessário para o esquecimento das opções cogitadas, dos inúmeros trajetos discutidos. A população aguardava ansiosamente a chegada da locomotiva. A Estrada de Ferro Mogiana surgiu para atender os interesses dos cafeicultores paulistas, que lançaram uma linha férrea até atingir o porto de Jaguará, localizado na divisa dos estados de Minas Gerais e de São Paulo. No entanto, antes de contemplar Uberaba, um embate entre políticos dos dois estados retardou a chegada dos trilhos. Desde o ano de 1881, o nome de Uberaba figurava em um decreto imperial que autorizava a benfeitoria [...] Enquanto isso, em Uberaba a população se organizava para viabilizar a chegada da ferrovia. Dentre as medidas adotadas, surgiu inclusive a publicação de um jornal denominado o *Wagoon*, ou seja, vagão, em inglês. A Mogiana se via pressionada por vários lados e necessitava concluir as negociações [...] O jornal o *Wagoon* lutou através da publicação de diversos artigos de jornalistas para que a estrada de ferro passasse por Uberaba [...] O percurso foi tortuoso, mas o trem de ferro chegou a Uberaba, vencendo todas as dificuldades. Os cinco anos que se passaram entre a assinatura do contrato e a inauguração da estação foram o tempo necessário para o esquecimento das opções cogitadas, dos inúmeros trajetos discutidos. A população aguardava ansiosamente a chegada da locomotiva. A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi inaugurada em Uberaba, no dia 23 de abril de 1889, no bairro Boa Vista. A estação ficava no final da rua do Comércio, atualmente rua Arthur Machado (CASANOVA, 2020, pp. 361-362).

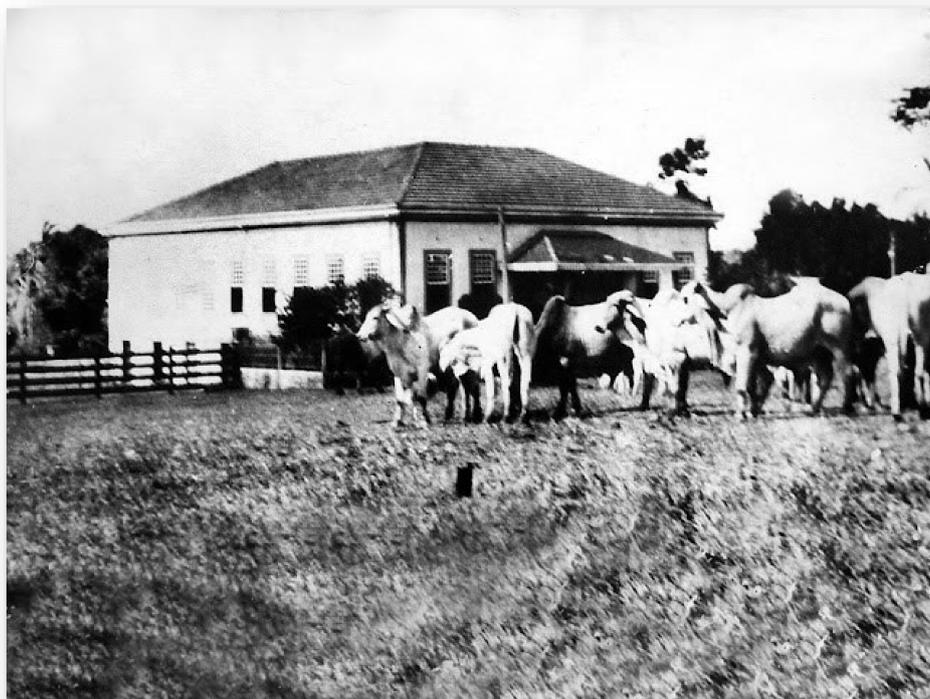
A mesma Companhia que levou Uberaba a seu apogeu, também foi a causa de sua estagnação, quando os trilhos da Mogiana foram prolongados até as cidades de Uberabinha (atual Uberlândia) e Araguari, Uberaba perdeu sua liderança comercial, com os estados de Goiás e Mato Grosso, tendo em vista, que esses passaram a comercializar diretamente com as duas novas cidades favorecidas pelos trilhos da Estrada de Ferro (DANTAS, 2017; LOURENÇO, 2007).

A economia urbana deixou de ser importante e a fazenda passou a centralizar os interesses das camadas dirigentes. As elites rurais faziam compras nos grandes centros paulistas e cariocas; e a economia da cidade restringiu-se ao abastecimento de produtos básicos e de primeira necessidade [...] a pecuária

liderou em caráter quase absoluto a vida socioeconômica da cidade, anulando as características deixadas pela atividade comercial, de forma que entre 1910 e 1930 Uberaba deixou de ser um centro urbano relevante. O processo de modernização foi interrompido e a cidade se fechou em torno dos valores decorrentes de uma vida voltada para as atividades rurais. O aumento do número de importações, o aprimoramento do plantel zebuino que se adaptou às condições climáticas da região, as exposições agropecuárias acumularam riquezas para muitos e reacenderam o surto de urbanização (FONSECA, 2014, p. 205).

A indústria zebuína (Figura 5) aumentou o progresso de Uberaba nas zonas rural e urbana, várias construções foram erguidas para demonstrar o poder econômico dos proprietários (DANTAS, 2017; FONSECA, 2014).

Figura 5 - Fazenda Cassu onde foi realizada a primeira exposição de Zebu, em 1906



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2018)

José Mendonça (2008, pp. 160-161) conta um pouco sobre a “epopeia do Zebu” em Uberaba:

Os uberabenses escreveram uma das páginas mais vigorosas e brilhantes da história econômica da nacionalidade, com a formação do opulento rebanho zebu que, hoje, constitui uma das mais sólidas e fecundas riquezas do Brasil. Demonstraram, nesse árduo trabalho, o seu idealismo, a sua capacidade de

esforços e de sacrifício, sua audácia, sua tenacidade, seu heroísmo. Foram duramente combatidos e até ridicularizados; mas, lutaram com denodo e firmeza, e venceram, magnificamente [...] Foi o Barão do Paraná, de Porto Novo do Cunha, Estado do Rio de Janeiro, quem introduziu o zebu no Brasil. Ele tinha visto um casal de bois indianos numa Exposição realizada em Londres, e calculou, muito acertadamente, que esse gado poderia dar um novo vigor à pecuária brasileira. Depois, seu conterrâneo Francisco Machado Marcondes, por intermédio da Casa Agbeke, de Hamburgo, importou diversos exemplares Manuel U, Lemgruber, também do Estado do Rio, fez apreciável importação. Em 1888, aproximadamente, João Cachucha, conhecido por “Fecha-Porteira”, de Monte Alegre, trouxe alguns zebus “3/4” do Estado do Rio para Uberaba, vendendo-os a Delfino Gomes e Belarmino Gomes. Na mesma época, Ernesto Pena importou alguns “mestiços” daquela Procedência. Em setembro de 1889, Manuel Rodrigues, da Fazenda “Buracão” (de Areias), trouxe, ainda do Estado do Rio, um touro puro sangue, que foi vendido a Eliezer Mendes dos Santos. Aos 20 de setembro de 1889, Joaquim Veloso de Resende veio do Estado do Rio com dois touros “puro sangue” e dois “mestiços”. Um desses “puro sangue”, o famoso “Lontra” (adquirido do Dr. Lontra e cria do Cel. Acácio Correia de Azevedo, grande fazendeiro no Estado do Rio), foi por ele vendido ao Cel. Antônio Borges de Araújo, pela importância de 4 (quatro) contos de reis. Pouco depois, o Cel. Antônio Borges de Araújo enfeitou, por ele, a importância de 42 (quarenta e dois) contos, [...] “Pouco antes da proclamação da República, um grupo de gente uberabense onde podiam ser vistos Zacarias Borges de Araújo, Ovidio Irineu de Miranda, Camilo Marques Ferreira, Carlos Batista Machado e Antônio Gonçalves da Costa, rumou para o Rio de Janeiro, para assistir ao desembarque de um lote de reprodutores indianos, dos quais, dizem, três ou quatro vieram para Uberaba. Essas importações eram feitas pela gente do Estado do Rio, e os nossos criadores foram, depois, várias vezes, buscar reprodutores em Cantagalo e Porto do Cunha. O surpreendente cruzamento com o nosso gado crioulo e com o caracu determinou o nascer da ideia extraordinária de importar diretamente o gado zebu, organizando-se, então, aquelas caravanas da brava gente uberabense. Que partia para a Índia com destemor, numa atitude que assombra, trazendo levas e levas do que havia de melhor nas raças indianas.” Desejamos prestar, aqui, uma justa e carinhosa homenagem de admiração e de estima ao nosso prezado e distinto amigo Cel. José Caetano Borges de Araújo, um dos uberabenses que, pelo trabalho e pela perseverança, mais concorreram para a vitória do zebu, no Brasil.

As elites uberabenses faziam suas compras nos grandes centros comerciais paulistas e cariocas, estabelecendo novas práticas de construção dos poderes político e econômico, ou seja, “a elite comercial reconstruiu seu poder hegemônico por meio de uma atividade agrária, o gado zebu”, (WAGNER, 2017, p. 41).

Para Lourenço (2007), com a introdução do zebu houve importante inovação técnica na pecuária, tanto que em 1892, foi fundado o *Instituto Zootécnico de Uberaba* destinado à formação de engenheiros agrônomos com especialização em zootecnia.

[...] o imaginário construído acerca do Zebu, desde a sua chegada ao Triângulo Mineiro, ainda no final do século XVIII, construiu de igual modo a imagem dos “coronéis do Zebu” e (re)construiu suas práticas, adequando-se ao cenário do consumo como instrumento de poder (WAGNER, 2017, p. 34).

Após Uberaba ter atingido seu ápice com a criação zebuína, a cidade voltou a enfrentar alguns obstáculos a partir da década de 1920, houve diminuição na urbanização, “o aumento da concentração de riquezas e o retraimento da imagem da cidade na região, [...]o processo de modernização, urbanização e civilização, iniciados no último quartel do século XIX, não fincou raízes na sociedade uberabense” (DANTAS, 2017, p. 218).

### 1.3 A CIDADE E A LUZ ELÉTRICA

Em 30 de dezembro de 1905, foi inaugurada oficialmente, a luz elétrica na cidade de Uberaba, pela Empresa de Força e Luz Ferreira, Caldeira e Cia. (BILHARINHO, 2007; CASANOVA, 2020; MENDONÇA 2008).

Porém, José Mendonça (2008) relata que havia iluminação na cidade, desde 1885:

Tínhamos a iluminação a querosene. A firma Ferreira, Caldeira e Cia, que se organizou na exploração dos serviços de força e luz, em Uberaba, foi durante muitos anos dirigida com eficiência pelo notável engenheiro uberabense Dr. Silvério José Bernardes, que a mantinha em condições de atender as necessidades da população (MENDONÇA, 2008, p. 135).

A inauguração da luz elétrica (Figura 6) foi realizada em uma solenidade, na estação de distribuição localizada atrás da Igreja Matriz, que contou com a participação de autoridades das Câmaras Municipais vizinhas. Segundo Bilharinho (2007), foram acionadas, ao mesmo tempo, as seis chaves de distribuição por: (1) João Quintino Teixeira Filho, representando o presidente de Minas Gerais; (2) Manuel Terra, o município; (3) Tomás Pimentel de Ulhôa, o povo; (4) Egídio de Assis Andrade, o judiciário; (5) Gomes e Castro, a empresa Guinle do Rio de Janeiro e (6) Antônio Borges Sampaio, a história e a tradição de Uberaba, “cabendo a este acionar a chave da corrente que instantaneamente ilumina a rua Municipal, sendo a solenidade e os demais atos [...] abrilhantados pelas bandas União Uberabense, Santa Cecília e do Grêmio, de Franca” (BILHARINHO, 2007, p. 195).

Relata Antônio Borges Sampaio (1907), a inauguração da luz elétrica.

*Foi esse um dia de festa esplendida. A ella concorreu grande numero de pessoas de todas as classes sociais do municipio e dos municipios vizinhos, o excellentissimo bispo diocesano Dom Eduardo Duarte Silva, com o seu clero secular e regular; o vigário geral do bispado e da parochia, monsenhor Ignacio Xavier da Silva; o juiz de direito da comarca, dr. Egydio de Assis Andrade, o promotor de justiça; o curador geral dos órfãos; o delegado de policia; o presidente da Camara municipal e agente executivo com seus camaristas e funcionarios municipaes, as demais autoridades, empregados públicos e os do fôro. Era avultadíssima a reunião na estação distribuidora da respectiva energia, construida para esse fim em terreno espaçoso traz da Egreja Matriz centro da cidade. Diversas Camaras Municipaes vizinhas ahi se achavam representadas, por comissões ou delegados especiaes. Após a benção religiosa, dada ao edificio da estação e aparelhos pelo excellentissimo bispo [...]. Coube-me a lisongeira distincção de fechar a chave da corrente que lluminou instantaneamente a rua Municipal. [...] Desde essa noite o maravilhoso fluido ilumina as ruas da cidade com trinta e sete lampadas de arco voltaico de mil velas cada uma e duzentas e dezessete incandescentes da*

*força de quarenta velas; mais cinco no Jardim Publico* (SAMPAIO, 1907, pp. 306-307).

Figura 6 - Inauguração da iluminação pública em Uberaba, 1905



Fonte: Arquivo Público de Uberaba (2018)

A notícia da Iluminação elétrica de Uberaba foi publicada na edição nº 676, de 31/12/1905, do jornal *Lavoura e Commercio*:

#### ***A Instalação Electrica de Uberaba***

*Hoje uma cidade só se alcança de progressista quando possui uma instalação Electrica para força e luz, é por isso vemos surgirem em quasi todas as cidades do Brazil instalações deste genero. Uberaba com a fama adquirida por innumerous sacrificios não podia ficar impassivel ao desenvolvimento de suas irmãs; seguindo-lhes o exemplo apresenta nos hoje, posto que tardiamente, o almejado melhoramento. Por esse magno acontecimento é que a cidade nestes dias se veste de gala e risonha recebe seus visinhos; verdadeiras romarias percorrem nossas ruas; entusiasmo geral inunda os animos e mil planos para um futuro proximo germinam nos cerebros progressistas [...] pequenas industrias fomentarão o commercio e darão vida á cidade. Não será, pois, sem oportunidade dar uma ligeira ideia sobre esse grande factor do progresso – a nossa instalação electirca. Por defficiencia da força motriz nas adjacencias da cidade, foi necessario procural-a a 28 kilometros; é ahi que a nossa instalação apresenta a sua parte monumental, vencendo obstáculos; a engenharia moderna tem nessas construcções um trophéo glorioso: o engenho humano opondo obstaaculo á impetuosidade das aguas [...] a usina toda construida de pedra é de solidez a toda prova [...] a comunicação com a cidade é feita por um rede telegraphica systema Kellogo [...] pelos ligeiros traços que acabamos de dar, vê-se não só a importancia da instalação, como tambem os obstáculos naturaes que tiveram de ser superados. Queiram os distinctos*

*engenheiros drs. Silva Ferreira e Silverio Bernardes receber as nossas felicitações. Á Empresa de Luz e Força que tão heroicamente soube desprezar os preconceitos que prezam sobre Uberaba, nossos parabens e um brado da animação.*

## 1.4 A CIDADE E O ENSINO

Após a Proclamação da República em 1889, instaurou-se uma nova estrutura administrativa que reclamava para si a concepção de uma Constituição capaz de representar os novos ideais políticos, sendo que uma das tarefas seria organizar a instrução popular (GONÇALVES NETO, 2012).

O desenvolvimento urbano, as novidades técnicas e científicas e movimentos sociais, como exemplos citados por Veiga (2014), abriram o século XX, ressaltando a necessidade de reformas no ensino e combate ao analfabetismo.

Ressalta-se que a opção pelo federalismo na organização da república deu continuidade às políticas educacionais de caráter regional, como nos tempos imperiais, mas não tardou muito para que diferentes setores da sociedade passassem a clamar por uma política de educação nacional, como é o caso do acontecimento do II Congresso Brasileiro de Instrução Primária e Secundária ocorrido em Belo Horizonte no ano de 1912 (VEIGA, 2011). Ao que tudo indica, a continuidade da regionalização dos debates e das reformas educacionais proporcionou maior visibilidade à ausência de um projeto nacional de educação coerente com os ideais de formação de nação e do cidadão brasileiro. Ou seja, na verdade a regionalização das reformas da escola primária e escolas normais projetou o debate sobre a precariedade da escola brasileira. Já na década de 1910, grande parte da intelectualidade da época era unânime em confirmar a situação caótica da escola brasileira, apesar das reformas ícones deste período como a fundação dos grupos escolares e as escolas normais modelo que se difundiram por todo Brasil por meio das reformas estaduais (VEIGA, 2012 pp. 212-213).

Relatórios do governo mineiro no entre 1889-1906, (VEIGA, 2012), apontam a necessidade de uma reforma educacional em Minas Gerais, o que levaria a um novo entendimento sobre a administração, modernização do espaço e racionalização dos procedimentos de ensino.

Uberaba, no século XIX, era uma das principais cidades do interior e, na área educacional, segundo Guimarães e Gatti Júnior (2018), na primeira década do século XX possuía dezessete estabelecimentos educacionais, divididos

- i. 8 (oito) escolas públicas: 4 (quatro) municipais e (4) estaduais;
- ii. 11 (onze) particulares: 4 (quatro) confessionais e 7 (sete) da iniciativa privada;
- iii. 7 (sete) escolas rurais (instaladas nas localidades onde existiam demandas, como nas sedes de fazenda ou em núcleos populacionais).

Uberaba era referência na formação de elites locais, com a existência de colégios como o *Colégio Nossa Senhora da Dores* e o *Marista Diocesano* e, além dessas iniciativas particulares, havia escolas públicas, mantidas e dirigidas pelo Estado ou pelo Município.

A primeira professora primária de Uberaba foi Dona Eufrásia Gonçalves Pimenta que, por volta de 1815, fundou, em território desse município, a primeira escola de instrução primária particular, ensinando ler, bordar, fazer crivo, rendas e teçumes a muitas moças do primitivo Arraial de Santo Antônio e São Sebastião da Farinha Podre. Depois da criação da Freguesia, em 1820, os padres devem ter começado a cuidar da alfabetização das crianças, conforme as leis da época [...] Por iniciativa do Estado de Minas Gerais, em Uberaba existiram duas escolas que marcaram pelo pioneirismo, pelo nível de ensino oferecido, mas também pela efemeridade. Foram elas: O Instituto Zootécnico (1894-1898) e a Escola Normal de Uberaba (1882-1905) (GUIMARÃES, 2007, pp. 72-73).

O *Instituto Zootécnico* foi a primeira instituição de ensino superior destinada à formação de engenheiros zootécnicos, sendo criado a partir da Lei nº 41, de 3 de agosto de 1892, enquanto a *Escola Normal* foi criada pela Lei Mineira nº. 2.783, de 22 de setembro de 1891 e, tinha como objetivo preparar mulheres e homens para o magistério; ambas preparavam mão de obra qualificada para o mercado de trabalho (GUIMARÃES, 2007).

Em 1916, o município foi contemplado com a instalação do *Aprendizado Agrícola Borges Sampaio*, uma instituição destinada ao preparo de trabalhadores para a zona rural, que segundo os autores Ribeiro, Souza e Araújo (2017), foi criada em conformidade com os ideais republicanos.

No final dos anos 20, a *Escola de Farmácia e Odontologia*, em 1926, foi fundada na época que o governo de Minas Gerais formulou leis regulamentando profissões de farmacêuticos e cirurgiões dentistas (CASANOVA, 2020).

## 1.5 A CIDADE E A IMPRENSA

Dois marcos fundadores marcaram a imprensa brasileira: o lançamento, do *Correio Braziliense*, em Londres, no dia 1º de junho de 1808, e a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro* e, “apesar dos percalços e limitações a imprensa brasileira conquistou espaço em sua trajetória histórica e tem um número apreciável de jornais que revelam notável capacidade de inovação técnica e editorial” (PONTES, JORNAL *CORREIO CATHÓLICO*, nº 360, 21/03/1931).

A imprensa uberabense surgiu em 1874, com a impressão *O Paranahyba*, de propriedade do médico francês Henriques Raimundo Des Genettes<sup>10</sup>, que tinha quase 200 (duzentas) páginas, tendo como foco os interesses comerciais, industriais e fabris de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Era publicado uma vez por semana. Sua oficina e redação eram localizadas no prédio nº 13 da rua Direita, atualmente, a rua coronel Manoel Borges. Tinha 4 (quatro) páginas e 3 (três colunas), no formato 37 x 25 (PONTES, 1931)

Hidelbrando Pontes (1931) narra que o dr. Des Genettes nomeou o jornal com *O Paranahyba* para demonstrar sua simpatia em relação a seu amigo *José Paranahyba*, que se tornaria marido de uma parente próxima ao dr. Des Genettes, mas Cherubito Santos, acreditava que o nome havia sido dado em virtude de ser *O Paranahyba*, o rio que divide os Estados de Minas Gerais e Goiás.

*Gazeta de Uberaba*, concorrente do jornal *Lavoura e Commercio*, iniciou sua publicação em agosto de 1875, dirigido pelo diretor e redator Alexandre de Paiva Teixeira, tinha o formato de 33 x 25. O jornal foi fundado para a defesa dos interesses de Uberaba e das regiões circunvizinhas. A partir de 1903, *A Gazeta* tornou-se diária, com formato de 40 x 28, 4 (quatro) páginas e 5 (cinco) colunas. Foi o primeiro jornal diário que Uberaba teve, a partir de 1907, eram impressas em suas oficinas nas ruas Tristão de

---

<sup>10</sup> Natural da França, Henrique Raimundo Des Genettes formou-se em medicina, ciências e letras. Veio para o Brasil antes de 1840, residindo sucessivamente no Rio de Janeiro, Ouro Preto e Oliveira, onde, nesta última, apoiou e participou da Revolução Liberal Mineira, razão pela qual esteve preso por algum tempo. Libertado, transferiu-se para Araxá, e em seguida, em 1850, para Bagagem, atual Estrela do Sul, na exploração de diamantes. Depois de certo tempo, considerando que essa atividade não teria êxito, dirigiu-se para Goiás, em investigação científica, voltando a Bagagem, de onde mudou-se para Uberaba. Participou ativamente da vida e da cidade em praticamente todos os setores, impulsionando, com ele, de forma intensa e decisiva, sua movimentação econômica, social e cultural, num dinamismo e irrequietude permanentes, não só tomando iniciativas pioneiras como apoiando e incentivando empreendimento alheios, a exemplo da colaboração que prestou a Frei Eugênio na construção do prédio da Santa Casa de Misericórdia. No decorrer de sua vida e paralelamente às inúmeras atividades que empreendeu, Des Genettes escreveu várias obras literárias e científicas (ACADEMIA DE LETRAS DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2011).

Castro e nº 2, 1200 exemplares, de 4 a 6 páginas. (PONTES, jornal *CORREIO CATHOLICO*, ed. 364, 25/04/1931).

A política foi uma das causas, segundo Hidelbrando Pontes (1931), que mais contribuiu para o surgimento da imprensa uberabense.

*Das folhas que Uberaba tem publicado 90% são de pequeno formato e existencia curta, attingindo, no máximo, um ano. tais folhas eram sempre tiradas por typographos que as imprimiam nas próprias officinas onde trabalhavam na composição dos grandes periódicos. tirava se em jornal Mignon durante um, dois ou tres mezes e no fim deste tempo, mudava-se-lhe o nome. Muitos typographos, quando se viam em crise financeira, lançavam mão deste recurso. cobrando o primeiro trimestre, com este findava-se a existência de mais uma folha. Alguns jornaes trimestraes aqui se editaram com o fim de se comemorar um facto auspicioso qualquer, limitando-se sua tiragem, como é natural, a uma única edição. Outros, com diferentes, não foram além da segunda, terceira, por não haver acceitação pelo público, que mal, o devolvia à redacção, quando a distribuição apenas se fazia no perimetro urbano da cidade. Comprehende-se que isto só poderia ter se dado, em principio, quando a nossa população pouco affeta a leitura, achava esta causa desnecessária. Hoje, graças ao beneficio influxo da civilização, cuja maior parte se deve a imprensa, leitura de jornaes é tão necessária ao espirito como o alimento que dá vida e força ao organismo. Um facto parece não ter importância se dele não se ocupa a imprensa em Uberaba se ha editado jornaes para toda sorte de propaganda e dentre elles alguns de distribuição gratuita como reclame de casas commerciaes, empresas, associações, commemmoração de factos etc. O aumento da população da cidade forçou a introdução de diversos melhoramentos da imprensa local. assim é que se multiplicam as aquisições de exellentes "marioni" etc., para copiosas tiragens de folhas de grande formato, duas, tres e mais vezes por semana de 1903 a 1914 e 1924 a 1932 diarios dos quaes em ha pouco cessou de circular. em todos esses órgãos de grande circulação, encontram-se seções especiais em que se trata com summo interesse, de todos os ramos da actividade humana, além de magnifico serviço telegráfico. Anexos às respectivas officinas - uma dellas dotadas dos mais modernos e custosos linotypos - executam-se rapidamente toda a sorte de trabalhos gráficos que nada deixam a desejar os melhores das grandes cidades do paiz. como isso avolumou-se a briososa classe typographica quem outro tempo já teve uma "Associação de Beneficienncia Mutua", cujos serviços prestados não foram de pequeno valor. Infelizmente, a vida curta de quasi todas as boas instituições creadas entre nós, não permitiu que essa "Associação" existe se por mais de dois anos (PONTES, JORNAL *CORREIO CATHOLICO* nº 360, 21/03/1931).*

O *Lavoura e Commercio* foi o 70º jornal a ser fundado em Uberaba, e surgiu, em 1899, quando produtores rurais inconformados com o aumento do imposto territorial, "cobrável na razão de 3% sobre o valor das terras" (MENDONÇA, 2008), lançou um manifesto, criando uma associação, o *Club Lavoura e Commercio*<sup>11</sup> para discutir os

<sup>11</sup> Não é nossa intenção aprofundar os estudos sobre o *Club da Lavoura e Commercio*. Sobre o assunto consultar: OLIVEIRA, Ranielle Duarte. "**Pennadas furtivas**": política, humor e crítica na imprensa de Uberaba/MG (1899-1903). 2021. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação

interesses lavoura, e combater a cobrança do imposto (CASANOVA, 2020; MENDONÇA, 2008).

Após diversas e agitadas reuniões, na Estação da Palestina, em 23 de janeiro de 1899, e, nesta cidade, no dia 14 de fevereiro seguinte, os adversários de Silviano Brandão organizaram o "Clube", que teve a seguinte Diretoria e Conselho Consultivo: Diretoria: Presidente: Dr. Gabriel Orlando Teixeira Junqueira; Vice-Presidente: Tenente-Coronel Geraldino Rodrigues da Cunha; 1º Secretário: Dr. Antônio Garcia Adjuto; 2º Secretário: Tenente-Coronel Francisco Gomes de Meireles; Tesoureiro: Major Manuel Alves Caldeira. Conselho Consultivo: Major Domingos da Silva Prata, Tenente-Coronel Manuel Borges de Araújo, Major José Pereira dos Santos, Capitão Belarmino Gomes da Silva, Major Frederico Florestano Tiberi, Capitão Otaviano Martins Borges, Major Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswick, Capitão Joaquim Carlos de Oliveira Teixeira, Tenente-Coronel Manuel Andrade, Major Lindolfo Mendes dos Santos, Capitão Ovidio Irineu de Miranda Júnior, Capitão Joaquim Soares de Azevedo. O "Clube", pelos seus estatutos, propunha-se fundar um jornal, nesta cidade, para defesa e propagação de suas ideias. Realizou esse objetivo, prestando a Uberaba um magnífico, um extraordinário serviço. (MENDONÇA, 2008, p. 87).

Com isso, no dia 6 de julho de 1899, foi fundado o jornal *Lavoura e Commercio*<sup>12</sup> (Figura 6), vespertino de grande formato, dirigido pelo Dr. Antônio Garcia Adjuto, para defesa da *Lavoura e Comércio*, para a defesa do *Partido da Lavoura e Commercio*. Por meio de suas colunas, foram travadas intensas e prolongadas lutas contra o jornal *A Gazeta de Uberaba*, redigida pelo dr. Militino Pinto de Carvalho (PONTES, 1931).

*Finda a campanha, assumia a redacção da folha o jovem Francisco Jardim, tornando se dahi em diante, até fins de 1909, "orgam imparcial de interesses geraes", porque, rompendo com seu indifferentismo à politica, poz-se ao lado do "hermismo", aqui sustentado pelo P.R.M., sob chefia do Coronel Manoel Borges de Araújo. Em 1910, retirando-se Francisco Jardim, assumia a direcção e redacção da folha o Sr. Quintiliano Jardim Junior, que até esta data, continua como seu director. Nesse lapso de tempo. O Lavoura e Commercio, ou melhor, o Lavoura, como órgão politico, defendeu, até finas de 1915, o P.R.M Democrata, chefiado pelo coronel João Quintino Teixeira, e daquela data em diante o Partido da Concentração Municipal de Uberaba, dirigido pelo Sr. Coronel Manoel Borges de Araújo. Em 1920, os dois partidos*

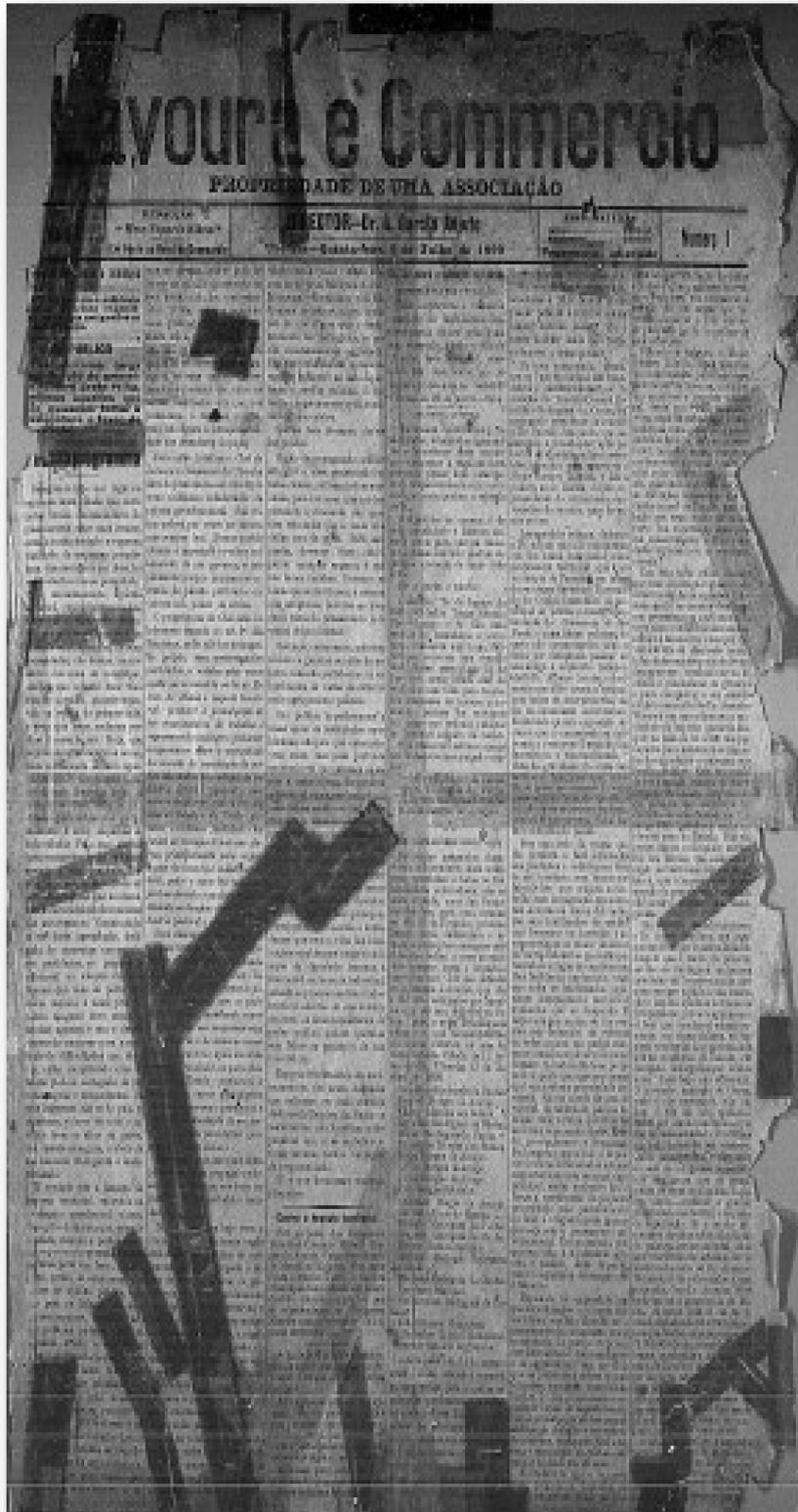
---

em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34283>. Acesso em: 15 fev. 2022.

<sup>12</sup> A coleção do jornal *Lavoura e Commercio*, composta por 227 volumes (27.550 edições) e 900 mil fotos, foi arrematada em lance único no valor de R\$ 180 mil, em novembro de 2013, pela Prefeitura Municipal de Uberaba. As edições estão disponíveis no Arquivo Público de Uberaba, e digitalizadas no site da Codiub (<http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio>). No site da Codiub é possível encontrar as edições publicadas de 6 de julho de 1899 até 19 de julho de 1943. O *Lavoura e Commercio*, devido a fatores econômicos, teve a última edição impressa em 23 de outubro de 2003), após 104 anos de história. O prédio do *Lavoura e Commercio* ficava localizado na Rua Vigário Silva, 45. (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA, 2013; CODIUB, 2022). As pesquisas, também podem ser feitas na Hemeroteca Digital do Arquivo Público Mineiro ([http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/memorial\\_imprensa/index.php](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/memorial_imprensa/index.php)).

*confundindo-se um com outro, tomaram o nome de P.R. Mineiro. Mas sem demora, dando-se a separação, de novo, se constituíram um P.R.M. Democrata e P.R. Mineiro a cujo lado ficou o Lavoura até Agosto de 1929, quando se formou o grande partido Aliança Liberal que deu aso brasileiros a Republica Nova. O Lavoura, nessa campanha memoravel, foi um braço forte que valeu por uma legião de combatentes. Publicou-se dominicalmente até 1927, passando dahi a bi-semanario e logo depois a tri hebdomanario até 9 de Janeiro de 1916, quando, de novo, voltou a sair aos domingos e quintas feiras. A 6 de Julho de 1926, com o formato reduzido para 41 x 31 c., pois antes era de 51 x 33 c., na composição, tornou-se um diário matutino. Mas noventa dias depois voltou a bi-semanario com o mesmo, até 6 de julho do anno seguinte, passando de então até hoje, ao primitivo, isto é, 51 x 33c. No dia 6 de julho de 1929 tornou-se folha diaria vespertina, distribuindo-se, na cidade, às treze horas, excepto aos domingos. Publica edições de 4 a 60 paginas com illustrações de photo-inzcogravuras. Mantem um magnifico serviço telegraphico de diversas cidades do paiz. As suas grandes officinas dotadas de tudo o que ha de mais moderno em arte typographica [...], funciona à rua Vigario Silva, 7. [...] (PONTES, JORNAL CORREIO CATHOLICO, ed. 376, 18/07/1931).*

Figura 7 - Capa da 1ª edição do jornal *Lavoura e Commercio*



Fonte: Codiub (2022)

O jornal publicou em sua primeira edição, além do estatuto, o *Programa do Club da Lavoura e Commercio*:

*Occupando hoje um logar na imprensa desta cidade que, entre tantos titulos denunciadores de preeminencia entre suas irmans, conta a multiplicidade e vigorosa vitalidade de emprezas jornalisticas, viemos colmiar um claro, ha muito aberto e nunca preenchido eminentemente agricola pastoril, cuja importancia desnecessario é esclarecer alimentada por poderoso commercio, os echos de suas aspirações, de suas necessidades não devem morrer dentre as raias do municipio, cumpre que echoem fóra. Em tempos normaes quando sopravam os ventos da prosperidade, é visto que esses reclames perdiam a razão de ser [...]. Foi o que, em boa hora, comprehenderam as classes agricola e comercial de Uberaba com aquelle alevantado espirito de progresso que as anima com a clara intuição do momento que atravessamos. Constituindo-se em forte agremiação, desligada de quaesquer compromissos partidários, se propôs a elaborar na solução dos problemas que mais perto dizem respeito [...]. Os interesses são os do paiz, e, repetimos, é dever de todo cidadão levar ao altar da patria, nos dias de amargura, o obolo de seu concurso intelligente e desinteressado [...]. Com estes intuitos o Club da Lavoura e Commercio de Uberaba deve de preferencia ser acolhido como utilissimo colaborar da politica governamental. Sua critica poderá por vezes ser severa, mas sempre leal (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 01, 06/07/1899).*

Casanova (2020) ajuda a contar um pouco mais sobre a história do *Lavoura e Commercio*:

Os jornalistas sempre foram vítimas dos abusos de políticos e poderosos. E algumas vezes o palco para as agressões eram as próprias redações e escritórios dos jornais. O jornal *Lavoura e Commercio* testemunhou estas perseguições. Entre elas, uma campanha realizada em dezembro de 1912 fez com que o então delegado de polícia, Sertório Leão, acusado pelo jornal de não combater a jogatina na cidade tentasse matar o jornalista Quintiliano Jardim. Acompanhado pelo seu colega de profissão, João Camelo, Quintiliano foi atacado pelas costas pelo delegado que só não atirou devido ao fato de o revólver ter travado. O jornalista João Camelo, que era também auditor de guerra de batalhão de polícia da cidade, imediatamente, deu voz de prisão ao delegado. Em 20 de maio de 1922, o médico e agente executivo de Uberaba João Henrique Sampaio Vieira da Silva, adentrou nas de pendências do Jornal *Lavoura e Comércio* e lá pediu para falar com o colunista Moises Santana. A conversa aconteceu na sala do então diretor de redação, Quintiliano Jardim. Em dado momento do dia logo, João Henrique perguntou ao colunista se ele era responsável por algumas notas de coluna que faziam menção a ele. Ao confirmar, João Henrique sacou do revólver que portava na cintura, fato comum na época, disparou vários tiros contra o colunista, que foi socorrido e morreu no dia seguinte. Mas o assassino foi absolvido pelo Tribunal do Júri. Depois de Quintiliano Jardim, o jornal passou a direção para seus filhos George de Chiree, Raul e Murilo Jardim. Em 2003 esse centenário jornal encerrou definitivamente as suas atividades. Em 27 de outubro de 2003, a última notícia: "Após 104 anos de veiculação ininterrupta, o *Lavoura e Comércio* paralisa suas atividades por questões econômicas e financeiras" (CASANOVA, 2020, p. 676).

Diversos aspectos relacionados às transformações socioeconômicas, políticas e culturais encontram na imprensa uma caixa de ressonância. Os discursos dos republicanos voltados para o progresso, a modernidade, a civilidade, a higiene, a educação, ao feminino, dentre outros, estavam sob à mira da imprensa e, o jornal *Lavoura e Commercio* não era indiferente a várias dessas questões, um veículo sempre atento aos interesses e às atividades de Uberaba, dito isso, é importante destacar alguns fatos relacionados ao periódico, conforme (Apêndice I).

O *Lavoura e Comércio* não ficava limitado apenas à publicação de assuntos do município, na verdade, abria espaço para reprodução na íntegra de textos publicados em jornais com *Correio Paulistano*, *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), *Estado de São Paulo*, dentre outros.

Eram abordados acontecimentos locais, estaduais, federais e mundiais e, essa preocupação em trazer notícias de outras localidades significava o esforço de uma imprensa uberabense que queria ser vista como moderna. “Ainda que precária e com atraso de recursos técnicos procurava se assemelhar aos moldes das folhas das capitais. Seu esforço era o de contemplar a informação de modo global” (OLIVEIRA, 2021, p. 143).

No centenário<sup>13</sup> de Uberaba, por exemplo, o veículo destinou três edições (1198, 1199 e 1200) para comemorar o aniversário da cidade.

#### ***Centenario de Uberaba***

*Há muito entusiasmo por parte da população a principalmente da Mocidade estudiosa pelos festejos com que ficará assignada a passagem do primeiro Centenario de Uberaba. Para a realisação dessas festas, embora singelas como serão, foi aberta uma subscrição popular, a qual vai sendo coberta por todos que amam este torrão onde vivem e prosperam (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1198, 09/02/1911).*

*Ao estrugir forte de baterias de bombões e aos sons festivos e vibrantes de hymnos E dobrados patrióticos acorda hoje a cidade para festejar seu primeiro Centenario [...]. O facto te Uberaba contar um Centenario poderá parecer há muitos espíritos uma cousa divulgar registro, dispensando, portanto, essas festividades Com que a população patenteia o seu jubilo pela ephemeridade, mas, para aquelles que observam e analysam, o transcorrer de tão vasto periodo de tempo, esses 100 annos de vida da cidade, numa ascensão cada vez maior para as diversas modalidades de Progresso, é um acontecimento de absoluta importancia. e como um avançado lance na escalada de nossa vida de sociedade, onde hoje nos detemos ligeiramente analysar o que temos feito nas diversas manifestações da nossa actividade, quer agrária, commercial ou industrial, e o quanto temos ganho em*

---

<sup>13</sup> Levando em consideração a origem da cidade como Arraial de Santo Antônio e São Sebastião, por volta de 1812.

*adiantamento moral e intellectual, para finalmente, o balanço da nossa vida economica e social. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1199, 13/02/1911). Como prevíamos, foram singelas, mas muito symphaticas e expressivas as festividades com que o povo desta cidade commemorou o seu primeiro Centenário. Às primeiras horas da madrugada do grande dia a população despertou ao ribombar ensurdecador das baterias de bombões [...]. Quando a foguetaria foi cessando, o povo já estava quasi todo nas ruas assistindo á passagem das filarmónicas fazendo alvorada [...]. Quando o sr. major Antonio Cesário da Silva Oliveira, acompanhado dos srs. drs. João Camelo, Tancredo Martins e de outros ilustres sócios do club, assomou ao palco para abrir a sessão, uma estrondosa salva de Palmas se fez ouvir da seleta e numerosa assistência em todo São Luís. Na platéa vimos Uberaba representada em todas as suas classes e nos camarotes notamos distinctissimas familia de nossa sociedade (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1200, 16/02/1911).*

Nas folhas do jornal *Lavoura e Commercio*, lia-se sobre os problemas e as melhorias na cidade, como nas edições abaixo:

***Embelezando a cidade***

***A reforma do edificio dos Correios – um trabalho artistico e excellent***

*A nossa cidade vae aos poucos limpando a sua feia e carrancuda phisionomia. Não ha como elogiar a obra da actual administração que se desempenha ferrenhamente no embelezamento da nossa urbe, criando leis que obrigam os proprietários de predios situados em ruas calçadas e beneficiadas a melhora-los. Reconstruindo-os ou reformando-os desde que estejam nas condições exigidas pelo Codigo de posturas [...]. Dessas medidas surgiu a reforma de muitos predios e a construcção de outros. A reforma do edificio dos Correios está no primeiro plano. O velho casarão apresenta hoje um aspecto imponente e agradabilissimo, vestido de uma architectura puramente colonial. a planta é do sr. dr. George Chirée, e da sua execução encarregou-se o sr. José Dorsa, constructor e architecto uberabense, que vem firmando a sua reputação de competente a cada obra que executa. o seu trabalho na reforma de nossa repartição postal é de um artista consciente evoluido. Damos-lhe os nossos parabéns (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4043, 15/01/1928).*

Na edição nº 4057, de 04/03/1922, página 1, percebemos a inquietação sobre a modernidade:

***Estamos no seculo do automovel***

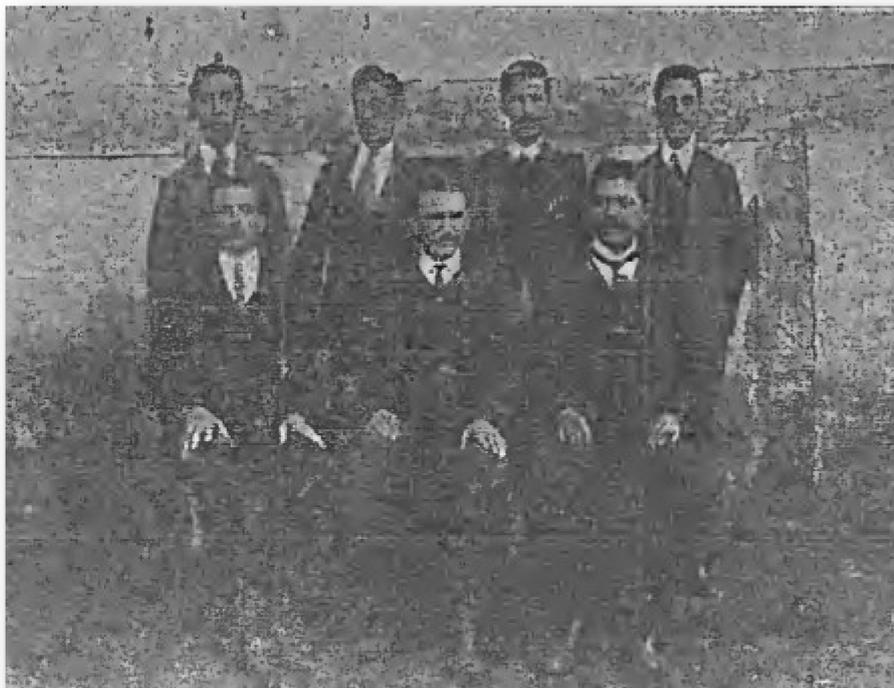
***Já é tempo de tirar o carro de bois das ruas da cidade***

*É extranhavel que nossa camara municipal, tão empenhada em modificar o aspecto da cidade, infundindo-lhe modernismo e ares civilizados, não cogitasse ainda de prohibir o transito de carros de bois pelas ruas centraes, calçadas e cheias de movimento. neste século da victoria absoluta do automovel, é um feio espectáculo, de um anachronismo berrante, ver-se um pesado o carro, puxado por philosophicas e pachorrentas juntas de bois, chiando sob uma pyramide de lenha, a atravessar as nossas elegantes vias publicas [...]. Actualmente, as cidades, mais ou menos cultas, já não toleram o carro de bois nas suas ruas. Elle, quando muito, pode incursionar na zona suburbana. é assim em Franca, Ribeirão Preto, Campinas etc. [...]. não seria o tempo da nossa cidade legislar sobre o assumpto? Si ou fizesse, teria aplausos geraes.*

Como todo e qualquer veículo de imprensa, o *Lavoura* não poderia deixar de expressar sua opinião sobre o próprio ofício “imprensa”:

Na edição nº 1345, de 06/07/1912, décimo terceiro aniversário do *Lavoura*, o periódico faz uma homenagem a seu corpo técnico (Figura 8).

Figura 8 - *Corpo tecnico das officinas do Lavoura*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*

*Esta luzida rapaziada, é que fez, materialmente o Lavoura. É o pessoal que dá aos escritos dos nossos presados colaboradores a tremenda a fôrma de artigos, chronicas, versos etc. O Lavoura Andaria muito mal se não estampasse hoje seus retratos, por que isto é a mais justa homenagem que ella presta a aquelles sem os quaes não poderia ver a luz.*

No rodapé da página 2, da edição nº 1449, de 06/07/1913 – aniversário do *Lavoura e Commercio* –, uma crônica escrita por Elisário de Vasconcellos, intitulada *Uberaba D’Outrora, Imprensa D’Outrora*, descreve as suas amarguras e alegrias:

*Em se tratando de imprensa, devo ocupar-me de minha pessoa. Quer queiram quer não, a historia do jornalismo uberabense não deixará de constatar minha presença, já no Volítico, já na Gazeta de Uberaba, Marcha, Tribuna do Povo, Tempo e agora Lavoura e Commercio... Isso aqui em Uberaba, que não se pondo em linha de conta o Sétimo Districto, de Ribeirão Preto, e a Cidade de*

*São Simão e o Município de São Simão, os dois últimos por mim fundados. Ora, nestes folhetins, como o proprio titulo deixa ver, pretendo passar em revista a imprensa de Uberaba, desde o Echo do Sertão até o Lavoura, o ultimo dos abencerragens que vem sobrevivendo num meio ingrato ás letras, onde o senhor de um guzerat tem mais importancia do que qualquer primitivo que saiba manejar a doce e saborosa língua de Camões... Um sujeito, cujo ferino sarcasmo muito tempo - chegou a criar esta formula com a qual concordo em gênero, numero e caso: em Uberaba quem não for socio da luz electrica ou não tiver um Zebú, o melhor que tem a fazer é levantar a trouxa... [...]. Agora os senhores vejam em que precarias condições me acho: sem ter, siquer, o mais leve parentesco nem com a luz nem com o zebú, me vejo obrigado a levar uma vida obscura e a soffrer no meu amor próprio, a todo momento, arranhões e socos medonhos. Mas, deixem estar: muitos dias não se passaram sem que eu possua um zebuzinho ou uma acçãozinha da luz electrica. Nesse dia vingarme-ei dessa gente que me maltrata. Prometti falar da imprensa de outrora e só falei de minha pessoa. noutros folhetins della me occuparei, por cuja occasião procurarei reviver muitos factos, muitas anedotas e, muitas individualidades que, desde o Echo do Sertão, tiveram por theatro esta boa terra, onde tenho vivido, soffrido, amado, e cujas explanadas adoro por serem as mais bellas do mundo, e cujo pôr de sol, nesta suaves tardes, arrebata a alma, mesmo dos possuidores de zebús e das acções da luz electrica... Morrerei contente, querida terra, si ainda mendigo, deram o ultimo suspiro sentindo a hypnose do teu crepusculo sem par.*

Em outra edição, a nº 2746, de 28/09/1924, traz o seguinte artigo *Meio seculo de imprensa, meio seculo de civilização,*

*Uberaba comemora o seu meio seculo de imprensa. Todo esse tempo Uberaba ouviu passar nem sempre sorrindo. pelo contrário, crises agudas fizeram estremecer esta terra, dando aos seus filhos um severo ar de tristeza. nas horas felizes, quando o municipio se julgava com azas fortes para o vôo Divino do ideal, Nessas Horas os maus dias eram apenas um sonho mau, um pesadelo desfeito [...] Ora não é fora de verdade afirmar que a imprensa, unicamente à imprensa, mãe de todo o progresso, luctando sempre, sempre rasgando as ideias com unhas, na defesa da justiça e do direito - a imprensa nunca pôde ter qualquer momento de prazer. o que é dado ao mais humilde, um dia sorrir um pouco é negado a ella. E é ella - A ironia da profissão jornalística - é ella quem prepara a primavera social quem tece os triumphos cívicos quem norteia o povo para as lutas fecundas, **quem ensina, quem educa (grifo nosso)**, quem purifica [...] Assim, a imprensa tem nesse ideal a sua cruz de martirio, que é tambem a sua Cruz de grandeza e de immortalidade. Dirão que, sendo a vida de imprensa, tão difficil e dura, os jornalistas deviam ser raros, rarissimos, o que não acontece. é o que se dá com a vida da imprensa uma fascinação mysteriosa. o jornalismo tem uma seducção profunda. Há aquelle proverbio que diz que ella leva todas as profissões, mas o difficil é saber dela [...]. é assim que Uberaba passou esses cincoenta annos de vida. assim esses annos passariam em toda a parte. por que a imprensa - de que somos sacerdotes - é uma só na terra. Ella é esse poder miraculoso que descrevemos, e, logo, é o coração humano nas suas palpitações instinctivas. Essa data não é uma data somente nossa é uma data de civilização. Comemorando-a, Uberaba commemora o dia em que, há meio seculo, entrou de facto no santuário solemnissimo da civilização.*

A difusão de ideias e as representações sociais aconteciam nos jornais, levando-nos a refletir sobre a indissociabilidade entre os modos da vida urbana e a publicação nesses periódicos, desse modo, “o jornal é assim, um manancial vivo da realidade que o concebeu, além da atenção é capaz de suscitar no leitor articulação entre o tempo presente e o passado [...], ao sintonizar um cotidiano diverso e, por vezes, análogo (ANDRADE; HANRIOT, 1990, p. 138).

## 2 RETRATOS DE MULHERES NA PRIMEIRA REPÚBLICA

*“A mulher que tem sido ensinada apenas a agradar logo descobrirá que seus encantos são raios de sol oblíquos e que estes não podem ter muito efeito sobre o coração de seu marido quando são vistos todos os dias, quando o verão passou e está findo”.*  
Mary Wollstonecraft (1792).

Antes de começar a escrever esse capítulo, me perguntava “O que é ser mulher?” e, nesse momento, lembro-me da famosa frase de Simone de Beauvoir (2016) no primeiro volume de seu emblemático livro “O segundo sexo”: “[...] Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres [...]” (BEAUVOIR, 2016, p. 9), longe de abordar a filosofia – afinal, não tenho a devida formação –, posso refletir – a partir de leituras das autoras Michelle Perrot (2003; 2005; 2007 e 2008), Gerda Lenner (2019), Margareth Rago (1987; 1995), dentre outras –, que as mulheres não têm seu destino definido por meio do sexo biológico, mas sim, pelas escolhas conscientes que são tomadas, que são social e culturalmente produzidas.

Nascemos, rigorosamente, macho ou fêmea e, tornamo-nos homem ou mulher por meio da educação que recebemos e pela sociedade, que atribui distintos papéis – que devem ser cumpridos –, a homens e mulheres, definindo os locais onde cada categoria de sexo pode atuar (SAFFIOTI, 1987; BEAUVOIR, 2016). Contudo, quais são os critérios que definem a oposição entre masculino e feminino? “A questão é essencial para um projeto intelectual definido como uma história social da diferença entre os sexos, portanto, como uma história de suas relações” (CHARTIER, 1995, p. 38).

Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala: os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem, e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta. Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito do que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam, na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem -se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo

é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem, elas mal duvidam (BEAUVOIR, 2016, p. 17).

À exceção de Emília Viotti da Costa (2010), em seu livro “Da Monarquia à República: momentos decisivos”, o capítulo “Patriarcalismo e patronagem: mitos sobre a mulher no século XIX”, que versa sobre como as narrativas históricas podem ser excludentes ou utilizadas como instrumentos de dominação, como “aquelas foram fundamentais para a exclusão das mulheres e a reprodução do sistema patriarcal e da patronagem, cujo legado ainda pesa sobre a sociedade brasileira” (COSTA, 2010, p. 493).

## 2.1 SILENCIADAS

“As mulheres nunca estiveram ausentes da História” (Tedeschi, 2012, p. 9), mesmo que tenham sido deixadas à parte pela historiografia tradicional de cunho positivista e factual, “a História constitui-se como tradição e cânone do qual as mulheres não participaram de modo visível pelos caminhos tradicionais do fazer histórico” (TEDESCHI, 2012, p. 11).

Contudo, a partir da Escola de *Annales* (*Annales d'histoire économique et sociale*<sup>14</sup>), fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch – foram propostas “novas categorias de estrutura e conjuntura, conceitos identificadores da longa e da média duração que passaram a operar como marcos explicativos para uma outra concepção dos marcos temporais na análise da história” (PESAVENTO, 2014, p. 13).

Em outras palavras, isso significa que a história deveria problematizar os fatos e, não apenas fazer narrativas; ampliar o número de fontes históricas, dialogar com outras disciplinas como a Antropologia e Sociologia, dentre outros. Contar a história das mulheres é sair do silêncio, tornando visíveis as múltiplas e diversas vivências do cotidiano. Mas qual o motivo desse silêncio? Michelle Perrot (1997, p. 16) responde:

---

<sup>14</sup> Logo depois do foral da Primeira Guerra Mundial, Febvre idealizou uma revista internacional dedicada à história econômica, que seria dirigida pelo grande historiador belga Henri Pirenne. O projeto encontrou grandes dificuldades, tendo sido abandonado. Em 1928, foi Bloch quem tomou a iniciativa de ressuscitar os planos de uma revista (uma revista francesa, agora), obtendo sucesso em seu projeto (Febvre (1945), pp.398 ss; Leuilliot (1973), p.317 ss, Fink (1989), ch.7). 16. Sobre os meios de combinar a nova história com biografia, ver Le Goff (1989). Novamente, foi solicitado que Pirenne dirigisse a revista; contudo, em virtude de sua recusa, Febvre e Bloch tornaram-se os editores. Originalmente chamada *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo por modelo os *Annales de Géographie de Vidal de la Blache*, a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história. O primeiro número surgiu em 15 de janeiro de 1929. Trazia uma mensagem dos editores, na qual explicavam que a revista havia sido planejada muito tempo antes, e lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de intercâmbio intelectual. O comitê editorial incluía não somente historiadores, antigos e modernos, mas também um geógrafo (Albert Demangeon), um sociólogo (Maurice Halbwachs), um economista (Charles Rist), um cientista político (André Siegfried, um antigo discípulo de Vidal de la Blache). Os historiadores econômicos predominaram nos primeiros números: Pirenne, que escreveu um artigo sobre a educação dos mercadores medievais; o historiador sueco Eli Heckscher, autor do famoso estudo sobre o mercantilismo; e o americano Earl Hamilton, muito conhecido por suas obras sobre as finanças americanas e sobre a revolução dos preços na Espanha. Nessa ocasião, a revista tinha a feição de um equivalente francês, ou de uma rival, da *Economic History Review* inglesa. Contudo, em 1930, declarava-se a intenção de a revista estabelecer-se “sobre o terreno mal amanhado da história social”. Preocupava-se também com o problema do método no campo das ciências sociais, tal como a *Revue de Synthèse Historique*. O realce atribuído à história econômica sugere que Bloch era o coeditor predominante nos primeiros anos. Mas seria temerário, sem se conhecer toda a sua correspondência, muito da qual ainda não publicada, tentar adivinhar quem foi mais importante na criação dos *Annales* depois de 1929, ou mesmo como dividiam as tarefas de dirigir a revista entre si (BURKE, 1991, pp. 26-27).

"Tudo é história". Por que as mulheres não pertenceriam à história? Tudo depende do sentido que se dê à palavra "história". A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso. Os ingleses distinguem *story* e *history*. As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais.

Por várias razões, no decorrer da história as mulheres ou foram invisibilizadas ou tiveram seus papéis tornados secundários. Quem já ouviu a história de Madalena Caramuru<sup>15</sup>, a primeira alfabetizadora no Brasil Colônia? Ou de figuras como Maria Quitéria de Medeiros<sup>16</sup> (Figura 9), a heroína da Pátria, que se travestiu de soldado para lutar pela Independência do Brasil?

---

<sup>15</sup> Madalena era uma das filhas do náufrago português Diogo Alvares Correia, mais conhecido como Caramuru, e da índia tupinambá Paraguaçu, que adotou o nome cristão de Catarina no Brasil. A família morava no povoado de Salvador, na Bahia. Em 1554, ela se casou com Afonso Rodrigues, nascido em Óbidos, Portugal, que foi quem a alfabetizou. De acordo com Varnhagen, um dos poucos historiadores que documentou a vida da moça – e que, portanto, nos garante que de fato ela existiu [...]. Depois de instruída, Madalena se manifestou em defesa do povo diante dos portugueses. Em 26 de março de 1561, ela escreveu uma carta para o padre Manuel da Nóbrega, chefe da primeira missão jesuítica enviada ao Brasil, em 1549. No documento, ela exigia o fim dos maus-tratos às crianças indígenas e o início da educação feminina, oferecendo ajuda financeira para que isso acontecesse. Ele acatou suas ideias, recorrendo à rainha de Portugal, d. Catarina, para conseguir autorização necessária para colocá-la em prática. Ele também alegou que a presença feminina nos cursos de catecismo era muito maior, de modo que elas poderiam aprender a ler e a escrever. A Corte portuguesa, no entanto, julgou a iniciativa perigosa, vetando o pedido. Com essa correspondência, que se perdeu no com o tempo, Madalena não se tornou apenas a primeira mulher a interpretar e usar o código linguístico na história do país, como também a primeira a usá-lo para lutar pela ampliação da educação (SOUZA; CARARO, 2018, p. 12).

<sup>16</sup> Nascida em 1792 (algumas fontes divergem sobre a data, apontando 1797), em uma fazenda em São José das Itaporocas, pertencente à vila de Cachoeira, ela perdeu a mãe quando tinha nove anos e assumiu os cuidados com a casa e os dois irmãos. Seu pai Gonçalo Alves de Almeida, casou-se pela segunda vez, mas logo ficou viúvo de novo e decidiu se mudar para a fazenda Serra da Agulha, onde criava gado e plantava algodão. A essa altura, Maria Quitéria já era uma moça que montava, usava armas de fogo, caçava e até dançava lundus com os escravos. Sua próxima madrasta, Maria Rosa de Brito, reprovava esses modos. Quitéria era bem independente. Quando o recôncavo baiano decidiu lutar a favor do príncipe d. Pedro [...] logo emissários saíram em busca de voluntários: O pai de Quitéria explicou ao mensageiro do Conselho Interino da Província que não tinha filhos homens adultos [...], ouvindo tudo isso a filha pediu permissão para se alistar. Ele não deixou. Então ela o desafiou. Foi escondida até a casa da irmã, que já era casada, contou seus planos e ganhou uma aliada [...]. Quitéria cortou o cabelo bem curto, vestiu-se de homem e fugiu de casa para se apresentar ao comando de Cachoeira como “soldado Medeiros”. E foi assim que se tornou oficialmente a primeira “mulher-soldado” do país [...]. O disfarce ia bem até que seu pai a descobriu entre os oficiais. Quitéria não quis voltar para a casa, no entanto. Como àquela altura os oficiais já conheciam sua disciplina e seu talento com as armas, não permitiram seu retorno, transferindo-a para o Batalhão de Caçadores Voluntários do Príncipe Dom Pedro, conhecido popularmente como Batalhão dos Periquitos, devido ao verde nos punhos e na gola do uniforme. Ela, passou, então a usar o tal saiote e encarou sua primeira batalha em janeiro, na foz do rio Paraguaçu, na baía de Todos os Santos. Chefiando

Figura 9 - Maria Quitéria de Medeiros



Fonte: PINSKY; PEDRO (2018)

Se essas mulheres foram invisibilizadas, o que dizer das tantas mulheres negras da história do Brasil, que não pudemos conhecer, que não têm suas histórias contadas, como Dandara dos Palmares <sup>17</sup> (Figura 10), conhecida apenas como a esposa de Zumbi.

---

um grupo de mulheres – isso mesmo, ela não era única – pôs para correr os portugueses. Sua bravura nesse combate a tornou famosa e, vários poetas ao longo dos anos exaltaram a destemida heroína.

<sup>17</sup> Uma guerreira negra que aprendeu a fabricar espadas e a lutar com elas; uma capoeirista forte e corajosa que planejava ações de combate e liderava seus companheiros na luta pela liberdade - assim sobrevive em relatos e lendas populares a história de Dandara, rainha do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi. Não se sabe ao certo onde ela nasceu e como chegou ao maior e mais duradouro quilombo implantado nas Américas. Independente da falta de registros oficiais de sua existência, uma coisa é certa:

Figura 10 - Dandara dos Palmares



Fonte: AFBNB<sup>18</sup> (2018)

E o que dizer sobre as imagens das mulheres pintadas por artistas masculinos, que quase sempre dizem mais respeito a seus medos e necessidades, do que realmente das próprias mulheres? Daí advém outra razão para o silenciamento, “a dissimetria sexual das fontes [...]” (PERROT, 2007, P. 17).

Como nas narrativas dos primeiros historiadores, gregos ou romanos, cujos relatos sobre os homens são direcionados ao espaço público das guerras, reinados etc.; e às mulheres, o signo da virgindade e pureza (PERROT, 2007), “a história do corpo feminino é contada pelo olhar masculino, estabelecendo [...], uma da natureza feminina, voltada unicamente para a maternidade e reprodução [...] é o imaginário masculino presente, [...] refletido na cultura [...]” (TEDESCHI, 2012, p. 15)

---

quando se fala em Dandara, se coloca em questão o silêncio e o apagamento imposto às mulheres negras no Brasil.

<sup>18</sup> Disponível em: AFBNB. **A luta da mulher**: a guerreira Dandara dos Palmares. A guerreira Dandara dos Palmares. 2018. Disponível em: <https://www.afbnb.com.br/a-luta-da-mulher-a-guerreira-dandara-dos-palmares/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

Inclusive, essa invisibilidade pode ser observada por meio dos olhares dos cronistas, que descreviam as mulheres, de acordo com estereótipos, como Auguste de Saint-Hilaire <sup>19</sup> (1799 – 1853), em suas viagens pelo Brasil, como no livro *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes – 1º Tomo*, nas páginas 54 e 184, respectivamente:

*Julgava dar-lhes grande prazer oferecendo-lhes um espelho; porém aos homens mal olharam para ele, e as mulheres, ás quaes esse objecto, individualmente, dava o sentimento de sua inferioridade, esconderam o rosto com as mãos logo que o viram. Uma delas, todavia, que tivera maiores contactos com os Portuguezes, acabou por aceitar-o, mas unicamente para dele servir no momento á maneira de faca.*

*O interior das casas, reservado ás mulheres, é um santuario em que o extranho nunca penetra, e pessoas que me demonstravam a maior confiança, jamais permitiriam que meu creado entrasse na cozinha para seccar o papel necessario á conservação de minhas plantas; era obrigado a acender o fogo fora, nas senzalas ou em algum alpendre. Os jardins, sempre situados por traz das casas, são para as mulheres em uma fraca compensação de seu captivo [...].*

Fato, observado, na *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1822)*, nas páginas 149 e 175, respectivamente:

---

<sup>19</sup> De todos os viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil após a instalação da corte de João VI no Rio de Janeiro, o botânico Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) é talvez o que conseguiu a maior notoriedade no país, e isto menos por sua obra científica do que por cerca das três mil páginas que compõem o relato de suas expedições. As quatro partes (oito tomos) de *Voyages dans l'interieur du Brésil* foram publicadas entre 1830 e 1851 por diferentes editoras parisienses; em 1887, a obra foi completada por uma publicação póstuma, editada em Orléans e organizada por um herdeiro de Saint-Hilaire. No Brasil, os primeiros excertos do relato foram traduzidos em português a partir de 1845 e publicados no *Recreador Mineiro* – primeira revista literária de Minas Gerais, a província que Saint-Hilaire visitara em primeiro lugar e a qual consagrou muitas páginas. Foi preciso esperar a segunda década do século XX para que as traduções integrais dos vários tomos de *Voyages* começassem a surgir, sob títulos diversos e publicados por diferentes editoras brasileiras [...] Nascido em 4 de outubro de 1779, Auguste François César Prouvençal de Saint-Hilaire pertencia a uma rica família de orleanenses (Loiret) [...] Saint-Hilaire era na verdade um apaixonado pela literatura romântica e pelos relatos de viagem; em seus escritos, os nomes dos grandes naturalistas aparecem lado a lado com os de escritores e filósofos alemães e franceses : Humboldt, Buffon, Herder, Bernardin de St Pierre, Madame de Staël, Chateaubriand [...] No Brasil, ao contrário, o botânico jamais caiu no esquecimento . Segundo a Condessa d'Eu (a Princesa Isabel dos Brasileiros), no fim do século XIX o nome do sábio era « bem conhecido », e suas obras, « que forneceram tantas informações sobre uma grande parte do país », gozavam havia muito tempo da « maior estima ». De fato, as edições francesas da obra de Saint-Hilaire têm figura de destaque no catálogo da Exposição de História do Brasil, realizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881. Em 1928, era inaugurado um « monumento » à sua memória – o busto - que pode ser contemplado em uma das alamedas do Jardim Botânico. Alguns anos mais tarde, pensou-se até em transferir as suas cinzas para o « panteão » nacional brasileiro – projeto improvável e que se revelou impossível de ser realizado. Em 1979, a Biblioteca Nacional prestava-lhe uma nova homenagem, realizando uma bela exposição comemorativa do bicentenário de seu nascimento que mereceu um artigo entusiasmado do poeta Carlos Drummond de Andrade. Nesta ocasião, vários outros escritores e intelectuais brasileiros destacaram as contribuições do grande « Augusto » às ciências naturais e humanas, assim como os laços afetivos que ele tecera com o país. É sem dúvida graças a isso que seu prolífico relato de viagens não cessou jamais de ser reeditado no Brasil.

*Estas estalagens do interior não passam de verdadeiros prostibulos, quer mantidas por mulheres, quer por homens. Neste ultimo caso as rameiras alugam quartos e nellas mercadejam os encantos aos viajantes. Quando não existe nenhuma destas desgraçadas no hotel, acha-se o dono muito disposto a dar, a seu respeito, todas as informações desejadas. Taes mulheres, alem disto, são muito raramente bonitas, e sempre desprovidas de graças e atractivos.*

*Em S. Paulo as negras e mulatas e em geral as mulheres do povo apparecem nas egrejas com a cabeça e o corpo envoltos em panno preto. As mulheres de classe mais elevada põe á cabeça, e hombros uma mantilha de casimira preta com que escondem quasi inteiramente, o rosto, mantilha esta debruada de larga renda da mesma cor.*

Mulheres deixam poucos vestígios materiais e escritos. Tiveram acesso tardio à escrita, suas produções são facilmente dispersas, sendo as próprias que destroem suas produções por vergonha, ou mesmo por acharem irrelevantes e sem interesse (PERROT, 2007), apesar disso, existem fontes que falam delas, “lugares solitários e complementares, que não deveriam ser excludentes” (PERROT, 2007, p. 26), como:

- i. “... os arquivos policiais e judiciários são os mais ricos, no que concerne às mulheres [...], a ordem na rua, como a do campo, torna-se obsessão. Ora, as mulheres perturbam a ordem com mais frequência” (PERROT, 2007, p. 26);
- ii. “... a carta constitui outra forma de sociabilidade e de expressão feminina, autorizada, e mesmo recomendada ou tolerada...” (p. 28);
- iii. “... a escrita do diário era um exercício recomendado, principalmente pela Igreja, que o considerava como um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal...” (p. 29);
- iv. “... o diário ocupa um momento limitado, mas intenso, na vida de uma mulher, interrompido pelo casamento e pela perda do espaço íntimo, está dedicado ao quarto das meninas...” (p. 30);
- v. “... há os jornais e as revistas, dos quais as mulheres são leitoras e produtoras...” (p. 31).

Fontes, documentos e vestígios são necessários para escrever a história e, no caso das mulheres, essa é uma das grandes dificuldades. A gramática e a própria língua contribuem para isso, “quando há mistura de gêneros, usa-se o masculino plural: eles dissimulam elas” (PERROT, 2007, p. 21). Portanto, há que se concordar com Simone de Beauvoir (2016):

Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente. [...]. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos [...] “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural [...] a mulher é um “homem incompleto” [...] (BEAUVOIR, 2016, p. 11).

De modo contundente, pesquisadoras feministas têm investigado quais as fundamentações da ausência das mulheres na história, antes de Joan Scott<sup>20</sup> e Judith Butler<sup>21</sup>, que abordam em seus trabalhos questões relativas ao gênero e, sua distinção de “sexo” para discutir mulheres e feminismo, Mary Wollstonecraft (Figura 11) – lida por Nísia Floresta Brasileira Augusta, no Brasil – esboçava os primeiros pensamentos sobre a opressão das mulheres, e a necessidade delas terem os mesmos direitos que os homens.

Direitos relacionados à educação, por exemplo, estão presentes no livro “Reivindicação dos direitos da mulher (*A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subject*, título original)”, escrito em 1792, por Mary Wollstonecraft.

---

<sup>20</sup> Ver: SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 25 fev. 2022.

<sup>21</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Figura 11- Mary Wollstonecraft<sup>22</sup>

Fonte: Laura Aidar <sup>23</sup>

Depois de considerar a página da história e de refletir sobre a realidade atual com ansiosa solicitude, os mais melancólicos sentimentos de dolorosa indignação têm deprimido meu espírito, e lamento ver-me obrigada a confessar que ou a natureza estabeleceu grande diferença entre um homem e outro, ou a civilização que até agora conhecemos tem sido muito parcial. Repassei vários livros escritos sobre o tema da educação e, pacientemente, observei a conduta dos pais e da administração das escolas; qual foi o resultado? Uma profunda convicção de que a educação negligenciada de meus semelhantes é a principal causa da miséria que deploro e de que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes, originadas de uma conclusão precipitada. A conduta e as maneiras das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio; pois, tal como as flores plantadas em um solo rico demais, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza, e suas folhas garbosas, após agradarem a um olhar exigente, murcham e caem do galho, muito antes de atingirem a maturidade. Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso,

---

<sup>22</sup> Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma importante escritora e ativista dos direitos humanos, sobretudo, das mulheres. Vale ressaltar também suas ideias abolicionistas. Considerada a “pioneira do feminismo”, Mary empenhou-se na luta por uma educação igualitária entre meninos e meninas e defendeu maior autonomia das mulheres no casamento e sociedade, sendo uma influência e inspiração para os movimentos feministas que surgiram no século XIX. Nascida em Londres, na Inglaterra, em 17 de abril de 1759, Mary veio de uma família de classe média e traçou uma trajetória pouco convencional para uma mulher de seu tempo. Escreveu livros, artigos e traduziu obras.

<sup>23</sup> AIDAR, Laura, **Mary Wollstonecraft: uma feminista britânica**, 2021. Disponível em: Biografia de Mary Wollstonecraft - eBiografia. Acesso em: 01 mar. 2022.

extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

“A História das mulheres é indispensável e essencial para a emancipação das mulheres” (LERNER, 2019, p. 27), e, assim como os homens são, as mulheres sempre foram sujeitos e agentes da história (Apêndice H).

No início do século XIX, a vida urbana no Brasil era praticamente inexistente, um país marcado pelo rural, cujo estilo de vida da elite dominante era influenciado pelo imaginário da aristocracia portuguesa. “A chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa grande e dominava a senzala”, (D’INCAO, 2011, p. 223), valores que remontavam ao período colonial (PINSKY; PEDRO, 2018).

No decorrer do século XIX, o país sofreu inúmeras transformações, como a ascensão da burguesia e a consolidação do sistema capitalista, em que presenciamos o surgimento de um processo modernizador, intensificado pela Proclamação da República com os ideais de progresso e civilização, todo “passado arcaico” e atrasado deveria ser abandonado (D’INCAO, 2011, PINSKY e PEDRO, 2018).

A nova cidade burguesa (D’INCAO, 2011) lutava, veementemente, contra as atitudes e expressões tradicionais que eram inadequadas para os novos tempos, conforme olhar dos grupos dominantes que tinham como interesse a construção de uma sociedade “higiênica e moderna” (PINSKY, PEDRO, 2018; SOIHET, 2011).

Durante a *Belle Époque* (1890-1920), com plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares ao modelo parisiense [...]. Nesse sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo estado de coisa, inculcando-lhes valores e formas de comportamento que passavam pela rígida disciplinarização do espaço e do tempo do trabalho estendendo-se às demais esferas da vida. Convergiam preocupações para a organização da família e de uma classe dirigente sólida - respeitosa das leis, costumes, regras e convenções. Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução dos novos propósitos (SOIHET, 2011, p. 332).

A ideia de intimidade ampliava-se e, a mulher passou a ser submetida à “apreciação” e à “avaliação” dos “outros”, tornava-se frequente sua presença em vários acontecimentos da vida social em cafés, teatros e bailes. Seus passos eram vigiados não apenas pelos pais e maridos, mas também pelos olhares atentos da sociedade. “Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada” (D’INCAO, 2011, p. 228), pois as ruas simbolizavam, “espaços de desvios e das tentações” (SOIHET, 2011, p. 365).

A oportunidade do ócio entre as mulheres burguesas, e os encontros em espaços de individualidade (Figura 12), forneciam privacidade e a chance para “explosão dos sentimentos, lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis” (D’INCAO, 2011, p. 229).

Figura 12 - Cotidiano das mulheres do século XIX



Fonte: G1- Petrópolis (2017)

Progressivamente, reforçava-se a ideia “de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família burguesa e higienizada” (D’INCAO, 2011, p. 229).

As mulheres casadas – responsáveis pelos cuidados e supervisão da casa – ganharam um novo papel, contribuir para a mobilidade social de sua família a partir de

uma boa postura como anfitriã nos salões de baile e no cotidiano, esposa modelar e boa mãe.

Entretanto, esses valores burgueses não foram seguidos por todos, afinal, em uma sociedade profundamente hierarquizada, desigual, e com diversos elementos – socioeconômicos e étnicos – diferenciadores dos papéis sociais, não é difícil compreender as diferenças existentes entre as famílias das zonas urbana e rural; daquelas formadas por pessoas pretas, mestiças ou brancas; das imigrantes e as locais, as ricas e as pobres (PINSKY e PEDRO, 2018).

Embora a subalternidade e dependências das mulheres em relação aos homens se mantivessem firmes, a partir da virada para o século XX, entraram em cena, os valores da “família conjugal moderna”, conforme Pinsky e Pedro (2018, p. 18):

O amor romântico, pelo menos em termos ideais, ganhou maior relevância dentro do casamento reconhecido pelo Estado e pela Igreja. O próprio discurso de médicos e higienistas (inspirados em ideias já consagradas na Europa) chegava a criticar a separação entre o "sexo e amor", advogando a integração de ambos no matrimônio como a forma mais saudável e moralmente recomendável de relacionamento. A intimidade passou a ser enaltecida e a vida familiar ideal agora era aquela do "lar doce lar", em que os membros da família encontravam em casa a "proteção", o "aconchego" e a "higiene" que contrastavam com as "agruras" e a "poluição" do mundo exterior.

## 2.2 O LUGAR DELAS

Assim como os homens, a identidade das mulheres é construída a partir dos diversos papéis que a sociedade considera para cada “sexo”, delimitando com precisão quais os campos as mulheres e os homens podem atuar, tornando-se clara a atribuição doméstica às mulheres. Seja ela, aquela que trabalha em troca de um salário ou aquela que realiza trabalhos domésticos, não importa, a responsabilidade do cuidado da casa, da criação e educação dos filhos a elas pertencem (SAFFIOTI, 1987).

Em outras palavras, “mulher não pertence mais a si mesma, ela pertence a seu marido e a seus filhos” (PERROT, 2005, p. 179). Tal ideologia faz com que as próprias mulheres acreditem e admitam sua fraqueza, assumindo-se inferiores aos homens (TEDESCHI, 2012).

As narrativas históricas que ditam um discurso de “improdutividade” às mulheres, não podem ser avaliadas, sem a procura pelos aspectos que fundamentaram o imaginário social na história naquele período, bem como as representações que ditaram, em certos contextos históricos, que as mulheres eram seres do silêncio por sua própria natureza ou que, na divisão do trabalho, tenham ficado com as tarefas do corpo, da procriação, da casa, da agricultura, da domesticação dos animais, do servir-cuidar-nutrir, perdendo assim sua capacidade como sujeito (TEDESCHI, 2012, p. 11).

Nesse caminho, a sociedade ao invés de corrigir, acaba agravando a situação, já que na tentativa de induzir esses padrões a todos, recorre frequentemente à argumentação de que as mulheres são menos inteligentes que os homens (BEAUVOIR, 2016; PERROT, 2005; SAFFIOTI, 1987).

Dado o pequeno número de estímulos que recebem, crianças que vivem em instituições destinadas a recolher menores abandonados desenvolvem muito pouco esta potencialidade, à qual se convencionou chamar inteligência. Isto posto, não é difícil concluir sobre as maiores probabilidades de se desenvolver a inteligência de uma pessoa que frequenta muitos ambientes, o que caracteriza a vida de homem, em relação a pessoas encerradas em casa durante grande parte do tempo, especificidade da vida de mulher. Aliás, o dito popular lugar de mulher é em casa é eloquente em termos de imposição da ideologia dominante. Em ficando em casa todo ou quase todo o tempo, a mulher tem menor número de possibilidades de ser estimulada a desenvolver suas potencialidades (SAFFIOTI, p. 14).

Outra referência quase constante, diz respeito à natureza feminina e ao físico, traços pelos quais são determinados os papéis e lugares das mulheres na sociedade.

A mulher é, inicialmente, um corpo "fraco, com "órgãos delicados", "frágeis", sujeitos a "indisposições periódicas, corpo que condiciona seu humor instável [...] A referência quase constante a uma natureza feminina de ordem física que

determina o lugar, o papel e as tarefas e um outro traço marcante. A mulher é, inicialmente, um corpo "fraco, com "órgãos delicados", "frágeis", sujeitos a "indisposições periódicas, corpo que condiciona seu humor instável [...] O mundo feminino é o mundo do orgânico e para descrevê-lo é preciso falar a linguagem da medicina e da higiene (PERROT, 2005, pp. 177-178).

Somando-se a esses fatores de ordem física e intelectual, as condições secundária e de subordinação das mulheres, foram também reiteradas durante séculos pelas religiões, segundo Perrot (2003):

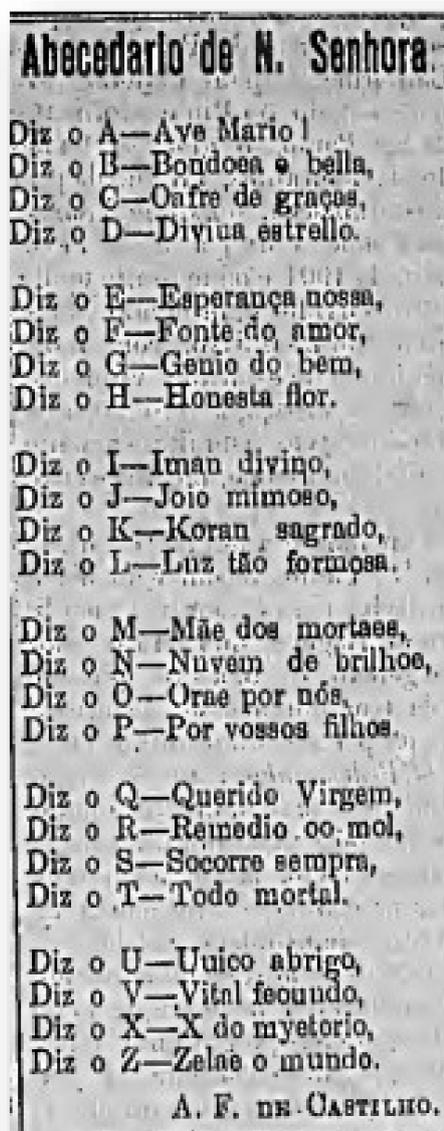
As representações religiosas, existentes nas grandes religiões monoteístas ocidentais, adotam essas perspectivas. Segundo o Gênesis, foi por causa da mulher - Eva - que a dor e o sofrimento ingressaram no mundo. É preciso impor-lhe o silêncio. "Uma mulher não deve falar nas assembleias", diz São Paulo na Epístola aos Coríntios. Os padres da Igreja rejeitam a sexualidade e a carne como impuras e corruptoras. Só a procriação justifica a cópula, sendo a castidade superior ao matrimônio, mesmo o cristão. A mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora da qual é mister se defender, reduzindo-a ao silêncio: velando-a (PERROT, 2003, p. 21).

Acrescenta-se, também, aos fatores religiosos, a política e os manuais de conduta:

No espaço público, o corpo da mulher é comparável aos dois corpos do rei (cf. Kantorowicz, 1998): o corpo privado deve permanecer oculto; o público é exibido, apropriado e carregado de significação. "Uma mulher em público sempre está deslocada", diz Pitágoras. Ainda hoje, o corpo feminino, silencioso e dissecado, continua sendo o principal suporte da publicidade. E também é o da alegoria política que, no século XIX, encheu as cidades europeias de estátuas em homenagem aos grandes homens coroados por musas evanescentes; de monumentos aos mortos heroicos chorados pelas viúvas e pelas moças [...] A conveniência ordena às mulheres da boa sociedade que sejam discretas, que dissimulem suas formas com códigos, aliás variáveis segundo o lugar e o tempo. O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez, objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda. Os cabelos, signo supremo da feminilidade, devem ser disciplinados, cobertos, enchapelados, por vezes cobertos com véu. A mulher "tal como deve ser", principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência. A mulher decente não deve erguer a voz. O riso lhe é proibido. Ela se limitará a esboçar um sorriso. Pode-se em certas ocasiões deixar rolar as lágrimas [...] (PERROT, 2003, pp. 14-15).

Os posicionamentos da Igreja Católica aludem a Maria grande importância devido a seu sacrifício e resignação. Maria constituía-se no mais completo "exemplar de todas as virtudes, heroísmos e grandezas" (SOIHET, 1997, p. 7), ver figura (13).

Figura 13 - Abecedário de Nossa Senhora



Fonte: *Jornal Lavoura e Comércio*, ed. 368, 11/01/1903

O modelo judaico-cristão tem contribuído na definição do lugar da mulher, a ênfase na moral cristã sobre o papel social das mulheres não deixa dúvida de como esse discurso é incorporado pelas próprias mulheres, definindo Maria como o padrão de representação de imagens femininas a serem seguidas (TEDESCHI, 2012).

Ainda, segundo o autor, os paradigmas definidos pela Igreja Católica, encarados na representação das duas mulheres, Eva e Maria, que expressam de formas opostas manifestações femininas, Eva – a pecadora – causa de sua própria morte e da humanidade

e, Maria com sua obediência, dando à luz ao filho de Deus, redime os pecados do mundo. Maria com sua obediência redime a desobediência de Eva.

Maria foi um exemplo único do seu tipo, ao passo que as restantes mulheres são consideradas filhas de Eva. Maria tem um estatuto singularizado, enquanto Eva, diretamente implicada na desobediência inerente ao Pecado Original, se afirma na sua natureza pecaminosa por contraste à natureza perfeita e inatingível de Maria. Inevitavelmente, as mulheres são identificadas com a primeira mulher, uma vez que a mãe de Cristo, devido à sua natureza imaculada (que inclui dar à luz uma criança continuando virgem), se afasta totalmente da experiência das mulheres, daquilo com que podem ser identificadas. Assim, assumiremos Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é e Maria como um modelo daquilo que a mulher deveria ser. É essencial constatar que as características de Maria a tornam um modelo inatingível para qualquer ser humano do gênero feminino: O discurso de exaltação de Maria por contraste com Eva estabelece a cisão, não apenas entre ela e Eva, mas entre ela e todas as mulheres, representadas em Eva. Para além de aproximarem as mulheres das características negativas de Eva, as imagens fixadas pela Igreja Católica afastam-nas definitivamente de Maria, e de todas as suas qualidades (TEDESCHI, 2012, pp. 61-62).

Fato que pode ser verificado a partir do momento em que é enfatizado o papel social da mulher, definido pelas leis do sexo (SOIHET, 1997), por meio das atribuições e dos espaços (público e privado). Nesse sentido, a partir da acentuação de que as mulheres têm uma função especial de acordo com o seu sexo, assume-se que todas as atividades (a família e o lar) absorvam as horas, os minutos e segundos de sua existência, definindo a casa como o lugar ideal de pertencimento da mulher (SOIHET, 1997; TEDESCHI, 2012).

Nas paredes internas do lar, as mulheres encontravam também a sua moral, não eram tratadas como sujeitos, mas como propriedade, impedidas de falar e exercer atividades próprias. Levando por esse lado, é a violência que vai além da agressão física, sendo igualmente normatizada na cultura, pela dominação e submissão femininas (SOIHET, 1997).

Esse discurso de inferioridade e submissão feminina estende-se a todo o “ser feminino”, incluindo a intelectualidade, pois as mulheres são constituídas como seres da paixão e não dos conceitos (CHARTIER, 1995), não existe o pensar, pintar, escrever, esculpir e compor para as mulheres e, mesmo aquelas com acesso à leitura, à literatura e a determinados tipos de escrita, estão excluídas do processo criador e da genialidade (CHARTIER, 1995; SOIHET, 1997).

Por outro lado, a beleza constitui-se no atributo desse sexo, que torna um valioso capital no amor e nos relacionamentos. Para as mulheres conformar-se com as imposições

corporais ditadas pelo olhar e desejo masculinos, não é apenas uma forma de submissão alienante, mas também um recurso que permite subverter essa dominação. “O efeito de beleza deve ser entendido como uma tática que mobiliza para seus próprios fins, uma representação imposta – aceita, mas que se volta contra a ordem que a produziu” (CHARTIER, 1995, p. 11).

A mulher deve ser bela e calar-se, nesse ambiente de beleza, as feias não tinham lugar, até o alvorecer do século XX, quando as revistas e jornais de moda, as resgataram, tudo passa a ser uma questão de maquiagem, cosméticos, vestuário, que segundo Perrot (2007), misturam prazer e tirania, ditando a moda e moldando as aparências. Até mesmo o penteado é transformado em peça de vestuário, passando a fazer parte do jogo da sedução e elegância.

### 2.3 NA EDUCAÇÃO

No início do século XIX, as mulheres, em sua maioria, viviam presas em antigos dogmas, preconceitos e "imersas numa rígida indigência cultural" (DUARTE, 2019, p. 28). Data de 1827, a primeira legislação brasileira a dispor sobre o assunto, autorizando a abertura de escolas femininas.

*Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Dom Pedro, por Graça de Deus, e unanimeaclamação dos povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: Fazemos saber a todos os nossos subditos, que a Assembléa Geral decretou, e nós queremos a lei seguinte: Art. 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias [...]. Art. 11º Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento. Art. 12º As mestras, além do declarado no art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrucção da arithmetica só as suas quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brazileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fôrma do art. 7º (RIO DE JANEIRO, 1827).*

A redação da Lei de 15 de outubro de 1827, acabara por introduzir a diferenciação entre os currículos masculino e feminino, isentando a mestra de ensinar geometria e reduzindo o ensino da aritmética às quatro operações, o que representava a visão que se tinha sobre os papéis da mulher na sociedade. "Quanto à remuneração, a lei consagrava a igualdade de salários entre mestres e mestras. Todavia, como o ensino da geometria constituía o critério para o estabelecimento dos dois níveis de salários dos professores, as mestras eram as mais mal remuneradas" (SAFFIOTI, 1976, p. 80).

Essa legislação, teve como maior dificuldade o provimento das cadeiras das escolas femininas, sobressaindo aquelas que ensinavam algum tipo de prenda doméstica, se os homens mal sabiam ensinar as primeiras letras, pior seria o nível nas escolas femininas, cujas mestras sempre estiveram marginalizadas do saber.

A Lei de 1827 constituiu em um real instrumento de discriminação entre os sexos masculino e feminino, mesmo sendo a primeira legislação a conceder à mulher o direito de instrução, constituindo, segundo Saffioti (1976), um marco histórico, as meninas só eram admitidas nas escolas de primeiro grau (as pedagogias), os níveis mais elevados (liceus, ginásios e academias) eram destinados à população masculina. Ao não admitir a

coeducação, continuava, nos currículos das escolas femininas, a valorização das prendas e das agulhas (SAFFIOTI, 1976).

Antes da legislação de 1827, a educação das mulheres era restrita a alguns conventos que "guardavam" as meninas até o casamento, pouquíssimas escolas particulares funcionando nas casas das professoras, ou o ensino individual, todos esses, quase sempre se ocupando das prendas domésticas.

Contudo, no decorrer da Primeira República, a mulher passa a ser vista como um dos elementos necessários para alcançar o progresso, a ela estaria destinada a formação do novo homem. Com a modernidade e, as consequentes mudanças sociais, abriram-se caminhos e novas possibilidades para a instrução feminina (SILVA, INÁCIO FILHO, 2022), lembrando que há diferentes dimensões entre instruir e educar que segundo Mônica Yumi Jinzenji (2019, pp. 91 92):

[...] se constituem como diferentes dimensões de um mesmo e inseparável processo, o da formação humana, no qual a instrução é subordinada à educação. Havia o entendimento de que a educação deveria ser dada desde os primeiros momentos do nascimento da criança, cabendo, portanto, às famílias. Entretanto, a educação também estava relacionada ao “desenvolvimento das faculdades morais”, em contraste com a instrução, que visava ao “enriquecimento das faculdades intelectivas”. Os discursos em circulação afirmavam a prioridade da educação moral para as meninas, enquanto para os meninos uma educação e instrução mais longevas. Esse é um dos pontos que poderia justificar a separação entre um e outro sexo nos estabelecimentos de ensino: o conteúdo necessário para um e outro divergiam.

De qualquer maneira, a instrução feminina passou a ser percebida como necessidade nesses novos tempos no Brasil, levando ao crescimento do número de mulheres com acesso à instrução; para as mulheres da elite, os conteúdos básicos da leitura, da escrita e do cálculo, o aprendizado de francês e piano, foram apresentados (JINZENJI, 2019). Enquanto, nos setores mais baixos da sociedade, a educação feminina era resumida às prendas do lar e ao aprendizado das primeiras letras (Figura 14), chegar ao ensino superior era quase impossível para essa parcela da sociedade (SILVA, INÁCIO FILHO, 2022).

Figura 14 - Aula de caligrafia (1895)



Fonte: Colégio Caetano de Campos (2022)

A educação feminina não poderia ser desvinculada de uma sólida formação cristã – o catolicismo, o referencial para sociedade brasileira do período (LOURO, 2011; JINZENJI, 2019). Nesse sentido, a Igreja Católica, cujo princípio era a distinção entre os sexos, tornou-se aliada das camadas mais altas da sociedade, “permanecendo na direção de boa parte do ensino destinado às mulheres, por meio de seus colégios religiosos que foram responsáveis pela educação das filhas da elite (SILVA, INÁCIO FILHO, 2022, p. 5).

Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 2019, p. 447).

De acordo com Ipojucan Dias Campos (2012), esse modelo de educação feminina era compreensível em uma sociedade que vislumbrava as mulheres atuando apenas em espaços domésticos, na mesma direção segue Almeida (1998, p. 35)

Disciplinada pelos homens, a educação das mulheres continuou um prolongamento da educação familiar e, enquanto estudavam, as jovens aguardavam o casamento - o que realmente importava em suas vidas. Deixaram de ser as procriadoras incultas para tornarem-se as futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico. Nesse ideário, para onde convergiam os mais variados interesses, uniram-se a sociedade a Igreja Católica. Para as mulheres, romper com tais estruturas significava o degredo e a condenação social. Portanto, apesar de conceder-se às mulheres algumas parcelas do saber, tanto este como o poder não se distribuíram equitativamente, nem sequer significaram a liberação das mulheres. Apenas a sociedade humanizou-se ao consentir na sua instrução, embora atendendo aos interesses do segmento masculino.

### 3.2.2 No trabalho

Entre o final do século XIX e início do século XX, várias mudanças socioeconômicas, foram observadas após a implantação do regime republicano no país, a urbanização, e industrialização, como exemplos, coincidiram com a “eclosão das primeiras reivindicações do feminismo” (ALMEIDA, 1998, p. 27).

Nesse período, o plano educacional foi o que ofereceu maiores oportunidades para o sexo feminino, representadas pela escolarização das mulheres (meninas e moças), sendo que o magistério primário, reservou às mulheres, em especial, da classe média, a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho (ALMEIDA, 1998).

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico com a maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora a instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar - pelo menos esse era o discurso oficial do período. Para as mulheres que vislumbraram a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão (ALMEIDA, 1998, p. 32).

Se mantida dentro dos limites aceitáveis da época, determinados pelo sexo masculino, a instrução feminina não ameaçava a família, o lar e o homem, por esse motivo, o magistério se configurou adequado para a mulher, tornando-se bastante

aceitável em termos pessoais, familiares e sociais, afinal cabia à mulher a regeneração e salvação da sociedade e da Pátria (ALMEIDA, 1998).

Os tempos de guerra trouxeram as mulheres ao espaço público, na ausência dos homens, a sociedade precisava subsistir, levando as mulheres às fábricas, ao comércio, aos setores produtivos. Com os anos de guerra, surgem mulheres mais independentes que davam passos iniciais em direção à verdadeira emancipação feminina, “possuidoras de saberes domésticos e privados sobre o mundo dos homens, desejavam o saber público, mesmo derivado do saber masculino [...], era passível de confronto com os sistemas de desigualdade e opressão” (ALMEIDA, 1998, p. 38).

Os homens que exerciam a profissão de magistério, não aceitaram pacificamente a inserção profissional das mulheres nessa profissão, pois, isso significava a perda de um espaço profissional, portanto, não se deve pensar que o processo de feminização do magistério foi pacificamente resolvido e instalado, como se fosse uma concessão feita às mulheres, isso é um equívoco por adotar apenas um aspecto parcial do fenômeno. Durante a primeira metade do século XX, o magistério primário passou por um processo de feminização, tanto relacionado à frequência de moças nas escolas normais, quanto pela ocupação do magistério pelas mulheres.

O discurso educacional brasileiro foi unânime em afirmar a melhor disposição das mulheres para exercer o magistério e isso foi bastante veiculado, mas da imprensa periódica e feminina. Se esse discurso correspondeu a uma necessidade política e social ao alocar as mulheres na força de trabalho educativa, o momento histórico também era propício a essa inserção. Não se pode negar que a abertura do mercado de trabalho para as mulheres e as alterações no regime patriarcal não se deram sem reivindicações. Estas transpareceram na estruturação social principalmente por intermédio da imprensa feminina e educacional do período e nas sucessivas mudanças de costumes e mentalidades acerca do trabalho feminino, que viam na esteira do novo século, para uma sociedade que precisava, por sua vez novos atores sociais para o seu desenvolvimento (ALMEIDA, 1998, pp. 69-70).

Reforçando a ideia de Jane Soares de Almeida (1998), temos a proposição de Guacira Lopes Louro (2011, p. 450):

Esse discurso justificava a saída dos homens das salas de aula - dedicados agora a outras ocupações, muitas vezes mais rendosas - e legitimava a entrada das mulheres nas escolas - ansiosas para ampliar seu universo -, restrito ao lar e à igreja. A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como "tipicamente femininas": paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um sacerdócio do que como profissão. Tudo foi muito

conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como "trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras", o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. O processo de "feminização do magistério" também pode ser compreendido como resultante de uma maior intervenção e controle do Estado sobre a docência - a determinação de conteúdos e níveis de ensino, a exigência de credenciais dos mestres, horários, livros e salários -, ou como um processo paralelo à perda da autonomia.

Dentro desse quadro, o trabalho feminino não poderia ser desvinculado do trabalho doméstico, já que a saída para o espaço público poderia ameaçar as atividades familiares, a maternidade e a pureza do lar. O trabalho como professora seria aceitável para moças solteiras até o momento do matrimônio, pelo qual a mulher assumiria sua verdadeira função de esposa e mãe, e essa transitoriedade acabaria por contribuir para os baixos salários, afinal o sustento da família era responsabilidade do homem (LOURO, 2011).

Dizia-se, ainda, que o magistério era propício para as mulheres na medida que era realizado em apenas "um turno", permitindo que as ocupações domésticas fossem mantidas, "o culto à domesticidade já vinha se constituindo desde o século XIX e representava uma valorização da função feminina no lar, através da construção de vínculos entre o espaço doméstico e a sociedade mais ampla" (LOURO, 2011, p. 454).

Na esteira do progresso, a profissionalização da mulher não ocorrera apenas na área magisterial, até porque desde meados do século XIX, o governo brasileiro realizou diversas ações na busca de imigrantes europeus para o Brasil – principalmente após a Lei do Ventre Livre e a Abolição da Escravatura – para trabalharem na lavoura, fazendas de café e fábricas. Havia muitas mulheres que trabalhavam nas indústrias de tecelagem e fiação, outras costuravam para completar o orçamento doméstico (RAGO, 2011).

Por sua vez, mesmo depois da Abolição dos escravos, as mulheres negras continuaram desempenhando funções inferiores em setores mais desqualificados, recebendo, sobretudo, salários extremamente baixos, além do péssimo tratamento, a condição social da mulher negra em quase nada se alterou (Figura 15).

Segundo Rago (2011), documentos oficiais e estatísticas revelam muitas mulatas e negras trabalhando como empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, doceiras, vendedoras de ruas e prostitutas.

Figura 15 - Mulheres negras lavadeiras (1900)



Fonte: Minas Programam <sup>24</sup>

Entre as mulheres negras, acostumadas aos percalços da vida, não havia muito espaço para a imagem da esposa passiva, submissa ao marido e dedicada exclusivamente ao lar. A preocupação maior era que a mulher tivesse meios de obter uma fonte de renda e não ficasse dependente economicamente do companheiro, como relatou em depoimento Tia Cincinha, neta da baiana Ciata, uma das mais famosas "tias" da "Pequena África", região que concentrava expressivo número de negros após a remodelação urbana da Capital Federal, a respeito de suas antepassadas: "A gente aprende de tudo. Elas diziam pra gente: 'amanhã, quando casar, se tiver um fracasso com o marido, não precisa pedir ao vizinho nem a parente, é só fazer qualquer coisa pra ganhar dinheiro". Nos postos disponíveis para mulheres na indústria e no comércio, a discriminação racial vigorava disfarçada pelo eufemismo da "boa aparência", exigida das candidatas aos empregos. Persistiu por décadas, funcionando com eficiência como estratégia para alijar a população negra daqueles trabalhos considerados mais adequados a "pessoas de pele branca" (NEPOMUCENO, 2011, p. 387).

O trabalho feminino foi incorporado às atividades que eram realizadas antes no espaço doméstico, como a fiação, a tecelagem, a produção de fumos, de redes, de chocolates, contudo, não apenas as fábricas absorveram as mulheres, em certas cidades, elas eram consideradas "chefes de família", responsáveis pelo sustento principal da casa,

---

<sup>24</sup> MINAS PROGRAMAM. **Ocupações e resistências das mulheres negras**. 2022. Disponível em: <http://minasprogramam.com/ocupacoes-e-resistencias-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

mesmo com essa situação, o trabalho feminino continuava sendo visto como secundário e subalterno, como se fosse um suplemento da renda masculina (SANTOS, 2009).

## 2.4 O CORPO DELAS OU NÃO?

A Proclamação da República, entre outros fatos, antecipou a chegada de um novo tempo com novas estratégias de disciplinarização e repressão dos corpos e mentes, propostas de acordo com a nova ética do trabalho e moralidade de comportamentos afetivos, sociais e sexuais, cuja rigidez era defendida de acordo com os interesses burgueses da classe dominante, também responsável pela disseminação dos padrões de ordem, progresso, modernidade e civilização (ENGEL, 2011). Ainda de acordo, com Soihet (2011, p. 363):

As imposições da nova ordem tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem e, depois, deviam restringi-la ao âmbito desse casamento.

Maria Izilda dos Santos Matos (2017) explica como uma das bases da doutrina médica, o higienismo, criou um conjunto de regras com objetivo de orientar os diversos aspectos da vida como, por exemplo, o trabalho, a urbanização, a alimentação, a casa, a família e os corpos.

Hábitos, costumes e prazeres permitidos/proibidos e a sexualidade deveriam seguir as imposições da medicina higienista, nesse aspecto caberia às mulheres o cuidado, o bem-estar e a saúde da família, foram ampliadas as responsabilidades da mulher como “dona de casa” no controle dos mandamentos da higiene doméstica em relação à família.

De acordo com Mattos (2017), essa nova representação da mulher, agora submetida à tutela médica, delegou às mulheres os papéis de agente de transformação, bem como, símbolo da moral e dos bons costumes.

A maternidade, segundo Mattos (2017), representava ao mesmo tempo um “mandado biológico” (p. 112) e uma função que enaltece e “glorifica a mulher” (p. 112). A maternidade extrapola a significação meramente biológica, passando também pela significação social, em que os “sentimentos maternais” deveriam estar presentes em todas as mulheres de forma a justificar a dedicação da mãe a seus filhos e à família.

Como consequência, atividades que abandonassem o aconchego do lar eram consideradas desviantes e não passavam pelas recomendações médicas. “Condenava-se o trabalho extradoméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energia feminina e como fator de dissolução da saúde e de comprometimento da dignidade feminina (MATOS, 2017, p. 113), assim, conforme Soihet (2011, p. 363):

Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência seriam despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, e consideradas extremamente perigosas. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social.

Sob o viés da misoginia o pensamento médico, reforçado pelos ideais religiosos, enfatizava o argumento da biologia (natureza versus cultura), o que atribui à mulher a exclusividade de esposa e mãe. Utilizava-se a diferença biológica entre os sexos para justificar as desigualdades socioculturais entre os homens e mulheres.

As representações do masculino e do feminino na fala médica apresentam uma trama de poder que merece ainda ser desvendada. Nela circulam as representações do cotidiano, que a Igreja difundia e que o governo republicano administrava, entrelaçando-se num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituintes e constituídas, com o discurso médico. Todavia, as representações masculinas e femininas construídas nesses discursos não só consolidam diferenças como contêm hierarquias. São imagens de poder que explicitam visões mais voltadas para o "deve ser" do que para o "ser", num processo de construção das representações de gênero regido por uma dinâmica de relações de dominação e exclusão. Destacando que a mulher tem por natureza aptidões para os cuidados com a infância e é responsável pela família, o discurso médico valorizou-a positivamente dentro do lar e ampliou os poderes femininos no privado, delegando-lhe um novo estatuto e fazendo com que as mulheres se reconhecessem dentro da esfera familiar. [...]. Assim, esse discurso impingiu à mulher a representação que a desqualifica enquanto pessoa e a subordina a uma matriz biológica e procriadora [...]. Na sua repetição e circularidade, reforça que as mulheres não foram feitas para as atividades públicas, ao contrário dos homens. Nesse discurso, identidade e diferenciação são faces de um mesmo processo permeado pelo poder, recuperando o arquétipo feminino e masculino: o homem urbano, imbuído de poder, deve civilizar e impor uma nova ordem, enquanto à mulher caberia outro perfil - passiva, submissa, recolhida à família e à maternidade, mas modelo de moralidade e dedicação (MATOS, 2011, pp. 125-126).

O homem era predominado pelo instinto sexual e a mulher pelo instinto materno (SANTOS, 2009), confirmava “cientificamente a dicotomia: homens cérebro inteligência razão lúcida, capacidade de discurso versus mulheres criação, sensibilidade e sentimentos (ENGEL, 2011, p. 332).

Ao serem considerados antinaturais, o corpo e a sexualidade femininas eram objetos de estudo da Psiquiatria e da Medicina que consideravam como tipicamente

feminino o temperamento nervoso devido à predisposição natural, logo, estariam mais sujeitas a doenças mentais do que os homens e, essas doenças estariam intimamente ligadas à fisiologia da mulher, menstruação começo/fim, gravidez e amamentação eram considerados os momentos ideais para o surgimento das doenças mentais, destinando-as cedo ou tarde à insanidade, transformando-se, assim, em “um ser mortal e socialmente perigoso devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas, que assegurassem o cumprimento de seu papel social e de esposa e mãe” (ENGEL, 2011, p. 332).

A maternidade era vista como a verdadeira essência da mulher, inscrita em sua própria natureza. Somente através da maternidade a mulher poderia curar-se e redimir-se dos desvios que, concebidos ao mesmo tempo como causa e efeito da doença, lançavam-na, muitas vezes, nos lodos do pecado. Mas, para a mulher que não quisesse ou não pudesse realizá-la - aos olhos do médico, um ser físico, moral ou psiquicamente incapaz - não haveria salvação e ela acabaria, cedo ou tarde, afogada nas águas turvas da insanidade (ENGEL, 2011, p. 338).

A Medicina, devido a razões biológicas, julgava serem características femininas a fragilidade, a afetividade, a falta de intelectualidade e o recato, ou seja, não era propício às mulheres afastarem-se das fronteiras do lar do e “do consumo de bens e ideias que reforçassem a imagem de mulher-mãe” (SANTOS, 2009, p. 4).

A ideia de que o destino de toda mulher estava (ou deveria estar) fadado à maternidade acabaria por fundamentar uma outra perspectiva presente no pensamento médico do século XIX até o início do XX, que reconhecia apenas a existência do desejo e do prazer sexual feminino, mas também a necessidade - e em alguns casos o direito - da mulher realizá-los [...]. Embora, a ideia de que a mulher seria um ser assexuado ou frígido tenha sido bastante difundida entre os médicos brasileiros do século XIX, alguns deles reconheciam, explicitamente, a existência do desejo e do prazer sexual na mulher. Entre os muitos desdobramentos decorrentes da transformação do casamento em uma instituição higiênica, temos não apenas o reconhecimento, mas até mesmo o estímulo à sexualidade feminina. Para os médicos, a ausência ou precariedade da vida sexual poderiam resultar em consequências funestas para as mulheres: como o hábito da masturbação - causador de esterilidade, aborto - ou o adultério (ENGEL, 2011, pp. 341-342).

Mesmo com a existência de características semelhantes entre mulheres de camadas sociais diferentes, as mulheres mais pobres tinham diferentes aspectos e padrões, ligados diretamente à sua existência, participavam mais ativamente do "mundo do trabalho", embora em posições subalternas.

Contudo, não achavam adequadas as características universais do sexo feminino como recato, delicadeza, fragilidade e submissão. Eram mulheres que trabalhavam de sol

a sol e, boa parte não eram casadas formalmente, brigavam na rua, diziam palavrões, fugindo totalmente dos estereótipos destinados ao sexo frágil (SOIHET, 2011).

## 2.5 A FALA DELAS

De acordo com Norma Telles (2011), a escrita e o saber sempre estiveram ligados ao poder, funcionando como um instrumento de dominação a partir do momento em que definem a lógica da socialização, sentimentos e papéis em determinadas situações. O século XIX é o século do romance, e o leitor é quem define a leitura em um dado momento histórico, por esse motivo, a leitura passa pelo crivo da raça, gênero e classe, que são mutáveis no decorrer da história, “sendo assim, cada romance é um local de interseção de toda a teia de códigos culturais convenções situações gestos e relações” (TELLES, 2011 p. 402).

No século XIX, esse público leitor cresce, constituindo-se em grande parte por mulheres burguesas que tiveram suas atuações definidas, de acordo com o discurso burguês sobre a “natureza feminina” – força do bem, maternal e delicada, e, em outros momentos, como “potência do mal” – quando realizam atividades que não lhes eram atribuídas culturalmente, mesmo assim muitas mulheres a partir dessa época começaram a escrever e publicar tanto na Europa quanto nas Américas, mas, como sugere Norma Telles (2011, p. 403):

Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas, tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior a expressão ficcional.

Várias mulheres fundaram e publicaram diversos jornais no século XIX<sup>25</sup>, muitos deles pertenciam às mulheres da classe média que, formavam uma rede de informações

---

<sup>25</sup> Data da primeira metade do século XIX, ainda de forma tímida, a participação da mulher na produção de impressos no Brasil, fosse como consumidora ou produtora, em geral às voltas com a moda e ensaios de literatura. *O Espelho Diamantino* (1827), o *Correio das Modas* (1839), no Rio de Janeiro, e *O Espelho das Brasileiras* (1831), no Recife, são referências iniciais de uma segmentação periódica voltada para um público tradicionalmente desconsiderado. Agentes de sua própria história, coube-lhes produzir significativos títulos daquela imprensa periódica, dando visibilidade para o universo feminino enquanto se colocavam num mercado predominantemente masculino. Em 1852, o surgimento de *O Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro, editado por Joana Paula Manso de Noronha, argentina de nascimento, figura como um dos primeiros jornais de propósitos femininos e abrigo da mulher escritora, contando inclusive com mulheres na redação. A publicação convidava todas as senhoras “dotadas de inteligência” a apresentar suas produções literárias sob o anonimato. Seis meses após a sua primeira publicação, a direção do jornal passou para as mãos da colaboradora Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, no ano seguinte, para

de norte a sul do país, atentas a todas as publicações relativas às mulheres, publicavam seus trabalhos no campo das letras, além de incentivarem a busca pela ilustração, melhoramento social e moral, a emancipação e profissionalização femininas, mas havia também, textos sobre a educação das mães. Publicavam-se artigos de opinião sobre a capacidade intelectual das mulheres, os avanços realizados em outros países, ao mesmo tempo que, acusavam os homens de egoístas por considerarem as mulheres “crianças mimadas” (DUARTE, 2009; TELLES, 2011).

Os periódicos, no final do século XIX e início do século XX, foram alguns dos principais difusores das noções de cidadania, pátria, civilização, progresso, desenvolvimento e ciência, para o público (FRANÇA, 2012).

Um dos jornais mais expressivos escrito e dirigido por mulheres foi o *Sexo Feminino* de Francisca Senhorinha da Motta Diniz. Esse periódico é um dos exemplos de como a “vulgarização da educação e da ciência” (França, 2012, p. 896) possibilitou o tratamento de assuntos para mulheres (Figura 16).

---

Gervásia Numésia Pires dos Santos Neves. Violante, filha do redator de *Idade d'Ouro* (periódico da Bahia, de 1811) e de *As Variedades*, foi uma das primeiras mulheres a exercer funções de direção na imprensa brasileira. A publicação ilustrada trazia notícias de modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica, circulando até 1855. Em 1862, saía a revista *Belo Sexo* do Rio de Janeiro, feita por mulheres com instrução secundária que já não se escondiam sob o anonimato, assinando crônicas literárias. [...] o Rio de Janeiro contribuía com mais exemplos: *O Domingo*, 1874, de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco; *Eco das Damas*, 1879, de Amélia Carolina da Silva Couto, que encetou em 1887 a publicação de *O Leque*, no qual propunha moderadamente a libertação das mulheres. À frente d' *A Família*, de 1889, Josephina Álvares de Azevedo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, autora da peça teatral *O Voto Feminino*, encenada em São Paulo, em 1878, alertava para o movimento sufragista feminino, que ganharia força no Brasil só nas primeiras décadas do século XX. Não obstante, essas iniciativas isoladas, algumas com mensagens inovadoras, a tônica dessa produção pautou-se por açucaradas publicações, sob títulos alegóricos, sugestivos da “fragilidade da figura feminina”: *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera* (MARTINS, 2012, pp. 46-47).

Figura 16 - Capa da Primeira edição do jornal *O Sexo Feminino*

Fonte: Jornal *O Sexo Feminino*, ed. 01, 07/09/1873

A publicação de *O Sexo Feminino* passou por três fases: de 1873 a 1874, funcionou na cidade de Campanha/MG; em 1875, é transferido para o Rio de Janeiro, deu uma pausa em suas publicações, voltando a funcionar em 1889, também no Rio de Janeiro; após a Proclamação da República, o periódico passou a ser chamado de *15 de novembro do Sexo Feminino*, o que simbolizava, de acordo com Harner (1981), o

empenho de Francisca Senhorinha para que as mulheres alcançassem plenos direitos políticos, a questão do sufrágio feminino passou a ter uma coluna reservada em seu jornal, a emancipação das mulheres adquiriria um significado mais vasto.

*O Sexo Feminino* se definia como “semanário dedicado aos interesses da mulher”, circulava semanalmente, tinha como objetivo principal proporcionar, de maneira mais acessível, educação e instrução para mulheres por meio de artigos que buscavam conscientizar que, por meio da instrução e educação, a emancipação seria possível (FRANÇA, 2012; DUARTE, 2009; TELLES, 2011).

#### ***A educação da mulher***

*Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão na imprensa—O Sexo Feminino; tapem os olhos os indiferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcançado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso ; rião os curiosos seu riso sardonico de reprovação á idéa que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do Sexo Feminino ; persigão os retrógrados com seus diterios de chufa e mofa nossas conterranças, chamando-as de utopias: Sexo feminino ha de luetar, e luctar até morrer : morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido. O seculo XIX, seculo das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres. e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de um traste de casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!! Em vez de paes de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc., etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional perfeitamente, e depois, economia e medicina domestica, a puericultura, a litteralura (ao menos a nacional e portugue-za), a philosophia, a historia, a geographia, a physka, a chimica, a historia natural, para coroar esses estudos a instrução moral e religiosa; que estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: “Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim ! !”. Não sirva de cuidado aos paes que suas filhas, assim educadas e instruidas, não saibão coser, levar, engomar, cortar uma camisa etc. etc. A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades. O dinheiro, Deos o dá e o diabo pôde tirar; mas a sabedoria que Deos dá – o diabo não a roubará (O Sexo Feminino, Anno 1, Cidade de Campanha, 07/09/1873, número 1, página 1).*

Francisca Senhorinha da Motta Diniz acreditava que, o acesso e o direito ao estudo permitiriam que as mulheres fossem equiparadas aos homens, e que poderiam contribuir para a formação da sociedade. Foi também por meio do jornal que Francisca Senhorinha passou a denunciar a situação de opressão e ignorância em que as mulheres se encontravam (FRANÇA, 2012).

*Pois bem, se o seculo presente é o seculo das luzes e o da batalha da civilização – A racional emancipação da mulher não podia nem pôde deixar*

*de entrar na arena de combate travado para restauração dos direitos da mulher... a sociedade moderna não educa a mulher exclusivamente para a glória e ornamento dos salões, educa-a para ser útil a si e à humanidade (O Sexo Feminino, Anno 3, Rio de Janeiro, 02/06/1889, número 1, página 1).*

Por acreditar que a educação e a instrução pela escola seriam o primeiro passo para a transformação da mulher, fundou com suas filhas Amélia, Albertina e Elisa Diniz o *Collegio Santa Isabel*. Nessa instituição de ensino, as disciplinas relacionadas à vida doméstica foram mantidas, porém, acrescentadas as de História, Matemática e Geografia (DUARTE, 2009).

Jornais e outros periódicos, como a revista *A Mensageira*<sup>26</sup> de Presciliana Duarte de Almeida, primeira mulher a frequentar a academia Brasileira de Letras, fizeram campanhas sobre educação e emancipação feminina.

Algumas delas reforçavam os papéis de boa mãe, esposa e dona de casa, de qualquer maneira, o mais importante era enaltecer as mulheres. Nesses periódicos, havia uma grande quantidade de textos escritos por mulheres e as articulistas estavam sempre atentas às possibilidades e aos entraves e obstáculos passados pelas mulheres, conforme Duarte (2009) e França (2012).

#### ***A Mulher***

*Não é máo principio para uma Jornalista começar por definir aquillo que é indefmível. A mulher! O que vem a ser a mulher!? Vejamos. Árdua é a questão! E apesar de tudo todo o mundo a define segundo lhe apraz! “Misérias humanas”. Ha sujeito que em fim na sua vida lhe foi possível fazer uma conquista amorosa, ou porque é feio, ou desageitado, perguntai-lhe, o que é a*

---

<sup>26</sup> Lançada a 15 de outubro de 1897, na cidade de São Paulo, a revista *A Mensageira* circulou até 15 de janeiro de 1900, com exatos 36 números. No primeiro editorial, com o título de “Duas palavras”, Presciliana Duarte de Almeida busca “estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela communhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos.” As páginas de *A Mensageira* enaltecem os feitos da mulher dentro e fora do lar, seu papel nas ciências, nas artes, na literatura, divulgando nomes de mulheres que desempenhavam papel de destaque dentro e fora do Brasil. Firmou um importante papel em defesa da abolição da escravatura e na defesa do voto da mulher (um pensamento muito avançado para a época). Tinha na educação a condição fundamental para a evolução da mulher. *A Mensageira*, que se estampava com o subtítulo “revista literária dedicada à mulher brasileira”. Em suas páginas figuravam nomes como o das escritoras: Auta de Sousa (1876-1901), Áurea Pires da Gama (1876-1949), Zalina Rolim (1869-1961), Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), Delminda Silveira (1854-1932) e da portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898), entre outras. Em seu primeiro editorial, com o título de “Duas palavras”, Presciliana Duarte de Almeida busca “estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela communhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos” (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **A mensageira**: Revista literária dedicada à mulher brasileira. 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brasileira/>. Acesso em: 01 abr. 2022

*Mulher? E elle logo vos respondera — a Mulher é um demônio com saias, uma cobra, um monstro, uma furia, etc., etc. Outro a quem lhe roubarão o coração da sua bella, esse diz que a Mulher é o symbolo da inconstância; diz que é traidora, falsa [...] Que graça: por modéstia chamava ao homem — o rei da criação! Bonito rei; cego e surdo, que anda no mundo as apalpadelas, e nem ao menos sabe o momento que antecede sua morte! E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aquelles, e desconhecidas e menoscabadas por todos! E o peor do negocio é que as mesmas mulheres são muitas vezes contra si mesmas.... Por isso torno a perguntar: o que vem a ser Mulher? Em falando francamente não o sei! A malícia da mulher é de tão longa data... data do nosso pae Adão... Elle coitadinho era um inocente; foi a mulher quem o perdeo! Marotinha! Fazel-o comer a tal fructa! Ella fez mal, fez muito mal; olhem que se não fosse isso dcerto o Jornal das Senhoras não vinha ao mundo, porque naturalmente Adão e Eva ficavão eternamente no Paraiso a olhar um para o outro [...], Mas essa é nossa questão. A mulher; o que vem a ser mulher? A mulher não é o homem? Que novidade! Trata-se de definil-a! Isso não sei. Posso asseverar-vos que ella tem alma; Tem intelligência. Tem direitos que Deos e a natureza lhe concederão. É susceptível do bom e do mau. A mulher em fim não é em nosso entendimento um ser á parte da criação e, entra partilha com o homem — do bem e do mal — da intelligência e da estupidez. A alma não tem sexo; Dizer-vos se a Mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má. Eis que não posso. Reformae a sua educação moral, deixem os homens de consideral-a como sua propriedade. Seja o que Deos a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de logar sem ser consultada/ e então quando assim for falaremos. Entretanto este Jornal dedicado exclusivamente ás Senhoras tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendencia é a emancipação moral da Mulher (JORNAL DAS SENHORAS, tomo 1, 01/01/1852).*

Surgiu no Brasil, principalmente nas cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, no final do século XIX e século XX, uma imprensa periódica composta por jornais e revistas femininas e educacionais, os primeiros voltados para imagens acerca do papel da mulher e sua responsabilidade na criação dos filhos, por meio de um discurso normatizador que distinguia os papéis entre homens e mulheres, já as revistas abordavam assuntos sobre o campo educacional, com matérias que reivindicavam melhores salários para professores públicos, mas não havia referência do trabalho feminino mesmo que as mulheres fossem maioria no ensino primário (ALMEIDA, 1998).

A República, baseada no positivismo e nas ideias de comtianas, apresentava, de acordo com Jane Soares de Almeida (1998), a mulher como “mulher-mãe com qualidades morais altruísticas, a fêmea humana bondosa e redentora” (ALMEIDA, 1998, p. 32). Tal domesticidade das mulheres foi, com frequência, noticiada na imprensa periódica educacional e na imprensa feminina, exaltando o papel da mulher no lar, rejeitando, assim, as teses do movimento feminista que vinham da Europa e dos Estados Unidos.

Nesse período, com acesso à educação, mais mulheres poderiam figurar entre os leitores “reproduzindo as ideologias e as representações divulgadas por essa imprensa que

também serviria para dar uma certa expansão aos sufocados sentimentos femininos que podiam revelar-se pelos meios literários” (ALMEIDA, 1998, p. 33).

Foram ampliados, por meio dos periódicos, o universo político e literário das mulheres, permitindo o crescimento do número de reivindicações, que ao transporem as barreiras do lar, deram mais visibilidade para as mulheres que passaram a exigir direitos e liberdades, contudo, paralelo a esse movimento, surgiu uma imprensa educacional dirigida por homens que ignorava-as questões femininas e as determinações sexuais do ensino, referindo-se a professores e professoras de forma uniforme (ALMEIDA, 1998; DUARTE, 2009; FRANÇA, 2012).

## 2.6 OS DIREITOS DELAS

Constância Lima Duarte (2019) explica que a história do feminismo no Brasil teve início em meados do século XIX, momento em que as mulheres despertam de sua inércia, sendo os momentos de maior visibilidade, ocorridos nas décadas de 1830, 1870, 1920 e 1970, cerca de 50 anos entre os movimentos.

Foram poucas, na concepção de Duarte (2019), as mulheres que tiveram acesso à educação diferenciada, "que tomaram para si a tarefa de estender os benefícios do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que defendia a ideia de que mulher não necessitava saber ler nem escrever" (DUARTE, 2019, p. 28), destacando nesse momento, o nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810 - 1885).

Abolicionista e republicana, Dionísia Faria Rocha (Figura 9) adota o pseudônimo de *Nísia*, em homenagem ao pai – Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa; *Floresta* – recordação do sítio onde nasceu; *Brasileira* - nacionalismo em voga e *Augusta* – homenagem a seu grande amor - Manuel Augusto de Faria Rocha (MENDONÇA, MARTINS, 2021; TELLES, 2011).

Figura 9 - Nísia Floresta (Dionísia de Faria Rocha)



Fonte: Museu Nísia Floresta (2022)

Nascida Dionísia Gonçalves Pinto na cidade de Papari — hoje cidade Nísia Floresta — Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810, Nísia era filha do advogado Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, português de personalidade progressista, casado com uma viúva brasileira. Foi obrigada a casar-se muito cedo. Aos 13 anos já era esposa de um proprietário de terras chamado Manuel Alexandre Seabra de Melo. Já neste momento apresentava os traços marcantes de sua personalidade, que a acompanhariam por toda sua trajetória. Mesmo com tão pouca idade, Nísia enfrentou este que deveria ser o destino das mulheres de seu tempo, o casamento – acordado e forjado entre famílias – e a maternidade, ao abandonar o marido meses depois do matrimônio e retornar à casa de seus pais. Fato que para época, deixou a figura de Nísia “mal-vista” pela sociedade imperial (MENDONÇA, MARTINS, 2021, p. 822).

Além da primeira publicação da autora, o livro foi o primeiro no Brasil a tratar sobre o direito das mulheres à instrução, ao trabalho, à educação e exigir respeito:

Crendo-se incapazes de aperfeiçoar o nosso entendimento, os homens nos têm inteiramente privado de todas as vantagens da educação e, por este meio, têm contribuído tanto quanto lhes é possível a fazer-nos criaturas destituídas de senso, tais quais eles nos têm figurado. Assim, faltas de educação, somos entregues a todas as extravagâncias porque nos tornamos desprezíveis; temos atraídos sobre nós seus maus tratamentos por faltas de que eles têm sido nos autores, tirando-nos os meios de evitá-las. Qual é o resultado desse tratamento tirânico que eles nos fazem experimentar? Recai por último sobre si mesmo. A falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam, as priva das virtudes que poderiam sustentá-las contra os maus tratamentos que eles imprudentemente lhes fazem sofrer; faltas destas virtudes elas imaginam os meios os mais condenáveis para se vingarem de seus tiranos. Donde resulta que em geral os homens e mulheres têm, uns para com os outros, um soberano desprezo e combatem à porfia quem trata pior o outro; quando, pelo contrário, deveriam viver felizes, se ambos os sexos se resolvessem a tomar um pelo outro os sentimentos de estima, que se devem reciprocamente (FLORESTA, 1832).

Segundo Duarte (2019), a obra de Nísia Floresta foi inspirada nos trabalhos de Mary Wollstonecraft *Vindications of the rights of woman* (Reivindicação pelos direitos das mulheres) e, nos escritos de Poulain de la Barre, nos artigos de Olympe de Gouges, "*Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*"<sup>27</sup> (Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã), escrito em 1791.

Ainda, segundo a autora, Nísia Floresta, em suas obras, destaca que o preconceito no Brasil tem suas origens na cultura portuguesa, e a diferenciação e desigualdade entre

---

<sup>27</sup> GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã - França, setembro de 1791. Em Aberto, Brasília, v. 92, n. 27, p. 167-170, jul. 2014. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2513/2251>. Acesso em: 20 mar. 2022.)

homens e mulheres são oriundas da educação e das circunstâncias da vida, “antecipando a noção de gênero como construção sociocultural” (DUARTE, 2019, p. 29).

Nísia Floresta fundou o Colégio Augusto, instituição de ensino que propunha pedagogias diversas voltadas para a educação feminina, tais avanços, porém, não foram bem recebidos pela sociedade imperial, que não considerava necessário às mulheres o aprendizado de algo que não fosse relativo ao universo doméstico, o educar tinha o objetivo de preparar mulheres para bom desempenho dentro do lar (MENDONÇA, MARTINS, 2021).

Para Nísia, a tarefa da mulher era árdua, sua formação deveria abranger vários níveis de aprendizado, como a educação moral, intelectual e religiosa. A mulher deveria ser um exemplo de virtude. Talvez, em sua concepção, essa fosse a forma mais fácil de alcançar o respeito e a valorização social. A permanência do sistema vigente, e ao mesmo tempo a ruptura dele, comprovariam que as mulheres poderiam desempenhar de forma eficiente papéis diferentes daqueles que lhes vinham sendo impostos, além de cumprir com todas as suas tarefas cotidianas de forma satisfatória [...] Mas, apesar de não propor uma revolução imediata nos costumes, Nísia fundou um colégio voltado exclusivamente à educação feminina, e sua proposta pedagógica inovadora permitia às meninas o aprendizado de ciências, até então, reservadas apenas aos meninos. Dentre as inovações, destacamos o ensino do latim, francês, italiano, e inglês, com suas respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da Geografia e História do Brasil; a prática de Educação Física e a limitação do número de alunas por turma, como forma de garantir a qualidade de ensino (MENDONÇA, MARTINS, 2011, p. 826).

Nísia Floresta é considerada uma das pioneiras das ideias feministas no Brasil, desde o início de sua carreira literária, preocupou com os direitos femininos, tema recorrente em suas obras (DUARTE, 2019; MENDONÇA, MARTINS, 2021). “Apesar das limitações de distribuição e divulgação de opiniões na época, a obra de Nísia Floresta teve muita repercussão, [...]. A necessidade de educação e a capacidade da mulher e da política foram repetidas inúmeras vezes (TELLES, 2011, p. 406).

Além de Nísia Floresta, podemos citar Júlia Lopes de Almeida <sup>28</sup>(1862 -1934), como outro nome importante para contar a história do feminismo no Brasil. Escritora e

---

<sup>28</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, a 24 de setembro de 1862. Filha de Antônia Adelina Pereira, natural de Lisboa, e do médico português Valentim Lopes. A família fixou-se em Nova Friburgo, região serrana fluminense, onde Júlia aprendeu a ler com a mãe. Quando tinha seis anos, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, e anos depois para Campinas (SP). Ali, Júlia iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas*. Teve a oportunidade de aprimorar seus estudos na Europa, por influência de seu pai, um liberal. Casou-se com o poeta Felinto de Almeida e com ele voltou a residir no Rio de Janeiro, dividindo o seu tempo entre Portugal e o Brasil. Teve seis filhos. No Rio de Janeiro, participou dos principais movimentos políticos do período, colaborando com jornais paulistas e cariocas, como o influente *Jornal do Commercio*. Em Portugal, editou o seu primeiro livro, *Traços e iluminuras*, coletânea de contos e poemas anteriormente

jornalista, encontrou muitas oposições, mas aos poucos ganhou notoriedade e prestígio. Escreveu vários periódicos, suas crônicas faziam campanha em defesa da educação da mulher, da Abolição, da República e do divórcio, a autora, retrata também em seus textos, a cidade, o campo, os costumes, o cotidiano.

Entre o final do século XIX e início do século XX, escreveu peças teatrais, sendo *A herança*, a mais conhecida. Júlia viajou o mundo como palestrante, reunindo suas experiências no livro *História da nossa Terra*, de 1922. “Júlia Lopes de Almeida tentou sempre conciliar a imagem da escritora, da boa mãe e esposa” (TELLES, 2011, p. 440).

Nos finais do século XIX, houve um aumento das manifestações femininas voltadas para os planos político e pedagógico e, segundo Almeida (1998), foi justamente nessa época que, as primeiras publicações femininas advogando em defesa do direito ao voto, ao trabalho e à profissionalização; esse movimento aconteceu no interior das classes média e alta, liderado por mulheres letradas da elite que pretendiam conseguir maior liberdade social e individual.

A partir da República, muitas mulheres, dentre elas professoras primárias, passaram a escrever para jornais, exigindo mais instrução feminina e mais escolas para meninas e moças, o exercício de uma profissão e o voto, contudo, mesmo com a mudança gradual da mentalidade feminina, o lar e o casamento foram mantidos, anos de dominação masculina, não são facilmente esquecidos, a maternidade e o matrimônio não eram questionados, mas sim a desigualdade e o papel secundário das mulheres (ALMEIDA, 1998).

Havia agora uma nova missão a ser cumprida, ou seja, trazer a público as necessidades femininas e proclamar sua não aceitação dos papéis sexuais tradicionais. A emergência dessa nova mulher deveria vir acompanhada de

---

publicados pela imprensa. Na década de 1890, escreveu para jornais de grande circulação, bem como para periódicos produzidos e distribuídos por mulheres, como *O Jornal de Senhoras*. Das crônicas publicadas na imprensa, Júlia Lopes de Almeida passou para os romances, como *A família Medeiros*, sobre costumes paulistanos; *Correio da roça*, narrativa epistolar; e contos, como *Reflexões de um marido*, onde discutia a condição feminina. Crítica da sociedade do seu tempo, Júlia condenava a supremacia masculina, a negação do direito ao voto às mulheres, a exploração no trabalho, a escravidão dos negros e as violências sexuais contra a mulher. Também se dedicou à literatura infantil, escrevendo em parceria com sua irmã mais velha, Adelina Amélia Lopes Vieira, igualmente poetisa, o livro *Contos infantis*, que foi aprovado pelas autoridades do ensino no Brasil para ser adotado em escolas primárias em todo o país. O livro teve três edições, sendo duas em Lisboa e uma no Rio de Janeiro, e alcançou cerca de 15 mil exemplares [...] Júlia Lopes de Almeida encarnou o ideal de mulher inteligente e de sucesso. Em dezembro de 1922, a convite de Bertha Lutz\*, participou da *Comissão de Relações Internacionais e Paz do I Congresso Internacional Feminista promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*. Em julho de 1931, quando a Federação promoveu o *II Congresso Internacional Feminista*, na cidade do Rio de Janeiro, e as mulheres se organizavam para obter o direito de voto, o discurso de abertura coube a Júlia Lopes de Almeida, a mulher de maior prestígio no meio cultural, em todo o país (SCHUMACHER; BRAZIL, 2000, pp. 352-353).

uma educação adequada que a preparasse para os cuidados com o lar e lhe possibilitasse uma inserção no campo profissional. Apesar disso, não foram poucos os que se opuseram à ideia de mulheres instruídas e profissionalizadas, principalmente os pertencentes ao catolicismo ultraconservador que via na ascensão feminina à instrução uma ameaça. Na época, os colégios católicos representavam o entrecruzamento de três forças sociais: a Igreja, o Estado e a Oligarquia. A imprensa católica, mantida pela Igreja e coerente com seu conservadorismo a respeito do sexo feminino, foi contundente na sua recusa em libertar a mulher pela via da instrução (ALMEIDA, 1998, p. 37).

O voto da mulher não fazia parte da pauta das primeiras feministas, Violante Bivar<sup>29</sup>, proprietária do jornal *O Domingo*, era contrária à admissão de mulheres no governo e no exército; de início *O Sexo Feminino*, de Francisca Senhorinha<sup>30</sup>, via poucos benefícios no voto para as mulheres, mas tinha simpatia pela causa.

Para Jane Soares de Almeida (1998), a intenção de colocar novamente a mulher no sagrado ambiente do lar tinha como argumento principal para a desintegração da família, caso a mulher exercesse algum trabalho fora do lar, por essa ótica qualquer profissão apresentava um aspecto negativo que era o de impedir novos casamentos, a

---

<sup>29</sup> Nasceu na Bahia, em 1º de dezembro de 1816 ou 1817. Seus pais eram Violante Lima de Bivar e o conselheiro imperial Diogo Soares da Silva de Bivar. Recebeu uma educação refinada e bem cedo aprendeu o francês, o italiano e o inglês. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde se tornou figura de projeção social nos salões da Corte. Com cerca de 20 anos, traduziu a peça *O Xale de Casemira Verde*, de Alexandre Dumas e Eugênio Sue, o que lhe valeu a entrada no grêmio do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro. Casou-se com um oficial da marinha, o tenente João Antônio Boaventura Velasco. Em meados da década de 1840, conheceu a argentina Joana Paula Manso de Noronha, que lançou, em 1852, o primeiro jornal redigido por mulheres, *O Jornal das Senhoras*. Violante começou como colaboradora, mas seis meses depois já o dirigia. Em 1855, deixou o jornal. Publicou, em 1859, uma coletânea, *Algumas traduções das linguas francesa, italiana e inglesa*, com prefácio de Beatriz Francisca de Assis Brandão. Em 1865, sofreu a perda de seu pai e, pouco depois, também seu marido faleceu. Retornaria ao mundo das letras, oito anos depois, ao criar o jornal *O Domingo*, seguindo a linha do antigo periódico. O último número de *O Domingo* foi em de 9 de maio de 1874. Violante foi considerada por Joaquim Manuel de Macedo e Afonso Costa como a primeira jornalista brasileira, já que Joana Paula era de nacionalidade argentina (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 599).

<sup>30</sup> Nasceu em São João del Rei (MG), filha de Gertrudes Alves de Melo Ramos e de Eduardo Gonçalves da Mota Ramos. Casou-se com o advogado José Joaquim da Silva, com quem teve duas filhas. Dedicou-se ao magistério da instrução primária, lecionando em Minas Gerais e, posteriormente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Já viúva, fixou residência nesta última, onde fundou e dirigiu o Colégio de Santa Isabel, na rua do Lavradio, voltado para a clientela de moças de classe média. Para administrar a escola contou com o apoio de suas filhas, Albertina Diniz e Elisa Diniz Machado Coelho, ambas escritoras. Iniciou-se no jornalismo colaborando com o semanário *Estação*, um jornal de modas, mas sua mais importante contribuição para a imprensa feminina da época foi o semanário *O Sexo Feminino*, que começou a produzir em Campanha (MG) em 1873 e durou dois anos. No Rio de Janeiro, reeditou essa publicação de 1875 até 1890 – *O Sexo Feminino*, também semanal, continha informações sobre literatura e amenidades, acrescido de temas polêmicos como a Abolição da escravatura, o voto feminino e o movimento feminista em outros países. Após a Proclamação da República, Francisca Senhorinha mudou o nome do jornal para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. O programa do jornal propunha a emancipação da mulher por meio da educação física, moral e intelectual. Ainda como jornalista, Francisca Senhorinha redigiu durante o ano de 1880 os semanários *A Primavera*, que circulou no Rio de Janeiro, e *A Voz da Verdade*. Com o auxílio de sua filha, Albertina da Mota Diniz, Francisca Senhorinha escreveu o romance de costumes *A judia Rachel*, editado no Rio de Janeiro em 1886 (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, pp. 286-287).

independência econômica e o emprego levariam as mulheres a maiores liberdades e autonomia financeira, o que representava um risco para o matrimônio.

A agitação republicana fortaleceu a aspiração feminista por direitos políticos, surgiram novos argumentos em favor do sufrágio feminino, após a Proclamação da República (HARNER, 1981). Antes da elaboração da Constituinte que se reuniria em 1891, foram registrados, de acordo com Maria Teresa Caiuby Crescente Bernardes (2013), o lançamento de duas candidatas para compor o Congresso Constituinte:

Sobre a primeira delas há apenas uma breve notícia (14 ag. 1890. p.3): "A Exma. Sra. D. Maria Augusta Meira de Vasconcelos, que tão brilhante artigo tem publicado no Jornal do Recife, apresenta-se candidata à constituinte pelo Estado de Pernambuco. Diz ela: 'O povo é quem elege, e o povo, para quem apelo da decisão injusta do governo, é soberano'". O segundo caso refere-se a Izabel Dillon, citada anteriormente em suas críticas ao Governo Provisório. É de sua lavra uma "Circular (28 ago.1890.p.2] que assim principia: "Defensora da emancipação da mulher, entendo que um governo democrático não pode privar uma parte da sociedade de seus direitos políticos, uma vez que as mulheres não foram francamente excluídas das urnas eleitorais pela nossa constituição vigente, sendo eu eleitora em pleno gozo dos meus direitos civis e políticos, apresento-me candidata à Constituinte, escolhendo o Estado da Bahia, terra que me deu o berço; conto com a independência e civismo do eleitorado baiano para quem faço um apelo". Segue-se a este apelo a declaração de seus princípios de igualdade para todos os cidadãos, liberdade de pensamento e direito de voto e de elegibilidade. Entre os problemas que mais a preocupam enumera o trabalho, as necessidades do proletariado, uma economia austera, leis protetoras da criança, da mulher e dos operários. E, para que possa cumprir seu programa, acrescenta: "Conto, apesar de todos os obstáculos, que me serão opostos por verdadeiros preconceito que terei de meus dignos e generosos conterrâneos favoráveis acolhimentos na aspiração de um lugar no seio do futuro Congresso". As duas tentativas acima representam vigorosa oposição à maneira pela qual se cumpriam os dispositivos constitucionais que, sem negar explicitamente o direito de voto e de elegibilidade às mulheres na prática o faziam (BERNARDES, 2013, p. 23).

No Brasil, assim como em outros países, homens podiam aspirar ambições e habilidades, já as mulheres eram destinadas, desde o seu nascimento, para serem mães e esposas em tempo integral. Havia uma visão sentimental dos oradores anti-sufragistas sobre a santidade do lar, da boa mãe e esposa (HARNER, 1981). Essa oposição ao sufrágio feminino foi baseada na “suposta nobreza e pureza e domesticidade das mulheres suposições levadas ao extremo pelos positivistas tanto dentro como fora da assembleia [...]. A feminilidade como um todo deveria ser venerada e colocada à parte de um mundo de maldades” (HARNER, 1981, P. 85).

Conforme progredia o século XX, mais mulheres da classe média e alta passaram a reivindicar “direitos comparáveis aos dos seus maridos e irmãos, principalmente quanto ao acesso a cargos profissionais e ao voto” (HARNER, 1981, p. 94).

Nas palavras da autora, era um tipo de feminismo aceito socialmente, pois não demandavam exigências e nem mudanças nas relações familiares, diferente de algumas feministas anteriores, pois nem o título universitário ou o voto impediriam as mulheres de realizarem seus deveres domésticos (HARNER, 1981). Nos finais da segunda década do século XX, surgiu “um movimento moderado em favor dos direitos das mulheres” (HARNER, 1981, p. 96).

As manifestações feministas ficam mais vigorosas após a visita de Bertha Maria Júlia Lutz (Figura 17) à Europa, pouco tempo antes da Primeira Guerra Mundial – momento em que o feminismo inglês se encontrava em uma de suas fases mais violentas. De volta ao Brasil, em 1918, Bertha Lutz publicou um artigo que ajudaria o movimento sufragista no país (SAFFIOTI, 1976; HARNER, 1981; DUARTE, 2009, BERNARDES, 2013).

Figura 17 - Bertha Lutz



Fonte: Câmara dos Deputados (2022)

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1976), June Harner (1981) e Constância Lima Duarte (2009) descrevem Bertha Lutz como uma mulher incansável, que em seus discursos e publicações disseminava e denunciava as opressões passadas pelas mulheres.

Bertha Lutz, em 9 de agosto de 1922, com Isabel Imbassahy Chermont, Stella Guerra Durval, Júlia Lopes de Almeida e Maria Lacerda Moura, funda a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* (FBPF, Figura 18),<sup>31</sup> cuja luta ficou delineada dentro de 7 tópicos que integravam suas finalidades:

1) Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina; 2) Proteger as mães e a infância; 3) Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; 4) Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; 5) Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público; 6) Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos e 7) Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da justiça no Hemisfério Ocidental. Como se pode observar, a F.B.P.F. nasceu voltada para suas congêneres norte-americanas, quer se atente para os pontos básicos de seu programa de ação no que tange à consecução dos direitos femininos, quer se enfoque seu desejo expresso de promover e reforçar a integração do Brasil no conjunto de países que integram o chamado Bloco Ocidental.

“A década de 1920 foi particularmente pródiga para as mulheres” (DUARTE, 2009, p. 38), nesse período conturbado pelas lutas para a emancipação feminina em diversos planos da vida social alguns nomes, além de Bertha Lutz podem ser destacados:

- i. Leolinda Figueredo Daltro (1859-1935) – liderou um grupo de feministas optantes pela ocupação de espaços públicos para chamar a atenção para as suas reivindicações;
- ii. Ercília Nogueira Cobra (1891-1938) – na semana de arte Moderna lança o livro *Virgindade inútil: novela de uma revoltada*, obra que pretendia discutir a exploração sexual e trabalhista da mulher;
- iii. Diva Nolf Nazário (1875-1966) – secretária da Aliança Paulista pelo Sufrágio Feminino, lançou em 1923 o livro *Voto feminino e feminismo*;
- iv. Luiza Alzira Teixeira Soriano (1897-1963), primeira mulher a ser eleita como prefeita no Brasil e na América Latina;

---

<sup>31</sup> CPDOC. *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*. 2022. Disponível em: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Acesso em: 05 abr. 2022.

- v. Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) – Conquista em 1921, primeiro prêmio do Concurso Literário da Academia Brasileira de Letras com o livro *Rito Pagão*;
- vi. Gilka<sup>32</sup> Machado (1893-1980) – publica em 1908, um livro de poemas eróticos *Meu Glorioso Pecado*, considerado um escândalo por afrontar a moral sexual patriarcal cristã, além disso, fundou com Leolinda Daltro o Partido Republicano Feminino<sup>33</sup>.

Figura 18 - Reunião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, nos anos 20, entidade que deu suporte às reivindicações femininas



Fonte: MOTTA (2014)

<sup>32</sup> Gilka Machado (1893-1980) Poetisa, sufragista e feminista. Gilka da Costa de Melo Machado nasceu no Rio de Janeiro, a 12 de março de 1893. Era filha da atriz de teatro Teresa Costa e do poeta Rodolfo Machado. Também seus avós e bisavós haviam sido artistas, e sua filha, Eros Volússia, tornou-se uma bailarina de sucesso. Gilka foi pioneira na utilização do erotismo na poesia feminina brasileira. Seu interesse pela poesia começou na infância, mas sempre precisou conciliar a vida difícil com a atividade literária. Já casada e com filhos, trabalhou como diarista na Estrada de Ferro Central do Brasil, recebendo um magro salário. Estreou nas letras vencendo um concurso literário do jornal *A Imprensa*, dirigido por José do Patrocínio Filho. Na ocasião, houve manifestação negativa, qualificando seu trabalho como “próprio de uma matrona imoral”. Os críticos mais novos, porém, reconheceram a importância da sua proposta, que pretendia a libertação dos sentidos e dos instintos. A obra de Gilka Machado pertence à escola poética do Simbolismo, e dela adota as imagens mais recorrentes. Contudo, Gilka caminhou para a ruptura com seus contemporâneos, não só pela ênfase na temática do erotismo, mas também pela referência a aspectos sociais que oprimem a mulher. [...]. Fez parte do grupo da professora Leolinda Daltro que fundou em dezembro de 1910 o Partido Republicano Feminino, do qual foi segunda-secretária (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, pp. 290-291).

<sup>33</sup> CPDOC. **Partido Republicano Feminino**. 2022. Disponível em: PARTIDO REPUBLICANO FEMININO.pdf (fgv.br). Acesso em: 3 abr. 2022.

O movimento feminista brasileiro, mesmo que não tenha atingido êxito em diversos momentos históricos e, contado com a adesão das massas femininas, pois as ideias eram importadas da Europa e dos Estados Unidos, incutiu na mente das mulheres aspiração e o desejo de emancipação feminina por meio do trabalho – em outras partes do mundo, estavam acontecendo diversas lutas pelos direitos das mulheres, dentre elas a proposição do *Dia Internacional da Mulher*<sup>34</sup>, por Clara Zetkin, em 1910, no 2º Congresso Internacional de Mulheres Socialistas (BLAY, 2002) –, não restam dúvidas da contribuição do movimento feminista brasileiro para a conscientização e o despertar das mulheres na busca de sua verdadeira emancipação.

*“A minha concepção de paixão situa-se na esfera do desejo de ser, de esforço, no sentido de realização, de vontade e capacidade de libertação. É um movimento forte o bastante para justificar tentativas e persistir, apesar de todos os obstáculos, na busca de realização individual.”*  
(ALMEIDA, 1998).

---

<sup>34</sup> Clara Zetkin (1857-1933), alemã, membro do Partido Comunista Alemão, deputada em 1920, militava junto ao movimento operário e se dedicava à conscientização feminina. Fundou e dirigiu a revista *Igualdade*, que durou 16 anos (1891-1907). Líderes do movimento comunista como Clara Zetkin e Alexandra Kollontai ou anarquistas como Emma Goldman lutavam pelos direitos das mulheres trabalhadoras, mas o direito ao voto as dividia: Emma Goldman afirmava que o direito ao voto não alteraria a condição feminina se a mulher não modificasse sua própria consciência. Ao participar do II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhagem, em 1910, Clara Zetkin propôs a criação de um Dia Internacional da Mulher sem definir uma data precisa [...]. No Brasil vê-se repetir a cada ano a associação entre o Dia Internacional da Mulher e o incêndio na *Triangle* quando na verdade Clara Zetkin o tenha proposto em 1910, um ano antes do incêndio. É muito provável que o sacrifício das trabalhadoras da Triangle tenha se incorporado ao imaginário coletivo da luta das mulheres. Mas o processo de instituição de um Dia Internacional da Mulher já vinha sendo elaborado pelas socialistas americanas e europeias há algum tempo e foi ratificado com a proposta de Clara Zetkin [...] O feminismo dos anos 60 e 70 veio abalar a hierarquia de gênero dentro da esquerda. A luta das mulheres contra a ditadura de 1964 uniu, provisoriamente, as feministas e as que se autodenominavam membros do ‘movimento de mulheres’. A uni-las, contra os militares, havia uma data: o 8 de Março. A comemoração ocorria através da luta pelo retorno da democracia, de denúncias sobre prisões arbitrárias, desaparecimentos políticos. A consagração do direito de manifestação pública veio com o apoio internacional – a ONU instituiu, em 1975, o 8 de Março como o Dia Internacional da Mulher. Entrou-se numa nova etapa do feminismo. Mas velhos preconceitos permaneceram nas entrelinhas. Um deles talvez seja a confusa história propalada do 8 de Março, em que um antiamericanismo apagava a luta de tantas mulheres, obscurecendo até mesmo suas origens étnicas (BLAY, 2002).

### 3 MODOS DE MULHER: SER E ESTAR NO *LAVOURA E COMMERCIO*

**Eva**

*Da primeira mulher eis a idea que faço:  
O Senhor a creou da alvura deslumbrante  
Os lábios lhe tingiu no sangue do Levante...  
Visando a perfeição, poliu-a traço a traço!*

*Deu-lhes as formas que herdou a Eleonora do Tasso  
E a alma que ostentaria a Beatriz do Dante...  
No cabelo lhe poz a Noite e no semblante  
Dois dos mais bellos Sóes que luziam no Espaço!*

*Ao vel-a, disse a Terra enlevada: Quem és?  
E Eva assim respondeu: A tua Soberana  
E os tigres e os leões rojaram-se a seus pés!*

*Povoou-se do Riso e Lagrimas a Terra...  
Surgira o Amor, isto é, toda a Tragedia humana,  
Os cânticos da Paz e as fanfarras da Guerra!*

*Julio Salusse*

*(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 857, 29/09/1907).*

A elite brasileira, apoiada por médicos, higienistas, Igreja e jornais, preocupou-se após a instalação da República no Brasil, em construir um projeto político com vistas em transformar o país em uma nação higiênica, culta, civilizada e moderna, excluindo-se qualquer resquício do passado atrasado dos tempos da Monarquia. A recém-nascida República apoiava-se em modelos europeus para padronizar os sistemas de ordem e progresso da nação.

A sociedade desordenada deveria ser regenerada, para tanto, seria necessária nova conduta social e, as mulheres tornaram-se elementos fundamentais para garantir a saúde e a higiene do lar, cujas ações e atividades seriam reguladas pelas ideias de subordinação masculina. O discurso masculino que reforçava a dominação e hierarquização entre homens e mulheres, foi habilmente criticado em uma publicação do *Lavoura e Commercio*.

**Marido e mulher**

*Entre os maus hábitos introduzidos na sociedade brasileira não ha nenhum como o do marido que, referindo-se á sua esposa, diz: “minha Senhora”. A expressão “minha mulher”, tão simples então affectuosa, considera-a elle numa grosseria imperdoavel um attentado contra a boa educação! [...] Na realidade, a palavra “mulher”, póde offender - os ouvidos pelo menos - se for inahbilmente. Não se diz “aquella mulher” quando se deve dizer “aquella senhora”. Em compensação nenhuma dama ficará irritada se o cavalheiro que lhe disser: “V. exa. É uma mulher bonita”. Nota-se a “uma bonita mulher” já não seria tão delicado. A nossa linguagem tem subtilezas que reclamam toda a cautela [...] A um cavalheiro com quem eu não tenha intimidade não digo certamente “sua mulher”, mas tambem não digo “sua senhora”; digo “sua esposa”. Dá mesma forma não digo “seu marido” a uma senhora, mas “seu esposo” nunca “seu senhor” [...]. Arthur Azevedo (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 939, 12/06/1908).*

Assim como suas antecessoras, Nisia Floresta (1810-1885), Francisca Senhorinha (?-1910), Mary Wollstonecraft (1759-1797) e, suas sucessoras feministas, como Bertha Lutz (1884-1976) e Simone de Beauvoir (1908-1986), a pesquisadora mencionada na notícia, denunciava a linguagem e a forma de tratamento conferidos às mulheres, pelos homens.

*A doutora Kaethe Schimacher estuda numa revista allemã os “prejuizos sexuais da linguagem”. Bem se vê, diz ella, que a linguagem foi creada pelos homens, taes e tantas as locuções correntes que ella contém, desfavoráveis ás mulheres. Quando se diz de alguém, “é um homem”, julga-se fazer deste alguém o mais honroso elogio. “Sede homem” aconselha o mestre aos seus discipulos, como se essa palavra resumisse todas as virtudes. As mulheres têm que se dar por satisfeita, se alguém lhes elogia a belleza ou a distincção, o louvor, para ella não póde passar dahi. [...] se tem o sexo fraco, que as injurias mais crueis são geralmente tiradas do genero feminino [...] Dirão, como Renan disse a Clémence Royeur: “é quasi um homem de genio” [...] dirão de uma pianista “toda com a energia masculina” [...]. Todos os dias se diz “fulano suportou o seu mal como um homem” e nunca “fulana suportou o seu mal como uma mulher” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 835, 14/07/1907).*

Logo, entender os discursos que foram simbolicamente construídos sobre as representações femininas, contribuem para a compreensão das crenças e ideias que foram culturalmente definidos ao longo da História das Mulheres.

**Chronica Feminista****As pequenas virtudes**

*As pequenas virtudes são de uma importancia capital na vida de uma mulher; póde-se dizer que é um dos grandes elementos para a felicidade do lar. Entre os dons que Deus lhes póde conceder, nenhum mais precioso sob o ponto de vista social do que essa felicidade, essa doçura [...] Ser simples, ser sincera para uma mulher é o maior dos encantos. Nada é mais lindo do que a verdade [...] É com simplicidade que a mulher faz sobressahir suas qualidades e torna supportaveis seus deveres. Com este talisman, ella se manterá firme na sua consideração social (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 440, 24/10/1903).*

Para contar um pouco sobre esses discursos e formas de representação das mulheres, no jornal *Lavoura e Commercio*, foram analisadas, as edições nº 01, de 06/07/1899 a nº 5500, de 24/10/1930<sup>35</sup> e, após a realização da pré-análise, foram definidas as categorias mais pertinentes ao cotidiano feminino, como: arte; beleza; educação; escritas; espaços doméstico e público; feminismo; maternidade; moda e violência.

Por mais que tenhamos elaborado categorias para a compreensão da figura feminina, observamos que essas, não têm sentido separadamente, pois interagem entre si, funcionando como um organismo complexo moldado por crenças e costumes dos indivíduos e da sociedade. Aproximadamente, 90% das edições, apresentavam menções ao feminino, como a nota de falecimento abaixo (Figura 19).

---

<sup>35</sup> Final da Primeira República (15/11/1889 a 24/10/1930). [...] Com o deslocamento das forças revolucionárias gaúchas em direção a São Paulo, um grupo de oficiais-generais, liderados por Augusto Tasso Fragoso, exige a renúncia do presidente Washington Luís. Diante de sua recusa, os militares determinam a sua prisão e o cerco do Palácio Guanabara, no dia 24 de outubro, faltando 20 dias para terminar o mandato presidencial. No período de 24 de outubro a 3 de novembro, o Poder Executivo é entregue a uma Junta Governativa Militar Provisória formada pelos seguintes militares: general-de-divisão Augusto Tasso Fragoso, general-de-divisão João de Deus Menna Barreto e pelo contra-almirante José Isaias de Noronha). Em virtude do maior peso político que os gaúchos detinham no movimento e sob pressão das forças revolucionárias, a Junta finalmente decidiu transmitir o poder a Getúlio Dornelles Vargas, que estava em deslocamento do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro. Em seguida, no período de 3 de novembro de 1935 a 20 de julho de 1934, Getúlio Vargas, na qualidade de Chefe do Governo Provisório, assume com poderes ditatoriais. O Congresso Nacional é novamente dissolvido e assim permanece por três anos. Tem início o primeiro período da “Era Vargas” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2009).

Figura 19 - Nota de falecimento da *senhorita Maria Gontijo Carvalho*



36

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2470, 05/02/1922

A depender do prestígio da família em Uberaba, em determinadas ocasiões, as notas de falecimento ocupavam várias edições, sendo destaque na primeira página, como o caso da *preta Catharina*:

#### ***Preta extremosa***

*Quarta-feira passada, 19 do andante, falleceu nesta cidade na respeitavel idade de 106 annos, a preta Catharina, natural de uma nacionalidade africana, porém, há muito residente no Brazil. Aquella mulher deixa no coração da reconhecida e distincta familia Velloso, bastante considerada entre nós, de quem fora escrava, uma lembrança e uma gratidão que não mais se apagarão, pois foi ella quem com desvello creou: Tenente coronel Jose Velloso de Rezende, tenente coronel Herculano Velloso, Joaquim Velloso e, outras pessoas não menos distinctas. O Lavoura elogia as provas de dedicação que a prestimosa preta africana prestou sempre á familia Velloso, e a esta, que denominava carinhosamente “Mãe Preta” e muito a estimava, ouvia as expressões de seu sincero pesar (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 276, 23/02/1902).*

<sup>36</sup> Texto da imagem: *Em Santos, onde se achava ha mezes, por conselho medico, falleceu no dia 1º deste mez, a senhorita Maria Gontijo de Carvalho, filha dilecta do nosso amigo sr. coronel Tobias de Carvalho e da exma. sra. d. Francisca Gontijo, residentes em São Paulo. A desditosa moça, que ha muito tempo trazia sobressaltos a alma amantissima do seus dedicados progenitores, padecia de uma lesão cardiaca. Lamentamos profundamente o tristissimo acontecimentos, damos pesames aos desolados pais.*

A notícia da morte da *preta extremosa Catharina* dividiu espaço com a notícia do passamento de *D. Maria Carolina de Castro* “[...] *virtuosa esposa do major Constantino Rodrigues da Cunha e filha dilecta do tenente coronel Misael Rodrigues da Cunha*”, pertencente à “*illustre familia Rodrigues da Cunha*”,

[...] *Moça ainda, pois apenas contava com 27 annos de idade, a illustre extincta é roubada aos carinhos de seu esposo estremecido, á dedicação aos seus filhos, á consagração de seus progenitores e á admiração de todos ainda que na mesma reconhecia todas as virtudes [...]. Como o mais consolador alento dever ter a sua desolada familia a convicção de que, tão [...], d. Maria passa á semelhança daquellas flores que, murchando-se, deixam suave perfume e esse perfume é sua memoria para sempre venerada [...].*

O falecimento de *Catharina* – apenas *Catharina*, afinal, não pertencente à alguma *dilecta* e *distincta* família uberabense – foi publicado na primeira página do vespertino, pelo fato, de ter sido *escrava* da respeitável *familia Velloso* e, se caso não “fosse propriedade” de alguém, provavelmente, não seria sua morte digna de nota.

Os escritos sobre as mulheres mostraram-se, igualmente, pelo humor e/ou caricaturas dos comportamentos femininos:

#### **As moças**

*Eis a maneira porque as moças escolhem noivos:*

*Aos 15, vêem si está bem penteado e se tem muitos pares de calças;*

*Aos 18, querem um moço alegre e que saiba dançar;*

*Aos 20, perguntam si é formado e o querem intelligente;*

*Aos 23, perguntam se tem meios de vida e quaes são elles;*

*Aos 25, querem um homem grave e serio;*

*Aos 26, fecham os olhos e o que não foge está na unha;*

*Dos 27 em diante desesperam, soffrem enxaqueca constante, emmagrecem e como já não podem arranjar-se procuram desmanchar os casamentos das outras;*

*Dahi até aos 35 são venenosas... como as sogras;*

*Aos 36, estoura-lhes o fel e morrem de ictericia.*

(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 162, 20/01/1901).

#### **Mulher**

*Eis como as qualificou num jornal de Paris um dos mais conhecidos estroinas da grande capital*

*Aos 15 annos, são bonecas de Nuremberg, com que nós brincamos;*

*Aos 20, musas que nos inspiram versos de que nos rimos quando chegamos aos 50;*

*Aos 25, flores que começam a empalidecer;*

*Aos 30, correspondem ao que a geografia se chama “shismo”, passagem entre a mocidade e a velhice;*

*Aos 40, capsulas de oleo de rícino apenas toleráveis;*

*Dos 45, em diante, phonographo que vive a repetir ás moças: eh! No meu tempo era assim, era assado, etc. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2776, 11/01/1925).*

Refletia-se no *Lavoura e Commercio*, a voz masculina, uníssona sobre o “tempo de vida” das mulheres, contado a partir da idade. Ambos os textos retratam posicionamento e escolhas femininas, de acordo, com o início de sua juventude (aos 15 anos) e de sua velhice (após os 35 anos).

Há uma diferença de 24 anos entre as publicações, contudo, a tônica permanece inalterada: “aos 25, flores que começam a empalidecer”; “aos 26, fecham os olhos e o que não foge está na unha”; se, a partir dos 25 anos, tornam-se menos belas e atraentes, nessa situação, aceitam o primeiro homem que demonstre interesse em casar-se com uma mulher “mais velha”, permanecendo, de qualquer modo, que os caminhos a serem seguidos pelas mulheres, dependem da vontade masculina.

Se, a partir dos 35 são consideradas velhas, são comparadas com sogras:

***Receita para fabricar sogras***

*Tirae da cascavel a lingua intacta,  
Do sapo a vil peçonha toda inteira,  
Da aranha o forte visgo da fieira,  
Os moles intestinos da barata,  
A unhas aguçadas d'uma gata,  
Da onça os botes maus de traiçoeira  
Os olhos da raposa mais matreira  
E os dentes comilões dum rato ou rata.*

*Amassa torrae tudo e na panella  
Que ferve, de Plutão o fogo ardente  
Lançai, como fél de boi e mais marcella,*

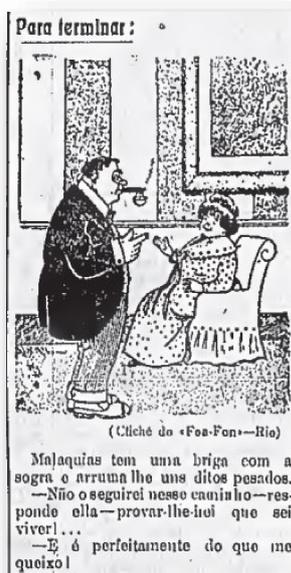
*Depois em uma fôrma de serpente  
Vasai essa melgueira, poque dela  
Sahe, por força, uma sogra de patente  
(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 289, 10/04/1902).*

É interessante observar a representatividade da mulher enquanto sogra: “mãe do marido” ou “mãe da esposa”, comparando-a às características negativas de animais. A prosa começa “*Tirae da cascavel a lingua intacta*” e finaliza “*Depois em uma fôrma de serpente...*”. Logo, a “mulher-sogra” é uma “serpente”. Uma serpente tem a língua bifurcada tal qual a “natureza feminina” é “boa ou má”, “luz ou sombra”, “santa ou pecadora”. A “mulher” (Eva e Maria) é criação de Deus, e a “serpente” do diabo.

A identidade feminina – em um mundo dominado pelo poder e pelo discurso do macho (SAFFIOTI, 1987; PERROT, 2007; CHARTIER, 2008) –, é inferior ao masculino, até porque, não foram vislumbradas, nas edições do *Lavoura e Commercio*, qualquer tipo

de anedota ou piada em relação aos sogros; o foco das figuras acima está na longevidade da mãe da esposa, Figura 20:

Figura 20 - Charge *O Genro e a Sogra*



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2018, 04/10/1917

A sogra – “provar-lhe-ei que sei viver”

O genro – “E é perfeitamente do que me queixo”.

Figura 21 - Charge *A esposa e o marido*



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2039, 20/12/1917

Enquanto isso, na Figura 21 (acima):

A filha – “...*más notícias a respeito da mamãe...Ela vai melhor*”.

A voz dos trechos acima é masculina. Por mais que na segunda “história”, tenha sido a filha quem falou da saúde de sua mãe, seu discurso está marcado por um processo cultural e histórico dominado pelo masculino. “Uma desvalorização das mulheres por si mesmas (PERROT, 2007, p. 17).

### 3.1 UM CORPO SAUDÁVEL

Após o 15 de novembro, deu-se início a construção de um projeto, que apoiado por médicos, sanitaristas, educadores e setores da burguesia, tinha como interesse a transformação da vida em sociedade.

A ideia era baseada na formação do país em uma nação moderna e civilizada e, durante esse período, médicos e higienistas tornaram-se os principais porta-vozes dos padrões normatizadores da sociedade, influenciando, inclusive, o corpo feminino a partir de várias ações com o propósito de educar as mulheres sobre a saúde de seu corpo, pois, dela dependia a educação e criação de filho para “salvar o futuro da nação”.

Na esteira do processo de urbanização, os jornais realçavam a importância sobre o cuidado da saúde e do corpo e, as *pílulas rosadas do dr. Williams* são um exemplo dos discursos:

***Quando as meninas se tornam mulheres. Os cruéis sofrimentos do desarranjo organico podem ser evitados***

*As Pilulas Rosadas do dr. Williams curam radicalmente a chlorose e seu cortejo de padecimento e milhares de jovens brasileiras devem a ella sua saude e seu desenvolvimento. A senhorita Laura Rubem de Carvalho de 15 annos de idade, [...] escreve o seguinte atestado: Podem publicar que obtive minha cura d'uma enfermidade de pobreza do sangue com as Pilulas Rosadas do dr. Williams (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 756, 07/10/1906).*

***Mulheres Pallidas. As Pilulas Rosadas do dr. Williams são um tônico excellente para dar forças e boa côr***

*A missão da Pilulas Rosadas do dr. Williams é purificar e enriquecer o sangue e fortificar os nervos. Pela sua constituição especial, a mulher é muito propensa á debilidade, como se pode ver na pallidez [...]. Milhares de mulheres devem sua saúde e attractivos ás Pilulas do dr. Williams (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1233, 11/06/1911).*

Esses anúncios de medicamentos prometiam a cura de todas as doenças das mulheres e, baseados nos discursos “médicos” e “científicos”, tendiam demonstrar da fraqueza física da mulher, cujo sangue seria o principal responsável pela “debilidade” do organismo feminino (Figura 22).

Figura 22 - Anúncio do medicamento *A Saude da Mulher*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed.1836, 09/01/1916

A publicidade atestada por um médico indicava a veracidade de cura para “*todos os incommodos de senhoras*”, como nos lembra Mattos (2003, p. 115).

O discurso médico destacava a conexão entre o útero e o sistema nervoso central, bem como as relações entre o ciclo reprodutivo e os estados emocionais femininos. A mulher seria prisioneira de ciclos que determinariam suas capacidades e limitações: um grande ciclo da puberdade à menopausa e ciclos menores representados pela gestação e pela menstruação. O cérebro e os ovários não poderiam desenvolver-se simultaneamente, de modo que as atividades intelectuais femininas poderiam produzir um ser débil, nervoso, estéril - e talvez, pior ainda, poderiam gerar crianças doentes ou malformadas. Assim, as jovens não deveriam abusar das atividades intelectuais, canalizando suas energias para o perfeito desenvolvimento de suas faculdades reprodutoras.

Figura 23 - Anúncio *Pasta Russa do Doutor Rienbai*

**O mais Bello Presente que  
se possa fazer a uma  
Mulher ??**

**Uma caixa de PASTA RUS-  
SA do Doutor Rienbai pa-  
ra Rigidez e Desenvolvi-  
mento das Seios**

**Em menos de um mez a  
Mulher obterá um busto des-  
envolvido e uns Seios Cres-  
cidos, Fortificados e Áfirmo-  
sculos.**

**Milhares de atestados affirmam  
o grande valor curativo da Pasta  
Russa do Doutor Rienbai.**

**MODO DE USAR**—A applicação da Pasta  
Russa, é a mais simples possível. Póde ser ap-  
plicada a qualquer hora, de preferença á noite,  
ao deitar-se, tendo o cuidado de, pela manhã,  
lavar bem os Seios com agua que tenha  
bastante ÁGUA DE CLORE de qualidade  
superior e com um sabonete medicinal ou resina  
de stibettes.

A acção da Pasta Russa deve perdurar nos  
Seios nunca menos de quatro horas e a applic-  
ção deve ser feita em todo o Seio nã o con-  
torno do mamillo, em pequenas massas, a-  
fim da Pasta Russa penetrar bem nos poros da  
pelle. É indispensavel fazer successivamente  
applicação da Pasta Russa por baixo do SO-  
VÃO (directo e INVERT) seguindo porque as  
GLANDULAS do seio actua em relação in-  
directa e directa com as GLANDULAS MAM-  
MARIAS, assim a melhor acção sobre os pri-  
meiros tractos, tem uma repercussão im-  
mediata sobre as secundarias (GLANDULAS MAM-  
MARIAS).

Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2074, 21/04/1918

Com o passar dos tempos, a formatação dos anúncios publicitários foi alterada, as mulheres apareciam com expressão saudável, apresentando disposição para as tarefas diárias. Nas figuras abaixo (24 e 25), o mesmo medicamento *A Saude da Mulher*, poderia ser usado em todas as fases da mulher, mas os apelos são diferentes e, condizem com a idade feminina, por exemplo. Na figura (24),

[...] *na execução de seus trabalhos domésticos, se sentem subitamente nervosas, irritadas e com sensação de cansaço, dores nos rins, nas pernas [...]. Todos esses males provem quasi sempre do máo funcionamento do utero e do ovario.*

Figura 24 - *A Saude da Mulher* – medicamento para senhoras


Quantas senhoras existem que, na execução dos seus trabalhos domesticos, se sentem subtilmente nervosas, irritadas, com sensação de cansaço, dores nos rins, nas pernas, nas espaldas, dor de cabeça, perturbações da vista, e mil outras sensações desagradaveis sem que possam aliciar com a verdadeira causa dos males que tanto as torturam.

Todos estes males provem quasi sempre do má funcionamento do utero e dos ovarios.

**A SAUDE DA MULHER**

remedio de uso interno, que tonifica estes organos regulando as suas funcções, fara desaparecer como por encanto todos esses males que tanto affligem as senhoras.

**É necessario, pois, que todas as senhoras decorem:**

**“A SAUDE DA MULHER”** e o melhor e mais seguro medicamento para combater: Flores Brancas; Suspensões; Fluxos; Regras Excessivas; Regras Escassas; o Regras Dolorosas; Colicas; Inflamações e Congestões Uterinas; Rheumatismo; Arthritismo e Obesidade proveniente da Vida Sedenlaria.

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 367, 24/04/1927

Enquanto isso, na Figura (25) *A Saude da Mulher Menina e Moça*, o argumento utilizado para convencer pais e mães – o primeiro provedor, a segunda, responsável pelo cuidado dos filhos e filhas –, baseia-se processo de transformação feminina “*não é dia claro e é já o alvorecer: Entre-aberto botão, entre-fechada a rosa. Um pouco de menina e um pouco de mulher.*”

Figura 25 - *Saude da Mulher* para meninas e moças



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 4025, 13/11/1927

As meninas e moças, antes do casamento, quando se “tornam mulheres”, são acometidas por todas as “perturbações” pelas quais passa o sexo feminino, com o surgimento da primeira menstruação. Ao entrar nesse estágio de sua vida, deveria estar preparada para o matrimônio, portanto, era necessário acompanhamento, para que sua “frágil” saúde, não atrapalhasse a futura função de cuidadora do lar, do marido e dos filhos.

Com a prevenção das doenças uterinas, os sintomas das *Flores brancas, regras excessivas ou escassas, obesidade proveniente da vida sedentária*, dentre outros. Em se tratando da obesidade, frequente após o matrimônio, nesse período, podemos perceber na figura 24, que a mulher, além de uma expressão jovial, pelo formato de seu rosto, provavelmente, se trata de uma mulher esbelta, isso, levando em consideração o emprego de *A Saude da Mulher*, desde sua adolescência.

Outro tipo de publicação que atestava a eficácia dos medicamentos miraculosos, aparecia sob a forma de testemunhos. Prática comum, visualizada em várias edições do *Lavoura e Commercio*, principalmente nas publicações relacionadas à saúde da mulher.

***Na idade critica. Mocinha profundamente anêmica, ataques nervosos***

*A senhorita Ernestina de Oliviera, filha do sr. Fabião Alves de Oliveira, profundamente anêmica, soffreu, durante a idade critica, de dores brancas, dores nas costas, ataques nervosos, dores de cabeça diariamente, devido á sua fraqueza. Experimentou diversas medicações sem resultado. Começou, finalmente, a usar o “Iodolido de Orh”, poderosissimo fortificante, com o qual melhorou rapidamente, desaparecendo os diversos incommodos causados pela anemia e ficou completamente boa de seus achaques, em pouco mais de um mez, e gorda e corada com mais algumas semanas de uso do “Iodolino de Orh”. Fabião Alves de Oliveira (LAVOURA E COMMERCIO, ED. 2161, 20/02/1919).*

Para completar a força do discurso proferido pelo médico e pelo pai de família, seria importante que a própria “doente” fizesse uma declaração, atestando a cura sobre males que afligiam seu corpo (Figura 26).

Figura 26 - Depoimento de cura, após o uso do remédio *Elixir de Inhame*

Depois de ter gasto mais de 20:000\$000  
Curou-se com o  
**Elixir de Inhame**  
Olympia Augusta Brunswick



*Carta aberta ao sr. dr. F. Goulart Machado*

Ilmo. Sr. Dr. – Em benefício das pessoas que ignoram ainda a sua grande descoberta e que faço esta. Depois de ter gasto para mais de vinte contos de réis (20:000\$) e já desanimada de obter a minha cura de moléstia gravíssima como todos de Uberaba sabem, tive a feliz lembrança de recorrer ao grande preparado ELIXIR DE INHAME GOULART e qual não foi a minha satisfação ao me ver apenas com o uso de 7 vidros, radicalmente curada e gozando uma saúde como nunca tive. Resido no Largo das Heróis e estou pronta a dar testemunhas do que acima disse. Aceite, pois, o sr. J. Goulart Machado este publico testemunho da minha gratidão pela descoberta do maravilhoso ELIXIR DE INHAME. Uberaba, 11 de dezembro de 1916 – Olympia Augusta Brunswick, viúva do cel. Augusto Brunswick.

Testemunhas ocultas da cura: Sebastião Rodrigues Branna (agror.), Leopoldo Machado, João Freire Junior, José Lopes Noris, Amadeu Vanousci, Alvaro Cesar Brunswick (filho).

Recebe-se verdadeiramente as fronteiras do « Supra » como dos pontos pontos dos signatários. – Uberaba, 11 de dezembro de 1917. Em testemunho de verdade, Alberto de Moraes e Castro.

**Unico depositario nesta cidade:**  
Fernando Sabino de Freitas -- Uberaba

37

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2197, 26/06/1919

Legenda da Imagem – *Carta aberta do sr. dr. F. Goulart Machado. Ilmo. Sr. Dr. – Em benefício das pessoas que ignoram ainda a sua grande descoberta é que faço esta [...], já desanimada de obter minha cura de moléstia gravíssima como todos de Uberaba sabem, tive a feliz lembrança de recorrer ao grande preparado “Elixir de Inhame Goulart” e qual a minha satisfação ao me ver apenas com o uso de 7 vidros, radicalmente curada e gozando de uma saúde como nunca tive [...].*

***Inappetencia – Suores nocturnos – Desaparecimento das regras – Febres todas as tardes – Doente do peito***

*Comecei por sentir horror á comida, nada havia que appetecesse. Dormia extraordinariamente e sempre me despertava cansada e sem animo. Suava extraordinariamente e tossia bastante ao deitar-me; pouco tempo depois comecei a sentir muito calor. Devido a esses incommodos fui emmagrecendo e ficando muito pálida. Começo a cahir-me o cabelo e desapareceram-me as regras [...]. Perdi todas as esperanças e unicamente á Nossa Senhora das Dores pedia consolo e esperança. A fê tem seu premio. Apareceu para minha salvação, o “Remedio Vegetariano de Orhmane”, o qual, devolvendo-me as forças, fazendo desaparecer meus padecimentos, curou-me radicalmente, não*

<sup>37</sup> O “Elixir de Inhame”, responsável pela cura da senhora Olympia, tinha uma determinada quantidade de frascos a ser ingerida, e, só poderia ser encontrado em um único lugar na cidade de Uberaba. Nota-se que o anúncio, tanto divulga o remédio, quanto a farmácia onde pode ser encontrado.

*me sentindo agora o menor incommodo, o menor cansaço, considerando-me completamente feliz. Laura Abreu Peixoto. Professora (LAVOURA E COMMERCIO, ED. 2176, 13/04/1919).*

No final da primeira década do século XX, a mensagem continua a mesma, o que vai mudar é a linguagem de como a informação às mulheres era transmitida, que foram aprimoradas, conforme novas técnicas de publicidade eram elaboradas.

No anúncio (Figura 27), duas mulheres conversam sobre vitalidade, a personagem do lado esquerdo é representada por uma mulher preocupada com sua saúde, o que pode ser percebido por meio de sua postura: a mão no queixo e o corpo inclinado para a frente, demonstram falta de ânimo e apatia. A personagem *Maria* está “revigorada”, após ser medicada com o *A Saúde da Mulher*, o qual possibilitou a recuperação de sua energia, fazendo-a sentir bela e animada.

Há também que se prestar atenção ao enunciado “*Como estás bella, Maria!*”, e, nos trechos: “*aos quaes devo este aspecto vencido, de velhice prematura*” e “[...] *prolonga a mocidade*”, como os adjetivos “*bella*”, “*velhice*” e “*mocidade*”, estão ligados ao universo feminino, uma constante preocupação das mulheres.

Para ser bela e nova, é preciso ter saúde, é preciso que não existam problemas uterinos, caso existam, medicação é necessária, excluindo-se a “*velhice prematura*”. Beleza e juventude são ditadas pelos códigos masculinos de representação feminina na sociedade, cujas percepções e olhares são fatores que contribuem para normatizar e naturalizar o comportamento definido como essencialmente feminino.

Figura 27- Diálogo entre duas mulheres sobre a eficácia de medicamento



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 5278, 06/02/1930

Com base nessas publicações, apreendemos que a saúde da mulher está vinculada, exclusivamente, ao sistema reprodutor feminino. Essa construção de imagem feminina, qualifica a mulher como frágil (ENGEL, 2011), restringindo seu papel à maternidade e aos cuidados da casa, como diria Maluf e Mott (2018), “ao recôndito do lar”:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século XX, foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico, que reunia conservadores e diferentes matizes de reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tem que se cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em seus papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e

aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa (MALUF; MOTT, 1998, p. 373).

## 3.2 AS BOAS MOÇAS, AS ESPOSAS, AS MÃES E AS MARGINALIZADAS

Em todas as épocas, várias representações envolvem a figura feminina. Há padrões dominantes que são tidos como modelo referencial. Nem sempre as mulheres se espelharam naquilo que lhes foi imposto, contudo, as imagens representativas existentes em cada período histórico são capazes de influenciar os modos de comportamento, de ser e de agir, de determinar quais são os locais ocupados na sociedade.

Os discursos sobre as formas de “ser”, “agir” das mulheres, indicando quais são suas próprias características, definiam “também as políticas públicas, o valor dos salários, a oferta de empregos, as prescrições religiosas, os procedimentos jurídicos, a educação oferecida [...]” (PINKSY, PEDRO, 2018, p. 470).

### 3.2.1 As boas moças, as esposas, as mães

As “boas moças” são casadoiras, vigiadas, eram educadas para o bom cumprimento de seu papel como esposa e mãe. Virgens, tinham seus espaços de atuação determinados, participavam de festas e comemorações religiosas, as quais pediam a presença de “virgens” para acompanhar a procissão (Figura 28).

Figura 28 - Festa do Divino Espírito Santo



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 291, 17/04/1902

A virgindade da “boa moça”, a menina pronta para casar, era narrada em poemas escritos por homens, que podem mais dizer sobre seus medos e fantasias, do que as mulheres reais. “A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas” (PERROT, 2007, P.17), como no poema *Noiva* encontrado no *Lavoura e Commercio*, na edição nº 640, de 21/08/1905.

### *Noiva*

*Acordára risonha e socegada nesse dia feliz, cheio de vida  
Em que ia para sempre ser unida,  
Ao moço honesto, por quem era amada.  
Naquella rosea face avelludada  
Boiava, meigamente traduzida,  
Toda a ventura limpida, sentida,  
Que lhe sorria n'alma immaculada,  
Mas, ao prender a flor de laranjeira  
Na fronte virginal, sobre a cadeira  
Una boneca viu - muda lembrança  
E ao final uma lagrima saudosa  
Rolou-lhe pela face radiosa,  
Como um adeus à vida de creança! (Eduardo Coimbra)*

Um texto de Júlia Lopes, intitulado *O dia do casamento*, publicado no *Lavoura e Commercio*, na edição nº 903, de 1º de março de 1908, bem resume a vida que espera uma mocinha, após o dia de seu casamento.

*Estado incerto, dubio, o da noiva, ao vêr approximar-se a hora do seu casamento. Tudo em que não pensou durante mezes, muitas vezes annos, ocorre-lhe no ultimo dia ao pensamento. Sente-se feliz, sente-se desditosa! Se realisa o sonho amado de sua mocidade, unindo-se áquelle que escolheu o mais perfeito e o melhor dos homens, mas chora tambem por deixar a casa paterna, a mãe idolatrada, que mal disfarça a sua agonia [...]. Á sua scisma a mãe acode, beija-a e murmura com esforço: “a vida começa hoje para ti” [...]. D’aqui a algumas horas serás de teu marido [...], vae segue-o até onde ele quizer levar-te, é o teu dever... e a minha magua [...]. Não te resignes a ser em tua casa um objecto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a lucta, para o amor e para o triumpho do mundo inteiro [...]. Não te illudas, meu amor. A vida tem para todos as mesmas surpresas e as mesmas dores. A tua imaginação faz-te sonhar com doçuras infindaveis... e tel-as-as, se bem comprehenderes a tua missão de esposa e mãe. Ama sempre teu marido, sem humilhação, com sinceridade e alegria. Está nisto o segredo da aventura na terra. Que ele te ame igualmente, com o mesmo extremo, o mesmo carinho, e caminhem assim, fortes, unidos e serenos para os dias de riso ou de lagrimas que hão de vir.*

É inegável, a escritora Júlia Lopes descreve a angústia das mulheres em relação ao casamento. Será “propriedade” de seu marido e, exercerá, baseado nas tradições e dos discursos triunfantes do sexo masculino, seu papel de mãe e esposa na condução do lar. Isso sob a autoridade do chefe da casa, o homem, cuja presença no universo feminino é a mais importante.

Nas colunas *Felicitações do Lavoura, Vida de Uberaba e Vida Social*, dava-se destaque aos matrimônios acontecidos na cidade, destacando o casamento das “gentis senhoritas”, filhas de coronéis, fazendeiros ou “amigos do Lavoura”.

#### ***Felicitações do “Lavoura”***

*Realizou-se no dia 8 do corrente o auspicioso enlace do sr. Genesio Vanucci, moço muito conceituado em nosso meio social, com a exma. senhorita Elisa Pereira Borges, prendada filha do nosso amigo sr. capitão Antonio Silverio Pereira, intelligente tesoureiro-escrivão da nossa Camara Municipal [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 273, 13/02/1902).*

#### ***Vida de Uberaba***

##### ***Casamentos***

*Com a exma. senhorita Emilia de Rezende, prendada filha do sr. major Antonio Thomé de Rezende, nosso correspondente em Conceição do Araxá, está contractado o enlace matrimonial do nosso amigo sr. tenente José Rosa de Cunha, residente em Sacramento[...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 521, 07/07/1904).*

**Vida Social****Nupcias**

*Está contractado o enlace matrimonial da gentil senhorita Antonia Bias do Abreu (Nica), prendada filha do sr. Jorge Dias de Abreu, fazendeiro neste municipio, com o estimavel moço. Sr Rodolpho Bertholdi, gerente da casa de moveis “A Paulista) (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1977, 17/05/1917).*

No decorrer desse período, o casamento é visto como um contrato social entre famílias. Os enlaces são entre “moços conceituados” com as “gentis e prendadas senhoritas”, filhas de coronéis ou empresários, cujos nomes são tradicionais “nos meios sociais” de Uberaba. Moças “prendadas e gentis” são o comportamento esperado de uma mulher, afinal, desde crianças foram educadas sobre suas obrigações sociais e domésticas.

Casadas, esperava-se que cumprissem seu papel de “dona de casa”. A casa deveria ser limpa e organizada, com cada objeto em seu devido lugar. Vivia-se em uma época em que a higiene era fator fundamental nos lares, a fim de evitar o aparecimento de doenças que deixavam o ambiente “hostil” para a criação dos filhos e descanso do “senhor da casa”, o marido.

Prazer feminino? Nem pensar! O sexo era apenas para procriação. “O culto da pureza [...] reforçava a distância entre os casais. Não procurava ter prazer com a mães dos próprios filhos [...]. (DEL PRIORE, 2020, p. 128), a esposa é a companheira, a amiga, jamais será a “amante”.

**Conselhos de uma Madrinha**

*Escuta minha afilhada,  
Tu hoje vaes-te casar;  
É o passo mais arriscado  
Que uma mulher pôde dar  
A partir deste momento,  
Depende todo o futuro  
Eis ahi toda a verdade  
Si queres a felicidade  
Este caminho é seguro  
[...]*

*Passada a ilusão primeira  
A mulher é a companheira  
Uma amiga e nada mais.*

*Então é preciso o emprego  
De toda a nossa prudencia  
E teraes para o marido  
A maior condescendência  
Si chega em casa cansado,  
Dá-lhe carinho e agrado  
Sem pergunta de onde vem;  
Que elle mesmo irá dizendo*

*O que andou por lá fazendo  
E si esteve com alguém.*

*Nunca sejas ciumenta  
Nem lhe o des a aperceber,  
Que o ciume, além de inútil  
Nos envenena o viver  
Sê sempre condescendente.  
Não te mostres exigente  
Nem lhe exijas sacrifícios*

[...]

*Sempre affavel, carinhosa  
Sempre modesta e assiada  
Eis ahi como procede  
A mulher bem educada;*

*[...]Quando em casa não encontram  
Meiguices, consolações,  
Os maridos se aborrecem,  
Vão procurar distrações;  
[...]*

*Eis ahi os meus conselhos,  
Quem sempre tenho seguido  
E de cumpril-os á risca  
Não me tenho arrependido  
(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 388, 22/03/1903).*

A quadrinha abaixo, publicada na edição nº 419, de 12/07/1903, também demonstra essa relação entre marido e esposa, no que diz respeito ao espaço privado e ao espaço público, demonstrando ainda a relação de subordinação da mulher em relação ao homem, bem como seu poder no lar.

*A esposa – Bonitas horas de vir para casa!  
O esposo – Bonitas horas de estares acordada!  
A esposa – Há quatro horas que estou acordada só para esperar que tu viesses!  
O esposo – E eu há quatro horas que estou no club só para esperar que tu adormecesses...*

Mas, esta é a esposa ideal? Pelos motivos apresentados até agora, claro que não. No espaço público, o comportamento deveria ser impecável, assim como no ambiente domiciliar. Externamente, era a extensão do lar, a sua atuação nos meios sociais refletia na reputação dos maridos.

As obras de caridade eram vistas com bons olhos, atitudes de mulheres católicas espelhadas na bondade de Maria, como deveria ser:

**Matriz de Uberaba**

*Consta-nos que o monsenhor Ignácio Xavier da Silva, digno vigário geral deste bispado, nomeará hoje, por ocasião da missa conventual, uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, para angariar prendas para uma kermesse em benefício das obras da matriz, e que essa comissão será composta das exmas. sras. dd. Anna Mathilde de Oliveira Machado, Luiza Etelvina da Costa Ulhôa, Carolina Junqueira, Maria Julieta Costa Pinheiro, Cornelia Junqueira, Elmira Caldeira de Queiroz, Maria Zeferina de Barcelos, Maria Odilla Guimarães, Dolores Coelho Campos e Maria Amelia de Mello Franco. Consta-nos que a kermesse se realizará nos tres dias de carnaval (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 64, 11/02/1900).*

**A boa caridade**

*A mulher mineira amiude dá mostras de quanto são elevadas e puros os seus sentimentos de caridade, sem duvida um dos mais formosos da alma feminina. Registármos no passado numero do Lavoura o exemplo dignificador das senhoras uberabenses que se ofereceram para confeccionar as roupas dos meninos pobres das escolas, e para esse movimento tivemos os mais sinceros louvores (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 859, 06/10/1907).*

Além de religiosas e caridosas, as damas da sociedade uberabense deveriam ser mulheres com deveres cívicos e patrióticos:

**Um apello ás senhoras uberabenses**

*A directoria do Lloyd Brasileiro acaba de indicar ao governo os nomes com os quaes devem ser chamados os navios que perteceram á Allemanhã e que se achavam em nossos portos ao ser declarada a guerra em agosto de 1914. Todos elles são nomes de cidades brasileiras,, entre os quaes se destacam sete cidades mineiras. Dentre essas está Uberaba [...]. Por que não o fazem o mesmo as senhoras de Uberaba? Por que não mandam, bordadas pelas suas mãos, com ouro da entranhas de nossa terra, o pavilhão azul-verde [...]. É um dever que se impõe o que as senhoras desta terra que amam com enternecimento e cujos corações crepita o fogo sagrado do patriotismo, não recusarão cumprir, cheias de devoção, plenas de contentamento. As senhoras desta terra mandar ao “Uberaba” o pavilhão que a tripulação dos mares beijará respeitosa ao qual, talvez a gloria sorrirá (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2000, 05/08/1917).*

A organização de eventos sociais, também estava entre as obrigações das mulheres:

**Banquete á senhora Clotilde Elejade de Mello Viana**

*As senhoras de Uberaba, desde aqui se soube da vinda de Mello Viana e a sua sehora, a esta cidade, tiverá a ideia de oferecer um banquete á virtuosa esposa do vice-presidente da República, exma. sra. d. Clotilde Elejade, de Mello Viana [...]. A ideia, que era magnífica, reveladora da cultura e de cavalheirismo da nossa sociedade feminina, logo ganhou terreno, assim, tudo ficou preparada para o maximo realse dessa festa de homenagens carinhosas e commovidas á d. Clotilde [...]. O nosso meio feminino, por suas expoentes*

*sociaes, quis que d. Clotilde, aqui ficasse presa pelo coração [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 5058, 21/02/1929).*

A veiculação dessas notícias no *Lavoura e Commercio* traduzia a identidade feminina, evidenciando qual deveria ser a atuação das mulheres no conjunto da sociedade, limitando-a de qualquer modo a ações secundárias, enquanto seus maridos assumiam posições política e financeira de destaque.

Na coluna *Instrução e educação*, de João Côrrea de Moraes, publicada na edição nº 365, de 03/01/1903, percebe-se a idealização de como uma mulher deve se portar no espaço doméstico, em relação à família.

*Instrução e educação – família: Entramos em um assunto de verdadeira importancia. Trata-se de virtudes elevadas e difficilimas. Si o homem tem a principal direcção da familia e a soberania absoluta nos negocios exteriores, não quer isto dizer que a mulher seja totalmente estranha á vida activa de seu marido: deve ter conhecimento de seus negócios, deve de comprehendel-os a interessar-se so por elles, e isso de modo que possa dar seu parecer [...] Deve entrar nos seus projectos, relativamente ao progresso da sciencia, da arte ou do officio que exerce: inteligente e sensível, dedicada e prudente ao mesmo tempo [...] Mas, principalmente quando o homem encontra deante de si obstaculos e perigos, é que carece dos cuidados e dedicação da mulher [...]. A mulher não tem só o poder de sustentar e alevantar, mas o de consolar. A natureza, que lhe deu o magico teshouro das lagrimas, deu a tambem com o meigo dom do conforto. Isto ainda não é tudo. A mulher é d’algum modo a consciencia da familia. Devamos, todavia, fazer aqui um observancia, que deixamos ao exame dos leitores. Quando o marido se transvia, quando arrisca a familia com seus vicios, pertence á mulher reconquistal-o pela força de armas doces, mas valentes, que a natureza e o amor lhe depositaram nas mãos. [...] A mulher mediocre ou perversa encontrara ahi o pretexto para usurpação de auctoridade; casos, há na verdade, que é indispensável esse extremo: mas geralmente não será este o caminho por onde a mulher guiará o marido transviado. João Côrrea de Moraes*

Na edição nº 366, de 04/01/1903, a pauta foi sobre a educação das filhas:

*A educação das meninas é muito mais difficil que a dos meninos [...]. A mocidade tem seus privilegios; não se avaliam o homem pelo que fez em rapaz; o que pratica na idade chamada das loucuras espera-se sempre que será reparado, e si assim acontece tudo está satisfeito. Na menina, pelo contrario, basta a apparencia do mal para lhe enturvar a reputação e felicidade toda a vida. Não pode, pois, a mulher adquirir a sabedoria pela experiência do erro; [...] Exige-se lhe modéstia, discrição e innocencia completa, sem, todavia, deixar de ser graciosa e encantadora [...]. Assim como nos parece convenientemente que a educação publica faça o mancebo, do mesmo modo julgamos que a menina se deva conservar em casa, crescendo ahi ao pé da mãe [...]. Nas meninas, porém, ‘muito menos importante a instrução, ainda que o fosse, não compensaria os perigos da educação comum [...]. Finalmente, a menina é educada para a familia [...].*

Nesses trechos, são exaltados a capacidade da mulher sobre a formação e o estabelecimento do lar, mantendo-o longe dos possíveis “desvios”. Percebemos ainda,

que a descrição do papel feminino, vai ao encontro das opiniões de diversos autores, como Margareth Rago (1985):

Dois caminhos conduzirão a mulher ao território da vida doméstica: o instinto natural e o sentimento de sua responsabilidade na sociedade. Enquanto para o homem é designando a esfera do espaço público do trabalho, para ela o espaço privilegiado para a realização de seus talentos será a esfera privada do lar. Tudo o que ela tem a fazer é compreender a importância da sua missão de mãe, aceitar seu campo profissional: as tarefas domésticas encarnando a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família (RAGO, 1985, p. 75).

As falas do colunista confirmavam os discursos em circulação no período, veja bem, “*Nas meninas, porém, muito menos importante a instrução, ainda que o fosse, não compensaria os perigos da educação comum*”. A educação moral era destinada às meninas; prestemos atenção em outra frase “*a menina é educada para a família*”. A princípio, a educação era para sua própria família, estaria “grudada na barra da saia” de sua mãe, ou “escorada com a barriga no fogão”, auxiliando sua mãe nas tarefas de conservação da casa.

Aquela menina que foi educada para a família paterna, em seguida, fará parte de uma nova família, a de seu futuro marido. Estaria largada à sua própria sorte, cuidaria de seu marido e seus filhos. Caso fosse menina, faria com que tivesse a mesma criação que teve em seu período de infância e mocidade. “Fragil, soberana, abnegada e vigilante” afirma Margareth Rago (1985, p. 62) ser o modelo de padrão normativo das mulheres, a representação simbólica como “esposa-mãe-dona de casa”, subordina a mulher ao poder masculino.

#### ***Os dez mandamentos da mulher casada***

- 1º *Evita a primeira discussão. Mas, uma vez não desanimes, e fal-o de maneira que teu marido fique vencido e assim o sinta;*
- 2º *Não te esqueces que é casada com um homem e não com Deus. Não extranhes, pois, os seus defeitos e imperfeições;*
- 3º *Não o aborreças pedindo lhe dinheiro procura não excederes a quantia semanal que te foi fixada;*
- 4º *É possível que teu marido não tenha coração, mas em todo o caso não terá falta de estomago, mais ou menos são. farás bem em conservá-lo com boa alimentação;*
- 5º *Não pronuncieis nas discussões sempre a ultima palavra isto o lisonjeia e a ti não te prejudicará;*
- 6º *Lê nos jornaes mais alguma cousa do que os annuncios matrimoniais e mutuarios, para falares com elle em cousas que lhe possam interessar;*
- 7º *Sê sempre delicada com elle lembra-te de que, quando elle era teu noivo, o consideravas como um ser superior; não o desprezes agora;*
- 8º *Deixa-o acreditar muitas vezes que é mais intelligente do que tu. Isto o lisonjeará;*
- 9º *Si és intelligente, sê para ele uma amiga; se és tola, procura elevá-lo junto a ti;*

*10º Respeita os seus paes, principalmente sua mãe, a qual ele amou antes de ter te amado (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 493, 27/03/1904).*

Com todos esses “mandamentos”, a responsabilidade da vida conjugal pertencia à mulher. Ser uma boa dona de casa, boa esposa e mãe zelosa, eram os conselhos que não faltavam no jornal. Esse controle do homem em relação à mulher, designava o lugar social e a identidade femininas, tudo o que precisava saber e fazer, já tinham sido definidos antes de seu nascimento.

*Dez mandamentos da mulher casada* definiam a esposa e mulher ideais, agradando, cuidando e respeitando seu marido. Quem deveria ter razão nas discussões e aborrecer o menos possível? Os homens. Quem deveria ser responsável pela felicidade do casal? A mulher. E, para manter a harmonia, conselhos não faltavam:

***Uma cozinheira condecorada***

***Premiando um merecimento obscuro mas relevante – o bife e a felicidade conjugal – o que as noivas precisam saber***

*Entretanto eu posso garantir-lhe a perfeita autenticidade, na fé do jornal onde li a notícia. Sim, minha senhoras [...] Heroína? – sim, heroína do cabo de frigideira e também de caçarola, mas heroína [...]. É merecida essa medalha de ouro, que é um symbolo e um lição de moral domestica. Fallasse muito, agora, em exame pre-nupcial para que os futuros casaes assegurem uma geração sadia e livre de achaques (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4025, 13/11/1927).*

O trinômio “mãe, esposa e dona de casa” era a mais importante e principal razão de existir das mulheres, correspondendo ao que era “pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado na imprensa [...], e sua relação com suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser” (MALLUF, MOTT, 1998, p. 374) e, ainda conforme Costa (1979):

Historicamente, a redução da mulher ao papel de mãe e esposa devotada representou esse compromisso entre o pai e o poder médico. O homem expropriado de terras, bens e escravos através da higiene, colocou seus genitais a serviço do Estado. Em contrapartida, foi-lhe dado o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. A esposa passou a ser sua única propriedade privada [...]. O machismo foi fundamental à ordem médico-política [...], profundamente convencido de que o verdadeiro homem era dono da mulher e fiscal dos filhos, o “machista” tornava-se um ciumento guardião da moral higiênica (COSTA, 1979, pp. 252-253).

A maternidade, segundo Costa (1979), entrava em um novo “estágio”, agora acompanhada pela ordem médica, assim como, todo o processo gestacional.

A redução da mulher à figura de mãe-higiênica processou-se de modo idêntico à passagem do patriarca ao novo pai. O argumento de choque era o mesmo: aumento da responsabilidade para com os filhos. Descritivamente, essa reciclagem função feminina na família operou-se em dois tempos. No primeiro, a higiene, acompanhando a urbanização, retirou a mulher do confinamento doméstico, liberando-a para o convívio social e o consumo comercial. Esta etapa seria representada pela crítica à "mulher de alcova". No segundo tempo, reforçando a "estatização dos indivíduos", a higiene procurou reintroduzir a mulher na família, devidamente convertida ao amor filial e ao consumo de serviços médicos. Esta seria a etapa da condenação à "mulher mundana" e à prostituta. A mãe higiênica nasceu, portanto, de um duplo movimento histórico: por um lado, emancipação feminina do poder patriarcal; por outro, colonização da mulher pelo poder médico (COSTA, 1979, p. 255).

Por ter a mãe, a responsabilidade da geração de braços fortes para a nação, a imprensa indicava os caminhos que deveriam ser trilhados para a criação de filhos que pudessem servir à Pátria:

***Pelas creanças***

*Oh, mães de família, mães carinhosas! É a vós que me dirijo agora. É a vós, preceptoras do lar domestico, primeiros guias de infancia, estrelas matutinas da primavera da vida, orvalhos matinaes da puericia, operosas criaturas, heroínas e martyres, que desde a gestação padeceis pelos vossos filhos e desde o berço vos sacrificaeis por elles! É a vós, divindades protectoras do lar, que de joelhos me curvo reverente, para entoar estas preces, em hosanas ao santo nome de Mãe e em supplicas ao magnanimo coração de Mulher! Abnegadas mães de família, é de vós, antes de tudo, que depende o futuro dos vossos filhos. Sois vós quem os embalaeis ao seio, amamentando e avigorando, allertas quando elles dormem, vigilantes quando elles brincam, em vigílias quando adoecem, por elles vivendo e para elles trabalhando, a guiar-lhes os primeiros passos e a ensinar-lhes as primeiras balbucies, em risos quando elles riem, mas em lagrimas quando elles soffrem, a sonhar castellos como futuros, sempre magnanimas no vosso amor maternal. Abençoada é a vossa missão, a mais philantropica das philantropias, o mais altruisto dos altruismos, sacratíssimo encargo que vos glorifica, divino mandato que vos santifica. Não poupeis sacrificios pela vida dessas creaturas que são a reprodução do vosso eu, fragmentos das vossas almas, essência do vosso espirito, gottas de vosso sangue, parcelas de carne da vossa carne. E não canceis de ter paciencia com as vossas creanças. Cada carinho vosso é uma epopéa de bondade [...]. Quereis saber, oh mães de família? O futuro do paiz só depende do futuro de vossos filhos [...]. Da educação domestica é que têm surgido grandes feitos de abnegação e de heoroismo, de amores fraternaes e filiaes, de virtudes cívicas e patrioticas, actos gloriosos que são fachos accesos na avenida da civilização [...]. Criai-os, sobretudo, nesse amor pela honra e pelo dever, por Deus e pela Patria, pelo bem e pelas virtudes – [...]. Seja a vossa divisa – PELOS FILHOS – para que – PELA PATRIA – seja amanhã a divisa de vossos filhos (MARIO CHAVES – LAVOURA E COMMERCIO, ed. 548, 09/10/1904).*

Claramente, há um chamamento da mulher para o seu dever e sua missão de mãe, que teve sua educação moldada pela Igreja Católica, portanto, seria sua obrigação máxima, transmitir aos filhos os ensinamentos e os valores religiosos. A apelação às “mães de família” tem cunho moral (*Abençoada é a vossa missão, a mais philantropica das philantropias, o mais altruisto dos altruismos, sacratíssimo encargo que vos*

*glorifica, divino mandato que vos santifica*); religioso (*Criai-os, sobretudo, nesse amor pela honra e pelo dever, por Deus e pela Patria, pelo bem e pelas virtudes*) e cívico (*Seja a vossa divisa – PELOS FILHOS – para que – PELA PATRIA – seja amanhã a divisa de vossos filhos*), pois abnegada, cuida bem de seus filhos para que estes se tornem grandes homens que conduzirão a pátria e a nação ao progresso.

O amor maternal é incondicional e incansável, à semelhança de Maria que criou seu filho, para depois entregá-lo à cruz para a salvação da humanidade. As mães de família – burguesa, civilizada e higiênica – deveriam agir de modo semelhante. A missão sagrada da mulher é vocação divina, um chamado de Deus à pureza, ao recato e à busca pela perfeição moral.

*Pelas creanças* versa sobre a criação do “filho homem” e não da “filha mulher”. Ao primeiro é reservado o poder de conduzir a nação à modernidade e ao progresso; à segunda, reserva-se a “a honra” de carregar em seu ventre, aquele que será o salvador.

Segundo Mary del Priore (2014), a nova mãe deveria aprender a cuidar de sua prole, deixando de lado as crendices populares, passando a confiar em seu médico. A maternidade, torna-se ciência. A puericultura entra em cena.

***Puericultura. Sr. Redactor***

*Ao iniciar a publicação do Brasil Central, julguei prestar rellevante serviço ás mães de familia desta cidade expondo-lhes os rigorosos preceitos da Puericultura hoje adoptados pela sciencia moderna; entre esses preceitos muito insisti no uso do malfadado Bico ou Chupeta. Meus conselhos foram verdadeiros sermões pregados no deserto ha pouco tempo, ao lado da Igreja Matriz, afim de servir de padrinho de uma creança [...]. Bicos vejo por toda a parte, no seio de todas as familias, nas ruas, nos templos [...]. Para que as exmas. familias que despresaram meus conselhos não pensem que elles eram dispensáveis, peço inserir no seu conceituado jornal o “ABC das mães”, que o sr. dr. Moncorvo Filho, o mais notável especialista de Pediatria da America do Sul, acaba de publicar no Rio de Janeiro; todas as mães nelle verão o que foi dito a respeito do bico babado e catharento que muitas ou quasi todas costumam colocar no pescoço das creanças, como um amuleto, estragando e infectando o seu organismo. Dr. João Teixeira<sup>38</sup>. Segue-se o ABC:*

***O A.B.C das mães. Conselhos dados pelo dr. Moncorvo Filho no seu Dispensario.***

*Aleitamento materno. É o melhor e aquelle que mais contribue para diminuir a mortalidade infantil. Até um anno pelo menos, toda a creança deve ser somente alimentado com o leite humano; quando de todo fôr impossível o leite materno dê-se-lhe o de uma ama rigorosamente examinada. É perigoso dar-se ás creanças menores de um anno qualquer alimento solido;*

*Bastará que a mãe amamente o filho a principio (até o primeiro mez) de tres em tres horas e depois de duas horas (dando o seio apenas 5, 10 ou 15 minutos,*

---

<sup>38</sup> O dr. João Teixeira Álvares, fundou com o dr. Filipe Aché, em Uberaba, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, entidade da qual foi o primeiro presidente (MENDONÇA, 2008).

conforme a idade) fazendo durante a noite sempre um intervalo de cinco horas entre as mamadellas;

*C*reanças de peito não devem dormir com as mães, porque pôde haver o perigo de asphyxial-as;

*D*evendo haver o maior cuidado na alimentação das creancinhas de poucos mezes, procure sempre dar-lhe o leite humano; só após intima Analyse se deve recorrer o aleitamento artificial. Neste caso é o leite de um animal (égua, jummenta, vacca ou cabra) que se deve dar sempre, porém, administrado esterilizado e segundo a tabella annexa;

*É* chamada “mamadeira assassina” a antiga mamadeira de tubo, que jamais deve ser usada. A mamadeira quanto mais simples melhor. O próprio vidro de esterilização é o melhor e o bico nunca deve ser de borracha cinzenta porque é venenosa;

*F*erver todos os objectos que servem para preparar o leite que servem para o preparo do leite é medida imprescindível e da maior vantagem para evitar que o alimento se altêre, azêde e vá produzir collicas e diarrhêa na criancinha;

*G*astro-enterite é o nome da molestia que os vicios de regimen mais frequentemente produzem e a causa maior da mortalidade dos pequeninos que ainda mamam;

*H*a toda vantagem em insistir no aleitamento artificial exclusivo a um mal irremediável e só dará resultados relativamente bons, quando praticado sob as vistas da familia, com cuidados minuciosos e por pessoas experimentadas, o que alias não é difficil;

*I*ndicando a pratica que o aleitamento mixto (a um tempo aleitamento materno e o artificial) dá tambem bons resultados, é a ele que se deve recorrer sempre que a mãe não tiver leite sufficiente para ella só alimentar o filho;

*J*a se péde, com certo cuidado administrar á uma creança maior de um anno os mingáos, os caldos e o pão torrado. As farinhas de arroz, de aveia, de maisena, de tapióca e outras, prestam-se a excelentes mingáos. As sopas irão habituando a creança, já na proximidade de dois annos, á alimentação commum [...];

*K*ermes [...] ou qualquer outro remedio só deve ser dado mediante prescripção medica. Evitem os abusos e os máos conselhos;

*L*ivrar as creanças da perigosa “chupeta” é uma acção humanitária. Enquanto o seio leva vida á creança, a chupeta leva a morte;

*M*uito maior numero de creanças morrem por molestias occasionadas por excesso de alimentação (superalimentação), do que por sua escassez (inanição);

*N*unca esquecer que hoje o papel do medico de creanças é mais de preparar o organismo destas para resistir á invasão de molestias do que bem cural-as. A hygiene infantil bem dirigida consegue maior robustez das criancinhas;

*O* maior orgulho de uma mãe é possuir um filho gordo e robusto, graças aos cuidados que lhe disspensou ao mesmo tempo que era ministrado o seu leite, o verdadeiro “sangue branco”;

*P*obreza não implica ausencia dos cuidados aos pequeninos, as casas de caridade auxiliam poderosamente as mães com ensinamentos e os socorros de que necessitam;

*Q*uantas creanças não morreriam si as mães attendessem aos bons conselhos e procurassem instruir-se para preserval-as contra as moléstias?

*R*eflectam bem as mães sobre os conselhos que ahi ficam;

*Salve-se a infância que é o futuro da Pátria;  
 Trabalhe-se para esse fim que é um dever social;  
 Útil será para a família a vida do pequeno ser;  
 Verá como é feliz toda mãe que puder bem criar os seus filhos;  
 Zelando a saúde dos filhos dão as mães a maior demonstração da sua  
 bondade e do seu amor (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1457, 25/07/1913).*

Mary del Priore (2014; 2020) explica os motivos por trás desse abecedário. No final do século XIX, houve a diminuição de taxa de mortalidade infantil, graças à saúde pública e à higienização, contudo, esse assunto fez parte dos discursos de médicos e sanitaristas. Várias hipóteses foram levadas em consideração, como comidas fortes, vestuário inadequado, aleitamento mercenário, doenças transmitidas pelas amas de leite etc. Essas elevadas taxas eram divulgadas nos manuais de medicina.

Foi quando em Pernambuco, Carolino Silva Campos (Priore, 2014) passou a discutir novas formas de asseio do corpo das crianças e a necessidade do banho, contudo, os mais pobres não tinham um bom relacionamento com médicos, preferindo cuidar da saúde com benzedores e curandeiros.

Todavia, a herança do colonialismo e da escravidão tinha de ser esquecida e, substituída pela modernidade e progresso. “E o que significa isso? A transformação da mulher em máquinas de fazer filhos, sobretudo, cidadãos e soldados, para o bem da pátria” (PRIORE, 2014, p. 133), restando às mulheres o cuidado e o carinho de seus filhos (TELLES, 2011).

Os higienistas empenharam-se com afinco na tarefa de formar a "mãe burguesa". Empreenderam campanhas para convencer as mulheres a amamentar. Visavam também à "mãe educadora" sob vigilância do médico de família. Definiam a mulher como ser afetivo e frágil. Doçura e indulgência eram atributos que se somavam aos anteriores para demonstrar a inferioridade da mulher, cujo cérebro, acreditavam, era dominado pelo capricho ou instinto de coqueteria. Para que não adocesse, era preciso que aceitasse o comando do homem e se dedicasse inteiramente à maternidade e à família. As mulheres pobres, as vendedoras de rua, as lavadeiras vão sendo expulsas do centro, que se afrancesa, e de seus ofícios de sobrevivência (TELLES, 2011, p. 429).

Del Priore (2014, p. 136) completa a ideia:

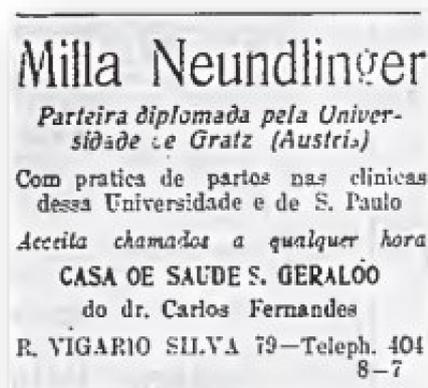
A preocupação era convencer a mulher de que o amor materno era inato, puro e sagrado, e que apenas por meio da maternidade e da educação dos filhos ela realizava sua "vocação natural". Sanear a sociedade por intermédio das mulheres era a meta. Mas qual mulher? Somente a esposa e mãe. "A mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que obrigam-na a exercer o círculo completo das funções de mãe. Se a isto se recusar é que há uma falsificação de sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever que é sacrificar a si, a prole e a humanidade", acusava o doutor Moncorvo Filho.

Figura 29 - Anúncio de parteira formada por universidade na *Hespanha*



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 72, 11/03/1900

Para auxiliar as mães na tarefa de trazer seus filhos “ao mundo”, são divulgados ao longo dos anos, anúncios de parteiras formadas em universidades do exterior, atuando em clínicas na cidade de Uberaba, de acordo com as figuras 29 (acima) e 30 (abaixo).

Figura 30 - Anúncio de parteira formada em universidade na *Austria*

Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2919, 27/05/1926

Além dos anúncios oferecendo serviços de parteiras, novos produtos alimentícios (Figuras 31 e 32), relacionados à maternidade, marcas hoje, reconhecidas nacional e internacionalmente, começaram a ser veiculados nos jornais.

Figura 31 - Anúncio *Licor de Cacau Xavier*

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2866, 22/11/1925

Figura 32 - Anúncio *Quaker Oats*

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2902, 28/03/1926

Esse tipo de publicidade, direcionado ao público feminino, juntava-se a outros discursos ligados “à saúde, à vitalidade e à higiene originários especialmente do campo médico” (CAMPOS, 2009, p. 113).

Figura 33 - Anúncio *Massas Alimentícias Aymoré*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 3067, 24/07/1927

Na esteira das medidas higienistas e dos discursos pela sociedade de que as mulheres deviam dedicar-se, exclusivamente, às tarefas do lar e à maternidade, a utilização das amas de leite, passou a ser rechaçada. Acreditava-se que a prática era responsável pela alta taxa de mortalidade infantil. O debate sobre a amamentação ganha força a partir do final do século XIX. “Nele, a vilã era ama mercenária, possível transmissora de doenças físicas e morais. Na outra ponta, nascia a valorização da mãe higiênica e saudável” (DEL PRIORE, 2014, p. 141).

No Ocidente cristão, leite e sangue sempre estiveram intimamente relacionados, e a capacidade de provocar doenças ainda prevalece no imaginário popular: sangue ruim, leite ruim. Ao leite aguado corresponde o sangue “aguado”, reflexo de constituições físicas doentes, fracas [...]. O leite materno era sangue era sangue embranquecido, e a lactação permitia transformar o sangue menstrual em leite; veias partindo da parte superior do

útero levavam o fluido ao coração, onde ele “cozinhasse, tornando-se branco, para não assustar o bebê e a mãe [...]. A medida que os séculos avançavam, ganha força a noção de que o aleitamento era dever. Os seios não podiam ser vistos como um adorno erótico e, por tal pretensão, eram acidamente perseguidos por padres, confessores, pregadores e médicos. Eles, seriam, sim, instrumento de trabalho de um sexo que devia recolher-se ao pudor e à castidade (DEL PRIORE, 2020, pp. 100-101).

Contudo, os próprios médicos entram em contradição, mesmo apontando os males causados pela amamentação por amas de leite, em algumas situações essa prática era aceita, tal qual no *A.B.C das Mães (quando de todo fôr impossível o leite materno dê-se-lhe o de uma ama rigorosamente examinada)*.

*[...] essa deplorável indústria mercenária é uma das causas da mortalidade infantil [...]. A ama mercenária só é admissível quando a mãe deve, por um motivo qualquer, renunciar à amamentação e que a criança, por excessiva fraqueza não possa ser amamentada artificialmente. O leite da ama é então empregado como um supremo recurso, como um remédio heroico para salvar a vida da criança. Salvo essas exceções a mãe deve usar a amamentação mixta – seio [...] ou leite esterelizado [...] Infelizmente um certo numero de mães encontram-se na impossibilidade física de amamentar ou incapazes de prover inteiramente às necessidades nutritivas da criança [...] Como é que, uma mulher, apenas dominada pelo interesse pessoal, poderá fazer as vezes de uma segunda mãe? [...]. O leite da mãe pertence ao filho. A ama mercenária é uma desgraça debaixo da ponte de moral, porque desconhece os deveres [...] da maternidade para com seu filho [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ED. 773, 06/12/1906).*

Mas, o trabalho das amas de leite iam além dos discursos dos médicos e higienistas, era também uma questão social, de acordo com Pinsky e Pedro (2018):

Comparadas com as outras (*ocupações – grifo nosso*), possibilitava melhores ganhos devido à relativa valorização da responsabilidade dos cuidados com as crianças para os quais se requeria paciência, dedicação e asseio. A função era exercida tanto na casa dos patrões como na própria moradia das “amas criadeiras”. O serviço das amas era utilizado também pelos poderes públicos e caritativos, no aleitamento e cuidado de órfãos. A questão do “aleitamento mercenário”, entretanto, inquietava pais e autoridades médicas, devido a preocupações com a possibilidade de que as amas infectassem as crianças [...]. Nesse sentido, buscou-se regulamentar a ocupação, começando por organizar o Serviço de Aluguel, que deveria ser encarregado da seleção (por meio do exame de sangue e do leite das amas), do registro e da catalogação das qualificadas para o emprego [...]. De um modo ou de outro, a prática da função foi usual até os finais dos anos 1920, quando ainda era hábito divulgar anúncios de procura e oferta de amas de leite [...]. Aos poucos, difundiu-se uma nova noção de maternidade pela qual a mãe passou a ser responsabilizada pelos cuidados higiênicos e atenções para com as crianças [...] (PINSKY, PEDRO, 2018, pp. 132-133).

### 3.2.2 As marginalizadas

Por meio da literatura, podemos conferir o funcionamento e as regras de conduta e posturas de um determinado tempo, tornando-se um manancial de informações sobre diversos assuntos.

#### *A mulher gaiteira*

*Havia uma mulher casada e que não tinha filhos. De frente dela morava um padre, pelo qual a mulher apaixonou-se. Ella chamava-o de Rabo de gallo, por elle ter os cabellos muito bonitos. O padre não correspondia e o mesmo não sabia de tal paixão. A mulher já não governava a casa e só queria estar na janella para ver o padre. Estava já tão douda, que chegava a dizer ao marido: Não é bonito aquelle padre? O marido fingiu não comprehender e afirmava o que ella dizia. Não satisfeita de ver o padre só da janella, a mulher não perdia a missa um só dia, a pretexto de ir rezar, e o marido suportava tudo calado. Querendo ver até que ponto chegava aquella mulher, pretextou uma viagem e escondeu-se perto de casa, recommendando a uma negra que lhe fizesse sabedor de tudo o que mulher praticasse na sua ausência. Não tardou em que a negra lhe viesse entregar um bilhete que a senhora ia mandar por ella ao padre, no qual pedia-lhe uma entrevista á noite, visto o marido não estar em casa. O homem apoderou-se do bilhete, disse á negra que dissesse a senhora que o tinha entregada ao padre [...]. Trouxe a negra o bilhete e o deu a senhora. Esta não cabia em si de contente, e a hora marcada, entrou o marido, que disfarçou de padre, vestido da batina e com um grande chicote de couro crú escondido. A mulher convidou-o a entrar no quarto para descansar. Ahi não teve duvida, o marido empurrou-lhe o chicote a torto e a direito, ainda fingindo ser o padre “mulher casada, sem vergonha, como é que seu marido não está em casa e você manda-me um bilhete convidando-me a vir aqui”. Toma juízo, dizia o padre, e empurrava o chicote na mulher. Ella desesperada, com as bordoadas dizia, “vai-te embora padre dos diabos[...]. O marido, depois que deu-lhe muito, sahiu deixando a mulher quasi morta de pancada [...].” (SYLVIO ROMERO, *LAVOURA E COMMERCIO*, ed. 336, 21/09/1902).*

O conto *A mulher gaiteira* narra a vida de uma mulher casada e sem filhos, com desejos impróprios ao feminino. A mulher está apaixonada por um padre – o porta-voz de Deus –, uma ofensa ao sagrado matrimônio e à religião. Incomodado com a situação, o marido trama contra sua esposa. Caindo na armadilha, convida o padre para descansar no quarto, o marido confirmando a “traição” de sua esposa, a espanca, visto que homens e mulheres são unidos pelo casamento, portanto, o marido teria direitos sobre sua esposa.

O lar “atrás de quatro paredes” é um espaço privado, e não cabe a intervenção dos poderes públicos, esse tipo de relação estruturado pela ideologia patriarcal, desde os tempos da colônia, garante aos homens amplos poderes sobre sua casa, sua esposa e seus filhos.

Pinsky e Pedro (2018) ressaltam que essa ideologia patriarcal disseminou entre os homens o sentimento de posse em relação ao corpo feminino, atrela a honra masculina à conduta e aos comportamentos femininos. “Assim, cabia a eles disciplinar e controlar as mulheres de sua família” (p. 287), completando, a mulher estava à mercê de seu marido, pois a violência era necessária para manter a ordem familiar e o bom funcionamento da sociedade, “havia uma moral sexual dupla, permissiva para os homens e repressiva com as mulheres” (PINSKY, PEDRO, 2018, p. 287).

Os casos de violência e, o aparecimento ou não dos protagonistas dos atos, chamam atenção no que era noticiado no *Lavoura*. Alguns exemplos:

***Defloramento?***

*Corre á bocca pequena que um dia desta semana um moço nosso conterraneo, e que até então gosava muito conceito entre nós, deflorou uma moça de maior idade, filha de uma viuva pobre (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 497, 14/04/1904).*

***Defloramento?***

*Pedem-nos ractifiquemos a noticia que demos no numero passado com a epigraphe acima. Não houve, como erroneamente nos informaram, defloramento; mas, sim, tentativa. Felizmente a moça não chegou a perder a sua virgindade, porque o apparecimento de terceiros obrigou o moço a fugir, envergonhado do acto que praticava (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 499, 21/04/1904).*

***Defloramento***

***Os patinhos foram presos – São menores***

*Tendo chegado ao conhecimento do sr. dr. Leon Rousseaulière, escrupuloso delegado auxiliar da chefia de policia nesta cidade, que, na noite do 11 do vigente, se havia dado um defloramento de uma menor no alto do Fabricio, essa energica autoridade mandou incontinentemente proceder ás necessarias diligencias para descobrir o delinquente e conseguir a sua prisão.*

*As pesquisas da policia, como era de se esperar, foram cobertas de todo êxito e á presença do sr. dr. Delegado auxiliar de policia foram trazidos os dois pombinhos: ella tem 17 annos, é parda, cheiasinha de corpo, um tanto desembaraçada e se chama Luiza Maria de Oliveira; elle tem a mesma idade dela, é tambem pardo e não é de mau physico e tem o nome de Alipio Rodrigues [...]. Como se vê os pombinhos são menores, mas... acabamos de saber que os seus pais obrigaram-nos a reparar a falta: casando-os. Antes assim (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1035, 13/06/1909).*

As três notícias dizem respeito a um caso de *Defloramento*, contudo possuem alguns aspectos que merecem especial atenção. A primeira notícia informa que “*um moço nosso conterraneo, e que até então gosava muito conceito entre nós*” deflorou uma moça de maioridade; a segunda, é uma retratação da notícia “*Não houve, como erroneamente nos informaram, defloramento; mas, sim, tentativa*”.

Essa notícia expõe dois aspectos relevantes, um diz respeito ao sentimento de propriedade do homem em relação à mulher, o outro, uma questão marcante de ordem social, em que “o moço conceituado” representa a camada mais elevada da sociedade e, “filha de uma viúva pobre”, camadas inferiores. Pelo visto, a “tentativa de defloramento”, como na retratação, torna o crime “menos grave”, diferentemente da terceira notícia.

*Defloramento – Os patinhos foram presos – São menores*, o delegado ao tomar conhecimento do fato, ordena a prisão dos “dois pombinhos”, ambos menores de idade, além disso, existe a identificação dos envolvidos, cujos nomes e características físicas são citados. Então, partindo desse pressuposto, a questão da classe social pode ser confirmada nessa matéria. Pobres podem ter suas vidas escancaradas para a sociedade e, com um pouco mais de prestígio, as aparências são mantidas e as vidas preservadas.

Outro ponto a ser destacado diz respeito às moças: “*Felizmente a moça não chegou a perder a sua virgindade*” e “*reparar a falta: casando-os. Antes assim*”, indicando a importância e a relevância da virgindade feminina. Se o ato tivesse sido confirmado na primeira notícia em que a moça era maior de idade, provavelmente a moça não teria o respeito da sociedade, assim como a segunda não teve, afinal foi conduzida à delegacia, por ser inclusive, “desembaraçada”, fora do padrão de moralidade, independentemente da idade, afinal:

No retrato polido e no indeferimento de sua violência sexual ou de outra natureza, médicos, juristas, imprensa e literatura constroem uma imagem a que a mulher devia corresponder: casada, mãe e piedosa. Fora desse ideal haveria as transgressoras, as violadas e as violentadas, a que se perguntavam: “Seduziu ou foi seduzida?”; “Comprometeu a honestidade?”; “Provocou ou pediu para apanhar?”. Não fosse santa era puta (DEL PRIORE, 2020, p. 139).

Notícias de embriaguez, briga, dentre outros, faziam-se bastante presentes no *Lavoura*:

*A preta viúva Caridade da Costa, residente na rua dos Olhos d'Água, foi no dia 26 do corrente, injustamente presa por um tal José Moela, que dizem ser agente de policia. Na trajetoria daquela rua ate a cadeia foi a victima barbaramente espancada pelo Moela e seus cumplices, João Pipoca e um creoulo papudo que é sempre visto no corpo da guarda e cujo nome igonaramos. - Havemos de levala a coices até a cadeia, diziam os taes no momento da prisão, havemos de acabar com este diabo. Si assim prometteram melhor o fizeram os desalmados, chegando a victima que é extremamente pobre e carregada dos filhos, a pôr sangue pela bocca. A auctoridade competente não pode sem infracção dos seus deveres deixar de instaurar processo contra aquelle individuo, que mais devia andar debaixo da vigilancia da policia do quer ser empregado dela (LAVOURA E COMMERCIO, ed.61, 01/02/1900).*

**Escandalo**

*Às 5 horas da tarde de domingo ultimo, em frente do Hotel do Commercio, uma preta de nome Germana, em completo estado de embriaguez, ofendia a moral publica proferindo palavras indecorosas e tentando despir-se em plena rua, sendo auxiliada nos seus escandalos por Adão Soares que, como a sua companheira, mostrava-se naquele dia devoto do deus Baccho. Não aparecendo nenhuma policia para [...] aquelle repelente facto, diversas pessoas que se achavam a porta do Hotel, incumbiram-se de o fazer, afugentando os desavergonhados bebados (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 448, 22/10/1903).*

**Um lar endiabrado****O chefe da familia espanca a esposa e seu filho e aggride a tia**

*O pedreiro Ernesto Alves é um gallo dentro de casa. Ahi, galinha cantará si quizer sujeitar-se ao seu genio de homem que não perdôa os mais comesiados erros da vida domestica. Residindo na praça Carlos Gomes, longe portanto das vistas das autoridades, Alves frequentemente espanca a mulher, se se chama Honorina de Araújo. Ante-hontem, ás 9 horas da noite, o casal travaria certamente uma briga sangrenta si não fosse a providencia de Rita de Araujo cunhada do malvado pedreiro, que deu parte ás autoridades. Porque seu pae fosse preso, o menino Newton, de 13 annos, filho do Ernesto, foi tirar satisfação com a sua tia e desfechou-lhe um tiro com uma garrucha feita de cano de cabo de guarda-chuva, que não attingiu o alvo. As autoridades tomaram conhecimento do facto e o processo está em andamento (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1720, 31/03/1915).*

Nessas notícias, o *Lavoura* enfatiza a origem social dos indivíduos, principalmente no caso da população negra. Exemplificando: “*A preta viúva Caridade da Costa*” e “*uma preta de nome Germana*”. A cor define a posição social em que a pessoa se encontra, mas as camadas mais baixas da sociedade não apareciam no *Lavoura e Commercio*, somente nas narrações sobre violência, havia notícias sobre a prática de atividades religiosas que não condiziam com as características morais da sociedade uberabense.

**A feitiçaria em Uberaba****Uma descoberta original****Os apuros da “Isabelotta”**

*Quando ante-hontem, ás 10 e ½ horas da manhã, voltava do seu almoço, o sr. Francisco Antonio Ribeiro, guarda da Penitenciaria, foi chamado pela preta Isabel de tal, conhecida pelo appellido de Isabelotta, moradora na rua 13 de Maio, para ver uma coisa. Pequeno não foi o espanto do sr. Ribeiro ao verificar, no fundo uma escavação feita para o concerto de uma taipa que divide uma mela agua da rua Floriano com outra da turbulenta na S. Miguel, um considerado numero de imagens de santos de todos os feitios e nomes [...]. Conduzida á penitenciaria juntamente com Isabel e pedidos a esta explicação do caso, ella se viu em apuros, nada querendo revelar. Parece entretanto, tratar-se de cousas de feitiçaria, pois além das imagens estarem enterradas, umas de cabeça para baixo, outras amarradas pelo pescoço, ainda outras metidas dentro de vidros [...] A policia deve agir com energia para esclarecer tudo isso, fazendo contra essa gente uma energica campanha, como se procede nos grandes centros. A feitiçaria é uma grosseira e estúpida crendice que os*

*meios civilizados não toleram (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1641, 27/09/1914).*

#### **Localização de meretrício**

*A localização do meretrício é uma medida que as autoridades policiaes não podem adiar por mais tempo sem concorrer para o constrangimento moral das famílias uberabenses. Como se sabe, antigamente, isto é, até ha poucos mezes, as mulheres de vida alegre se contentavam com morar em ruas afastadas e que, por serem de sua predileção foram abandonadas completamente pelas famílias, que assim fugiam aos espetáculos degradantes de continuo registro nesses focos de prostituição agora ella resolveram transferir-se com seus bordeis para o centro da cidade, ocupando a nossa rua principal, escandalizando os vizinhos com seus procedimentos e atos indecorosos que passam em suas casas. Nesse sentido, temos recebido innumeradas queixas dos habitantes da rua Artur Machado e adjacencias [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2302, 27/06/1920).*

Ambas as notícias relatam casos que depõem contra a moral e os bons costumes da sociedade uberabense. Expressões religiosas diferentes da religião católica eram, constantemente, alvo de críticas. “Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres” (PERROT, 2007, p. 80).

Em *Localização de meretrício*, identificamos expressão contrária do culto à mulher frágil e virginal. As meretrizes representavam o avesso do pudor e do recato, “eram dadas” aos luxos do prazer sexual, incumbindo-se da realização das fantasias dos homens da sociedade, os respeitáveis pais de família. “As esposas se ocupavam dos filhos e da casa e rezavam; os homens bebiam, fumavam charutos e se divertiam com as prostitutas” (DEL PRIORE, 2020, p. 119).

A diferença entre as classes sociais era gritante. As mulheres de família participavam de eventos culturais, conforme exemplos dados a seguir, “*foram eleitas unanimemente socias do Grêmio Literário Bernardo Guimarães a exma. sra. d. Maria Ameno Ribeiro e sr. dr. Acrisio da Gama e Silva*” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 595, 23/03/1905); “*A exma. virtuosa esposa do nosso presado amigo Domingos Villela de Andrade, influente chefe politico no visinho municipio de Sacramento, vai offerecer um rico estandarte á excellente corporação musical Santa Cecilia*” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 599, 06/04/1905). Na outra ponta estavam “as outras mulheres”.

#### **Falta de creadas**

*Poucas cidades ha de existir onde a luta por falta de creadas para o serviço domestico e tão difficil como em Uberaba. Só se vendo, porque falando nem se acredita. Não ha familia aqui que se não queixa dessa falta. O clamor é geral e merece bem a atenção da policia. É ella a única que pode dar um remedio para esse mal. E talvez o remedio não seja difficil porque se ha falta de creadas, não faltam, entretanto, mulheres que deviam estar provendo essa necessidade, preferindo viver na ociosidade, entregues inteiramente a toda*

*sorte de vícios, a começar pelo do álcool. Pedimos para o caso a solícita intervenção do sr. major Silva Carmo, digno delegado da policia, especial, de quem esperamos uma prompta providencia de ordem ao menos a attenuar essa falta com que vivem lutando as exmas. familias (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 648, 13/08/1908).*

***Falta de creadas***

*Continua o clamor das exmas. familias contra a falta de creadas. Clamor muito justo e que nos levou a escrever nosso apello que fizemos no numero passado ao sr. major Silva Carmo, digno delegado da policia especial, para providencia de modo a desaparecer a causa de taes queixas. Mas, infelizmente, nosso apello não pode ser attendido, pelo zelo e autoridade, por motivo de ausencia temporaria. Todavia, insistimos no nosso apello, dirigindo-o agora ao substituto do sr. major Silva Carmo na delegacia de policia, do qual esperamos uma acção energica no sentido de poupar ás exmas. familias de Uberaba na luta insana em que encontram contra falta de creadas para os serviços domesticos, quando á certo que a cidade está cheia de mulheres desocupadas, levando vida desregrada. A policia deve obrigar-as a se empregarem, com o que prestará dois serviços á sociedade: o primeiro, de repressão a vadiagem, e o segundo, de suprimento de uma falta contra a qual se ouvem em quasi todos os lares as mais justas queixas (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 949, 16/08/1908).*

Essas matérias, não são apenas sobre a reclamação da “*falta de creadas*”, elas também representam a violência em relação às mulheres que está às margens da sociedade. O “*apello*” do *Lavoura e Comercio*, em favor das “*exmas. familias*”, avaliza a repressão pela autoridade policial com aquelas mulheres consideradas “*não dignas*”, portanto, devem ser forçadas a trabalhar para as “*famílias de bem*” da cidade de Uberaba.

Uma dupla repressão dos corpos, retira dessa mulher pobre sua autonomia e, tenta obrigá-la, por um bem maior, a trabalhar como “*creada*”, para suprir essa carência nas casas de família, tendo como justificativa a prestação de serviços à sociedade “*o primeiro, de repressão a vadiagem, e o segundo, de suprimento de uma falta contra a qual se ouvem em quasi todos os lares as mais justas queixas*”, um tipo de violência simbólica, que segundo Fonseca (2014),

Está diretamente relacionado à legitimação das práticas de coerção social. Uma questão que desde finais do século XIX pareceu preocupar as elites dirigentes nessa sociedade discrepante foi o aumento do índice de criminalidade no município [...], expressou a busca por mecanismo que garantissem a ordem pública, notadamente através de uma legislação capaz de disciplinar as novas personagens sociais que passaram a participar com mais autonomia do espaço público (FONSECA, 2014, pp. 214-215).

### 3.3 CONVERSAS DE MULHER: SOBRE ARTE, BELEZA, ESCRITAS, FEMINISMO E EDUCAÇÃO

Em Uberaba, no meio artístico as mulheres tinham bastante prestígio, e suas apresentações eram continuamente elogiadas. Apresentavam-se em espaços como a Câmara Municipal e o Teatro Vera Cruz. A cidade recebia com bastante empolgação as mais diversas atrações.

#### **Concerto**

*Teve lugar, no domingo ultimo, no salão da Camara Municipal, o ultimo concerto organizado pelo emerito tenor lyrico sr. Joaquim Tavares, com o concurso da senhorita d. Anna Freitas e do sr. capitão Carlos Machado que dirigiu o concerto. As peças musicas, todas de auctores de nomeada, tiveram o magnifico desempenho tanto por parte do sr. Tavares como da senhorita d. Anna de Freitas a quem coube parte do acompanhamento [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 25, 28/09/1899).*

#### **Concerto d'estréa**

*Raras, bem raras vezes, imersas na hypocondriaca tristeza desta cidade, desprovida dos fascinantes attractivos d'Arte e do seu estellario de genios, nos é concedida a suprema delicia de ouvir artistas [...]. Giulietta Dionesi e nos embevecer boquiabertos [...] Approuve áquella estrella de primeira grandeza o firmamento de sua divina arte [...]. Podemos afirmar que na selecta platéa que ouviu ante-hontem no salão da Camara, ninguem que não a elevasse [...]. A estréa de Giulietta foi coroada com delirantes applausos dos sensatos apreciadores de música [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 311, 26/06/1902).*

A apresentação da violinista Giulietta Dionesi, foi noticiada em mais três edições, ed. 312, 29/06/1902; ed. 313, 03/07/1902 e 314, 06/07/1902. Mas, não apenas as atrações internacionais tinham espaço garantido no *Lavoura*, as esposas de homens importantes da cidade, também o tinham:

*Temos sobre a nossa modesta mesa de trabalhos um elegante exemplar de uma composição musical da lavra da exma. esposa do sr. dr. João Baptista da Costa Honorato – sra. d. America Coelho Honorato. “A lucta de patos”, que é o título da valsa dessa distincta sra., dizem pessoas entendidas no assumpto e que tiveram o prazer de ouvil-a que é uma excellente peça musical. Agradecendo o exemplar que tão gentilmente nos foi endereçado, enviamos os nossos parabens a novel compositora pela bonita estréa que vem de fazer (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 577, 19/01/1905).*

Outras mulheres artistas que se destacaram no cenário artístico de Uberaba foram as senhoritas Rolinha Meirelles, Nair Medeiros e Dinorah de Carvalho, representantes femininas na arte da música, as quais são destacadas nas figuras abaixo (Figuras 34, 35 e 36) e, acompanhadas das respectivas matérias jornalísticas sobre suas apresentações.

Figura 34 - Foto da *senhorita Rolinha Meirelles*<sup>39</sup>



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 1568, 12/04/1914

*A nossa cidade tem lá fóra, honrando seus fóros do meio culto e artístico, duas filhas que se têm destacado, com raro fulgor no Conservatório Musical de São Paulo: Rolinha Meirelles e Nair Medeiros. Ambas revelando pendor para a musica, iniciaram aqui a aprendizagem da grande arte, conquistando em poucos annos uma technica admirável, um senso artistico não commum, ligado ao sentimentalismo adorável, na interpretação das mais difficeis composições clássicas [...]. Em poucos anos as duas compatricias galgaram, pelas fulgurações de seu talento e dedicação vocação para arte abraçada, um inconfundivel logar entre as alumnas mais distinctas do Conservatorio. Sobre Rolinha Meirelles ainda agora ocupa longamente uma revista literária e artística de Santos, tecendo-lhe justos e francos elogios. Dessa página de arte transcrevemos o seguinte trecho que supomos, será lido com inusitado entusiasmo e orgulho pelos seus conterraneos: “Dedicando-se dahi em diante, com verdadeira paixão á musica e ao piano, viram-se seus pais na necessidade de transferirem sua residencia da cidade mineira para nossa capital, matriculando-se a senhorita Rolinha Meirelles, em 1909, no Conservatório. Entregue á reconhecida proficiencia do distincto professor José Wancolle, a senhorita Meirelles, logo após as primeiras licções de seu mestre, manifestou entusiasmo pela divina arte, se revelando então um verdadeiro temperamento artistico [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1365, 15/09/1912).*

<sup>39</sup> Maria Francisca Meirelles (Rolinha) - pianista, concertista e professora. Fixou residência em São Paulo e, posteriormente, em Campinas (SP), onde desenvolveu intenso trabalho no campo do magistério. Foi professora de Odette Carvalho de Camargos (CASANOVA, 2020, p. 667).

Outra renomada artista uberabense foi Nair Medeiros<sup>40</sup> (Figura 35):

Figura 35 - Foto da *senhorita Nair Medeiros*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 1689, 17/01/1915

*Nair Medeiros realisa depois d'amanhã o seu festival artistico no salão do Cinema Triângulo. Artista de pouco commum mérito, consagrada nos centros artísticos como o de S. Paulo, o seu concerto constituirá a nota mais encantadora e attrahente da semana entrante. Em toda parte, onde a graciosa pianista tem se feito ouvir interpretando a grande e sublime musica, seja de Chopin ou Beethoven, de Martucci ou Liszt, applausos explodem ardentes á sua magistral execução, á sua enternecedora sentimentalidade. É uma organização privilegiada de artista, que inicia a sua peregrinação por uma estrada triumphal, onde lhe não têm faltado os elogios dos grandes críticos. A admiração das platéas e os louvores da Imprensa. Ahi, naturalmente, onde ella tem o seu berço, mais fervorosos e, quiçá, mais entusiasticos serão os applausos que há de cair na festa de depois d'amanhã. E nós antevemos o elegante salão do Cinema Triangulo, gentilmente cedido á adoravel pianista, repleto de tudo o que a cidade tem de mais fino para admiral-a e aprecial-a (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1689, 17/01/1915).*

<sup>40</sup> Nair Medeiros - pianista, concertista, professora. Fixou residência em São Paulo e foi bolsista do governo de Minas no Conservatório Musical de Paris (FR), na década de 1920. Durante muitos anos atuou como pianista acompanhadora do Balé do Teatro Municipal de São Paulo, por indicação de Mario de Andrade (CASANOVA, 2020, p. 667).

A senhorita Dinorah de Carvalho<sup>41</sup> (Figura 36), juntamente com Rolinha Meirelles e Nair Medeiros, tinha suas apresentações frequentemente retratadas no *Lavoura e Commercio*.

***Uma eximia pianista uberabense***

***A festejada pianista uberabense senhorita Dinorah de Carvalho***

*Ha pouco tempo noticiámos a vinda a esta cidade, com o fim de fazer-se ouvir em concertos, da senhorita Dinorah de Carvalho, eximia pianista, laureada o anno passado pelo Conservatorio Dramatico Musical de São Paulo [...]. Como já tivemos a oportunidade de dizer, a jovem artista uberabense se distinguiu novamente no curso feito no Conservatorio, obtendo notas brilhantíssimas [...]. Dinorah de Carvalho pretende realizar o seu festival artistico no dia 24 do corrente, no Salão de projecções do Cinema Triangulo, o mesmo templo d'arte onde se exhibiram e foram delirantemente aplaudidas as virtuosas Nair Medeiros, Rolinha Meirelles e Pedro Vieira [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1992, 08/07/1917).*

Figura 36 - Foto da *senhorita Dinorah Carvalho*



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 1992, 08/07/1917

Notamos no contexto artístico uberabense, que a participação feminina nesse meio, não era muito diferente do que acontecia no cenário nacional. A pouca presença de mulheres artistas não significa, que não houvesse mulheres talentosas, na verdade

---

<sup>41</sup> Dinorah de Carvalho pianista concertista, maestrina, crítica musical e compositora premiada inúmeras vezes. Bolsista do governo de Minas Gerais no Conservatório Musical de Paris (FR), fixou residência em São Paulo, onde fundou uma Escola de Música. Tornou-se a primeira mulher a reger obra sinfônica no palco do Teatro Municipal de São Paulo e a primeira a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Música (CASANOVA, 2020, p. 667).

expressa um fenômeno de exclusão feminina da carreira e da formação artísticas. Importante destacar que as mulheres que conseguiam frequentar as escolas de arte, faziam parte de uma classe social mais elevada.

Cláudia Priori (2017) acredita que:

A rara presença de mulheres na profissão de artista revela mais uma vez as questões ligadas aos papéis de gênero impostos socialmente, lhes atribuindo a função de esposa, procriadora e mãe dedicada. Os discursos predominantes alegavam que aquelas que rompessem com os parâmetros femininos estariam desequilibrando a “ordem natural” da sociedade, desafiando seu destino e papel de esposa e mãe. Fica evidente assim que “o mundo artístico não estava imune às pressões do gênero, ao contrário, era um campo em que as desigualdades, as posições, as diferenças se afirmavam e se reinventavam” (PRIORI, 2017, p. 364).

Se as mulheres eram inferiores aos homens e, não tinham alma, como poderiam se expressar por meio da arte? A pintura, a composição musical, dentre outras, são formas de criação e, essas atividades eram impróprias às mulheres, que “podem apenas copiar, traduzir, interpretar” (PERROT, 2007, p. 101), mesmo que sua presença nos conservatórios musicais fosse predominante, pois “música foi e ainda é tida como atividade apropriada ao sexo feminina” (SAFFIOTI, 1976, p. 124).

### 3.3.1 Fragmentos de escritas

A análise dos fragmentos escritos e publicados por mulheres, no *Lavoura e Commercio*, refletem as suas vivências – pois, não teria como ser diferente –, sobre sua época e espaços. Os poemas retratam seus sentimentos, por vezes silenciados. Essas narrativas trazem indícios e rastros do pensamento feminino sobre sua subjetividade, um olhar capaz de situar as mulheres em relação a elas mesmas, e em relação aos outros.

#### **Morena**

*Meiga flôr tropical, bella açucena brotada do Brasil ao sol ardente...  
Que linda, diz, ao vel-a, a toda a gente ao contemplal-a assim rosea e morena.  
Noite nos olhos. Mas que noite amena.  
Sem lua... e lumino, é resplandecente!  
A bocca lembra um nardo do Oriente  
Abrindo-se da luz á cantilena.  
[...]  
Como o regato que amoroso a beija,  
Beijar-lhe as ondas dessa trança escura (Rosalia Sandoval)  
(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 628, 16/07/1905).*

#### **Felizes**

*Um mimo d'arte: o espelho cinzelado  
Della reflecte os peregrinos traços;*

*Mal sente-lhe o tapete os leves passos  
No resvalar do corpo delicado!*

*O seu vestido estreito e decotada,  
Rendas colhidas por laços*

[...]

*Entra! Beija-lhe a mão e inebriados*

*Alli ficam – dois pombos namorados*

*Moços, sósinhos, no florir de um sonho (Elvira Gama).*

(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 506, 15/05/1904)

Os espaços delimitados às mulheres, selecionados por redatores e editores, sugeriam, que o *belo sexo* tinha aptidão para escrita voltada para o seu próprio nicho, com assuntos que diziam respeito ao universo feminino como beleza e práticas sociais, exemplificando:

***Nota chic***

***Concurso de Belleza***

*Continua despertando interesse o concurso de belleza que desde muitos dias vem preocupando a atenção da nossa distinta mocidade uberabense que á esta prova promptamente se tem manifestado [...]. Vivi Ruiz (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1301, 04/02/1912).*

Vivi Ruiz, sobre a qual não se tem informação, assim como outras vozes no jornal *Lavoura e Commercio*, escreveu por várias edições as informações sobre o concurso de beleza realizado na cidade, em 1912, trazendo ao público informações triviais sobre o concurso, como nome das candidatas, etapas do concurso etc. Após, o encerramento, não foram encontrados outros textos publicados por Vivi Ruiz, que também era responsável pelo recebimento das inscrições na sede do *Lavoura*.

***Como ter a boa pelle?***

***Queridas leitoras,***

*Desejas com certeza possuir uma boa pelle, não é verdade? Pelo menos é o que habitualmente desejam moços e velhos. Os velhos também... “Que linda pelle tem fulana, que usará ella?”, perguntam. Eu, como por experiência propria, posso aconselhar, ás minhas leitoras uma boa receita que fará com que as suas amigas invejem a belleza da cutis tratada pela fôrma que vou indicar [...] em vez de sabonete usem um pouco de borato de sodio na agua [...] não acreditem no que propalam os fabricantes de sabonete [...], usem e não se esqueçam de quem lhes deu boa receita foi a Mlle. Hilda (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1658, 06/11/1914).*

Houve no *Lavoura*, em 1914, uma curta coluna chamada *Illuminuras*, escrita por Carmem Rosa, que durou apenas três edições. Nelas a escritora trazia as novidades sobre moda e os acontecimentos sociais de Uberaba, *Inciando hoje as Illuminuras, secção que se destina a registrar e commentar os factos da nossa exigua vida mundana [...], nos*

*propomos tambem a fazer uma reportagem das “toilettes” elegantes [...]que notarmos durante a semana [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1576, 01/05/1914); em outra edição, a nº 1581, de 10/05/1914, o assunto é sobre o inverno e, como os homens e mulheres da sociedade exibem suas vestimentas “[...] É quando se abrem os theatros para as temporadas, onde senhoras e senhores exibem as suas ricas “toilettes” proprias da estação. É quando as recepções mudanas se multiplicam, se repetem os “five o’ clock tea” e as esposições artisticas [...]. A última coluna publicada foi no dia 20/05/1914, na edição nº 1585, “Uberaba irá tendo aos poucos o encanto refinamento artistico das festas mundanas, modernas e elegantes [...]”.*

As colunas escritas por mulheres *Nota Chic* e *Illuminuras* tiveram vida efêmera, versando sobre elegância, as coisas mundanas, *toilettes etc.*, procurando espaço entre assuntos voltados para os homens como política e economia; além, da quantidade de anúncios publicitários, que tomavam conta, em algumas edições, de mais de uma página do *Lavoura*.

Em 1912, o impresso publica uma nota sobre a criação, por seletas senhoritas da cidade, do “*sympathico colleguinha, Violeta*”, informando que o “jornalzinho” era bem impresso e dedicado ao público feminino. Contudo, outros aspectos do novo veículo não foram informados.

*Violeta é o título de um mimoso jornalzinho literario que domingo passado surgiu á tona uma publicidade entre nós, redigido por uma distincta pleiade de moças uberabenses. O novo orgam local é bem impresso, traz uma boa disposição de materia inherente ao seu proposito e é dedicado ás senhoritas uberabenses. Que o sympathico colleguinhas volha fortes louros [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1336, 06/06/1912).*

Interessante observar a forma condescendente, com a qual o *Lavoura* noticia o surgimento do jornal literário *Violeta*, “*mimoso jornalzinho*” e “*sympathico colleguinha*”, termos marcadamente voltados para a delicadeza do *belo sexo*, tratando o “*novo orgam*”, como algo afetivo, submisso, recatado e doce.

### **3.3.2 Espelho, espelho meu! Existe alguém mais bela e na moda do que eu?**

“Espelho, espelho meu existe alguém mais bela do que eu?”, na versão original “*Mirror, mirror on the wall, who’s the fairest of them all?*”, quem nunca ouviu essa frase, dita pela “rainha má”, corroída por sua “inveja” da beleza virginal de Branca de Neve?

Na história da Branca de Neve, a “Rainha Má”, é obcecada pela beleza, tanto que pergunta todos os dias para seu “espelho”, quem é “a mais bonita de todas”, o conto dos Irmãos Grimm, data de 1812, décadas iniciais do século XIX, já refletia sobre a beleza e virgindade da mulher.

A “Rainha Má”, uma mulher independente que governava sozinha, impondo sua vontade. Ao receber das primas do rei (seu falecido marido), um espelho, passa a interrogar sobre sua beleza, que é vista pelo olhar do outro, o “espelho” com o qual conversa todos os dias. Durante muito tempo, a “Rainha” foi considerada pelo espelho a mais bela, até que um dia, diz ser “Branca de Neve”, a mais bonita de todas. A partir daí, começou a saga da “Rainha”, em busca da beleza perfeita, idealizada, que não pode ser alcançada, mas que era representada pela beleza virginal de “Branca de Neve”.

Interessante observar como o comportamento da “Rainha Má” reproduz a concepção feminina em relação à beleza, não para si mesma, para a constituição de sua própria identidade, mas para o outro, para o olhar masculino, “a própria beleza constitui um capital simbólico a ser barganhado no casamento ou no galanteio” (PERROT, 2003, p. 14), o corpo feminino era visto como inferior e subordinado às imagens produzidas por uma sociedade masculina.

***Porque as mulheres são vaidosas***

*A mulher dá grande importancia á sua propria toilette porque sabe a importancia que o homem lhe dá. Serve-se della como um meio de seducção; [...]. A mulher, especialmente a do povo, a burguezia, veste-se raramente com requinte para si ou para os homens de casa, para as quaes as seducções são inúteis. Se faz gala perante suas amigas, não é para lhe dar praser [...]. Tudo isto é evidentemente pequenino e mesquinho: é indicação de falta de sentimento esthetico, que deveria induzir a cultivar a belleza por si e pelos que a cercam, especialmente para satisfação propria [...]. Tudo isso é mesquinho, mas não por culpa de todos os homens, mas por culpa de uma grande maioria. A mulher evidentemente, trata de agradar ao homem; esforça-se por apresentar-lhe como elle deseja. Se os homens se afastassem realmente das mulheres luxuosas, no elemento feminino triumpharia a máxima simplicidade. Ida Bertolletti (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 904, 12/03/1908).*

Se as mulheres não fossem escolhidas pelos homens por seus atributos físicos, não haveria tanta necessidade em agradar o olhar masculino, “as mulheres, mais e mais, são impelidas a identificar a beleza dos corpos com a juventude, juventude com saúde” (DEL PRIORE, 2014, p. 177), Sant’Anna (2014) complementa a ideia:

Beleza escrevia-se principalmente no feminino. No raiar do século XX, a arte de ser bonita se fazia “com quasi nada”, mas dependia da boa escolha de vestidos, cujos tons precisavam combinar com os cabelos e a cútis de cada mulher. Era preciso zelar pelo bom estado dos calçados e ser faceira,

lembrando que “em casa (e só em casa)”, poder-se-ia deixar “entrevêr um braço claro e bem torneado, de que a manga, mais ou menos curta, revela o necessário para ser tentador sem chegar à indiscrição”. A faceirice definia-se por uma delicada habilidade para “esconder o que fosse feio e realçar o agradável”. O embelezamento tendia a se limitar à indumentária, ao uso de alguns produtos para o rosto e os cabelos (SANT’ANNA, 2014, p. 10).

A beleza do *belo sexo*, contudo, era explorada sob diversas formas. A publicidade oferecia produtos de beleza (Figuras 37 e 38) capazes de amenizar as imperfeições e impurezas do corpo, deixando as mulheres sempre belas.

Figura 37 - Anúncio *Pilules Orientales* para os seios



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 1488, 05/10/1913

Figura 38 - Anúncio *Pó de arroz Mendel*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2346, 28/11/1920

Igualmente eficazes na arte do embelezamento, estavam os concursos de beleza:

***Os concursos do Lavoura***

***Belleza feminina e bom partido masculino***

*O Lavoura[...], iniciando hoje um concurso de “Belleza feminina” e outro do “Bom partido para casamento, masculino” [...] Os coupons para preenchimento questionam: Qual é, entre os rapazes de Uberaba, aquelle que constitue melhor partido para casamento? Qual é a moça mais bonita de Uberaba? [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1713, 14/03/1915).*

Figura 39 - Concurso *Bellesa Lavoura*/Anúncio de Produto

**Os concursos do "Lavoura"**

**BELLESA FEMININA E BOM PARTIDO MASCULINO**

Não andávamos errados quando dissemos, ao iniciar este concurso, que elle estava destinado a obter um successo como raramente obtem no interior os torneios desse genero : tem sido tão grande a influencia de votos chegados ás nossas mãos, alguns vinda até do Rio, que já se vai, tornando difficil a apuração, necessitando ficar, ás vezes, sem publicidade alguns votos. Para evitar que isso se repita, vamos de agora em diante redobrar de cuidados, correspondendo assim á confiança que o nosso torneio vai inspirando á nossa sociedade. Muitos são tambem os votos justificados que nos têm chegado, os quaes iremos publicando aos poucos, por falta de espaço.

Mlle. M.—Os votos de v. s. saem publicados hoje, conforme poderá verificar. Não foi com o intuito de fraudar o resultado da concurso que deixamos de fazel-o em o numero passado:—os vossos coupons, assim como de outras pessoas, chegaram ás nossas mãos depois de feita a apuração, sabbado, ás 3 horas da tarde. Estamos justificados Y.

**VOTOS JUSTIFICADOS:**

Sr. redactor.—Abi vai o meu voto. E' elle para o Sizenando (Assim o tratei no carnaval). Não faço cabala a seu favor porque ainda não me foi possível descobrir o motivo porque, segundo dizem, o nosso juiz tanto gosta de «Loção Pompeia».

Sei que no cinema ficou esentado com a exhibição do «film» «Os ultimos dias de Pompeia» e, quando se lhe pede um romance, vem

**COUPON**

Qual é, entre os rapazes de Uberaba, aquelle que constitue melhor *partido* para casamento ?

.....

.....

**COUPON**

Qual é a moça mais bonita de Uberaba ?

.....

.....

**Moça que, devido á fraqueza, tinha espiugas e feridas no rosto**

Devido ao meu estado de fraqueza e grande anemia, começaram a apparecer-me feridas no rosto e no pescoço, as quaes não conseguia curar com os remedios que applicava. Começando a tomar o «Remedio Vegetariano de Orhmann», para curar-me da fraqueza pulmonar, tosse e fastio, desappareciam as feridas, que só eram devidas ao meu sangue viciado e fraco. Continuando o uso do «Remedio Vegetariano de Orhmann», estou completamente boa e com uma cutis esplendida. Milhares de moças soffrerão de feridas no rosto e pelle ruim, ignorando que o mal, não está na pelle e sim no sangue; a essas aconselho o uso do «Remedio Vegetariano de Orhmann» que lhes fará desapparecer em pouco tempo as feridas fortalecendo-lhes e curando o organismo.

*Maria da Gama Brazilio*

Os concursos de beleza promovidos pelo *Lavoura e Commercio* movimentavam a vida dos uberabenses, por aproximadamente dois meses, várias edições do vespertino traziam o nome dos candidatos (homens e mulheres), a votação, entre outras informações que destacavam o sucesso do concurso para escolha da mulher mais bonita e do homem que seria o melhor bom partido para casamento, em Uberaba.

Importante observar, na Figura (39) acima, o anúncio de um produto *Remedio Vegetariano de Orhmann*, utilizado por uma *moça que devido á fraqueza, tinha espinhas feridas no rosto*, bem ao lado da notícia do concurso de *Bellesa feminina e bom partido masculino* para escolha da mulher mais bela de Uberaba.

Beleza e saúde femininas estavam atreladas às evocações das imagens femininas. O *Remedio Vegetariano de Orhmann*, purificando o sangue, impede o aparecimento de espinhas e feridas no rosto – sinais de imperfeição – imperdoáveis. Mulheres saudáveis e belas são requisitos essenciais.

Além dos tradicionais concursos de beleza, em Uberaba, os times de futebol, escolhiam suas madrinhas e rainhas, como o caso do *Red and White*, que divulgou na *Columna Sportiva*, de 13/11/1919, edição nº 2237, os nomes das madrinhas escolhidas para os times, moças das boas famílias uberabenses. “*Sem nenhuma desconsideração para com as suas gentillissimas torcedoras, a directoria do Red and White Association nomeou madrinhas para os seus dois teams as encantadoras senhoritas Niza Marquez e Rosita Fonseca, ardentes defensoras da valente associação alvi-rubra*”.

Em 1928, a edição nº 4040, de 05/01, é anunciado com o título “*Um interessante concurso – Quem será a rainha do Uberaba Sport?*” na edição nº 4043, o nome e a foto da rainha eleita são divulgados, respectivamente.

*Sendo essa a primeira vez se faz aqui esse interessante concurso podemos desde já ter a certeza de que elle será disputado e bem recebido. Os cupons para o concurso serão fornecidos juntamente com os bilhetes de ingresso do jogo de amanhã, na bilheteria do campo. A senhorita eleita receberá o diploma de “Rainha”, durante este anno, e uma linda medalha – distinctivo que usará até a eleição do ano seguinte – passando-a á nova eleita.*

Enquanto isso, a edição nº 4043, a foto da senhorita Annita Machado Borges (Figura 40) foi publicada, juntamente com uma matéria sobre sua vitória na eleição.

Figura 40 - *Annita Machado Borges*, Rainha do Uberaba Sport (1928)



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 4043, 15/01/1928

***Annita Machado Borges é a Rainha do Uberaba Sport, em 1928. Uma feliz eleição!***

*A votação franca, sincera e decidida dos uberabenses, decidiu que a Rainha do Uberaba Sport Club, em 1928, será a senhorita Annita Machado Borges, linda e querida filha do nosso amigo cel. Joaquim Machado Borges, um dos dignos presidentes de honra do veterano campeão do Triângulo [...] Não tendo o clichê que encommendámos em São Paulo, daremos por estes dias uma noticia mais circunstanciada sobre o facto e sobre as homenagens que o Uberaba pretende prestar á sua formosura e querida Rainha.*

Contrariando aos padrões estéticos, estava a feia:

**O elogio das feias**

*Sim, homem. As feias são, affinal, as unicas fieis [...]. A feia é, ás vezes, sympathica. Depois, quem o feia ama bonito lhe parece. A feia tem bellezas [...]. Há feias de cara e bonitas de corpo. Feias de corpo e da cara, mas a alma é bonita. Mas as feias têm predicados, são delicadas. Vivem para nós, para o seu amor. São fieis. [...] Passam na rua e a fealdade preserva-as. Vão as lojas e os caixeiros o que querem é despachal-as [...]. Quando beijamos uma feia succede que nos parece praticar uma obra de caridade – uma feia! Mas a feia, é inteligente, graciosa, amavel, tem a arte de nos prender, de nos attrair. É socegada, arrumada e triste. Quando nos ama julga que nós somos o homem mais intelligente, mais valente e mais formoso de toda a humanidade. Tem orgulho quando fala de nós. A feia é a rua socegada onde a herva cresce [...]. A bonita não. É o “boullevard”. Passa tanta gente que ninguem deixa perduraveis recordações [...]. Quase sempre é a feia quem fica para a tia, mas fica por desconfiança, por orgulho [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1869, 04/05/1916).*

No caso acima, a feiura deveria, segundo Sant'Anna (2014), ser compensada pela beleza espiritual (*Feias de corpo e da cara, mas a alma é bonita*), assim, as mulheres consideradas feias, seriam capazes de corrigir sua "falha", caso caprichassem em outros domínios, como (*As feias são, affinal, as unicas fieis [...]. A feia é, ás vezes, sympathica. Depois, quem a feia ama bonito lhe parece*), não obstante, a feiura, nas décadas iniciais do século XX, tinha seus pontos negativos (DEL PRIORE, 2014).

Todas as mulheres sabiam que a fotografia, o cinema e a imprensa divulgavam padrões que deviam ser seguidos, excluindo as que deles não se aproximavam [...]. Um controle mais rígido sobre a apresentação pessoal era exigido, até em empregos ocupados por mulheres. A chamada “boa aparência” impunha-se: os bons casamentos, sobretudo, dependiam dela. (DEL PRIORE, 2014, pp.221-222).

Ligada à beleza, estava a moda. O *Lavoura* captava em suas páginas, o momento de crescimento e progresso de Uberaba, estimulando a cidade a seguir os passos das capitais, consumindo produtos importados, principalmente de Paris. As lojas importavam tecidos modernos, vestidos e outros artigos finos.

Algumas delas, como a *Au Luvre* e o *Bazar Modelo* (Figuras 41 e 42), ofereciam serviços dos grandes ateliês de costura, “*apronta-se enxovaes para noivas, baptismos e lutos*”, com *modicidade em preços*” na tentativa de atrair mulheres das camadas médias da sociedade. Modistas francesas e a realização de *sessão para senhoras*, visavam uma clientela mais sofisticada.

Figura 41 - Anúncio *Loja Au Louvre*

**"AU LOUVRE"**

Casa de modas e confecções — Especialidade em artigos finos  
**Lindo sortimento do seda, cachemira  
 e de todos os teidos modernos**

Esta casa recebe directa e quinzenalmente do Rio de Janeiro as novidades chegadas da Europa.

**GRANDE OFFICINA DE COSTURAS**  
 a mais bem montada de Uberaba dirigida por habil  
**MODISTA FRANCEZA**

APROMTAM-SE:

**Enxovoes para noivas** desde os mais baratos até os mais luxuosos e ricos.  
**Enxovoes para baptisados** para qualquer preço.  
**Enxovoes para luto** confeccionados em 24 horas.

Preços, perfeição e «service facile» com competência

UBERABA \* Telephone n. 65 \* Praça da Matriz

**LUIZ HUMBERTO CALGAGNO**

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 1023, 21/03/1909

Figura 42 - Anúncio do *Atelier Bazar Modelo*

**Sessão para Senhoras**  
**Modas e confecções**  
 DO  
**Grande Atelier**  
 DO  
**Bazar Modelo**

Rua Arthur Machado—Tel. 240

Talhetas finas—ricas—últimas  
 figurinos, novidade e perfeição  
 Enxovoes para baptisados e  
 casamentos, rigor, presteza nas  
 confecções

**MODICIDADE EM PREÇOS**  
 O melhor e melhor sortimento.  
 Enfeites, Flores e Adornos  
 varios

Sedas e tecidos novidades

**Nota importante:**  
 Este bem montado atelier  
 esta sob a direcção de habil  
 modista contractada no Rio  
 de Janeiro

UBERABA : : : : : MUISIS



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 2801, 09/04/1925

Por outro lado, o “dissimulado instrumento de tortura, causador de danos irreparáveis – feito de pano forte e varetas de barbatana de baleia tão rígidas que sacrificavam o fígado e os rins” (DEL PRIORE, 2017, p. 375), o espartilho, passou a ser combatido. As matérias “*Fóra espartilho*” e “*O uso do espartilho*” denunciavam os problemas de saúde causados pelo seu uso:

***Fóra o espartilho***

*Rompendo com a praxe e com o os estylos um grupo de senhoritas diamantinenses, tenta actualmente por todos os meios supprimir o malefico apertador denominado espartilho, o causador de muitas molestias do pulmão e do fígado. para isso fundaram uma “Liga contra o espartilho”. Infelizmente muita gente ha, que por nutrir a vaidade da elegancia, não dispensando de modo algum o espartilho, sabendo que elle é nocivo a saúde. Que a idéa do grupo das diamantinenses encontre entre as senhoritas que não trocaram o seu bem-estar pela ostentação da elegância (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 351, 13/11/1902).*

***O uso do espartilho***

*[...] sobre os efferitos da moda, refere que é incalculavel o numero de enfermidades cansadas pelo espartilho [...], de provocar desvio, deslocações do estomago, do fígado, intestinos, seios [...]. Tem-se solicitado, em nome da hygiene e do respeito pela existencia humana, sua abolição [...]. A “coquetterie” feminina não faz caso dos conselhos sabios [...]. Citam-se, todavia, algumas senhoras, celebres pela belleza, que têm resitado á moda, e que nunca consentiram em comprimir o corpo nesse surto de estojo [...]. (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1655, 30/10/1914).*

O espartilho tinha dupla função, a de valorização do corpo feminino e como instrumento de opressão e subordinação das mulheres ao “sempre bela”. Todavia, com avanço do movimento feminista, as novas percepções do corpo na sociedade, o trabalho em fábricas e a Primeira Guerra Mundial (DEL PRIORE, 2017) levaram à queda do uso do espartilho. Além do banimento do uso do espartilho como vestimenta de moda e beleza, os “excessos da moda”, deveriam ser combatidos. A seguir duas matérias sobre o tema. Ambas, têm o mesmo apelo, a corrupção feminina pelo uso exagerado dos objetos mundanos, em oposição à moral cristã e às virtudes femininas de pureza e castidade.

***A’s vezes – uma Tyrannia querida***

*Há uma palavra que põe as mulheres em sobressaltos. Será o Paraíso? O amor de Deus? O amor ao proximo? Não. É a moda. [...] Estamos em tempo de liberdade: ninguem quer obedecer; todos querem mandar [...], quando se trata de moda, as senhoras submissas se curvam ás exigencias da modista [...]. a paixão pela moda é um grande mal a que renunciamos quando recebemos o baptismo. [...] é um grande mal a paixão pela moda [...]. É um grande mal porque é fruto e origem de muitos peccados. Com efferito a moça que se entrega demasiadamente ao luxo e á moda commete o peccado da soberba, porque pelo traje se considera superior ás demais [...] com pudor: eis o mais bello ornato da donzella christã [...]. Com sobriedade: cada uma deve vestir-se segundo o seu estado. Ás senhoras casadas é permitido que se trajem com*

*mais riqueza do que as solteiras, que devem ter mais simplicidade [...], moça que habituou ao luxo e pela falta de modestia ao traje não dará garantia de felicidade ao seu esposo. Silas (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1359, 25/08/1912).*

A vestimenta feminina impõe às mulheres dupla pressão/prisão que estão intimamente ligadas, de um lado, a moda e o embelezamento para agradarem aos homens e, de outro, são símbolos do pecado, contrários à virgindade e à pureza.

*Através de uma entrevista*

*A moda actual e a opinião do monsenhor Costa Rego*

*Pedaços de ouro*

*Monsenhor Costa Rego, uma das legítimas ilustrações do clero nacional, sendo entrevistado sobre a moda actual pelo “Correio da Manhã” fez uma judiciosa critica aos actuaes costumes [...] são tão escaldantes as palavras da critica desse sacerdote, que não podemos deixar de transcrever alguns trechos de ouro dessa entrevista para meditação do bello sexo [...]. “Eu creio que o pudor é o segredo da virtude feminina [...], perdido o pudor, a mulher não saberá defender a sua pureza, nem a sua virgindade, nem a sua honra. E ae as modas actuais têm principalmente esse fim: abolir o pudor. A mulher para andar na moda, vae mostrando pouco a pouco todas as partes de seu corpo, e acaba perdendo completamente o pudor [...]. As modas actuaes, em vez de vestir, despem a mulher [...]. E a mulher que perde: pudor, virgindade, honra [...]. A mulher ao usar esses vestidos, não tem nenhuma malicia. Não é de proposito, não é intencionalmente, que a mulher use “toilette” indecente. Mas, apesar dessa inocencia, ella faz um grande mal, espalhando em torno de sim a provocação, o desrespeito, o pecado. Vestida de tal forma, nem sempre a mulher se poderá fazer respeitar. [...]. E a mulher tem um dever essencial: resistir, até a morte, na defesa da sua honra. Não pecou a mulher que, para fugir a um attentado ao seu pudor, se atirou de um 5º andar. É um suicídio que a Igreja justifica e perdôa. Ha na Biblia, exemplo deste facto. Se eu o tive aqui á mão, havia de mostrar-lhe um livro que possui sobre as “mulheres fortes” da Biblia” (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2939, 16/07/1926).*

Com isso, percebe-se que as mulheres ficam presas em uma encruzilhada, vestindo-se para o olhar do outro, o homem e a religião. As vestimentas podem tanto atrair um bom casamento, bem como, serem contrárias ao pudor e ao recato.

A moral feminina está vinculada à sexualidade e, transforma o corpo feminino em um campo de batalha entre o “bem” e o “mal”, Maria (virtude e pureza) *versus* Eva (desobediência e pecado). Nesses textos é possível verificar a tentativa de disciplinar os corpos: “ninguem quer obedecer [...] as mulheres se curvam ás exigencias da modista” e “acaba perdendo completamente o pudor [...]”, ou seja, a moda feminina corrompe o espírito e destrói a sociedade.

Em 1915, a edição nº 1723, de 09/04, publica a carta da *Associação Nobreza da Mulher* endereçada aos ateliês e armazéns de moda:

*Pela associação “Nobreza da Mulher” [...], foi endereçada, em fins de outubro ultimo, a todos os armazens e ateliers de moda a seguinte circular: “[...] tem por fim praticar na moda os principios christãos, assim como divulgal-os entre os outros. Os socios desta instituição se obrigam a contrariar as extravagancia e escandalos da moda, como [...] vestidos transparentes, decotados, justos demais, collados ao corpo, e proibil-os ás propria filhas e empregadas. A moral christã é, sem discussão, a lei invariavel e fundamental, pela qual a moda há de se regulamentar, a fim de ser aceita pela mulher christã. [...]. A questão é respeitar e manter os principios christão em caso de interesse geral e de total importancia, razão por que tomamos a liberdade de dirigir-vos a presente circular e estamos certas e confiantes de que satisfarais os nossos desejos.*

Ao solicitar aos pais que verifiquem as roupas de suas filhas e empregadas, não deixando transparecer o corpo, identificamos, também, a investida na disciplinarização do corpo da mulher “*a moral christã, é, sem discussão, a lei invariavel e fundamental [...]*”, portanto, as vestimentas femininas deveriam ser condizentes com a postura da Virgem Maria, assim “*vestidos transparentes, decotados, justos demais, collados ao corpo [...]*”, não são adequados à mulher cristã, pois traduzem o pecado das filhas de Eva.

### 3.3.3 Feminismo no *Lavoura*

Qual o significado das figuras (43 e 44) abaixo? O que podem nos dizer?

Figura 43 - Charge *As modas de hoje*



Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2930, 06/07/1926

Figura 44 - Charge *A mulher e o esporte hontem... e hoje*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 5162, 20/09/1929

Essas representações de mulheres, são contraditórias ao que se esperava da mãe e da dona de casa, ainda que nesse período, por mais que tivesse alguma emancipação feminina em relação à casa e ao trabalho, a crítica sobre a função e ocupação dos espaços público ou privado, era obstáculo presente nas concepções da vida feminina. Mulheres fora do ambiente doméstico poderia comprometer a base familiar (mãe, esposa e rainha do lar), os pilares da época.

Essas charges criticam as relações entre homens e mulheres, em tempos de maior reivindicação por parcela feminina da sociedade por direitos. Em ambas, as mulheres realizam atividades “marcadamente masculinas”, fumando e dirigindo automóvel. É uma inversão de papéis que preocupa.

### **Feminismo**

*Com este titulo um jornal chileno publicou um interessantissimo artigo, em que estuda luminosamente o modo porque o elemento feminino vae invadindo as esferas das actividades dos homens e para isso cita exemplos frisantes do que dizemos, apresentando o nome de mulheres que se tem distinguido em profissões d'antes especiaes aos homens. Ei-lo: estamos sobre um vulcão nem Pompeo, quando rugia é o Vesuvio sobre as cúpulas multi cores, nem Roma, quando sobre ela avançava o exercito de Átila, viram-se mais ameaçadas de tremenda catastrophe do que nós outros, os débeis homens, nos actuaes momentos históricos. As mulheres são hoje medicas, advogados, engenheiras, pharmaceuticas, veterinárias [...] Eis de que modo invadem as mulheres as profissões que os homens até agora haviam considerado como um monopolio masculino. Miss Bagwill, que acaba de se casar com o dono de uma cavalleriça de animaes de corrida, monta como jockey os cavalos de seu marido [...]. A cidade sueca de Naeso possui um corpo de bombeira perfeitamente organizado [...]. Em França algumas doutoras solicitaram da auctoridade licença para assistir, na qualidade de medicas, aos casos chamados de honra. Entretanto, o horror o que fazem os homens para obstar a esta terrível invasão? Dedicam-se a modistas, para ao que parece, têm grandes aptidões; as officinas de trajes femininos mais afamadas do mundo são dirigidas por homens modistas, cuja classe propaga-se de modo espantoso [...]. Oh, ha que rir! estamos em vespera da catastrophe, deixamos que ella avançasse [...]. dentro de um seculo, enquanto nós outros ou antes os que viveram então, estiverem espumando el puchere ou fazendo calceta, ella se cocuparão de negocios do Estado, da magistratura, ou das questões financeiras ou da bolsa. dentro de um século ou muito menos, serão ellas que nos sustentarão; isto é, já hoje em dia sitam-se se muitos casos de homens sustentados por mulheres; porém naquele tempo será de obrigação que a mulher saia de casa, para ir buscar o pão de cada dia, para levar o necessario ao seu querido esposo, que ficará em casa dando banho ás crianças, preparando refeições [...]. em taes tempos, serão as mulheres que fundarão asylos e hospicios para os moços desvalidos, virtuosos e modestos, entende-se, para rapazes não mal parecidos, que não tenham podido encontrar uma mocinha que os proteja e sustente. não ha que rir, some-se os effeitos do progresso do feminismo! estamos em vésperas da catastrophe, salve-se quem puder. Isto, porém, não é de admirar. as mulheres hoje, no estrangeiro, sobretudo, andam querendo masculinizar até nos trajes. Ha tempo no tribunal do jury em Pariz, uma doutora em direito, indo fazer uma defesa vestiu-se de collete e paliot de homem (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 278, 02/03/1902).*

Igualmente temeroso à emancipação da mulher, o texto de Raymundo de Castro, publicado no *Lavoura e Commercio*, em 18/10/1906, na edição nº 759:

*Á emancipação da mulher oppõem-se ainda alguns conceitos. é já grande a Conquista que a mulher vai alcançando no terreno do combate civil pela sua emancipação. Se de um lado ha quem acredite nesta emancipação, outro ha também quem a considere irrealizável. O que, porém, revela a observação, e aqui deve ser consignado é que não pára o movimento feminista, que, dia a dia, largamente vai se estendendo. Se a mulher teve uma phase em que foi considerada até como uma mente irracional [...] e hodiernamente, é considerada, principalmente pelos poetas e romancistas como flôr da criação [...] não será importuno crer, que de facto, a sua completa emancipação pode se dar. Por que a mulher não pode ser collocada no mesmo nivel de egualdade como um homem? a resposta envolve a magna questão do feminismo, que actualmente vai se enraizando nas nações cultas. Essa questão tem sido, de ha tempo a esta parte pro e contra, com sabios e bem fundados argumentos, que*

*[...]a favor da mulher [...]. quando se trata de dar á mulher o goso de certas funcções vê-se claramente que estas lhes são incompatíveis, que vem ferir fundamente o lar onde sua presença se faz precisa constantemente, não podendo deixal-o ao abandono, sem trazer serios prejuisoos e principalmente na parte que troca a criação e educação dos filhos. Abandonando a mulher o seu lar para poder exercer certas funcções, vê-se que, enfraquecendo o vinculo da instituição monogama do casamento, um abalo sofrem diretamente os sentimentos de um povo civilizado e os seus costumes, experimentando uma sensação do perigo que ocorre suas instituições, que têm por base a sua familia [...].*

O movimento feminista, experimentado a partir dos anos de 1920, estava relacionado à maior visibilidade e participação feminina nos espaços públicos,

*[...] o verdadeiro motivo da opposição masculina é a emancipação da mulher: o pretenso perigo ao culto da família. A razão evidente está em que a mulher se tem revelado rival temeroso no terreno intellectual, econômico e mesmo politico. [...]. Não, é, pois surpresa para ninguem vel-a conquista premios escolares e ocupar, por direito de concurso, logares até agora exclusivamente preenchidos pelo sexo dito forte [...]. Outróra, bem ou mal, todas as mulheres procuravam no casamento o emprego, o ganha pão e ganha respeito, havendo quasi sempre na communhão nobre a compra e a venda, que são repugnantes á dignidade da mulher de agora. E para se garantir a liberdade de casar com homem de sua escolha, e supportal-o até ao limite consentido que a mulher de hoje procura ganhar sua existencia. [...] E para ser companheira intellectual de seu marido que ella quer se instruir [...] Marie-Joseph (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2672, 13/01/1924).*

A renúncia aos padrões estéticos, políticos, sociais e culturais, impostos às mulheres pelos homens e, as ações propostas pelo movimento feminista, encontravam maior repercussão no exterior, em países como Estados Unidos e na Europa, se compararmos ao que acontecia no Brasil, contudo, as mudanças comportamentais de outros países traçavam caminhos para as reivindicações das brasileiras.

*É sempre com muito agrado que registamos as conquistas do feminismo, agrado que do ponto de vista quando essas conquistas tem por teatro o nosso querido Brasil. Por ahi se póde imaginar na soffreguidão com o que tema n'A Noticia do Rio, as seguintes linhas: Não é comum entre nós as senhoras arrastarem com preconceitos, ainda muito arraigados na nossa sociedade, mas do facto inexplicaveis e absurdos para concorrerem com o homem nas suas diversas profissões. O chamado feminismo parecer não ter conseguido interessar as nossas patricias, que ainda não mantêm nenhuma attitude de expectativa quanto aos seus resultados praticos [...]. Também em Uberaba há uma senhora que vai rompendo com esses preconceitos – é a exma. sra. Camilla Jendy, esposa do ser. Ramiro Jendy, este director da sucursal da Sul America e ella correctora da mesma companhia de seguros que exerce com a mesma actividade e intelligencia que o marido, dando assim irrecusavel prova de quanto andam acertados os que reconhecem na mulher a capacidade para concorrer com homens em todas as suas profissões (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 813, 25/04/1907).*

É certo que o feminismo não atingia a todas as camadas sociais e, ainda era visto se não com maus olhos, com algum receio, “o chamado feminismo parecer não ter conseguido interessar as nossas patricias, que ainda não mantêm nenhuma atitude de expectativa quanto aos seus resultados praticos”. Mesmo assim, na matéria destaca “Camilla Jendy [...] que exerce com a mesma actividade e intelligencia que o marido”.

Nesse caso, as atividades realizadas por *Camilla Jendy* são as mesmas de seu marido, o que nos leva a refletir sobre esse ser um “feminismo aceitável”, tendo em vista que não houve rompimento do papel da mulher em relação ao matrimônio. As discussões sobre o feminismo e o processo de emancipação das mulheres são refletidas de maneira contraditória, seja pela aceitação ou não da sociedade, seja pela forma de retratação do assunto pelo vespertino.

#### ***O feminismo?***

##### ***A mulher moderna e outras cousas (Especial para o Lavoura e Commercio)***

*As feministas, andam, diariamente a dizer uma porção de cousas sobre o que ellas querem fazer [...]. Um enxame de idéas novas... e até a conquista da mais completa derrota para seu prestigio, até hoje conquistado pela belleza, pelo amor, pela mentira e pelas paixões que semearam na terra roxa do coração dos homens fracos. Certo, o espirito do seculo operando uma grande transformação no ambiente moral da humanidade. E a hora que passa não deixa de ter, na mulher uma grande collaboradora. Em suas mãos vejo o destino que traçaram para a sua vida, neste momento, em que vivem como simples enigmas de palavras cruzadas [...]* (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4054, 23/02/1928).

Com idas e vindas, as discussões sobre feminismo e emancipação feminina avançam. As mudanças aconteciam gradualmente, o tema pouco a pouco ocupava espaço no jornal. Suzanne de Chirée<sup>42</sup>, em algumas edições do *Lavoura e Commercio*, publicou textos sobre o tema feminismo, exemplificado:

---

<sup>42</sup> Suzanne de Chirée passou a sua juventude em Uberaba. Era uma jovem estudiosa, que dedicava quase todo o seu tempo à boa leitura e às artes. Gostava de escrever e se aprofundava cada vez mais nessa difícil arte. Escrevia artigos para jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais. Foi colaboradora assídua do jornal *O Paiz* cujo diretor era João Lage e redator Alves de Souza. Suzanne era versátil. Escrevia contos, poemas, crônicas e muitos outros artigos. Escritora de estilo loução e de forma impecável, deixou páginas de rara beleza esparsas por vários jornais do Brasil. Suzanne de Chirée, grande cultora das artes, também muito se dedicou à pintura. Pintava quadros de grande expressão. Foi aluna dedicada do célebre professor Petit, do Rio de Janeiro. Também foi desenhista do Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Uberaba – Minas Gerais. Suzanne foi uma jovem moderna para sua época, que muito se extravasou através da escrita e da pintura. ABRITTA, Conceição Parreiras. **Suzanne de Chirée**. 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/site/acadfemininamineiradeletras/memorial-patronas/suzanne-chirre>. Acesso em: 15 mai. 2022.

### **Feminismo**

*Li ha pouco, no Jornal do Commercio, de S. Paulo, uma luminosa chronica assignada por Vina Canti, intelligente escriptora brasileira, a favor do feminismo e do direito politico da mulher. Diz ella: “Os homens não querem que as mulheres votem. Elles são do parecer que nós não somos sufficientemente dotadas de qualidades indispensaveis para a intriga das urnas e dos cabos eleitoraes. Elles são de opinião que a mulher não recebe uma educação apropriada que a torne capaz de um acto de tanta responsabilidade. Elles nos tomam ainda por bonecas ôcas [...]. Infelizmente, nosso caro Brasil é pouco generoso para com a mulher [...]. Forçada por uma serie de preconceitos absurdos [...]. A mulher deve uma grande parte de seus infortunios á defficiencia de cultura e educação [...]. É de minha opinião que em todo congresso legislativo houvesse pelo menos, meia duzia de mulheres de valor, para quando se tratarse de ditar leis e favorecer o sexo mal qualificado de fraco, ella demonstrassem mais senso pratico e de oportunidade do que os do sexo contrario [...]. A mulher não deve ser sómente um banal utensilio de casa [...]. Há mulheres de apparencia de simples bonecas ôcas que não deixam de possuir uma formidavel energia e inquebravel força de caracter capazes de levantar os animos de uma legião de homens desalentados... Deve-se conceder á mulher, o direito de votar. Ella em nada é inferior ao homem, pelo contrario, dotada de maior sensibilidade e sendo menos ambiciosas, saberá, em maior desvelo e criterio solucionar os intrincados problemas sociologicos, polliticos e administrativos [...]”. Estou de pleno accordo com a magnifica idéa da sra. Vina Canti, de tentar formar um partido republicano feminista [...]. Seria, apenas, um pequeno accrescimo de forças femininas [...]. Mais tarde, então veremos... (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4033, 11/12/1927).*

As ideias presentes, na crônica lida por Suzanne de Chirèe retratam a construção e a naturalização da “imagem feminina” pela visão masculina, que nas palavras de Diva do Couto Gontijo Muniz (2010),

[...] os feminismos, ao fazer crítica à lógica dos referentes, da posição de sujeito e das identidades sociais e culturais, atingiram verdades até então intocáveis e não problematizáveis da ordem cristã, androcêntrica e patriarcal. Certezas foram, então, desestabilizadas e desnaturalizadas, dentre elas, a "natureza" humana, fundamento da divisão binária e hierárquica do mundo (MUNIZ, 2010, p. 4).

As reflexões daqueles que escreviam nos jornais sobre a movimentação, emancipação e direitos femininos eram diversas. Aos exemplos acima, percebia-se escritos favoráveis ou contra esse avanço das mulheres na sociedade.

O voto feminino, uma das bandeiras levantadas pelo movimento feminista, da mesma forma, esteve entre os assuntos escritos pelo *Lavoura e Commercio*.

A edição nº 108, de 15/07/1900, trouxe uma notícia sobre a criação de um partido político no município de Aracaty, “[...] *as representantes do bello sexo do districto de Aracaty, municipio de Cotaguazes, deste Estado, formaram um partido politico em franca opposição ao governo*” e, na edição nº 806, de 11/03/1907, o seguinte: “*A junta de*

*recursos de Bello Horizonte mandou excluir do alistamento eleitoral de Minas Nova os nomes das senhoras que haviam se alistado eleitoras”.*

Era um período, em que qualquer tipo de mudança, afetaria a estrutura patriarcal da sociedade, pois, havia a ideia de que mulheres, não seriam aptas a participarem de processos eleitorais, como um todo, por isso, a inclusão das mulheres na vida política foi retardada ao máximo, pelos homens.

Mas, foi durante a Assembleia Constituinte formada entre 1890-1891, que surgiu pela primeira vez, no cenário político, a possibilidade de concessão do voto feminino, como promessa da recém República em modernizar o país. Contudo, a proposta encontrou resistências e, na tentativa de manter as mulheres afastadas das urnas e do poder, deputados e senadores opositores utilizavam de argumentos pejorativos; as mulheres normais não deveriam discursar em praça pública a favor dos direitos e deveres da coletividade, mas sim exercer no lar as virtudes femininas (WESTIN, 2022).

A Constituição de 24/02/1891, estabelecia em seu Art. 70 “São eleitores os cidadãos maiores de 21 annos, que se alistarem na fôrma da lei”. O texto constitucional estabelecia aqueles que não eram considerados os eleitores no “§ 1º Não podem alistar-se eleitores para as eleições federaes, ou para as dos Estados: 1º os mendigos; 2º os analfabetos; 3º as praças de pret, exceptuando os alumnos das escolas militares de ensino superior”, em outras palavras, as mulheres não foram explicitamente incluídas ou impedidas de participar dos processos eleitorais no Brasil.

Liberar ou não, o voto para as mulheres foi debatido, fervorosamente, no Congresso. Em 1917, o deputado Maurício Lacerda foi autor de um projeto favorável ao voto feminino, na sua visão, o voto tinha de ser visto como um exercício de dever de consciência e, a consciência não veste saias ou calças, sem divulgar maiores detalhes, o *Lavoura* publicou na primeira página os principais itens do projeto.

*São os seguintes os principaes itens do projeto sobre o voto da mulher apresentado no Parlamento pelo deputado Mauricio de Lacerda. Entre os eleitores que tratam os artigos 1 e 2 [...] e na conformidade que dispõem os artigos 70 e 71 da Constituição Federal, estão comprehendidas as mulheres maiores de 21 annos que souberem ler e escrever [...]. Aos alistados, de qualquer sexo, e operarios de industrias particulares ou do Estado [...], colono ou trabalhadores agricolas, empregados no commercio e aos estudantes de qualquer curso, não sera exigida prova de renda [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1986, 17/06/1917).*

A conquista do voto feminino não aconteceu de forma linear, na verdade, veio por meio de muitas lutas do movimento feminista, que começaram a ter mais destaque com a

participação de feministas como Bertha Lutz e Leolinda Daltró, essa última, em 1920, com as senhoras Alice Pimenta e Armandina Correa, indagaram ao Congresso, “se a mulher também é cidadão”, o que foi publicado pelo *Lavoura*, na edição nº 2321, de 02/09/1920:

*Aos srs. Clovis Bevilaqua, Ruy Barbosa, Amaro Cavalcanti, Pontes de Miranda e Paulo Lacerda, foram dirigidas, pelas sras. Alice Pimenta, viscondessa de Saude, Leolinda Daltró e Armandina Corrêa, as seguintes perguntas: Se o termo “cidadão”, empregado no sentido generico, se aplica sob o ponto de vista do direito constitucional a individuos de ambos os sexos; a Constituição, quando especifica as qualidades do cidadão brasileiro, refere-se exclusivamente ao individuo masculino? Em caso affirmativo, que posição occupará a mulher brasileira perante a Constituição? Pôde a mulher ser incluída na discriminação que fez o artigo 70, paragrapho 1º da Consituição das pessoas não alistaveis para o exercicio da função eleitoral? Qual finalmente, o dispositivoconstitucional que dá margem para inadmissibilidade da mulher brasileira, maior de 21 annos, votar ou ser votada (LAVOURA E COMMERCIO, 02/09/1920).*

A coluna social *Ouvir Estrellas* entrevistou a senhorita *Liane Pontes*, filha do sr. *Frontino Pontes*, fazendeiro em Santa Rita do Paranahyba, e da exma. sra. d. *Magnolia Magalhães Pontes*. Nessa entrevista, *Liane Pontes* foi questionada sobre vários assuntos e, dentre eles, o voto:

- *Que diz sobre o voto feminino?*  
 - *Sou contra o voto feminino. A mulher foi, é e deverá ser eternamente sequestrada pela vontade do homem, para assim não perder o seu encanto e o seu grande prestigio, emanados da força irresistível do seu coração. Ella só é sublime dentro do lar, porque então querer tiral-a daquele santuário para expol-a a mais esse turbilhão da vida? [LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4057, 04/03/1928).*

Em sua fala, a entrevistada reflete o discurso arraigado em sua criação, aquele que vincula as mulheres aos homens, nesse sentido, sinaliza a distinção dos lugares sociais de homens e mulheres, essas destinadas ao domínio do espaço privado, “[...] *ella só é sublime dentro do lar*”, justamente, o que os opositores ao voto feminino propõem em suas alegações.

No calor das discussões sobre o voto feminino, acreditava-se que era questão de tempo a sua aprovação:

***As saias triumpham***

*A questão do voto feminino vae de vento em pôpa. Ainda este anno, si Deus quizer, a materia sera approvada pelo Congresso Nacional. A Comissão de Justiça do Senado approvou, por cinco votos contra dois, o projecto do fallecido senador Justo Charmont sobre o assumpto [...] a concessão do direito de voto ao sexo fragil seja adiada [...]. O sr. Washington Luis não disse*

*ainda si é a favor ou contra a cidadania das saias [...]. Enfim, o caso é que as mulheres estão numa situação magnífica, quanto á conquista do voto. As saias triumpham, sobem, estão, prestes a dominar... (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 4028, 24/11/1928).*

Mas, não foi bem assim que aconteceu. Em 1930, após um Golpe de Estado, que derrubou o presidente Washington Luís, finalizou o período da Primeira República no Brasil e, deu início à Era Vargas. O presidente Getúlio Vargas, assinaria em 24/02/1932, o Decreto nº 21.076, decretando que eleitor, em seu artigo 2º, “*E' eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na fôrma deste Codigo*”.

### **3.3.4 Representação de educação e trabalho femininos**

As mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas acontecidas após a instauração da Primeira República, ecoaram nos discursos educacionais sobre importância da alfabetização para o progresso do Brasil, não bastava apenas a educação dos homens, as mulheres também deveriam ser educadas e instruídas.

Uberaba em franco desenvolvimento percebia a escassez de espaço para educação de meninas,

*Para a população escolar feminina de Uberaba já não são suficientes os estabelecimentos de ensino que possuímos e que constam do Collegio N. S. das Dores, equiparado ás escolas normaes do Estado; das escolas publicas primarias e de algumas particulares. Nem o grup escolar, cuja auspiciosa inauguração se annuncia para breve, bastará para comportar o grande numero de meninas em idade escolar que estão sem receber instrucção . Talvez resolvesse o caso, que é merecedor da maior attenção, a criação de um novo collegio com internato e externato, a cargo de preceptoras competentes e experimentadas, que já tenham provas dos seus merecimentos intellectuaes e moraes. Solicitamos para o importante assumpto e attenção do governo municipal e dos homens que se interessam pelo engrandecimento de Uberaba [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1004, 25/02/1909).*

Esses discursos reafirmavam a necessidade da educação formal das meninas, que deveriam aprender separadamente dos meninos, afinal a coeducação entre os sexos, ainda era um assunto que causava divergência entre educadores e sociedade. Aos meninos, o ensino os preparava para “educação e instrução mais longevas (JINZENJI, 2019, p. 92), em contrapartida, para as meninas as lições voltadas para as prendas domésticas e primeiras letras já seriam suficientes.

O grau de importância dado à educação uberabense, pode, igualmente, ser percebido pelos destaques prestados às festas escolares, percebidos na sequência:

**Collegio de N. S. das Dores**

*Foi muio brilhante a festa organizada pelo Collegio de Nossa Senhora das Dores, equiparado ás escolas normaes do Estado e dirigida pelas irmãs dominicanas para a entrega de diplomas á nova turma de professoras deste anno. A cerimonia affluio o que nossa cidade tem de elegante e chic e de selecta em sua sociedade, ficando o salão nobre daquella casa de ensino repleto de convidados [...]. A oradora da turma foi a intelligentee senhorita Raula de Chirée que produziu uma peça oratoria interessante e muito applaudida pelo selecto auditorio [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1180, 08/12/1910).*

**Grupo escolar**

**A exposição de trabalhos mannuaes**

*Admiravel o que vimos hontem na exposição de trabalhos mannuaes do Grupo Escolar! [...]. A escola de hoje já attingiu quase a perfeição: educa, a um tempo, a cabeça e o braço. Na secção de trabalhos femininos é outra profusão de cousas uteis ás donas de casa. As distinctas professoras da acreditada casa de ensino herdaram muito bem o sentido eminentemente pratico do programma oficial. Ensinaram de preferencia ás sua alumnas a costura e, especialmente, a costura branca [...] (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1824, 02/12/1915).*

**Escola Normal**

**No dia será diplomada a primeira turma de professoras**

*Realisar-se-á no dia 30 do corrente, na Escola Normal desta cidade, a festa de collação de grau da primeira turma de normalistas, que concluíram este anno, os seus estudos. São ellas as gentis senhoritas: Lygia Moreira, Marina Nascimento, Maria Abbadia Baptista, Irma Izabel Boff, Antonietta Silva e Alzira de Moura. É a primeira turma de professoras que o nosso Instituto de esnino secundario prepara. Pelo rigor com que foram ministradas as disciplinas do curso, como se apurou nos exames [...] as jovens diplomadas se acham perfeitamente preparadas para a ardua e nobillissima profissão do magisterio a que se vão dedicar. A solemnidade da collação terá um cunho de desusado brilhantismo, não só por se tratar de uma festa de instrucção, como ainda é o primeiro a realizar-se na nossa Escola, premiando os esforços das distinctas senhoritas que com verdadeira applicação e intelligencia levaram a termo os seus estudos (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 5041, 23/12/1928).*

As comemorações escolares (formaturas, exposições etc.) exibiam e difundiam os ideais de civilidade, modernidade e disciplina para a população uberabense e, poderiam, inclusive, significar um processo de aprendizagem para as alunas que se preparavam na produção de seus trabalhos manuais para exibição, na elaboração de discursos, declamação de poemas, apresentação teatrais, dentre outras atividades realizadas no meio educacional.

A figura 45 (abaixo), representada por um grupo de formandas do *Collegio de N. S. das Dores*, cercando o paraninfo da turma, o *doutor Alaor Prata*, figura central na foto. Por certo, nas escolas normais, ou dirigidas por freiras, as mulheres são maioria, porém a condução da solenidade era feita por uma figura masculina.

Figura 45 - *Normalistas 1913, do Collegio de N. S. das Dores*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 1515, 07/12/1913

As normalistas (Figuras 45 e 46) vestidas com suas becas, e com capelo ornamentando suas cabeças, têm uma expressão formal, afinal, a figura da normalista é repleta de simbolismo no que tange ao comportamento feminino, ela representa a dedicação e abnegação das mulheres para um “bem maior”, seja cuidando de seus próprios filhos, seja, ensinando outras crianças.

Figura 46 - *Senhorita Célia Vaz de Mello*, normalista diplomada em Muzambinho



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 5044, 03/01/1929

Enquanto isso, a foto de *Maria Alice*, representada pela Figura 47, apresenta postura menos formal comparada às fotos das normalistas.

Figura 47- *Senhorita Maria Alice*, concluinte do *Curso de Sciencias e letras*



Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, 4028, 24/11/1927

Professoras ofereciam seus serviços, “*Graziella Lopes, professora de piano, lecciona em sua propria casa e aceita alumnos para ensino em domicilio*” (*LAVOURA E COMMERCIO*, ed. 1711, 10/03/1915); em outros casos, essas moças eram procuradas para ensinar nas residências de famílias uberabenses, “*precisa de professoras para leccionar meninas em casa de famlia [...]*” (*LAVOURA E COMMERCIO*, ed. 1902,

27/08/1928), nos dois exemplos, o espaço doméstico é o local de realização das aulas, ou seja, em um ambiente normatizado e regulado para atuação feminina, onde essas moças eram cercadas de restrições e cuidados.

O magistério tornou-se basicamente feminino (essa tendência foi chamada de "feminização do magistério"), na medida em que passou a ser visto como um campo por excelência de mulheres, apreciadas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças. Até os anos 1930, o magistério era uma das poucas possibilidades profissionais atraentes para as mulheres das elites e dos setores médios da sociedade. Seduzia as jovens por proporcionar um ganho financeiro, mas também por conta do aprimoramento intelectual, acenando com as possibilidades de um maior status social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados. Algumas, depois de formadas, exerceriam a profissão por toda a vida, enquanto outras a abandonariam em função do casamento ou da maternidade. O magistério também foi considerado adequado às mulheres por poder ser um trabalho de "meio período", permitindo concatenar a atividade profissional com as obrigações do lar (PINSKY, PEDRO, 2018, p. 137).

Mesmo com o crescente número de estabelecimentos de ensino, alguns pais, principalmente, aqueles que moravam em fazendas, contratavam professoras e professores para ensinarem seus filhos (Figura 48). Nesses anúncios, a expressão "*paga-se bem*", era utilizada na tentativa de atrair esses profissionais, pois a situação do professorado no Brasil, por mais do que fosse propagada a importância da profissão, a categoria era mal remunerada (JINZENJI, 2019).

Figura 48 - Anúncio solicitando professores/as para atuarem em fazenda

**Paga-se bem**

— José Villela Marquez, fazendeiro residente no município de Monte Alegre, a 5 leguas de Villa Plalina, precisa de um professor ou professora competente para dar instrução a seus filhos, fazendo áquells que se propuzer o ordenado de 2 contos de réis annuaes, sujeitos as despesas, porém, dando casa para morar.

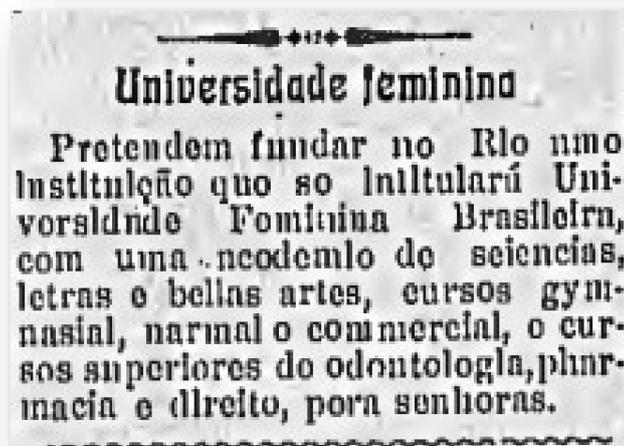
Exige que no caso do proponente ser homem seja casado.

As matérias que serão ensinadas são as seguintes: portuguez, francez, geographia, mathematicas, bistoria natural e bistoria geral e do Brasil, etc.

Para mais completas informações, procurar-se esta redacção.

Fonte: *Jornal Lavoura e Commercio*, ed. 1252, 17/08/1911

No que concerne à emancipação feminina, novas propostas de instrução para moças surgiram, principalmente na capital da República, Rio de Janeiro. Pretendia-se fundar uma Universidade Feminina Brasileira, de forma a atrair mulheres com interesses em ampliar o conhecimento em outras áreas e, outros níveis de ensino, que até então eram destinados ao público masculino (Figura 49).

Figura 49 - Anúncio da criação de *Universidade Feminina Brasileira*

Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 1553, 08/03/1914

Profissões de maior prestígio, a nível universitário, como Odontologia, Farmácia e Direito, eram de difícil acesso às mulheres, “sendo o ambiente universitário considerado um domínio masculino e havendo inúmeras restrições ao ingresso das mulheres nos cursos” (PINKSY, PEDRO, 2018, p. 136).

Figura 50 - Anúncio de *Curso Prático de Corte e Costura*

**ESCOLA DE CORTE**  
(CURSO PRÁTICO)

**A** ABAIXO ASSIGNADA, de regresso da sua viagem ao Rio, participa ás suas gentis amigas a ao publico em geral, a abertura a realizar-se, por todo o mez de agosto de uma **Escola de Corte e Costura**. Inculha-se de ensinar ás senhorinhas, de preferencia, o metter de modista; isto é, a cortar vestidos e roupas brancas para senhoras e roupinhas para crianças, tudo sob medida e com a intervenção incommoda de medidas de papel ou de algum vestido que sirva de medida.

Não é preciso encarecer a vantagem de um curso como este: a alumna sahirá habilitada, em tres mezes, para fazer qualquer peça do vestuario feminino ou infantilmente complicado que seja, tomando apenas alguma medida na orelha.

A alumna poderá tambem, se quizer, aprender a confeccionar vestidos, isto é, ligar as diferentes peças resultantes do corte; a costura propriamente dita.

Aprenderá, além disto, a enfiar e desfiar os diversos ornamentos, racionalmente.

Uma frequencia diaria, durante seis mezes, da **Escola de Corte e Costura** de Mme. Zambelli, no Rio de Janeiro, (Avenida Rio Branco, edificio do Cinema Odeon, 3.º andar), permittiu-lhe penetrar todos os segredos da profissão de modista, que facilmente serão transmitidos ás suas gentis conterraneas.

A PROFESSORA,  
**CELINA SOARES.**

Fonte: Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 2834, 02/08/1925

Anúncios com oportunidade de profissionalização feminina, expandiam-se (Figura 50). No Curso Prático de Corte “[...] *incumbe-se de ensinar às senhoritas, de preferencia o “metier” de modista, isto é cortar vestidos e roupas brancas para senhoras [...]*”, apelava-se para o bom gosto das mocinhas afoitas em exercer alguma atividade fora de casa, ingressando-se no mercado de trabalho.

As primeiras décadas do século XX, foram representadas por mulheres santas e pecadoras, mães e meretrizes, casadas e solteiras, jovens e velhas, ricas e pobres, as *sufralettes*, as *femme fatale*, essas idealizações, no imaginário da sociedade, foram construídas por homens que definiam os padrões e comportamentos femininos, mesmo assim, essas mulheres tiveram os seus *modos de ser e o estar* contados.

**Sempre-viva**

*Sempre-viva, teu nome exprime quantos vales,  
E, embora, te não desse aroma a Natureza  
Quem, como eu, padecer o maior dentre os males,  
Por força ha de exalçar-te a original belleza.*

*Quer abroches num horto ou na campa assignales  
Uma grata lembrança eternamente accesa  
Vive essa chama de ouro inserido em teu cálix,  
Como um sol que a surgir illumine a deveza.*

*Exposta ao sopro rijo e inclemente do Vento,  
Aos queimores que o sol impiedoso te lança  
Não te rouba a tortura o fulgor opulento  
E's como esta paixão  
Que o tumulto a enfeitar de uma extincta Esperança  
Aos rigores da sorte explende, viça, avulta!  
Gilka da Costa Machado  
(LAVOURA E COMMERCIO, ed. 1856, 19/03/1916).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Trovas uberabenses*  
*As moças desta cidade*  
*São de longe uma perfeição*  
*De longe- fazem saudade*  
*De perto – fazem paixão*  
*As novas modas de Venus*  
*Trazem vantagens reaes:*  
*Ostentam roupas de menos*  
*Ostentam pernas de mais [...]*  
 Costa Cruz  
 (LAVOURA E COMMERCIO, ed. 2709, 22/05/1924)

Delimitei como período privilegiado para o desenvolvimento dessa tese, aquele relativo à instalação da Primeira República no Brasil, ocorrida em 15/11/1889, a partir de um golpe e, se estendeu até a *Revolução de 30*, quando em 24/10/1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência do país.

O período republicano foi marcado pela efervescência de novas ideias, atingindo diversas instâncias da vida social. A nação brasileira dormiu em um país recém-saído de um regime escravocrata e, acordou, sem muito entender o que estava acontecendo, em um país republicano, que prometia a criação de um Brasil igualitário, moderno, progressista, civilizado e educado, temas definidos como ideais republicanos.

Ocorreram grandes transformações nos modos de agir e pensar a política, a economia, a sociedade e a cultura, mesmo a euforia dos anos iniciais, o país passou por períodos de turbulência, enfrentando revoltas, no campo, *A Guerra dos Canudos* (1896-1897), *Guerra do Contestado* (1912-1916), *Cangaço* (do início do século XIX a meados do século XX); nas cidades, a *Revolta da Vacina* (1904), *Revolta da Chibata* (1910), *Tenentismo* (1920).

Na esfera cultural, a *Semana de Arte Moderna* (1922), símbolo do *Movimento Modernista*, que buscou debater a cultura nacional, questionando qual o significado da beleza nas artes. Os modernistas defendiam a “criação” de uma arte genuinamente nacional e, Tarsila do Amaral, com a obra antropofágica *Abaporu*, foi uma das representantes do modernismo.

A sociedade tornou-se mais complexa, urbanizada, industrializada, com ares da modernidade. Rádio, cinema e o carro popularizam-se entre os brasileiros, o estilo *a la garçonne*, as atrizes americanas e os batons, influenciaram mulheres.

Foi nesse caldeirão de novas expectativas que nos dedicamos em traçar, mesmo que minimamente, o cenário sobre a imprensa e os valores socioculturais estabelecidos para o sexo feminino.

Nos últimos anos a historiografia brasileira, principalmente a da educação, tem visto o jornal como fonte de pesquisa para recuperação do passado. Vários estudos acadêmicos – artigos, monografias, teses e dissertações – tem discutido o valor do jornal enquanto objeto de estudo. Distribuição e estruturação de conteúdos como reportagens, entrevistas, matérias, grupo responsável pela publicação, público-alvo, objetivos, aparência física, qualidade da impressão, ilustrações etc., são alguns tópicos que podem ser utilizados no trabalho esse tipo de periódico.

A objetividade, imparcialidade e neutralidade do jornal enquanto fonte, foram repensadas, até porque, nem o pesquisador é um agente neutro. Suas escolhas são marcadas por diversas concepções, que irão depender da abordagem, problemas e questões que se pretendem debater.

O jornal é produto das práticas sociais, aspectos do cotidiano são registrados em suas páginas e, no final do século XIX e início do XX, precisamos refletir no papel desse periódico, que tanto refletia, quanto atuava nos diversos setores sociais.

A partir da década de 1970, com a introdução de novos conceitos no universo acadêmico, a historiografia abriu caminho para os estudos feministas, enfatizando a mulher em suas experiências sociais e culturais, que tiveram, intencionalmente, seus registros excluídos da história.

Entendo que os jornais são uma rica e inesgotável fonte para a compreensão das relações sociais e o pensamento de uma época, representando um espaço de significações de certos aspectos da sociedade. Considero o jornal *Lavoura e Commercio*, o periódico de maior importância para Uberaba. Divulgou e informou a sociedade sobre os eventos marcantes dos séculos XX e XXI, com isso, marcou o cenário jornalístico uberabense, estando aqui a singularidade dessa pesquisa.

Com um perfil conservador, o *Lavoura* transitava entre o moderno. O velho e o novo. Ao divulgar determinados arquétipos femininos, o jornal firmava-se como uma instância educadora não-formal. Acredito na concepção da ação educativa como uma prática que se realiza, não somente por trás dos muros das escolas e universidades, tratando-se de um processo ativo e inerente ao ser humano, a educação perpassa os diversos segmentos e ambientes sociais. *O dever ser e o não fazer* serviam para educar.

Entender os processos formativos, as concepções e as representações no *Lavoura e Comércio*, nos faz compreender a vastidão do mundo das ideias contidas nas páginas desse periódico, afinal de contas era por meio desse bissemanário, trissemanário e vespertino diário, que a população letrada tinha acesso aos episódios e acontecimentos da cidade, do mundo, ampliando seus horizontes. O *Lavoura e Comércio* não pode ser classificado como um jornal popular, mas sim um representante da elite agrária e comercial uberabense.

Por meio da leitura dos assuntos relativos às mulheres, e à própria Uberaba, pude perceber a força desse impresso como uma potência persuasiva e influenciadora, não apenas da opinião pública, mas também como espelho de uma sociedade que tentava se formar intelectual e culturalmente, refletindo tradições e crenças coletivas.

A averiguação e a análise das edições digitalizadas do *Lavoura e Comércio*, auxiliaram sobremaneira na execução do trabalho, entretanto, foi uma tarefa árdua. Algumas vezes faltavam páginas, em outras, as fontes eram ilegíveis, o que também foi percebido nas páginas impressas do jornal, seja pelo longínquo tempo de impressão, seja por falta de cuidado no manuseio.

As dificuldades de leitura e transcrição dos textos fizeram parte da pesquisa. Mas, apesar dos percalços para a execução da pesquisa, comuns nos trabalhos acadêmicos, a possibilidade de narrar os acontecimentos, selecionar e analisar os conteúdos representativos do universo feminino, de 1899 a 1930, sem dúvida foi uma tarefa gratificante.

A princípio trabalhei com duas hipóteses, uma delas estava direcionada à quantidade de textos destinados diretamente às mulheres e, outra à quantidade de textos escritos por mulheres. A primeira hipótese não se concretizou, quase 90% das edições trouxeram algum elemento ligado às mulheres, contudo, a segunda hipótese sobre a escassez de textos escritos por escritoras e articulistas femininas, foi confirmada. Poucos foram os textos encontrados, às vezes escondidos no meio da publicação de algum edital, de prestação de contas, notícias do gado zebu etc.

Relato ainda que, alguns temas que fizeram parte do período como o trabalho feminino nas fábricas e indústrias, a presença das mulheres no campo e, não foram contemplados pela não identificação dos assuntos nas edições consultadas, assim como sobre a situação das mulheres negras nesse período, temáticas que possam ser, futuramente, objeto de pesquisas acadêmicas.

A situação não causa estranheza, ainda mais no período privilegiado para o estudo, destaque, que as imagens concebidas das mulheres possuem algumas contradições em suas abordagens, porém, há que se compreender que essas ambiguidades fizeram parte do cenário no qual o *Lavoura e Comércio* estava inserido.

Recorrentes foram os tópicos que tratavam da saúde, da moda, da beleza, da maternidade e do espaço doméstico, em menor escala, aqueles referentes à emancipação feminina, ao feminismo e ao voto, ou seja, uma mulher inserida em universo cercado por ambiguidades oriundas do período histórico e sociocultural no qual estava inserida.

A interlocução entre os temas imprensa, mulheres, educação e representação demonstra a interdisciplinaridade da pesquisa, na medida em que nessa investigação, não são tratados de forma isolada, mas são complementares, permitindo o estabelecimento de diálogo e interações, capazes de produzir uma gama de reflexões sobre as construções sociais produzidas pelo sujeito, individualmente e pelo seu grupo, por meio de suas crenças, interesses e ideais.

Partindo desse pressuposto, as representações femininas estão presentes no imaginário coletivo, suas imagens foram e são projetadas por homens, tendo em vista que são esses os responsáveis pelas construções sociais que moldam e padronizam as características consideradas condizentes à condição feminina.

Amparados em explicações supostamente científicas, o *sexo forte* buscava legitimar a condição de inferioridade e fraqueza ao *sexo frágil*, atribuindo como inerentes às mulheres, a fraqueza e a falta de inteligência. Ou seja, biologicamente inferiores aos homens e, esta condição natural de inferioridade, determinada pela biologia, era repassada diretamente para o convívio e social. Eram reduzidas e identificadas pelo seu sexo biológico.

A oposição entre masculino e feminino e, a submissão das mulheres foram sustentadas durante séculos por meio dos valores morais e cristãos. Seus duplos e opostos *Pecadora e santa, Eva e Maria, impura e virgem* definiam suas imagens na sociedade. Um grande esforço era feito na tentativa de moldar e demarcar o lugar da mulher na sociedade, definindo aquilo que deveria ser o comportamento da *mulher honesta*.

No decorrer das três primeiras décadas do século XX, a mulher ganhou mais espaço na esfera pública, o que afetou diretamente os costumes e comportamento femininos. Influenciadas pelas tendências internacionais e pelas atrizes norte americanas, o comprimento das saias e vestidos diminuem, favorecendo a movimentação do corpo,

assim como, o desuso do espartilho, as longas madeixas foram cortadas *à la garçonne*, a obesidade e o sedentarismo são substituídos por estilos de vidas mais saudáveis, a esbeltez e a atividade física ganham espaço. Causavam espanto nos mais conservadores, ao frequentarem clubes, teatros, cinemas, salões de baile.

O embelezamento e os novos padrões estéticos femininos dividiam espaço com os discursos sobre o papel da mulher no lar e na educação dos filhos. Percebia-se a relação íntima entre beleza e saúde e, cuidados da casa. Contudo, os excessos no embelezamento não eram considerados adequados para uma *mulher direita*.

Considero o período da década de 1920, dentro do período de estudo, como aquele que significou maiores revoluções no campo feminino. Mulheres foram *à luta*, libertaram-se dos espartilhos; tiveram maior atuação durante a *Primeira Guerra Mundial*; mais e mais mulheres começaram a frequentar os espaços públicos das escolas técnicas, das universidades, dos estabelecimentos bancários e comerciais, enfim do mercado de trabalho; aumentaram as reivindicações por direitos políticos e, o feminismo avança.

Contudo, as críticas em relação aos modos de ser, agir e pensar femininos não cessaram. Mulheres que buscavam instrução e trabalhavam *fora de casa*, eram acusadas de renegarem a sua feminilidade ao abandonarem o santuário do lar doméstico.

Iniciados os anos 30, as questões relativas às mulheres não sofrem alterações. A *Revolução de 30* era o assunto predominante em todas as edições, contudo, as temáticas femininas tradicionais relacionadas à puericultura, saúde, moda e beleza, continuavam presentes, além de publicações sobre o civismo e o patriotismo de mulheres e mães brasileiras, talvez esse seja um ponto interessante para novas pesquisas e análises das representações femininas, tendo como base o jornal *Lavoura e Comércio*.

*E' commum ouvir-se dizer que a mulher é um enygma. Naturalmente, são os homens que o dizem e que o repetem ha não sei quantos centos de annos. Nunca vi, porém, que elles explicassem de uma maneira convincente o motivo que os leva a considerarem a mulher um enygma [...].*

*A mulher é um enygma? E cada homem não o será também? A verdade, parece-me, é que cada criatura humana pode ser considerada perante os seus semelhantes como um enygma [...].*

*O enygma da mulher consiste para elles na diversidade dos sentimentos e das opiniões. O homem habituou-se a considerar a mulher como uma propriedade sua e não se resigna a reconhecer que essa ambição é contrariada pela natureza, que creou os séres independentes [...].*

*E é então que o homem, para explicar os abysmos que elle mesmo cavou, atribue á mulher a qualidade de enygmatica. Não: ella não é enygmatica. Ella foi educada, desde tempos immemoriaes, em outra lei que a do homem; ella ficou enclausurada, durante milhares de annos, no lar, privada do conhecimento da vida exterior. A sua intelligencia exercitou-se em outro sentido.*

*Reduzida á sua missão amorosa, como filha, como esposa e como mãe, ella acabou por compenetrar-se de que o amor era a sua exclusiva utilidade no mundo e applicou a lei do amor, o criterio do amor, a concepção do amor a todas as cousas da vida.*

*Recolhida em si propria, vivendo com os seus sentimentos, ella desenvolveu a sua sensibilidade ao mesmo tempo que o homem desenvolvia a sua mentalidade e a sua energia [...]. E afinal parece que o enygma da mulher se resume apenas a não querer o homem – e seria tão fácil! – entendel'a.*

*Iracema  
Pseudônimo de Bertha Lutz  
Revista da Semana, ed. 23, 14/07/1917*

**FONTES CONSULTADAS**

Arquivo Público de Uberaba

Hemeroteca Digital do Arquivo Público Mineiro (APM)

Hemeroteca Digital Brasileira BNDigital)

Manifesto Republicano, 1870

Jornal *Correio Catholico*, ed. 360, 21/03/1931, ed. 364, 25/04/1931 e ed. 376,  
18/07/1931

*Jornal Das Senhoras*, tomo 01, 01/01/1852

Jornal *Gazeta de Notícias*, ed. 320, 16/11/1889

Jornal *Lavoura e Commercio*, ed. 01, 06/07/1899 a ed. 5500, 24/10/1930

Jornal *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, ed. 12, 15/12/1889

Jornal *O Sexo Feminino* (Campanha/MG) ed. 01, 07/09/1873

Jornal *O Sexo Feminino* (Rio de Janeiro/RJ) ed. 01, 02/06/1899

## REFERÊNCIAS

ABRITTA, Conceição Parreiras. **Suzanne de Chireé**. 2022. Disponível em: <https://sites.google.com/site/acadfemininamineiradeletras/memorial-patronas/suzanne-chirre>. Acesso em: 15 mai. 2022.

ACADEMIA DE LETRAS DO TRIÂNGULO MINEIRO. **Henriques Raimundo Des Genettes**, 2011. Disponível em: Academia de Letras do Triângulo Mineiro ([academiadeletrasm.com.br](http://academiadeletrasm.com.br)). Acesso em: 12 mai. 2022.

ACADEMIA DE LETRAS DO TRIÂNGULO MINEIRO. **Hildebrando Pontes**, 2011. Disponível em: <http://academiadeletrasm.com.br/hildebrandoaraujopontes.php>. Acesso em: 12 mai. 2022.

AFBNB. **A luta da mulher**: a guerreira Dandara dos Palmares. A guerreira Dandara dos Palmares. 2018. Disponível em: <https://www.afbnb.com.br/a-luta-da-mulher-a-guerreira-dandara-dos-palmares/>. Acesso em: 01 abr. 2022.

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Rev. Bras. Est. Ped.** Brasília, v. 79, n. 191, p. 31/41, jan/abr, 1998. Disponível em: Vista do Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século ([inep.gov.br](http://inep.gov.br)). Acesso em: 14 fev. 2022. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.79i191.1041>

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação**: Paixão pelo possível. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisas quantitativas e qualitativas. São Paulo: Editora Pioneira, 2002

ANDRADE, Mariza Guerra de; HANRIOT, Renata da Veiga. Nota sobre a imprensa mineira. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, vol.38, p. 137-144, 1990. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=909&op=1>.

Acesso em: 18 mai. 2022.

ARAUJO, Ana Luisa. **Desigualdade salarial entre gêneros ainda é um problema no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2021/05/4926384-desigualdade-salarial-entre-generos-ainda-e-um-problema-no-brasil.html>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA (Uberaba). **Os nomes de Uberaba**. 2010. Disponível em: <https://arquivopublicouberaba.blogspot.com/2010/02/os-nomes-de-uberaba.html>. Acesso em: 24 jan. 2021.

ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. **Guia do Acervo**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2018.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; SANTOS, Tais Valente dos (orgs.) **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2016.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República: das origens a 1889**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. 1v.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República: de 1889 a 1930**. 4. ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1981. 2 v.

BENTO, Guilherme Gonzaga. **A política externa do governo Jânio Quadros sob a ótica do jornal Lavoura e Comércio (1960-1961)**. 2020. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29204/4/PoliticaExternaGoverno.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.2 1, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2016.

BERNARDES, Maria Theresa Caiuby Crescente. República brasileira em jornais femininos da época (1889-1890). **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 71, p. 20–28, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1165>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **A mensageira**: Revista literária dedicada à mulher brasileira. 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-impresos-periodicos-literatura/a-mensageira-revista-literaria-dedicada-a-mulher-brazileira/>. Acesso em: 01 abr. 2022

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Ana Néri, a “Mãe dos Brasileiros”**. 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/ana-neri-mae-brasileiros>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BIBLIOTHECA DA CAMARA DOS DEPUTADOS. **Collecção das Leis do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy\\_of\\_colecao1.html](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao1.html). Acesso em: 24 jan. 2021.

BILHARINHO, Guido. Uberaba: dois séculos de história. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2007.

BLAY, Eva Alterman. 8 de março: conquistas e controvérsias. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 601-607, maio 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2001000200016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/zSfcjFQPyGjGDwpR53pQexc/?lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200016>

BLOCH, Marc. FEBVRE, Lucien. *Annales d'histoire économique et sociale*. Paris, n. 1, 1929. Disponível em: Annales d'histoire économique et sociale. 1<sup>o</sup> année, N. 1, 1929. - Persée (persees.fr). Acesso em: 28 fev. 2022. <https://doi.org/10.3406/ahess.1929.1100>

BOMENY, Helena. Educação e Brasil na Primeira República. In: MOURÃO, Alda; GOMES, Angela de Castro (org.). **A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 317-335. [https://doi.org/10.14195/978-989-26-0862-4\\_13](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0862-4_13)

BORGES, Jean Felipe Pimenta; DANTAS, Sandra Mara. A educação escolar no país em construção: Uberaba no período da primeira república brasileira. **Histedbr On-Line**, Campinas, v. 13, n. 51, p. 92-102, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640266>. Acesso em: 15 jan. 2021. <https://doi.org/10.20396/rho.v13i51.8640266>

BORGES, Jean Felipe Pimenta; DANTAS, Sandra Mara. A educação escolar no país em construção: uberaba no período da primeira república brasileira. **Histedbr On-Line**, Campinas, v. 13, n. 51, p. 92-102, set. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640266>. Acesso em: 15 jan. 2021. <https://doi.org/10.20396/rho.v13i51.8640266>

BORGES, Sampaio. **Uberaba: História, fatos e homens**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. **Francisco Campos, ideólogo do pensamento autoritário brasileiro (1925-45)**. II Congresso Brasileiro de História da Educação. Natal/RN. 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/4111.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Constituição (1889). **Decreto nº 1, de 15 de novembro de 1889**. Proclama provisoriamente e decreta como forma de governo da Nação Brasileira a República Federativa, e estabelece as normas pelas quais se devem reger os Estados Federais... Rio de Janeiro, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d0001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d0001.htm). Acesso em: 01 nov. 2020.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, decretada e promulgada pelo Congresso Nacional Constituinte, em 24/02/1891. **Constituição de 1891**. Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2022.

BRASIL. **Decreto - de 2 de março de 1820**. Crêa uma freguezia no districto de Uberaba, em Minas Geraes, com invocação de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba, e manda fundar uma Capella curada na mesma freguezia. Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy\\_of\\_colecao1.html](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao1.html). Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. **Decreta o Código Eleitoral**. O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: Escola dos *Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Bertha Lutz**. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/4855/biografia>. Acesso em: 15 jun. 2022. <https://doi.org/10.51206/elegis.v15i37.745>

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Cronologia do voto feminino no Brasil**. 2020. Disponível em: Veja a cronologia do voto feminino no Brasil - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados (camara.leg.br). Acesso em 15 fev. 2022. <https://doi.org/10.51206/elegis.v15i37.745>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **A História da Câmara dos Deputados**. A primeira República. 2009. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/a1republica.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Educação feminina na *Belle Époque* Belenense. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 2, n. 6, p. 103-115, set. 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1610/1247>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CAMPOS, Raquel Discini de. Imprensa e educação feminina em zona pioneira: o caso do Noroeste Paulista (1920-1940). **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 34, n. 67, p.309-322, 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v34n67/a14v34n67.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2020.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100014>

CAMPOS, Raquel Discini de. Imprensa e educação na Rio Preto dos anos de 1920. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 17., 2004, São Paulo. **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História**. São Paulo: Unicamp, 2004. p. 1-7. CD-ROM.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista: educação e história**. São Paulo: UNESP, 2009. <https://doi.org/10.7476/9788539304424>

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPITÃODOMINGOS.COM. **Da Câmara Municipal de Uberaba-MG sobre nomes de Ruas de Uberaba-MG**. 2008. Disponível em: <https://capitaodomingos.com/2008/01/17/hello-world/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

CARONE, Edgard. **A Primeira República (1899-1930): texto e contexto**. São Paulo: DIFEL. 1973.

CARVALHO, José Murilo de (Coord.). **A Construção Nacional 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. (História do Brasil Nação: 1808-2010. v.2). Direção: Lilia Moritz Schwarcz

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras. 2017.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 1-6, dez. 1996. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/643>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho; CARVALHO, Carlos Henrique. **O Lugar da Educação na Modernidade Luso-Brasileira: no final do século XIX e início do século XX**. Campinas: Alínea. 2012.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e a República e Outros Ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF. 2003.

CASANOVA, Marta Zednik de (Org.). **Uberaba: 200 anos no coração do Brasil**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 2020.

CASANOVA, Marta Zednik de. **História de Uberaba**: 199 anos. 2019. Disponível em: <https://arquivopublicouberaba.blogspot.com/2019/02/historia-de-uberaba-199-anos.html>. Acesso em: 24 jan. 2021

CASTRO, ISIS GABRIELA DE **Movimento Sufragista**: o que foi e qual o impacto no Brasil? 2021. Disponível em: Movimento Sufragista: o que foi e qual o impacto no Brasil? - Politize! Acesso em: 04 abr. 2022).

CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). **História novos problemas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CHAGAS, Alessandra Pereira da Silva; ROSSI, Michelle Pereira da Silva. **A Formação da mulher republicana no oeste do Brasil**: Avante Professoras! 2022. Disponível em: A EDUCAÇÃO FEMININA EM GOIÁS E TRIÂNGULO MINEIRO [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/\\_files](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/_files). Acesso em: 14 fev. 2022.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 4, p. 37-47, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representação. Lisboa: Difel, 1988.

CODIUB. **Jornal Lavoura e Comércio**, 2022. Disponível em: <http://www.codiub.com.br/lavouraecomercio/pages/main.xhtml>. Acesso em 12 mai. 2022.

COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A História da Inserção Política da Mulher no Brasil: uma Trajetória do Espaço Privado ao Público. **Revista Psicologia Política**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2021.63431>. Disponível em: A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público (bvsalud.org). Acesso em: 15 jan. 2022.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza;

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Editora UFGD, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2648/1/tempos-diferentes-discursos-iguais-a-construcao-historica-do-corpo-feminino-ana-maria-colling-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 9. ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2010.

CPDOC. **Federação Brasileira pelo Progresso Feminino**. 2022. Disponível em: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Acesso em: 05 abr. 2022.

CPDOC. **Partido Republicano Feminino**. 2022. Disponível em: PARTIDO REPUBLICANO FEMININO.pdf (fgv.br). Acesso em: 3 abr. 2022.

CPDOC. **Sistema Oligárquico**. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/sistema\\_oligarquico](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/sistema_oligarquico)>. Acesso em: 21 jan. 2020.

DANTAS, Sandra Mara. Três cidades, um projeto: a modernidade no triângulo mineiro. **Revista Territórios & Fronteiras**. Cuiabá, v. 10, n. 2, p. 212-232, ago. 2017. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/633>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DEL PRIORE, Mary del. **Histórias da Gente Brasileira: república (memórias 1889-1950)**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

DEL PRIORE, Mary Del; CAETANO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Crítica, 2016.

DEL PRIORE, Mary. **História da Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 223-240.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 26-51.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 322-361.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. Ser Stella um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do início do século XX. **Revista Brasileira de História de Educação**, v. 8, n. 17, set./dec., 2008, p. 137-171. Disponível em: <b>Ser Stella: um estudo sobre o papel da mulher e da educação feminina na Juiz de Fora do

início do século XX | Revista Brasileira de História da Educação (uem.br). Acesso em: 15 jan. 2022.

FONSECA, André Azevedo da. Uma história social de Uberaba (MG). **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 1, p.7-279, 16 jun. 2014. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/30523>>. Acesso em: 25 jan. 2021. <https://doi.org/10.5216/hr.v19i1.30523>

FRANÇA, Aline de Souza de Souza Araújo. Imprensa de mulheres, imprensa para instruir mulheres: a atuação de Francisca Senhorinha da Motta Diniz no periódico "O Sexo Feminino". **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 891-908, 16 nov. 2021. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2021.63435>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/63435>. Acesso em: 15 jan. 2022. <https://doi.org/10.12957/riae.2021.63435>

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia da Letras, 1989. p. 143-179.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio. (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 197-225.

GOUGES, Olympe de. Declaração dos direitos da mulher e da cidadã - França, setembro de 1791. **Em Aberto**, Brasília, v. 92, n. 27, p. 167-170, jul. 2014. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2513/2251>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GUILHERME, Willian Douglas. **O ideal de progresso e a cidade de Uberabinha-MG: evidências oficiais - 1888 a 1922**. 2007. 100 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19361>. Acesso em: 21 jan. 2021.

GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro. **Templo do Bem: O Grupo Escolar de Uberaba na escolarização republicana (1908-1918)**. 2007. 267 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14064>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro; GATTI JÚNIOR, Décio. Templo do Bem: o grupo escolar de Uberaba, na escolarização republicana (1908 1918). **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 07, n. 00, p. 277-301, jan. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/228>. Acesso em: 15 jan. 2021.

HARNER, June Edith. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 -1937**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

INÁCIO FILHO, Geraldo; SILVA, Marcelo José da. Representações nacionalistas na escola pública em Araguari, Minas Gerais (1928-1945). **Cadernos de História da Educação**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 285-298, jan. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/28179>. Acesso em: 22 jan. 2021.

JINZENJI, Mônica Yumi. Educar ou instruir as mulheres? Dilema do século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; CHAMON, Carla Simone (org.). **História da Educação em Minas Gerais: da colônia à república: volume 2: império**. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 87-108. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/historia-da-educacao-em-minas-gerais-da-colonia-republica#:~:text=A%20trilogia%20Hist%C3%B3ria%20Geral%20da,para%20todos%20aqueles%20que%20se>. Acesso em: 10 fev. 2022.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 38, p. 367-394, 2012. Disponível em: SciELO - Brasil - Leitura e escrita femininas no século XIX Leitura e escrita femininas no século XIX. Acesso em: 13 fev. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332012000100013>

JUSTINO, Rogério. **Imprensa, publicidade e educação: um estudo sobre a civilização dos costumes no interior do Brasil (Uberlândia, MG, 1919 - 1929)**. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14044>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp. 2003.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **Das fronteiras do Império ao coração da República: o território do triângulo mineiro na transição para formação socioespacial capitalista na segunda metade do século XIX** 2007. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04062007-144149/pt-br.php>. Acesso em: 15 jan. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 443-481.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 71-90.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: República - da Belle Époque à era do rádio** (vol.3). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

MANIFESTO REPUBLICANO. **A República: órgão do Clube Republicano**. Rio de Janeiro. Ano 1, n.1, p. 1-4, 3 dez. 1870. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=138916&pagfis=3&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-30.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.

MARTINS, Cristiane Nascimento. **A educação como irradiação do progresso: genealogias e sua expressão na primeira república em Uberabinha, MG**. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/14088>. Acesso em: 21 jan. 2021.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico - São Paulo 1890-1930. **Diálogos**, Maringá, v. 4, n. 1, p. 77-92, jun. 2017. Acesso em: 15 mai. 2022.

MEMÓRIA VIVA (Uberaba). Câmara Municipal de Uberaba. **Hino de Uberaba**. Disponível em: <http://memoriaviva.siteoficial.ws/simbolos/3/hino-de-uberaba>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MENDONÇA, Amanda; MARTINS, Luciana. Nísia Floresta e o pioneirismo “invisível” do feminismo brasileiro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 821-838, 16 nov. 2021. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2021.63431>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/63431>. Acesso em: 15 jan. 2022. <https://doi.org/10.12957/riae.2021.63431>

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro (2008).

MINAS GERAIS. Lei nº 439, de 28 de setembro de 1906. **Collecções das leis e decretos do Estado de Minas Gerais**. Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1906.

MINAS PROGRAMAM. **Ocupações e resistências das mulheres negras**. 2022. Disponível em: <http://minasprogramam.com/ocupacoes-e-resistencias-das-mulheres-negras/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MIZUTA, Celina Midori Murasse. **Os jornais do século XIX e a pesquisa em história da educação.** 2022. Disponível em: [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/LpN641h.doc](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/LpN641h.doc). Acesso em: 31 mar. 2022.

MONARCHA, Carlos. **A instrução pública nas vozes dos portadores de futuros: Brasil - séculos XIX e XX.** Uberlândia: EDUFU. 2016.

MONARCHA, Carlos. História da educação brasileira (Esboço da formação do campo). In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval. (Orgs.). **Instituições escolares no Brasil: conceitos e reconstrução histórica.** Campinas: Editores Associados, 2007. p. 125-149. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-420-9>

MOURA, Geovana Ferreira Melo. **Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio N. Sra. das Dores - Uberaba 1940/1966).** 2002. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13735>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MOURÃO, Alda; GOMES, Angela de Castro (Org.). **A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal.** Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/experiencia\\_da\\_primeira\\_república\\_no\\_brasil\\_e\\_em\\_portugal](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/experiencia_da_primeira_república_no_brasil_e_em_portugal). Acesso em: 03 nov. 2020. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0862-4>

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. A grande “conquista”: o Dia Internacional da Mulher. E agora, Marias? **Labrys, estudos feministas**, Brasília, v. 17, p. 01, jan./jun 2010. Disponível em: <http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys17/feminisme/diva.htm>. Acesso em: 01 jul. 2022.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** 3 ed. São Paulo: EDUSP. 2009.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. Trajetórias e histórias de professoras. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; CHAMON, Carla Simone (org.). **História da Educação em Minas Gerais: da colônia à república: volume 2: império.** Uberlândia: Edufu, 2019. p. 109-129. Disponível em: <http://www.edufu.ufu.br/catalogo/ebooks-gratuitos/historia-da-educacao-em-minas-gerais-da-colonia-republica#:~:text=A%20trilogia%20Hist%C3%B3ria%20Geral%20da,para%20todos%20aqueles%20que%20se>. Acesso em: 10 fev. 2022.

NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa. Tempos de *Belle Époque*. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (org.). **Belle Époque: crítica, arte e cultura.** São Paulo: Intermeios, 2016. p. 10-14.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 382-409.

OLIVEIRA, Amanda; OTTO, Isabella. **A linha do tempo do feminismo no Brasil de 1827 a 2019**. 2019. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-linha-do-tempo-do-feminismo-no-brasil-de-1827-a-2019/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

OLIVEIRA, Anelise Martinelli Borges. Considerações sobre a Educação Primária em Uberaba (1910-1915). **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 19, n. 42, p. 01-10, set. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1321>. Acesso em: 15 jan. 2021. <https://doi.org/10.31496/rpd.v19i42.1321>

OLIVEIRA, Lucas Martins de. Araguari na história da ocupação territorial do Triângulo Mineiro (MG) - 1815-1913. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 5, n. 2, p. 678-692, jul. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/braziangeojournal/article/view/27295>. Acesso em: 23 jan. 2021.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Raniele Duarte. **A cidade na perspectiva de um processo civilizador: o espaço urbano uberabense e suas relações socioculturais (1889-1927)**. 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16502>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

OLIVEIRA, Raniele Duarte. A Construção da Cidade Civilizada: Uberaba na virada do século XIX-XX. **Revista Triângulo**, Uberaba, v. 10, n. 2, p. 3-16, jul. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322727358\\_A\\_construcao\\_da\\_cidade\\_civilizada\\_Uberaba\\_na\\_virada\\_do\\_seculo\\_XIX-XX](https://www.researchgate.net/publication/322727358_A_construcao_da_cidade_civilizada_Uberaba_na_virada_do_seculo_XIX-XX). Acesso em: 25 jan. 2021. <https://doi.org/10.18554/rt.v10i2.2273>

OLIVEIRA, Ranielle Duarte. **"Pennadas furtivas"**: política, humor e crítica na imprensa de Uberaba/MG (1899-1903). 2021. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34283>. Acesso em: 15 fev. 2022.

OLIVEIRA, Vanessa Alves de; INÁCIO FILHO, Geraldo. A organização da instrução pública na cidade de Uberabinha-MG: representações de educação e de civilidade na primeira república brasileira (1888-1930). **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 01-10, dez. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4071>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

PAULA, Eustáquio Donizeti de. **O regime militar na perspectiva do jornal Lavoura e Comércio de Uberaba (1964-1968)**. 2018. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154538/Paula\\_ED\\_dr\\_fran.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154538/Paula_ED_dr_fran.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 30 jun. 2022.

PERES, Maria Gisele. A produção de espaços, memórias e histórias sobre a cidade de Araguari-MG. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 58, n. 31, p. 137-154, 2018. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/hep-v31n58-2018-8>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/36119/25137>. Acesso em: 23 jan. 2021. <https://doi.org/10.14393/HeP-v31n58-2018-8>

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 4, p. 9-28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1761>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Os atores. In: PERROT, Michele (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 88-302.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

POLITIZE. **Voto feminino: a história do voto das mulheres**. 2016. Disponível em: [Voto feminino: a história do voto das mulheres | Politize!](https://www.politize.com.br/voto-feminino) Acesso em: 15 fev. 2022.

PONTES, Hidelbrando. **História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970.

PONTES, Hildebrando. A Imprensa de Uberaba. **Jornal Correio Católico**, 21 de mar. 1931. n° 360. n/p. Transcrição do Original: João Eurípedes de Araújo. Disponível em: [Imprensa em Uberaba \(codiub.com.br\)](https://www.codiub.com.br). Acesso em: 12 mai. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERABA. **Prefeitura arremata acervo do jornal Lavoura e Comércio e resguarda história de Uberaba**, 2013. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,30603>. Acesso em: 12 mai. 2022.

PRIORI, Cláudia. Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do XX). **História: Questões e debates**, Curitiba, v. 65, n. 1, p. 359-384, Não é um mês válido! 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/46694/32953>. Acesso em: 27 jun. 2022. <https://doi.org/10.5380/his.v65i1.46694>

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA Zélia Lopes da (org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1995. p. 81-101.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RESENDE, Luciana Araújo Valle de; GONÇALVES NETO, Wenceslau. A sociedade Uberabinhense na Primeira República: a educação como meio de civilização. In: Seminário de Iniciação Científica, 12., 2008, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008. p. 01-10. Disponível em: <https://ssl4799.websiteseuro.com/swge5/seg/cd2008/PDF/IC2008-0068.PDF>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Lacerda; ARAÚJO, José Carlos Souza. **Na luta pela vida, úteis a si e à pátria: Escola Profissional Feminina de Belo Horizonte (1919-1947)**. Uberlândia: EDUFU, 2021. Disponível em: Repositório Institucional - Universidade Federal de Uberlândia: Na luta pela vida, úteis a si e à pátria: Escola Profissional Feminina de Belo Horizonte (1919-1947) (ufu.br). Acesso em: 12 fev. 2022. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-006-8>

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SOUZA, Marilsa Aparecida Alberto Assis; Araújo, José Carlos Souza. Formando braços para a lavoura durante a Primeira República: o Aprendizado Agrícola Borges Sampaio em Uberaba/MG. **Cadernos de História da Educação**, [s. l], v. 6, n. 2, p. 334-347, maio 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/39591>. Acesso em: 15 jan. 2021. <https://doi.org/10.14393/che-v16n2-2017-2>

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. Imprensa, Educação e Civilidade. In: IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2005, Ponta Grossa. **Anais [...]**. Ponta Grossa: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2005. p. 1-10. Disponível em: Rita de Cássia Luiz da Rocha. Acesso em: 10 dez. 2020.

ROSSI, Ednéia Regina. A educação escolar primária na Primeira República (1889-1929). **Série-Estudos**, v. 22, n. 45, p. 159-171, mai. 2017. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1048>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ROSSI, Ednéia Regina. O projeto de educação da modernidade e a constituição da identidade da nação brasileira na Primeira República (1889-1929). In: ROSSI, Ednéia Regina; RODRIGUES, Elaine; NEVES, Fátima Maria (Org.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 89-102. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8430218-Fundamentos-historicos-da-educacao-no-brasil.html>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. Peirópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Segunda viagem do Rio de Janeiro e a Minas Geraes e a São Paulo (1822)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. **Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SALDANHA, Nelson Nogueira. **História das ideias políticas no Brasil**. Brasília: Senado Federal (Conselho Editorial), 2001.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura/Apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294. (História do Brasil Nação: 1808-2010)

SAMPAIO, Antônio Borges. **A luz electrica em Uberaba**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1907.

SAMPAIO, Antônio Borges. **Sertão da Farinha Podre: actual Triangulo Mineiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais. 1909. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/1448.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1448.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Aline Tosta dos. **A construção do papel social da mulher na Primeira República**. 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14404@1>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). As marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 19-33. (História do Brasil Nação: 1808-2010).

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 25 fev. 2022.

SILVA, Michelle Pereira; INÁCIO FILHO, Geraldo. **Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930): do lar para a escola ou a escola do lar? do lar para a escola ou a escola do lar?** 2022. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4775/art14\\_15.pdf](https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4775/art14_15.pdf). Acesso em: 05 fev. 2022.

SILVA, Rodrigo Machado da. Imprensa, Proclamação da República e a nova ordem política em Minas Gerais. **Tempo, Espaço e Linguagem**, Irati, v. 3, n. 3, p. 134-158, set. 2012. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/4389>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1962.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 362-400.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 5, n.7, p. 7-30, 1997. Disponível em: Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas | Revista Estudos Feministas (ufsc.br). Acesso em: 15 fev. 2022.

SOUZA, Duda Porto de; CARARO, Aryane. **Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil**. São Paulo: Seguinte, 2018.

SUPERINTENDÊNCIA DO ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA. **Uberaba Revisitada: 1820-2000**, 2018. Disponível em: [http://app.codiub.com.br/drive\\_root/arquivopublico/Livro%20-%20Digital%20Uberaba%20Revisitada/mobile/index.html#p=1](http://app.codiub.com.br/drive_root/arquivopublico/Livro%20-%20Digital%20Uberaba%20Revisitada/mobile/index.html#p=1). Acesso em: 21 jan. 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados: Ed. UFGD, 2012. Disponível em: DSpace UFGD: As Mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica. Acesso em: 02 jan. 2022.

TEIXEIRA, José Cândido. **A República Brasileira: a última propaganda, apontamentos para a história, datas gloriosas e fatos memoráveis**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 401-442.

VELLOSO, Monica Pimenta. Sensibilidades finisseculares: intelectuais e cultura boêmia. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (org.). **Belle Époque: crítica, arte e cultura**. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 35-51.

WAGNER, Roberta Afonso Vinhal. **O Coronelismo Despótico de Uberaba (MG): dos coronéis da Princesa do Sertão aos coronéis do zebu na nova configuração hegemônica das elites uberabenses no período de 1960 a 2007.** 2013. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15998/1/CoronelismoDespoticoUberaba.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

WESTIN, Ricardo. **Para críticos do voto feminino, mulher não tinha intelecto e deveria ficar restrita ao lar.** Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/para-criticos-do-voto-feminino-mulher-nao-tinha-intelecto-e-deveria-ficar-restrita-ao-lar>. Acesso em: 04 jul. 2022.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher.** São Paulo: Boitempo, 2016.

## APÊNDICE A – CRONOLOGIA DO IMPÉRIO À REPÚBLICA

<i>Data</i>		<i>Acontecimento</i>
1825	2 de dezembro	Nascimento de D. Pedro II.
1828		Fim da Guerra da Cisplatina Independência do Uruguai.
1831	7 de abril	Dom Pedro I abdica em favor de D. Pedro II.
1831	17 de junho	Regência Trina assume o poder.
1831	7 de novembro	Lei proíbe o tráfico de escravos.
1831-1834		Revoltas de “povo e tropa” em várias capitais de províncias.
1834	12 de agosto	Ato adicional reduz a centralização política e administrativa e, cria assembleias provinciais.
1834	24 de setembro	Morre em Portugal, Dom Pedro I do Brasil, e IV de Portugal.
1835	20 de setembro	Início da Revolução da Farroupilha no Rio Grande do Sul.
1837	17 de setembro	Regente Araújo Lima dá início ao regresso conservador.
1837	2 de dezembro	Criação do Colégio Dom Pedro II.
1838	21 de outubro	Criação do Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB).
1839	21 de junho	Nasce o futuro romancista Joaquim Maria Machado de Assis.
1840	12 de maio	Interpretação do ato adicional.
1840	23 de julho	Antecipação da Maioridade de Dom Pedro II.
1848		Revolução Praieira, última grande revolta provincial.
1850	25 de junho	Promulgação do código comercial.
1850	4 de setembro	Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos.
1850	18 de setembro	Lei das Terras.

1852	5 de fevereiro	Batalha de Monte Caseros, em que Rosas é derrotado por tropas de Urquiza, com apoio brasileiro.
1852		Primeira ligação telegráfica na capital do Império.
1853	3 de setembro	Marquês do Paraná inicia política de reconciliação.
1857		Criada a Academia de Música e Ópera Nacional.
1858	29 de março	Abertura da Estrada de Ferro Dom Pedro II.
1862		Brasil participa da Exposição Universal de Londres.
1863	5 de julho	Rompimento das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha.
1864	27 de dezembro	Paraguai declara guerra ao Brasil.
1865	1º de maio	Tratado da Tríplice Aliança contra Paraguai.
1867		Brasil participa da Exposição Universal de Viena.
1868	16 de julho	Ministério Itaboraí: conservadores são chamados ao poder.
1870	1º de março	Morte de Solano López, fim da Guerra da Tríplice Aliança.
1871	25 de maio	Imperador inicia primeira viagem à Europa.
1871	28 de setembro	Lei do Ventre Livre.
1874	21 de fevereiro e 1º de julho	Condenação dos bispos de Olinda e do Pará.
1874	22 de junho	Cabo telegráfico submarino liga Brasil à Europa.
1876	26 de março	Segunda viagem do Imperador à Europa, passando pelos Estados Unidos.
1877		Primeira linha telefônica no país.
1877		Seca nas províncias do Norte.
1880	1-4 de janeiro	Revolução do Vintém.

<i>1880</i>	7 de setembro	Fundação da Sociedade Brasileira contra a Escravidão.
<i>1881</i>	9 de janeiro	Lei Saraiva introduz eleição direta.
<i>1883</i>		Início da Questão Militar.
<i>1884</i>		Abolição da escravidão no Ceará e Amazonas.
<i>1885</i>	28 de setembro	Lei dos Sexagenários liberta escravos de 60 anos ou mais.
<i>1887</i>	30 de junho	Imperador parte para Europa para Tratamento de Saúde.
<i>1888</i>	13 de maio	Lei Áurea abole a escravidão.
<i>1889</i>		Brasil participa da Exposição Universal de Paris. Única Monarquia representada.
<i>1889</i>	15 de novembro	Proclamação da República.
<i>1891</i>	5 de dezembro	Dom Pedro II morre em Paris.

Fonte: CARVALHO (2012).

## APÊNDICE B – CRONOLOGIA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA REPÚBLICA

<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>	
1889	17 de novembro	Banimento da família imperial.
1899	20 de novembro	A Argentina e o Uruguai são os primeiros países a reconhecer a República brasileira.
1899	7 de dezembro	Desembarque da família imperial em Portugal.
1899	28 de dezembro	Morre Tereza Cristina.
1890	20 de janeiro	Concurso para o hino da República.
1890		Tratado das missões entre Brasil e Argentina.
1890	15 de novembro	Instalada a constituinte.
1891	20 de janeiro	Crise no governo Deodoro. Demissão do 1º Gabinete Republicano.
1891	14 de fevereiro	Promulgada a Constituição dos Estados Unidos do Brasil.
1891	25 de fevereiro	Deodoro é eleito presidente e Floriano Peixoto seu vice.
1891	3 de novembro	Deodoro decreta o fechamento do Congresso.
	5 de dezembro	Morre d. Pedro de Alcântara em Paris.
1892		O militar Cândido Rondon inicia a instalação de linha telegráficas no interior do Brasil.
1892	23 de agosto	Morre Deodoro da Fonseca.
1892	8 de outubro	É inaugurado o Serviço de Bondes Elétricos, o primeiro serviço de bonde elétrico da América do Sul, na cidade do Rio de Janeiro
1893		Início da Revolta Federalista do Rio Grande do Sul.
1893	3 de setembro	Prudente de Moraes é indicado candidato à sucessão presidencial.
1893	6 de setembro	Revolta armada no Rio de Janeiro.

1893	25 de setembro	É decretado estado de sítio em quatro estados da federação e mais o Distrito Federal.
1894	1º de março	Prudente de Moraes é eleito presidente.
1894	Setembro	É inaugurada a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, reduto intelectual dos mais prestigiados na capital da República.
1895		Prudente de Moraes indulta soldados do Exército.
1895	29 de junho	Morre Floriano Peixoto.
1896		Primeira expedição contra o arraial de Canudos.
1896		Pascoal Segreto e José Roberto da Cunha Sales exibem pela primeira vez no Brasil, apenas sete meses depois dos Irmãos Lumière, em Paris, um filme.
1897		Segunda expedição contra Canudos.
1897		Terceira expedição contra Canudos e destruição do arraial.
1897		Sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras.
1898		Eleição de Campos Sales.
1900		Início da Política dos Governadores.
1902	1º de março	Eleição de Rodrigues Alves.
1904		Revolta da Vacina.
1905	15 de novembro	Afonso Pena assume a presidência da República.
1905		É inaugurada a avenida Central no Rio de Janeiro.
1906		Convênio de Taubaté.
1909	14 de junho	Morre Afonso Pena e assume Nilo Peçanha, interinamente.
1909	14 de julho	É inaugurado o Teatro Municipal, no Rio de Janeiro.
1910	15 de novembro	Hermes da Fonseca assume a presidência.
1910	22 de novembro	Revolta da Chibata.

1912		Estoura a Guerra do Contestado, que só seria debelada em 1916.
1914		Hermes da Fonseca declara estado de sítio para o Rio de Janeiro.
1914		Venceslau Brás assume a presidência.
1916		Venceslau Brás aprova a proposta do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
1916		É gravado o primeiro samba no Brasil, “Pelo telefone”, de autoria de Ernesto Joaquim Maria dos Santos, o Donga, e faz sucesso no Carnaval do ano seguinte.
1917		Brasil entra na Guerra Mundial e rompe relações com a Alemanha.
1917		Greve geral operária em São Paulo
1918	17 de janeiro	Morre Rodrigues Alves (eleito presidente).
1918	25 de fevereiro	Epitácio Pessoa é empossado.
1922		Centenário da Independência
1922		Semana de Arte Moderna em São Paulo.
1922	10 de março	É eleito Arthur Bernardes.
1924	5 de julho	Sublevação do Forte de Copacabana e da Escola Militar.
1924		Início do movimento revolucionário em São Paulo
1924		Início da “Coluna Prestes”.
1924		Revolta do encouraçado em São Paulo.
1925		Posse de Washington Luiz na presidência.
1927		A cidade do Rio de Janeiro ganha o seu primeiro plano de remodelação: o Plano Agache.
1930		Eleições presidenciais com a vitória de Júlio Prestes.
1930	26 de julho	Assassinato de João Pessoa no Recife.

<i>1930</i>	3 de novembro	Getúlio Vargas recebe o poder de junta governativa.
-------------	---------------	-----------------------------------------------------

Fonte: Carvalho (2017)

## APÊNDICE C – CRONOLOGIA DO PENSAMENTO POLÍTICO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>	
1890	15 de novembro	Instalação do Congresso Nacional, que encerrou seus trabalhos, em 26 de fevereiro de 1891. Sendo, neste período, redigida a primeira Constituição Republicana, a segunda da história do Brasil, e a primeira da República dos Estados Unidos do Brasil, que vigorou até 16 de julho de 1934, tendo sofrido pequena reforma em 1926.
1891	25 de fevereiro	Realizou-se a primeira eleição para presidente e vice-presidente da República. A eleição é indireta, e o Congresso Nacional Constituinte, elegeu o marechal Manoel Deodoro da Fonseca como presidente, temendo um golpe militar caso não o elegeisse. Em contrapartida, foi eleito como vice o candidato da oposição, o também marechal Floriano Vieira Peixoto.
1891	3 de novembro	Marechal Deodoro decretou Estado de Sítio, que dissolveu o Congresso Nacional, direcionando o Governo rumo a um regime ditatorial
1891	23 de novembro	Floriano Peixoto assumiu a presidência da República, ficando no cargo, até 15 de novembro de 1894.
1894	15 de novembro	Prudente José de Moraes e Barros tomou posse como o primeiro presidente civil da República. A eleição de Prudente marcou a tomada do poder pela oligarquia cafeeira, representada pelos dois mais importantes estados da Federação – São Paulo, o maior produtor de

		<p>café, e Minas Gerais, o maior reduto eleitoral do país.</p> <p>Através de um pacto, conhecido como “política do café-com-leite”, paulistas e mineiros passaram se revezar na presidência do país.</p>
<i>Decênio de 1910-1920</i>		<p>Período em que se aguçou a questão social no país, eclodiram greves de grandes dimensões nas principais cidades brasileiras. O movimento operário ganhou força, reivindicando melhores condições de vida e de trabalho”.</p>
<i>1926 - 1930</i>		<p>Período em que Washington Luís Pereira de Sousa ficou na presidência da República.</p>
<i>1919</i>		<p>A Lei de Acidentes do Trabalho foi criada.</p>
<i>1922</i>		<p>Aconteceu, em São Paulo, a “Semana da Arte Moderna” nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro.</p> <p>Foram fundados o Partido Comunista do Brasil (PCB) e, o Centro Dom Vital, de orientação católica.</p>
<i>1922</i>		<p>Nas eleições presidenciais desse ano, vários Estados reuniram-se para ruptura da hegemonia política de Minas Gerais e São Paulo.</p> <p>Foi criado um movimento político de oposição – a “Reação Republicana” – que lançou o nome de Nilo Peçanha contra o candidato oficial, o mineiro Artur Bernardes.</p> <p>O “Movimento Tenentista” começou a tomar forma. Entre as reivindicações, defendia o voto secreto, concessão de alguns direitos sociais ao proletariado urbano, o fortalecimento das Forças Armadas, a independência do Poder Judiciário e, um Estado mais forte. Tomou corpo nas hostes militares, uma proposta que concebia a intervenção na vida política do país, como algo</p>

		que deveria ser feito não por um grupo ou facção, mas pela própria instituição militar, representada pelo seu Estado Maior.
1922	5 de julho	Eclodiu um levante militar no Rio de Janeiro e, logo em seguida, outro no Estado do Mato Grosso. As rebeliões foram logo debeladas, mas no Rio de Janeiro, um grupo de jovens oficiais do Exército resolveu enfrentar, em plena Praia de Copacabana, as forças legais. São sumariamente fuzilados. Sobrevivem apenas dois: Eduardo Gomes e Siqueira Campos. O episódio ganhou as páginas dos jornais, ficando conhecido, como os “18 do Forte”.
1924		Teve início a produção de aço no País, pela siderúrgica Belgo-Mineira.
1928		Houve uma queda generalizada dos preços agrícolas internacionais. Teve início a mais longa e profunda recessão econômica, que afetou a economia mundial de 1929 a 1934.
1929	30 de julho	A Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro lançou as candidaturas de Getúlio Dorneles Vargas e João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (presidente do Estado da Paraíba) respectivamente, à presidência e à vice-presidência da República.
1930	24 de outubro	Washington Luís foi deposto como presidente da República. O Poder Executivo foi entregue a “Junta Governativa Militar Provisória. Final da primeira fase da Primeira República”.

Fonte: Câmara dos Deputados (2009).

## APÊNDICE D - CRONOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL POR MEIO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS

<i>Ano</i>	<i>Nome da Reforma</i>	<i>Conteúdo</i>
1889: <i>matriculados</i> 12% <i>da</i> <i>população</i> <i>em idade</i> <i>escolar</i>		
1890	Reforma Benjamin Constant	Ensino leigo e livre em todos os graus e gratuito no primário. Substituir orientação literária pela científica.
24 <i>de</i> <i>fevereiro</i> 1891	Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil	A Constituição estipulou ensino leigo nas escolas públicas, em oposição ao ensino religioso.
1901	Reforma Epiácio Pessoa	A educação nacional deveria priorizar a formação secundária, visando consolidar a estrutura seriada do modelo educacional.
1911	Reforma Rivadávia Correia	Estabeleceu ensino livre, retirando do Estado o poder de interferência no setor educacional.
1915	Reforma Carlos Maximiliano	Restabelece a interferência do Estado retirada pela reforma anterior.
1920	Reforma Sampaio Dória, em São Paulo	Reconduziu a educação para novos métodos de ensino. Alfabetizar em massa as crianças do estado, em um curso primário reduzido a dois anos de duração e duas horas e meia diárias de aula, para ampliar número de vagas.
1922	Início da Reforma Carneiro Leão (1887-1966), no Rio de Janeiro	Ênfase dada à organização da educação popular (educação física, trabalhos manuais, formação do professor). Crítica ao ensino literário e retórico.

1923	Lourenço Filho inicia movimento de renovação educacional com Reforma Educativa	Proposta dos “Testes ABC”, para verificação de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita.
1924	Criação da Associação Brasileira de Educação por Heitor Lira, Antônio Carneiro Leão, Venâncio Filho, Everardo Backeuser, Edgard Sussekind de Mendonça, Delgado de Carvalho...	
1925	Reforma (Reforma Góes Calmon) conduzida com princípios escolanovistas do educador Anísio Teixeira	A Lei nº 1.846, de 14 de agosto de 1925, dispunha com detalhes sobre os princípios da gratuidade e obrigatoriedade do ensino, e deixava claro que o ensino no Estado da Bahia tinha por objetivo a educação física, intelectual e moral do indivíduo, de modo a formar homens aptos para a vida em sociedade e cidadãos úteis à comunhão nacional.
1926	Fernando de Azevedo dirige inquérito sobre educação pública	O Inquérito sobre Educação Pública, em São Paulo, resultou em uma avaliação dos problemas fundamentais do ensino de todos os graus e tipos, servindo de base para uma campanha nacional, em favor de uma nova política de educação e da criação de universidades no país.
1927	Reforma Francisco Campos e Mario Casassanta (MG) Reforma Lisímaco Costa (Paraná); I Conferência Nacional	

	de Educação promovida pela ABE, em Curitiba	
1928	Reforma do Distrito Federal (Fernando de Azevedo) Reforma Carneiro Leão (Pernambuco)	Decreto nº 3281, de 23 de janeiro de 1928. Ensino Técnico Profissional, Ensino Primário e Ensino Normal.
1930	Criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, Decreto 19.402	Taxa de matrícula nas escolas corresponde a 30% da população em idade escolar.

Fonte: BOMENY, 2011

**APÊNDICE E – MODELO DE TABELA DA CATALOGAÇÃO DAS EDIÇÕES DO JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO**

<i>1899</i>						
<i>Edição</i>	<i>Data</i>	<i>Tipo</i>	<i>Título</i>	<i>Síntese</i>	<i>Autoria</i>	<i>Página</i>
<i>01</i>	<i>06/07</i>	<i>Anúncio</i>	<i>Festa da Abbadia</i>	<i>Figura Texto: [...]Espera-se o aparecimento de virgens e anjos que venham dar realce a solemne procissão.</i>	<i>Não consta</i>	<i>04</i>

Fonte: A autora

**APÊNDICE F – MODELO DE TABELA DOS TEXTOS SELECIONADOS NO  
JORNAL LAVOURA E COMÉRCIO**

1899				
<i>Edição</i>	<i>Data</i>	<i>Figura</i>	<i>Transcrição</i>	<i>Categoria</i>
01	06/07		<p><i>[...]Espera-se o aparecimento de virgens e anjos que venham dar realce a solemne procissão.</i></p>	Espaço público

Fonte: A autora

## APÊNDICE G – TRAJETÓRIA DE UBERABA

<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>
<i>02 de fevereiro de 1836</i>	Governo Provincial de Minas Gerais elevou Uberaba (Freguesia) à condição de Município (Vila) de Santo Antônio de Uberaba.
<i>1837</i>	Instalação da Câmara Municipal de Uberaba.
<i>1840</i>	Uberaba passou a sediar uma Comarca, concedida pela Lei nº 171, cuja finalidade era implantar a justiça na região.
<i>1846</i>	Conquistou um Colégio Eleitoral, responsável pela nomeação de um Deputado Geral e de um suplente para a Assembleia Legislativa.
<i>1850</i>	Início da industrialização com a implantação de fábrica de chapéus, por Luís Soares Pinheiro.
<i>1853</i>	Criada a primeira escola pública feminina.
<i>1854</i>	O engenheiro Fernando Vaz de Melo fundou o primeiro estabelecimento de ensino secundário de Uberaba.
<i>1856</i>	A Catedral Metropolitana do Sagrado Coração de Jesus, situada na Praça Rui Barbosa, iniciou a celebração dos atos paroquiais.
<i>1856</i>	Construção da Igreja de Santa Rita.
<i>1864</i>	Entrou em funcionamento o Cine Teatro São Luís, promovendo eventos e espetáculos.
<i>1865</i>	Começou a funcionar o primeiro Centro Espírita de Uberaba, por iniciativa do professor João Augusto Chaves.
<i>27 de abril de 1879</i>	Fundado o jornal <i>Gazeta de Uberaba</i> , por João Caetano de Oliveira e Sousa e Tobias Antônio Rosa.
<i>1881-1882</i>	Construída Igreja em homenagem à Nossa Senhora da Abadia, padroeira de Uberaba.
<i>15 de agosto de 1882</i>	Primeira festa em homenagem à Nossa Senhora da Abadia.
<i>1882</i>	Inaugurada a iluminação pública por meio de vinte e cinco lampiões a querosene.
<i>1885</i>	Fundação do Colégio Nossa Senhora das Dores, pelas Irmãs Dominicanas.
<i>1889</i>	Inauguração da Estrada de Ferro.

6 de maio de 1890	O governador de Minas Gerais, João Pinheiro da Silva, institui um decreto s/nº, que em seu artigo 8º organizou “quatro corpos militares” e estabeleceu os locais de estacionamento, com o objetivo de dar maior segurança para as regiões de Minas Gerais (Segundo corpo militar – Uberaba).
5 de agosto de 1895	Fundação do Instituto Zootécnico de Uberaba.
1889	Fundado o Clube <i>Lavoura e Comércio</i> , com o objetivo de defender a lavoura e a pecuária, combatendo os altos impostos e as interferências do novo governo republicano na atividade rural. Foi lançado o jornal <i>Lavoura e Comércio</i> que, em seu primeiro número, ocupou toda sua primeira página, expondo os ideais dos ruralistas.
1903	Início das atividades do Colégio Marista, com 86 alunos internos e externos, por iniciativa dos Irmãos Maristas que vieram da França.
1904	Inauguração da Igreja São Domingos, marco para os dominicanos, pelo fato de ser a primeira igreja da ordem dominicana construída no Brasil.
1905	Implantada a energia elétrica pela empresa Ferreira, Caldeira & Cia, fato que impulsionou o desenvolvimento da cidade.
1906	Início das Exposições de Gado.
1907	Criação da Diocese de Uberaba, tendo como primeiro bispo D. Eduardo Duarte Silva.
1909	O Agente Executivo Felipe Aché criou primeira Biblioteca Pública Municipal de Uberaba, denominada “Bernardo Guimarães”.
1909	Inaugurado pelo estado de Minas Gerais o primeiro grupo escolar de Uberaba, denominado Grupo Escolar Brasil, localizado até hoje na Praça Comendador Quintino.
1917	Criada a primeira Instituição de Ensino Agrícola de Uberaba, denominada Aprendizado Agrícola Borges Sampaio.
1926	Criada primeira instituição de ensino superior na área da saúde bucal e da farmacologia, conhecida como Escola de Farmácia e Odontologia, que recebia alunos das mais diversas regiões do Brasil e até do exterior.

## APÊNDICE H – LINHA DO TEMPO DAS MULHERES NO BRASIL

<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>
1827	Lei Imperial de 1827 autoriza as meninas a frequentarem escolas.
1830	Códigos penais punem mulheres adúlteras a três anos de prisão, enquanto o marido só é punido se sustentar uma concubina.
1832	Nísia Floresta publica “Direito das mulheres e injustiça dos homens”, reforçando que a mulher é tão capaz quanto os homens ao assumir cargos de liderança. Nísia Floresta foi a primeira educadora feminista do Brasil e a primeira mulher a denunciar, abertamente, o mito da superioridade masculina.
1852	Surge o <i>Jornal das Senhoras</i> , o primeiro editado por mulheres e direcionado a esse público. Afirmava que as mulheres não deveriam aprender a tocar um instrumento ou dominar técnicas de costura. O <i>Jornal das Senhoras</i> foi seguido pelos: <i>Bello Sexo</i> (1862); <i>O Sexo Feminino</i> (1873); <i>O Domingo</i> (1874) e o <i>Echo das Damas</i> (1879).
1871	Aprovada a Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro, determinando que os filhos das mulheres escravizadas nasciam livres. A Lei foi assinada pela princesa Isabel.
1872	Primeiro recenseamento geral do Brasil indica que as mulheres representavam 76% dos operários nas fábricas.
1879	Legislação brasileira autoriza as mulheres a frequentarem a universidade. Antes, elas só podiam se graduar fora do país.
1880	O movimento abolicionista ganha força. Algumas brasileiras arrecadam fundos para os escravos libertos, como Chiquinha Gonzaga entre outras, que fundam sociedades pelo fim da escravidão.
1885	Chiquinha Gonzaga se torna a primeira maestrina do Brasil.
1887	Rita Lobato Freitas é a primeira mulher a se graduar em Medicina no Brasil, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

1888	Princesa Isabel (primeira senadora brasileira e a primeira a exercer chefia de Estado no continente americano) assina a Lei Áurea, declarando o fim da escravidão.
1889	Proclamação da República, uma série de reformas têm início, mas a Constituição de 1891, não traz avanços para as mulheres.
1891	Em janeiro (mais especificamente nos dias 12, 22 e 27), a matéria dos direitos políticos é discutida e votada na Assembleia Constituinte. As emendas em favor do voto feminino são rejeitadas.
1910	A professora Leolinda Daltro funda o Partido Republicano Feminino, reivindicando o direito ao voto e a emancipação feminina.
1916	O Código Civil considera a mulher casada “civilmente incapaz”. Ela não pode trabalhar fora sem autorização do marido, aceitar heranças, administrar bens, votar ou se envolver em política; além disso, o homem pode anular o casamento se a mulher não for virgem e as filhas podem ser deserdadas, caso sejam “desonestas”.
1918	Maria Lacerda de Moura publica o livro “Em torno da educação”, defendendo o processo educacional na libertação feminina e, reforçando que a instrução é fator essencial na transformação da vida das mulheres.
1919	Resolução de salários iguais para homens e mulheres que exercem a mesma função é aprovada pela Conferência do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho.
1921	Ocorre a primeira partida de futebol entre mulheres dos bairros Tremembé e Cantareira, na zona norte de São Paulo. Contudo, o primeiro time surgiu apenas em 1958, o <i>Araguari Atlético Clube</i> , em Minas Gerais. O jogo foi noticiado por jornais da época como uma “coisa curiosa e cômica).
1922	A bióloga Bertha Lutz funda a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tem o sufrágio feminino como a principal bandeira.

1922	Em dezembro, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino realiza o primeiro Congresso Internacional Feminista no Brasil, no Rio de Janeiro.
1923	Tem início o curso de Enfermagem no Brasil. Foi fundada a “Escola de Enfermagem Ana Néri <sup>43</sup> ”, em homenagem à pioneira da enfermagem no Brasil.
1927	O Rio Grande do Norte permite a candidatura e o voto femininos pela primeira vez. Celina Guimarães Viana é a primeira eleitora do país e da América Latina.
1927	Em dezembro, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino protocola um abaixo-assinado na secretaria do Senado. O documento pede aos senadores o direito de votar.
1928	Alzira Soriano é eleita a primeira prefeita do país, assumindo o município de Lajes (RN).

Fonte: A autora

---

<sup>43</sup> Ana Justina Ferreira Néri, ou Ana Néri, consagrou-se na história brasileira durante trabalho voluntário em hospitais, na Guerra do Paraguai. Nascida em 13 de dezembro 1814, na Bahia, casou-se aos 23 anos com o Capitão de Fragata da Marinha Isidoro Antônio Néri. Aos 29 anos, ficou viúva e passou a cuidar dos três filhos. Um formou-se cadete e dois, médicos. Seu destino seriam as cidades paraguaias mais próximas à contenda. Atuou em um cenário de trabalho voluntário praticamente sem recursos materiais e humanos, em condições precárias de higiene e de socorro às vítimas. Entretanto, seu trabalho foi incansável. Montou com seus próprios recursos, em Assunção, um hospital de campanha. Ali veria, morto em combate, um de seus filhos. A perda de seu filho, entretanto, não abalou o acolhimento generoso aos feridos, o que lhe rendeu o apelido de “Mãe dos Brasileiros”, como era carinhosamente chamada nos hospitais por onde passou em Salto, Corrientes, Assunção, Humaitá (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2020).

## APÊNDICE I – TRAJETÓRIA DO JORNAL LAVOURA E COMMERCIO

<i>Data</i>		<i>Acontecimento</i>
1899	14 de fevereiro	Fundado o <i>Club da Lavoura e Comércio de Uberaba</i> , em reunião a que estão presentes 139 fazendeiros e comerciantes, para combater o imposto territorial de 3% sobre o valor da terra criado pelo governo mineiro de Silviano Brandão, na qual apenas Augusto Ribeiro, Militão de Sousa Ameno, Alberto Cerqueira Lima, José Maria dos Reis e Fidélis Reis mostraram-se favoráveis ao ato governamental.
	6 de julho	Fundado o jornal <i>Lavoura e Comércio</i> pelo <i>Club da Lavoura e Comercio</i> , “para defesa e propagação de suas ideias”, conforme determina o artigo 3º do estatuto, tendo como diretor Antônio Garcia Adjuto.
1903	6 de julho	Antônio Garcia Adjuto transfere as direções editorial e econômica para Francisco Jardim e Frederico Cunha, respectivamente.
1910	12 de março	Transferida a Quintiliano Jardim Junior a direção do <i>Lavoura e Comércio</i> por seu irmão Francisco Jardim, de mudança para o Rio de Janeiro para assumir cargo no Ministério da Agricultura.
1912	29 de dezembro	O jornalista Quintiliano Jardim ao subir a rua do Comércio, às 19 horas, em companhia do jornalista João Camelo, é atacado pelas costas pelo delegado de polícia Sertório. João Camelo, na qualidade de auditor de guerra do batalhão, dá voz de prisão ao delegado. A agressão originou-se da campanha do jornal contra a jogatina que impera na cidade, não combatida pelo citado delegado.

1917	28 de dezembro	Assassinado por Boulanger Pucci, o jornalista João Camelo, do <i>Lavoura e Comércio</i> , segundo consta, por ter criticado o Partido Democrata em sua coluna <i>Roda-pés</i> , circulando também a versão de ser motivo de João Camelo ter criticado <i>seus conhecimentos do vernáculo</i> .
1918	9 de fevereiro	A redação do jornal <i>Lavoura e Comércio</i> sofre atentado com a tentativa de incêndio na base de querosene, debelado, contudo, em seu início. Ao noticiar o fato no dia 10 desse mês, o jornal informa que <i>poucos meses antes o Fórum foi incendiado e o caso ficou impune</i> .
1918	30 dezembro	O advogado, escritor e jornalista goiano Vitor de Carvalho Ramos transfere-se para Uberaba a convite de Quintiliano Jardim para ser redator do jornal <i>Lavoura e Comércio</i> .
1919	26 de janeiro	Lançada a Revista <i>Lavoura e Comércio Ilustrado</i> , mensário de artes, letras e variedades, dirigida por Quintiliano Jardim.
1922	22 de maio	O agente do executivo João Henrique dirige-se à redação do <i>Lavoura e Comércio</i> , onde, confirmada a autoria de artigo difamatório, atira no jornalista Moisés Santana, matando-o e apresentando-se em seguida ao comandante do 4º Batalhão da Polícia Militar, considerando-se preso. Submetido posteriormente a julgamento, é posto em liberdade.
1924	10 de janeiro	<i>Lavoura e Comércio</i> , em matéria intitulada
1926	10 de novembro	Após campanha desenvolvida principalmente pelo jornal <i>Lavoura e Comércio</i> , é inaugurada a Estação de Ferro Oeste de Minas, depois Rede Mineira de Viação.

1929	6 de julho	Ao completar 30 (trinta) anos de circulação, <i>Lavoura e Comércio</i> , antes de bi ou trissemanário e diário por curto tempo, passa definitivamente a circular diariamente, mantendo a triagem de 500 (quinhentos) exemplares por número.
------	------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Bilharinho (2007)